BRASIL ANTIGO
ATLANTIDE
E
Antiguidades Americanas

Acompanhado
de grande numero de clichés

PELO

Dr. Domingos Jaguaribe
Presidente do 2.° Congresso de Geographia

- 1.ª EDIÇÃO -

offerecido ao 2.° Congresso de Geographia

1910
CASA GARRAUX
S. PAULO

avec 30 pl

chiffres I p 10 et 24
II p 30 (chif.) et 34
III p 54
IV p 36
V p 42
VI p 32, 38 et 52
IX p 110
X p 114
XI p 50
XII p 40 et 112
XIV p 28
XVI p 108

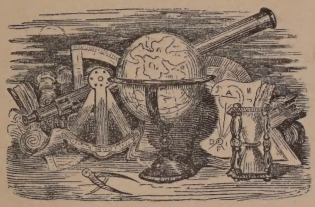
et on chiffres p 136-8 140-2-4-6-8
154-6-8 160 170-4

BRASIL ANTIGO
ATLANTIDE
E
Antiguidades Americanas

Acompanhado
de grande numero de clichés

PELO

Dr. Domingos Jaguaribe
Presidente do 2.º Congresso de Geographia



- 1.ª EDIÇÃO -

offerecido ao 2.º Congresso de Geographia

1910
CASA GARRAUX
S. PAULO

Prologo

Os autores gregos e antigos poetas, quando tratam dos tempos mythologicos e prehistoricos, estão de accordo em que antes do diluvio universal, existia uma civilização adiantada.

A Grecia foi o paiz que servio de *Mater* as gerações antigas, conhecidas pelo nome de Pelagos no Oriente, havendo os Atlantes no Occidente.

Os aventureiros Pelagos, pensaram percorrer o mundo, passando a fazer propaganda de sua civilização. Os Athenienses antes do diluvio, haviam repellido os Atlantes, que com iguaes intuitos fizeram invasões no Oriente. Platão, narra que em commemoração desta victoria, os Athenienses fizeram trophéos dos despojos dos vencidos.

A victoria destes povos deu origem a fundação de muitos paizes no Oriente, e servio de base a civilização européa. Que razões poderiam ter influido para se impor silencio a outra civilização do Occidente, que tão velha, ou mais do que a do Oriente, veiu a ficar com o nome de novo mundo. Fabulas, narrativas que os actuaes scientistas tomam, por taes, não são razões historicas, ou moraes, capazes de destruir tantas provas accumuladas e verdadeiras, que por importantes e ignoradas de muitos, devem ser trazidas a discussão na America, e principalmente no Brasil, onde só ficaram nações bravias, que se degladiavão, em supremas guerras de exterminio, sem contudo, apezar da antropophagia de grande numero de nações gentias, ter podido desimar a população que, conforme os leitores verão, nos varios Capitulos deste estudo, era contada por milhões de indios. Toda via foi Deus servido que as fabulas e os mythos tenham sido desfeitos pela sciencia investigadora, que nos despojos dos grandes cataclismas, vê as provas de uma providencia reveladora da evolução da humanidade, como se verifica com os factos historicos, que vão explicando os mythos dos tempos primitivos e de ignorancia.

A nossa missão, compilando e estudando os autores, apresentando provas achadas na fauna, na historia das antiguidades e tirando logicas deducções dos estudos, não tem por alvo mostrar conhecimentos. Somos ignorantes, sem deixarmos de ser estudiosos, queremos preparar material que outros aperfeiçoarão.

Nosso fim é honrar, na medida de nossas fracas forças, a immerecida honra que nos foi confiada, de presidir o segundo Congresso de Geographia, que vai se realizar em S. Paulo, a 7 de Setembro, trazendo aos estudiosos, documentos que estão esparsos em tantos autores.

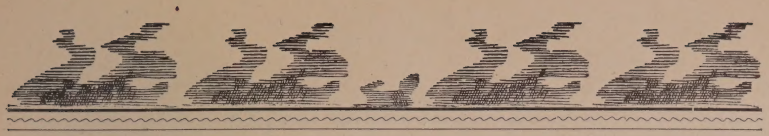
Atlantes, era o grande e antigo paiz que ligava o Brasil ao outro continente Africano. Os antigos visitaram a America, muitos seculos antes de Christovão Colombo. Estas duas proposições ficam perfeitamente demonstradas neste estudo. Querendo tornar principalmente interessante ao Brasil, as investigações que fazemos, podem ser classificadas em duas partes: 1.ª Antiguidades comprobatorias dos conhecimentos que os povos primitivos do antigo mundo, tinham do chamado novo mundo. 2.ª Factos que se passaram no Brasil, narrados pelos primeiros visitantes e historiadores. As theorias do sabio Dr. Patrocle Campanakis, apresentadas em grego por occasião da celebração do 4.º centenario de Christovão Colombo, em Constantinopla, das quaes tivemos a honra de merecer, uma copia em manuscripto francez que nos enviou, acompanhada da carta com a qual nos autorizou a fazer a traducção, são a nosso vêr, as que mais naturalmente explicam o desapparecimento desse immenso paiz chamado Atlantide. Afim de não tornar fastidiosa a longa citação dos autores, damos os locaes d'onde fizemos as traducções e das respectivas notas se verá a origem das opiniões sustentadas e dos factos narrados.

Não sendo possivel explicar o desapparecimento do grande continente, sem que dessemos aos leitores a origem do phenomeno, tivemos que fazer estudo de gabinete sobre os tremores de terra e a geographia sismologica

Aos competentes pedimos desculpa, se nosso estudo e pacientes investigações, não merecerem sua approvação; mas o bem que se quer a patria querida, torna doce e leve os fardos mais pesados que podemos carregar e já estamos acostumados a sentir a indifferença daquelles mesmos aos quaes pensavamos servir no Brasil.

Villa Rural em—S. Paulo, 13 de Maio de 1910

Dr. Domingos Jaguaribe



A existencia e o nome Atlantide

CAPITULO I

TRADIÇÃO E FABULAS

O nome Atlantide, provém de Atlas, rei da Mauritania, filho de Jupiter e de Clymene, ou conforme alguns autores antigos, de Japet, pai das Hyades e das Pleiades, conhecidas pelo nome de Atlantides. Tendo Atlas, recusado hospitalidade a Perseo, este fez brilhar a seus olhos, para o intimidar, a cabeça de Meduza e o metamorphoseou em montanha. Outros dizem que Atlas, tendo tomado parte contra Jupiter, este o condemnou a segurar em seus hombros os Céos. Uma fabula narra que Hercules, tendo ido apanhar maçãs do jardim das Hesperides, encarregou Atlas de sustentar o Céo, emquanto foi colher as maçãs. Este em sua volta não quiz mais tomar tão grande fardo e assim ficou Atlas com o peso todo. Hercules, conseguio por uma intriga, que por um momento Atlas, ficasse em seu lugar e o abandonou sem mais voltar.

Quando se quer pintar o esforço supremo, da-se a imagem o nome de Atlas, carregando o mundo. Entre as grandes hiperboles que os poderosos têm empregado, servindo-se do nome Atlas, a melhor é a de Frederico o Grande: «O mundo não repousa tanto nos hombros de Atlas, como a monarchia prussiana no seu exercito».

AS MONTANHAS ATLAS

Atlas é o nome das montanhas da Africa que occupam toda a parte N. O. onde estão Marrocos, Tripoli, Tunis. Homero, só se refere ao Jurjura. Herodoto, ao pequeno Atlas. Ptolomeu, designa o grande e o pequeno Atlas, naturalmente porque a este tempo já se conhecia melhor o mundo antigo do qual elle foi o grande geographo.

A Algenia está situada nas montanhas do pequeno Atlas.

Atlantide tem sido considerada como uma ilha mysteriosa da qual a fabula se occupou; mas é preciso convir que Platão, a descrevendo com caracteres precisos e segundo as fontes egypcias que obteve, não podia ter dado uma noticia chimerica.

Tanto este facto é verdadeiro, que no Critias e no Timeu, Platão descreve o paiz com caracteres precisos.

No diccionario Larousse, lemos o seguinte:

«Os escriptores gregos e latinos, como Homero, Hesiodo e Euripedes, Strabão, Plinio, Elien, Tertuliano, são accordes em confirmar a existencia de Atlantide. A legenda grega devia ter tido por ponto de partida, um acontecimento authentico». Sabemos com effeito que desde a mais alta antiguidade, os povos habitantes das costas do Mediterraneo, Cartaginezes, Phenicios, Gregos, tinham levado as suas excursões commerciaes a paizes situados alem das columnas de Hercules, conhecidas pelos nomes de ilhas Fortunadas, ilhas Eliseanas, terras dos Hesperides, que os escriptores têm querido identificar com as Canarias, Madeiras, Açores. Mr. Rienzi, assim resume a discripção de Platão, feita no Critias e no Timeu. «Atlantide era um dos paizes mais bellos do Universso, o oiro brilhava em seus templos, suas florestas eram riquissimas de madeiras de construcção, os descendentes de Neptuno reinaram neste paiz, de paes a filhos, durante o espaço de nove mil annos».

«Viviam sobrios, virtuosos e religiosamente; porém mais tarde em lugar de cultivarem seus campos, de se entregarem ao commercio, seguirem as leis do paiz e respeitar suas ordens, elles prefiriram estender seus dominios sobre os outros povos, subjugaram as ilhas vizinhas, a Africa inteira até o Egypto e a Europa até a Tyrennia.

«Emfim, Jupiter castigou esta nação impia e guerreira de modo a fazer submergir o paiz em um diluvio. Oviedo, foi um dos que primeiro consideraram Atlantide, como sendo a America identificando-a com a Amazonia. Rudbek, pensa que este paiz fazia parte do da Scandinavia».

Latreille, considera que Atlantide, devia ficar na Persia actual. De Boer, um dos que mais tem tratado desta questão, quer que os habitantes de Atlantide, tivessem formado as 12 tribus Judaicas, de modo que a submersão de Atlantide, não tenha sido outra coiza mais do que a destruição de Sodoma e Gomorrha. Bailly, em 1779 em suas cartas sobre Atlantide, colloca este paiz nos platós da Mongolia, estabelecendo um systema de emigração ethnica derivado desta hypothese. A opinião mais acreditada, é a que colloca Atlantide em uma parte da America, e entre os bons autores que sustentam esta opinião citaremos Buache, que seguindo a cadeia de montanhas que se estendem do Cabo de Bôa Esperança até o Brasil, acredita vêr nella os traços de Atlantide. Buffon, tambem ligou Atlantide a America. Mac Cullock, assemelha Atlantide com as Antilhas e suppõe que as diferentes pequenas ilhas situadas na direcção entre a America e o velho mundo, são os pontos emergentes de Atlantides submergida.

Pow, acredita que a America do Sul é a Atlantide, que se submergio, em épocas remotas, ficando abandonada pela separação dos mares que a rodearam. O que prova o acerto destas opiniões foi a existencia nas ilhas Canarias, de um povo, os Guanches, ja desapparecido; mas de cuja raça ha representantes que quando chegaram os Hespanhóes, tinham os mesmos habitos e costumes dos Egypcios. Entre os povos da America, ha afinidades lexicas e gramaticaes, com os idiomas destas nações. Um autor o Snr. Fabre Olivet, pretende em sua Historia do genero humano, que as duas raças primitivas que elle reconhece na humanidade, os Sudeanos e os Boreenses, tomaram diversos sobrenomes, que ficaram sendo genericos. Os habitantes da Europa, sabendo que os Sudeanenses intitulavam-se Atlantos, isso é, os senhores do Universso (*je alta,* o senhor, o pae, o antigo e de *lant, land,* extensão universal, a terra) tomaram o nome Celtas, isso é, os heróes.

Sabendo alem disso que por cauza de sua côr branca se lhes dava o nome injurioso Prythes, designaram os seus inimigos pelo nome expressivo Pelasgos (Pelasges) isso é, pelles vermelhas, pelles negras. A respeito do terrivel cataclismo que fez desapparecer Atlantide, eis o que Mr. Rienzi diz, tradu-

zindo as opiniões de Tourneforte e Bory de Saint Vicente: Tourneforte apoiando-se em uma das discripções de Deodoro de Sicilia, suppõe que o Pont Euxin, ao principio não tinha communicação alguma com o mar da Grecia e que tendo recebido, durante seculos as aguas dos maiores rios da Europa e da Asia, veio a abrir-se uma passagem no Bosphoro para o Mediterraneo, que era então um immenso lago e que o Mediterraneo, depois da submersão de algumas partes da terra, ficou-se communicando com as columnas de Hercules, onde fica o estreito de Gibraltar. Nesta occasião foi que se submergio Atlantide, que ficava em face das columnas de Hercules.

Mr. Bory de Saint Vicente, acceitando a opinião dos que asseguram que a Africa era o leito desse immenso lago desseccado, talvez do lago Trytonides, que os antigos não chegaram a conhecer e do qual Deodoro, explica o desapparecimento pela rotura da terra, permittindo que o grande lago evacuasse para o Oceano suas aguas; o que devia ter produzido a desapparição de Atlantide. Sendo assim este autor, acredita que Atlantide, se compunha das ilhas dos Açores, em sua extremidade septentrional, da Madeira na parte oriental e das ilhas que a cercam nas Canarias ao Norte da Madeira, emfim das ilhas do Cabo Verde em sua extremidade meridional.

Diz ainda Mr. de Rienzi: «Deodoro fala de um lago dos Hesperides, que seccou por cauza de um tremor de terra e então as regiões do Monte Atlas, outr'ora cercadas de um duplo Mediterraneo, formaram a grande Ilha Atlantide». A respeito do Sahára que os arabes chamam, mar sem agua, ainda que o nivel seja imperfeitamente conhecido, a natureza geologica do terreno annuncia que só podia ter sido coberto pelo oceano, em época prehistorica.

Está agora evidenciado que é ao O. e não a E. da Europa (como quiz Bailly e Boer), o lugar onde devia ter existido Alantide. O nome do oceano Atlantico indica o mar que cobre os lugares onde existio este admiravel paiz antiquissimo. As sondagens e os trabalhos archeologicos virão um dia trazer mais luz sobre o assumpto. A Theosophia ensinada por seus mais competentes autores, dá a Atlantide uma existencia da qual nenhuma nação do velho mundo havia tido conhecimento, suppondo que o homem tinha n'aquella época os sentidos em formação.

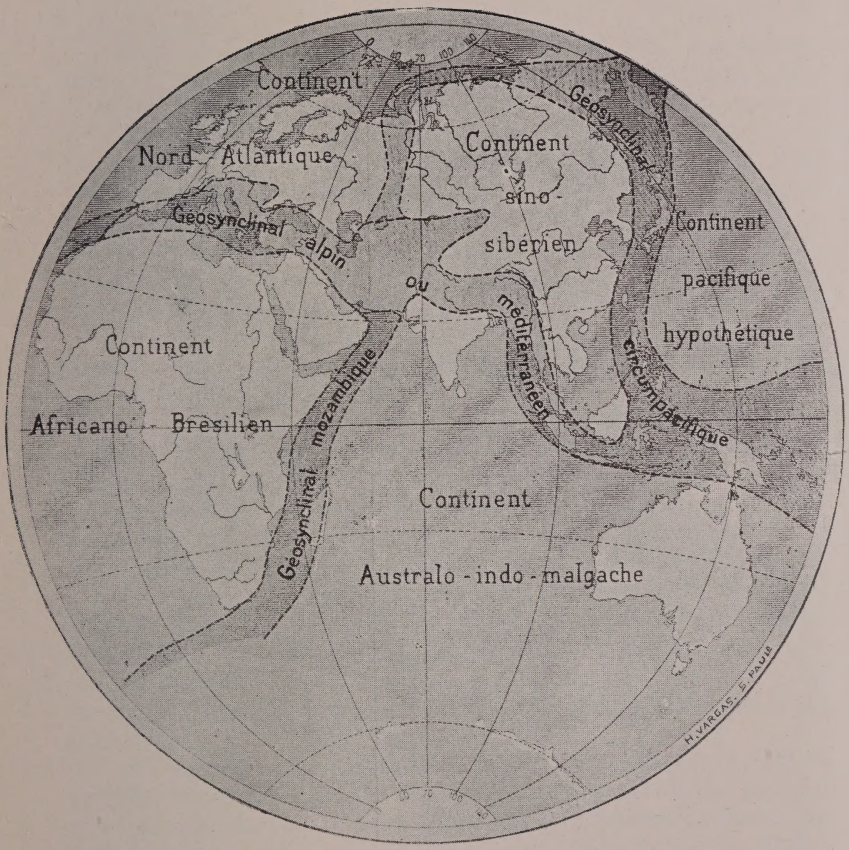
Os autores anteriores a Homero, citados no grande diccionario de Larousse, no estudo feito sobre o nome Minos,

confirmam que uma mulher formosa chamada Europa, fôra trazida por Zeus da Phenicia para Creta, tendo ella tido tres filhos, Minos, Rhadamante e Sarpedon. Europa, encontrou em Creta, um rei, Asterios que se casou com ella, adoptando os tres filhos. Minos, se casou com Passiphoé filha do deus Helios e de Perseis. Deste casamento nasceram muitos filhos dos quaes alguns a historia registra feitos heróicos. Kateus, Deucalion, Glaucus, Androgeo, Adriane e Phedra. Diz a historia que tendo Minos, faltado a um juramento de amor a Posseidon, esta fez suggestões que fizeram nascer no animo da espoza Passiphoé, uma paixão louca por um touro, cujo fructo deste amor foi o nascimento do Minotauro, sendo este aprisionado por Minos, no celebre labirintho, construido por Dedalo, por ordem do rei Minos.

Androgeo filho de Minos, foi mandado a Athenas onde deu combate e venceu, sendo mandado por Egeo, rei de Athenas para combater o touro de Marathon, vindo a fallecer nesta aventura, mas antes supplicára ao pae Minos, que castigasse Athenas, o que elle fez, mandando a peste e a fome.

Foi na segunda geração que succedeo a Minos, que teve lugar a guerra de Troya. A proposito de um artigo publicado pelo Thimes em Março de 1909, convem addicionar estes esclarecimentos que fazemos para que se possa associar em todos os tempos a verdade historica, ainda que nos tempos idos sem a escripta para perpetuar os factos, se baseou na tradição. O autor Grot, citado por Larousse é de opinião que a legenda de Minos, se liga intimamente a origem da crença espalhada entre o povo Cretense, que o monte Ida em Creta e o monte Ida em Eolida, indica uma ligação ethnographica entre os habitantes anteriores ao periodo de occupação helenica. Com effeito, as narrativas dos commerciantes Cretenses em Mino a cidade que foi fundada por Minos e por elle mesmo destruida em Engiani, nas costas da Sicilia, em Japygia nas costas de Torento, indicam estas relações entre os mesmos povos. Enfim o terremoto de Sicilia que veio esse anno indicar a mesma fatalidade que ligou Atlantide ao destino que a fez desapparecer, são factos que se impõe ao observador, para ligar os phenomenos de éras imemoriaes aos que vão evoluindo para reconstruir Atlantide, como o mais antigo paiz do mundo, que por uma ironia da sorte é hoje chamado "O novo mundo".

I



Mappa de Montressus, indicativo das regiões sujeitas a terremotos

CAPITULO II

OS PHENOMENOS SISMOLOGICOS

Afim de instruir-me e dar uma palida idéa aos leitores sobre os phenomenos que motivam os tremores da terra e tem mudado a face do globo, em regiões onde elles são frequentes, tivemos de adquerir novos livros para o estudo a que nos temos dedicado, podendo assim dar uma descripção capaz de frizar as causas originarias dos terremotos. E' dentro da propria terra e nunca por influencia exterior, como geralmente se crê, ao ponto de por occasião dos grandes terremotos deste ultimo decenio, em documentos publicos se fazer sentir a colera Divina, castigando as victimas destes medonhos abalos sismicos.

O sabio F. de Montressus de Bolore, no seu livro Les Tremblements de terre, 1906, explica perfeitamente as leis que obedecem taes phenomenos.

As zonas que encerram regiões sismicas, coincidem exactamente com os géossynclenaes (*) da época secundaria. Baseando-nos nos estudos do Haug, em seu trabalho. «Os géossynclenaes e as areas de terrenos continentaes», podemos apresentar um mappa que virá em lugar opportuno deste livro, afim de se poder verificar a ligação do Brasil a Africa e melhor se vêr o local de Atlantide, embora o Dr. Patrocle, haja tambem imaginado o seu mappa geologico do qual damos um cliché. Os sedimentos depositados em grande espessura, têm sido deslocados de modo a verificar-se formações da época terciaria, fora da formação das principaes montanhas conhecidas.

E' natural que a espessura da terra não permitta a uniformidade do reviramento do terreno em lugares onde se tem repetido por varias vezes os terremotos. Comprehende-se que a differença de amplitude e do synchronismo dos movimentos, tornaram difficil a submerção de toda uma região, ao mesmo tempo que o perigo fica sempre eminente, de modo que já era tempo da sciencia unida ao patriotismo dos povos, promover

(*) Géossynclenaes são longas tiras de terra movel, que ficaram adaptadas a superficie terrestre, nos seus esqueletos permanentes.

grandes emigrações para lugares isentos de terremotos, de tantos milhares de familias que se julgam ao abrigo dos terremotos, só por que os poderes publicos e a generosidade, fornecem recursos para a reconstrucção de cidades e povoações destruidas! Desde que nós visitamos Herculanum e Pompéa, e lendo a historia, sobemos que Cicero, desembarcava ao lado de sua casa destruida pelo terremoto, que fez desapparecer por tantos seculos aquellas maravilhas que o interesse organisado pela forma capitalista, explora na grande Italia; nós imaginamos um plano de verificar como Atlantide desapparecera tambem. Com effeito de Pompéa, a borda do mar, ha, pelo menos 16 kilometros. Está-se ali, como que no centro de uma região livre de causas sismologicas. O vezuvio que com suas lavas e poeira tirou das suas entranhas, terra sufficiente para cobrir e aterrar o mar em tão grande extenção, terá de submergir, um dia, a propria Napoles, que esta tão longe delle, como o mar estava de Pompéa. Não será desagradavel aos leitores acompanhar o mappa a que ja nos refferimos para vêr como é que segundo a opinião de Montressus e de Haug, estão formados este géossynclenaes da época secundaria. (1)

No tempo em que o Brasil estava ligado a Africa, não se comprehendia ainda a causa dos terremotos. A Africa como o Brasil, gozam de um repouzo sismico, resultante da resistencia que offereceram seus immensos territorios as devastações do terremoto que destruio Atlantide, alterando a feição do globo entre a Africa, Australia e Brasil. As explorações do Sahara, do Sudão e da região do Thoad, conforme afirma o Snr. Lapparent, em seu livro Les Nouvelles Trouvailles Geologiques au Soudan, CXXXIX, indicam a existencia de um grande estreito cretaceo Norte—Sul para o Congo e de um mar miocéno cujos fósseis têm afinidades zoologicas com os da India, de modo que pelo Norte do Continente, havia uma immensa communicação, fazendo aparentemente crêr, a julgar pelo estudo da superficie da terra Africana, que no fundo desta mesma terra, houve outr'ora uma natureza bem diversa da actual, do periodo Jurassico, quando a Africa e a America do Sul estav m unidas, formando o continente Africano Brasileiro. Alguns geologos asseveram que em periodo ainda mais remoto nos tempos permotriasicos a India, a Africa o Brasil e talvez a Australia, formaram um só continente. (2)

(1) Cliché n. 1.

(2) Vid. Montressus, obr. cit. pag. 167.

A communidade da flora dos dois continentes e a do fundo do Oceano Atlantico, na latitude da Patagonia, são de ordem a provar a continuidade dos dois mundos. Observou Hicker, (1) que de Lisbôa a Bahia, ha profundidades, cujas anomalias, correspondem a deslocações profundissimas, como já foram encontradas entre os rochedos de S. Paulo e o Equador. Pode-se portanto provar que estas regiões têm afinidades, podendo-se originar ligações capazes de fazer apparecer ainda grandes cataclismos, na região que ja foi outr'ora séde de um continente desapparecido. Ha pois com os dados da sciencia, provas robustas para se banir, para sempre do espirito, a idea de que Atlantide não existio. Com a leitura do meu trabalho retirada a deficiencia de nossa competencia, ainda assim a prova fica feita.

O Brasil no sul do Amazonas, é um dos paizes que tem offerecido menas mudanças na sua superficie, de modo a garantir-se que é uma região livre de terremotos. O curso deste grande Amazonas, o maior rio do mundo, bem indica que o trabalho da natureza foi alli maior do que em parte alguma, e os Incas que chegaram a governar a povoar do Perú ao Amazonas, poderiam ter offerecido thezouros de sabedoria aos européus, se fossem outros os colonizadores.

A nação hespanhola paga ainda hoje com uzura os crimes e atrocidades com que a ferro e fogo destruira cidades, tradições e riquezas, para não deixar provas de seus erros. A America do Sul na parte Brasileira está fóra de toda a influencia dos terremotos, seu futuro immenso será bem assegurado, quando para ella se voltarem as vistas dos povos que moram em lugares de terremotos. Assim os nossos vizinhos do Chile, do Perú e da Argentina occidental, devem abrir mão de lutas fraticidas e collaborarem conosco para a federação das nações da America do Sul, com um só governo, um só ideal republicano. Um dia podem desapparecer da superficie da terra, grandes cidades civilizadas, que assentam em cima de um terreno, mais que nenhum outro, proprio para o desmoronamento.

Converia aos interessados estudar e vêr os mappas que o sabio Montressus, publicou em seu livro já citado, no qual se vê com uma clareza admiravel os pontos negros que hoje são regiões onde os homens se degladiam, por odios e que bem podem desapparecer no momento das batalhas, como já aconteceu.

---

(1) Livro citado, pag. 169.

Não permittindo Montressus uzar da transcripção, nem dos seus mappas, sentimos-nos privados de dar um destes mappas que tanta luz projectariam sobre esses paizes. As argilas e o grés da vertente oriental das montanhas do Rio Grande do Sul, correspondem a depositos de um mar mais profundo, e isso parece demonstrar, na opinião do autor já citado, a existencia em época jurasica, de um grande golpho, indo ter as costas do pacifico que se extendiam na direcção da Nova Zelandia. E' mais uma prova da existencia, em época remota, da deslocação do grande oceano, fazendo-se substituir por terras que elle um dia engolirá, sem querer fazer prophecia.

A sensação dominante para áquelles que assistem a um tremor de terra com desabamento, dá uma idea de que tudo vae-se acabar, e é por isso que os prophetas da desgraça, annunciam as convulsões, a agonia da terra em que moramos.

Cada dia os progressos da sciencia se alargam e conhece-se hoje os meios de estudar e verificar o que se passa no interior da terra. Todos os estudos publicados, bem nos mostram quaes as causas dos tremores de terra e os desastres que têm destruido territorios, cidades e ilhas, fazendo surgirem outras, de modo a reduzir a valles, os lugares onde haviam montanhas e bem assim o mechanismo que porá fim a estes abalos e tambem o destino que devam ter taes residuos, sempre transformados em cada movimento da natureza.

A esse respeito convem distinguir duas conjecturas, a cada uma dellas, podendo-se applicar a expressão «*fim do mundo*». Uma diz respeito a supressão da especie humana, e a outra a desapparição da terra. Nada indica a *priori* que as duas terminações devam ser simultaneas. Reflectindo-se sobre esta questão, acha-se que tudo conduz a pensar que nosso planeta sobreviverá muito a humanidade. O resultado mais saliente dos estudos geologicos, é que desde a época em que a vida se declarou na superficie do globo, sob a forma de plantas e animaes, faunas e floras, se tem succedido em grande numero. Comparando estas manifestações successivas, verifica-se que ha sempre novas formas, cada vez mais aperfeiçoadas, de modo que, cada periodo se conhece ser um superior aos outros, uma sorte de rei de creação, como dizia Buffon, e que esse rei é a todos os respeitos superior ao outro anterior. Encarando de mais perto o assumpto, verifica-se que as especies que constituem as diversas faunas, têm cada uma sua historia propria que reproduz a dos individuos. Ella nasce

num certo momento e se desenvolve, depois declina, por fim desapparece. Ora, a especie humana se comporta nas suas phazes, exactamente como as especies que a têm precedido, e deve-se concluir que a humanidade terá decipado sua precisão de energia, antes que o Globo se tenha avançado para o seu declinio. Em resumo, o fim do mundo, no sentido humano da palavra, nada tem que ver com os grandes phenomenos aos quaes o planeta tem de submeter-se.

O estado actual da sciencia pode ser comprehendido pelo estudo feito nas collecções do Museum das idades, em Paris.

A geologia ensina que os tremores de terra se ligam internamente a producção de cadeas de montanhas. Esta mesma producção pode servir de prova, por que, pelo emprego de methodos muito exactos, sabe-se, em presença de uma cadêa de montanha, como se deve determinar a época em que ella appareceu.

Conhece-se que algumas são tão recentes, que ainda não se as pode determinar. Ora, é justamente no dominio destas montanhas novas, que se têm dado, quasi sem excepção, os mais terriveis tremores de terra, com morticinios de grandes populações. A insistencia dos governos em querer povoar taes lugares, se pode assemelhar com a teimozia das victimas algozes de si mesmas. Com effeito, examine-se o quadro dos grandes terremotos, estude-se no passado estes mesmos terriveis terremotos, com o de Atlantide, e poder-se-ha colloca-los em duas cathegorias ou fileira de uma largura relativamente estreita, coincidindo uma com o littoral meridional da Europa, e a outra com o littoral das duas Americas.

Estas duas linhas geraes, correspondem com os grandes fundos ou abysmos abertos na superficie do Globo, devidos a contracção da terra no interior e pouco a pouco se tornam montanhas os deslocamentos que os produzira.

Como se poderá duvidar que a superficie da Europa e principalmente a Italia, não seja arrastada no abysmo que virá um dia engolir estes vastos paizes, como já foi engolida pelo oceano Atlantide!?

Em consequencia do resfriamento geral da terra na direcção do Nordoéste, por uma força que se manifesta principalmente no Sul, há uma distenção que se opera para o Equador, debaixo da influencia da força centrifuga, produzida pela rotação do Globo terrestre, ao redor do seu eixo.

Só em fazer-se esta reflexão, se comprehende e se liga o tremor de terra com as producções das novas cadeias de terra, conforme o ensinamento da geologia comparada.

Vê-se então que o futuro de nossa terra pode-se avaliar pelo do Planeta Marte, mais pequeno e mais velho do que ella, do qual por uma especie de sucção, o sol tirou a atmosphera e os oceanos. A Lua, apresenta um gráu mais avançado. Recordamos-nos de que, quando há uns trinta annos se discutia a possibilidade de ser a Lua habitada, o sabio astronomo jesuita director do observatorio de Roma, o cardeal Ceci, no congresso reunido para se resolver sobre este assumpto, limitou se a demonstrar a questão com estas poucas palavras: «A Lua não é habitada, pela simples razão de não ter agua». O que são estes bolidos que têm cahido em chuva sobre a terra e dos quaes possuimos o Bedengó, no nosso Museu, senão restos de um satellite, que por suas fracas dimensões, chegou a ultimo termo da evolução planetaria? Não se pode vêr ahi o que será um dia a ultima evolução do animal?

O tremor de terra, é portanto um revelador da natureza e a sabedoria das nações é bem fraca, quando julga reconstituir cidades como a de Messina, sendo certo que a immigração que faz a grandeza da Italia na America, está sendo chamada, em nome do amor da patria, para se repovoar o abysmo que engolirá a nova geração, como engolio a velha, e o mesmo acontecerá em Napoles, onde a eloquencia do Vezuvio é pouca, para convencer a este nobre povo, que é no Brasil, principalmente que se pode ter mais esperanças de guardar os documentos até o fim do mundo. Hoje pode-se fazer uma theoria tangivel para explicar aos incredulos o valor da sciencia, que tudo explica na evolução da natureza. Sem ir até a origem da terra, bem esclarecida pelo sol e pela analyse que se faz delle, sabe-se que o globo terreste, no principio extremamente quente, e portanto inteiramente gazozo, é hoje um espheroide de materias que ficaram fluidas, apezar das formidaves pressões, que exerce sobre si mesmo e que envolve uma pelicula tenue, chamada terra, que serve de parede aos mares e de suporte a atmosphera. (1)

---

(1) Foi de uma sabia lição do professor E. Mernier, na Sarbone que apprendemos algumas destas verdades.

O resfriamento continuando sem cessar, foi fazendo com que o globo interno se contrahisse sobre si mesmo, sem mudar de forma; mas o seu enveloppe, de vez emquando, se rompe e fica accidentado, deixando vêr somente o que fica para fóra das aguas.

Eis ahi na linguagem mais simples toda a belleza de uma theoria, que é seductora e que apresentamos em um resumo de phrazes intelligiveis para que os prophetas do terror se convençam de que, os termos *vida e morte*, são da natureza mesma creada, e a ella se ligarão eternamente em sua evolução, para melhorar a terra e o homem, se esse souber comprehender o seu destino, como rei que é da criação, podendo immitar o Criador.

Os continentes e as ilhas têm assim uma explicação natural, e bem assim os seres que nelles vivem. No curso das idades milhões de criaturas têm desapparecido nos terremotos; mas nas guerras, cem vezes mais devastadoras se encontraria talvez a causa da infelicidade da humanidade, que educa nos vencedores, a raça dos leões humanos, mais terriveis do que as féras das florestas. A sciencia que estuda o infinitamente pequeno, não quer enchergar o Infinitamente Grande, e dahi o atrazo da raça humana.

Assim como no corpo humano, é a pertubação da funcção que crêa a lezão do orgam, tambem no mundo esta funcção se altera pela natureza mesma das leis eternas que regem o orbe. Não são lezões eternas as suppressões de territorios, mas são lezões graves as constantes preoccupações dos governos para encerrar o genero humano em determinadas zonas, a custa de barreiras e mares e de impostos, que podendo ser como as aguas que se evaporam, para voltarem a terra, em forma de chuvas, para produzirem a fertilidade; são por tal modo legislados, que tornam uma tyrannia a actual arte de legislar dos politicos, nascidos para fazerem da politica profissão e meio de vida.

O meio essencial para a vida, está no globo, suas zonas temperadas, mais attrahentes, devem, como S. Paulo, ser um campo de eterna attracção ao homem, como é em tantos outros paizes do Sul da Europa. Porque, pois, esta perturbação funccional de vida com um systema de governo falsificado nas eleições, que são uma farça armada pelos que tiram proveito, para

tornar anthipaticos e despresiveis os que comprehendendo o mal, se abstem de tomar parte nelle?

A vida é pois uma força emanada do Criador dos mundos. Só pode haver vida, fóra e dentro das aguas, para os seres que respiram. Para tornar possivel aos aquaticos esta funcção, é preciso uma quantidade sufficiente de ar, dissolvido, e esta solução se faz principalmente pelo bater das ondas nas praias e pelo curso dos rios, misturando o ar, e pela queda do pó sobre a superficie das aguas, por que cada grão de poeira, tem consigo um grão de ar que só se desprende lentamente. Estas grandes guélas abertas pelos vulcões, são tambem fontes de eliminação de substancias das quaes o organismo carece, e que sem ellas ficariam sepultadas no fundo da terra, tirando dos seres vivos, muitos milhares de annos de vida. O carbono, o phosphoro, o potassium as aguas mineraes, estão nos mostrando que vem debaixo o que é util a vida animal, como de cima o que alimenta o espirito.

Terminamos estas considerações com duas opiniões de valor, uma publicada pelo Dr. Antão de Vasconcellos no «Jornal do Commercio», a outra no «O Estado de S. Paulo», por um collaborador.

Achava-se em plena erupção vulcanica o Pico de Teneriffe, sito na ilha do mesmo nome, no archipelago das ilhas Canarias.

A ilha de Teneriffe é celebre na historia, na poesia e sobretudo na mythologia; agora que de novo desperta o maior interesse aos geologos e aos astronomos, deve ser grato ao leitor ter noticias de sua historia, aliás muito interessante, e por assim dizer — da sua resurreição.

Os antigos navegadores denominaram as ilhas Canarias com o nome de *Ilhas Afortunadas*, não só pela amenidade de seu clima, como pela uberdade de seu solo.

Essas ilhas eram consideradas como limite da terra e para além só se divisava o lugar onde se escondia o dia, aquelle em que a abobada celeste se apoia no nosso globo.

Os poetas ás consideravam como o Eden terreal, onde moravam as almas dos bemaventurados.

Assim, na Odyssea, Proteu, Deus do mar, filho de Neptuno e Thetys, diz a Menelão: "Os deuses immortaes te enviarão para os Campos Elyseos, na extremidade do mundo, onde Rhadamante dá leis, onde os homens passam uma vida doce e tranquilla; alli não ha tempestades de neve, mas uma atmosphera sempre refrescada pelo doce sopro dos zephiros."

Hesiodo, dá as ilhas Afortunadas "como lugar destinado aos heróes que Jupiter mandava para os abysmos profundos, para além, nos confins da terra, para lá do Oceano, onde tres vezes por anno elles saborearíam fructos os mais bellos, tão doces como o mel".

Os poemas antigos nos pintam o enorme Atlas, erguendo-se no meio do Oceano, em frente ás Hesperides, sustentando a abobada celeste.

Os poetas deram ainda a essas ilhas, além do nome — *Afortunadas* — o de Hesperides, que ahi moravam; eram ellas filhas de Atlas e Hesperis. As tres irmãs — Eglé, Arethusa e Hyperethusa — localizaram-se nas ilhas Afortunadas, onde cultivaram vastos jardins deliciosos, nos quaes se encontravam os fructos de ouro (laranjas), guardados por um monstro dragão de cem cabeças, que a terra lhes mandou.

Hercules ahi desembarcou, matou o monstro e roubou os pomos de ouro.

Eis a sua historia resumida.

Ilha de Teneriffe

E' uma montanha vulcanica, notavel pela fertilidade de seu solo e cujo clima constitue uma primavera eterna.

Colhem-se alli fructos os mais saborosos, tres vezes por anno, e medra alli, como em parte alguma, o vinhedo nomeadamente o — Malvasia — que só alli se encontra.

Do meio das lavas das escorias vulcanicas, brota a vegetação com admiravel pujança.

Toda a montanha que fórma o sopé do vulcão, é cultivada e os arbustos verdes lançam-se audazes até ao alto, até á bocca da cratera.

A historia natural de Webbe e Berthelot, trata largamente dessa ilha.

Assim, eram Afortunadas, pela fertilidade e clima ameno, o que fazia a felicidade de seus habitantes, pelo que a Mythologia a elevou a — Campos Elyseos, onde viviam as almas felizes e por isso mesmo foram ahi residir as irmãs Hesperides para cultival-as, com os pomos de ouro.

Atlas, seu pai, sustentava a abobada celeste, para não cahir sobre ellas e a Terra, deu-lhes o Dragão que as accordava, com suas cem cabeças e duzentos olhos — o Vulcão.

Os heróes moravam nas cavernas do vulcão, onde descansavam, gozando dos favores da Ilha.

Como vê o leitor, a Mythologia trouxe largo material á poesia e á phantasia dos poetas.

A vasta cratera do vulcão de Teneriffe, fórma um enorme circulo oval de cujo centro se levanta á altura de 4.500 metros o Pico e dous outros cones, denominados Chahorra e Montanha Branca. No pinaculo do Pico abre-se uma cratera, coberta de neve quasi todo o anno, mas que fumega sempre. Chama-se ella — a Caldeira — ou cratera de Teyde, em cujos bordos se encontram bellos crystaes de enxofre.

Em 1704 deu-se a ultima erupção memoravel, que destruio por completo a florescente cidade de Guarrachico, devastada em 1645 por uma inundação terrivel, devida ás chuvas torrencias. Era uma cidade agradavel, cercada de campos ferteis e florescentes vinhedos, tendo um porto muito seguro e dos mais commodos.

Em 5 de Maio de 1704 ouviu-se um bramido subterraneo, como descargas de mil trovões e o mar recuou, desnudando as praias. Quando amanheceu, o Pico estava coberto de vapores sanguineos aterradores. O ar estava abrazador e um terrivel cheiro de enxofre suffocava pessôas e animaes; o mar exhalava vapores como se fôra uma caldeira em embulição.

Repentinamente, a terra tremeu e fendeu-se, abrindo furnas enormes, e uma formidavel torrente de lavas incandescentes precipitou-se daquellas alturas pela bocca de Teyde, nas planices do Noroeste; a cidade de Guarrachico, engulida em parte pelas fendas da terra e coberta pela caudal das lavas, desappareceu. O mar, que recuára, voltando ao antigo leito, precipitou-se sobre os escombros da cidade, ahi depositou larga camada de cinzas e lavas, que occupam aquelle local, onde ainda hoje se encontram vestigios da catastrophe, entre os fragmentos de lavas.

Alguns habitantes puzeram-se a salvo durante a madrugada; uma descarga dada pelo Pico de enormes rochedos, esmagou quasi todos e foi esta a ultima demonstração do seu furor, serenando em seguida, mas sempre a roncar e fumegar.

Ninguem descreveu este tremendo arrojo da natureza como Bory de Saint Vicente.

Mais de um seculo passou-se, sem que as Canarias soffressem dos fogos subterraneos.

Neste vulcão, como nos dos Andes e outros regatos de lavas tornam-se vitreos, trazendo na sua composição rochas vulcanicas que variam do preto e verde, até ao vermelho e amarello.

Com esse producto fazem-se espelhos e objectos de ornamento.

Os Gregos o empregavam para ponta de flechas; os Mexicanos fabricavam com elle armas de cobre. Os Guanches, que foram os primeiros habitantes das Canarias usavam destas pedras para o fabrico de seus instrumentos e com ellas armavam as pontas de suas lanças e dardos.

Entrou elle de novo em ebulição, esse famoso Teyde, que se avista a mais de 30 leguas de distancia — *furando o céo* — e, pelo que dizem os telegrammas, as lavas, escorias e pedras arrojadas ao ar, formavam uma muralha de 500 metros de altura, em torno da montanha.

Devemos tremer pela pittoresca cidadezinha de Teneriffe, que, erguendo-se bem na base da montanha, vem garbosa e garrida debruçar-se sobre o mar. Embora as lavas se encaminhem para o noroeste, não está ella livre de ser tragada numa fenda que se escancare na base do vulcão ou que o mar a converta em boa preza, como fez á Guarrachico.

Os phenomenos geologicos que têm assignalado o principio do seculo actual e que mostram que as forças plutonicas continuam a manifestar-se activamente no globo que habitamos, tem dado lugar nos jornaes scientificos importantes e instructivos artigos sobre este assumpto.

Ao passo que em alguns pontos surgem novas terras, em outros as que existem afundam-se pouco a pouco. E' coisa sabida que nas costas do Pacifico o sólo levanta-se lentamente, o contrario parece acontecer no Atlantico, a darmos credito ao dr. Andes, activo collaborador do *Porvenir* de Carthagena. «Carthagena submerge-se lentamente, diz elle, nos abysmos do oceano».

E' sabido, e disso daremos palpaveis exemplos que os limites entre a terra firme e o mar são extremamente fluctuantes e variaveis, pelo que terrenos enxutos, têm sido cobertos pelas aguas para se tornarem a seccar e serem de novo invadidos pelo liquido elemento.

Poderia suppôr-se, á vista destas fluctuações, ou que o nivel do oceano desce ou que as rochas solidas, em outro tempo cobertas pelas aguas, levantaram-se acima dellas.

Eduardo Seisz, sabio geologo allemão, não admitte a primeira opinião e dá para isso suas razões. Não é logico suppôr, diz elle, que o nivel do oceano desça, sem que o seu nivel se altere ao mesmo tempo em toda a superficie do globo, visto a consideravel massa de agua desapparecida; devemos,

pois, adoptar a segunda hypothese, isto é, a doutrina que a terra solida desça e se eleve alternativamente, mudando varias vezes de nivel com relação ao mar.

Isto tudo está provando que nosso planeta não chegou ainda ao repouso definitivo e que pizamos sobre um vulcão que ruge sem cessar por baixo de nossos pés, o que fez pensar a muito geologos sobre a possibilidade de que com o correr dos seculos successivos as forças plutonicas façam sugir algum novo systema de montanhas, e é até provavel que, dentro de alguns milhares de annos, sobrevenha um novo periodo glacial, que produza phenomenos analogos aos produzidos por outro periodo semelhante.

Humboldt, verificou que a cordilheira dos Andes se acha em via de depressão e não só as medidas tomadas em varios picos com 39 annos de intervallo, deram resultados differentes, como ainda, que a zona das neves perpetuas tem diminuido sensivelmente, o que não póde explicar-se senão por um augmento da temperatura média do lugar, comquanto nas montanhas proximas a extensão da zona coberta de neve não tenha soffrido diminuição alguma.

Humboldt, á vista destas ondulações do sólo, que nem sempre se produzem de modo lento e insensivel, segundo suas proprias palavras, prophetisou o desapparecimento total da cordilheira andina e com ella o desapparecimeto no abysmo das aguas de todas as povoações fundadas em seu territorio e circumvizinhança.

Esta immensa catastrophe não terá egual na historia das nações e será digna de ser escripta por um Plinio e cantada por algum Homero!

Feliz aquelle que puder contemplar este espectaculo grandioso de um mundo que se some e de outro mundo que se levanta!

Alguns exemplos tirados de diversos autores demonstraram que estas convulsões de nosso globo terraqueo são demasiado frequentes hoje, como já o foram nos tempos passados.

Lembramo-nos de que Figuier, em uma de suas obras, relata o caso de uma cidade mexicana que em 20 de Janeiro de 1759, em consequencia de um diluvio parcial, desappareceu completamente, sem que jámais tenha tornado a apparecer.

Platão, fala da catastrophe da Atlantide, que deu lugar a que a agua, em um dia e uma noite, varresse a ilha inteira com todos os seus habitantes.

Nas costas da Noruega, ao longo das praias de Scania, povoações inteiras, edificadas indubitavelmente em posições convenientes para achar-se ao abrigo de uma invasão do mar, estão actualmente submergidas. No paiz de Galles encontram-se, á grande altura, terrenos que constituiram o fundo do mar, ao passo que no condado de Lincoln existem submergidos bosques que em outro tempo estenderam sua sombra benefica sobre os antepassados dos habitantes actuaes do condado.

Em 1811 viu-se, não longe dos Açores, surgir uma ilha de mais de 100 metros de altura, a qual desappareceu alguns mezes depois; e em 1814, proximo das ilhas Alencianas, imergiu do seio das aguas uma ilha corôada de um pico de 1.000 metros de elevação.

Em 1460, mais de duzentas povoações da Frizia e da Zelandia foram submergidas por uma irrupção do mar.

Alguns viajantes falam, entretanto, das torres e campanarios que apparecem acima da superficie da agua.

A França tambem experimentou estes terriveis cataclysmos. Em algumas de suas costas vêm-se ainda, durante marés baixas, extensos bosques sepultados debaixo das ondas, e delles retiram-se ossadas de homens e de animaes.

Quando os dois vulcões Etna e Stromboli surgiram do fundo dos mares, foi tão rapido e violento o levantamento, que, propagando-se ao longo das costas do Mediterraneo, causou inundações em uma parte da Italia e Grecia e deu origem á fabula do diluvio de Deucalião.

Os restos do templo de Serapis, que se acham perto de Puzzuolo, em Napoles, são um exemplo notavel das elevações e depressões alternativas da terra.

Este templo de architectura riquissima e construido ao que parece no seculo de Augusto, foi sem duvida edificado bastante longe do mar, para ficar a coberto de suas inundações. As columnas que ainda existem de pé attestam uma prolongada immersão nas aguas do oceano, que devem ter chegado até lá posteriormente; suas partes inferiores estão corroidas pelos molluscos do Mediterraneo, chamados lithophagos ou comedores de pedra e o terreno immediato apresenta até um mesmo nivel, provas inequivocas da presença do mar. Isto tudo prova que o terreno sobre que assenta o templo, comquanto secco de novo em nossos dias, esteve submergido por largo tempo. Outro facto mais notavel é que um caminho, bastante afastado do templo e em nivel muito mais elevado, está agóra submergido, comquanto estivesse secco em fins de 1700.

Colombia e suas costas, fundando-nos para isso no que desde longa data se observa, apresentam provas que são minuciosamente citados pelo dr. Arco em seus artigos, mas só interessam propriamente os que conhecem as localidades a que elle se refere.

O que, porém, se conclue de todos esses factos, é que phenomenos invisiveis estão confirmando as predicções de Humboldt, no que se refere ao antigo reino de Nova Granada. Carthagena enterra se lentamente no seio do mar e se a catastrophe total póde demorar um seculo, possivel é tambem que se realise em um minuto, sob a influencia de algum movimento terrestre provocado por qualquer erupção vulcanica; e como esses vulcões não faltam em suas immediações, quem sabe se o que hoje succede na Martinica e Guatemala e o que acaba de succeder na Bolivia não são os preludios de algum acontecimento terrivel que ainda venha a dar-se em nossos dias?

A Australia de ha muitos annos é flagellada por uma secca espantosa, que tem arrazado os campos, destruindo até mesmo a semente dos pastos, tem perdido muitos milhões de vaccas e ovelhas, pelo que prevê-se a possibilidade de que, de exportadora, se encontre na necessidade de converter-se em importadora de artigos alimenticios.

O numero de cabeças de gado ovino de todas as ilhas do grupo australiano, que segundo as ultimas estatisticas officiaes dessas colonias, era de 93.645.000, ficou reduzido a 56.145.000 pela morte de 37.500.000 cabeças, segundo recentes noticias communicadas pelo cabo. Isto representa uma diminuição consideravel de 40 % nos algarismos de gado ovino.

Os rebanhos vacums tambem soffreram perdas consideraveis, comquanto não de tanta importancia como os primeiros.

Segundo as referidas estatisticas, o *stock* de gados vaccums, que no anno de 1900 era de 11.000.000 de animaes para todas as ilhas do grupo australiano, ficou reduzido a 8.000.000, pela morte de 3.000.000 de cabeças. Aqui a diminuição de 27 %, comquanto importante, não o é tanto como a do gado ovino.

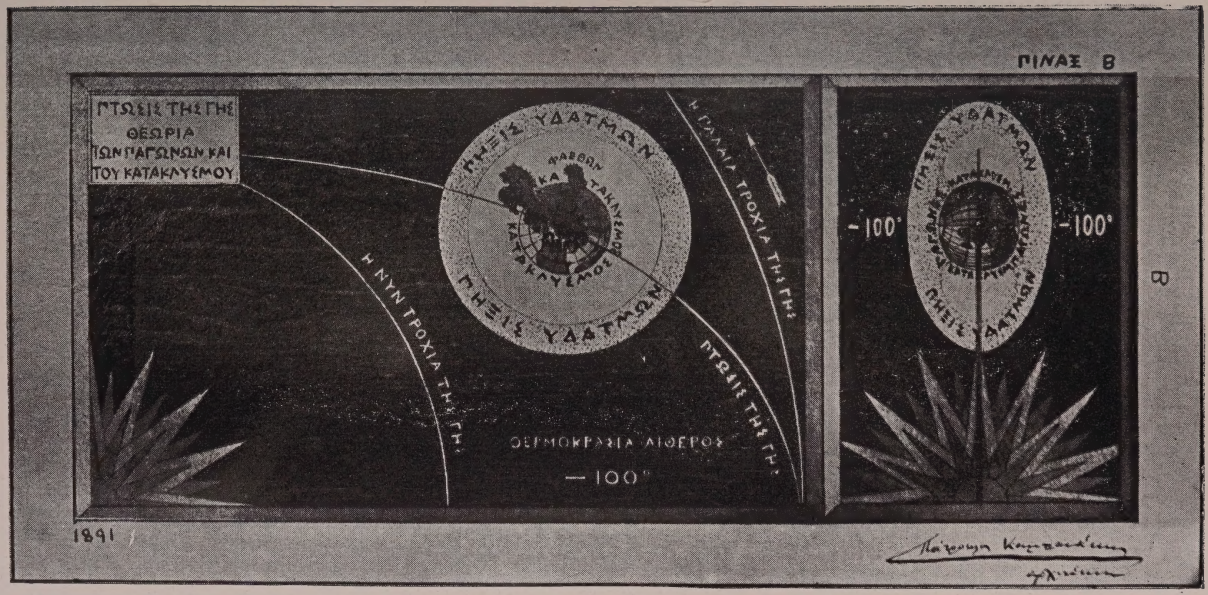
Estas perdas consideraveis produziram uma diminuação sensivel nas remessas de carne fresca, manteiga e queijo para a Inglaterra, que se viu obrigada para cobrir o *deficit* a importar os referidos artigos de outros paizes, o que produziu uma immediata elevação de preços, por ser o pedido superior á offerta.

Segundo demonstrou Neumayr, a America do Sul e a Africa, durante o periodo cretaceo, communicavam entre si; a Europa e a America do Norte formaram pelo norte do Atlantico um extenso continente.

Durante o periodo jurassico toda a Europa central e meridional esteve submergida no mar. O Brasil e a Africa estavam intimamente unidos.

As ilhas Feroe, Islandia e Groelandia formaram grandes extenções de terra pelo norte do Oceano Atlantico, e as Açores, Canarias, Madeira, Cabo Verde, Santa Helena, Ascenção e Trindade, pelo sul. A Africa Meridional estava unida a Madagascar e este territorio á India ingleza. As bahias de Baffim e de Hudson, o golpho do Mexico e o mar dos Caraibas, na costa americana, e na asiastica os mares Ockotsch, do Japão e da China estiveram occupados por terrenos firmes que desappareceram nas entranhas do Oceano.

I



Alegoria feita por Patrocle Campanakis

CAPITULO III

UNIÃO DOS DOIS MUNDOS POR ATLANTIDE, ANTES DO DILUVIO (*)

A civilização a que havia chegado a humanidade antes do diluvio, era assaz notavel e veiu da Grecia representada pelos Pelagos.

Os povos do Occidente viviam em Atlantide.

Os pelagos, aventureiros e emprehendedores, obrigaram os Persas a percorrer o mundo, afim de fazerem a propaganda de suas riquezas e conhecimentos. Quando os habitantes de Atlantide, appareceram no Oriente, os Pelagos declararam guerra de exterminio e os Athenienses levantaram um monumento em honra á victoria. A troca de conhecimentos e da linguagem destes povos do oriente e do occidente, produzio a civilização que servio de base á Europa.

Para que se conheça a causa pela qual o movimento opperozo desta civilização, foi suffocado e esquecido, é preciso que se conheça tambem a origem dos phenomenos geologicos que motivaram o desapparecimento de alguns paizes, a transformação de outros e o diluvio, cobrindo com suas aguas a superficie da terra.

Os astronomos contemporaneos tendo verificado a analogia existente entre as distancias dos planetas do nosso systema solar, acharam que há uma grande desproporção entre os planetas Marte e Jupiter.

A descoberta dos astheroides, lhe faz suppor, que estes pequenos planetas despersos, formavam antigamente um só, que se quebrando, produzio taes *astheroides*.

Foi baseado nesta hypothese que formulei uma outra que nos leva a concluzões logicas resolvendo as questões que ficaram insoluveis até hoje, tanto sob o ponto de vista das geleiras como do diluvio. As leis physicas e mechanicas assim como as alegorias dos antigos, tem servido para a minha hypothese que é a seguinte:

Se existisse um planeta entre Marte e Jupiter, é claro que se por um cataclismo viesse este planeta a desapparecer, o equilibrio geral do nosso systema planetario ficaria mudado.

(*) Theorias de Patrocle Campanakis que nos autorizou a publicar, em carta de 6 de Setembro de 1897.

A attracção que este planeta tivesse exercido sobre os outros, ficaria perdida, vindo a produzir-se uma desordem geral no movimento universal, até que a ordem fosse de novo restabelecida no equilibrio geral. Partindo desta theoria mechanica, eu supponho que antes da destruição do planeta em questão, aquelle que compensa nosso systema solar percorria uma orbita muito maior que a de hoje, por causa da attracção que este planeta desconhecido exercia sobre todos os outros. Uma vez destruido o planeta, uma enorme força de attracção foi perdida para o equilibrio existente; por conseguinte, os planetas que ficaram, perderam uma pequena parte de sua força attractiva, contrabalançando a do sól, o que permittio que elles fossem attrahidos para este planeta em toda a medida do tempo e de distancia, quanto for precisa para que as duas attracções, a do sol, e a dos planetas, ficassem, por fim igualadas.

Foi então que o equilibrio da terra perdeu-se e ella cahio sobre o sol. A curva parabolica percorrida pela terra, tendo dois movimentos simultaneos, um proveniente da attracção do sol, o outro de sua propria rotação. Deste modo chegada ao ponto em que o equilibrio geral se restabeleceu de novo, a terra se poz a percorrer o espaço traçando ao redor do sol, com uma rotação ellipsoidal, bem mais curta do que outr'ora.

Vejamos pois o que teria acontecido a terra no momento da destruição do planeta desconhecido.

Neste caso o que deve ter acontecido?

Foi a esta época que Phaeton (aqui figura-se Phaeton, sobre a terra e não sobre o sol, como diz a Mythologia) tomou o carro de seu pae, o sol, e percorreu as vastas extenções do céo.

Foi então que se rompeu a guerra dos Titans e dos Typhonns, contra os deuzes do Olympo. A primeira parte da trilogia de Prometheu, teve origem nesta occasião em que se submergio Atlantis.

O poder de Saturno deixou de existir, e Jupiter tomou seu imperio e a direcção.

Quanto as consequencias da queda da terra, é facil comprehendel-as, se recorrer-mos as leis de phisica que regem o universo.

A terra approximando-se do sol, inflammou-se e tornou-se de tal modo incandescente, que Herodoto a descreveu abrazada.

Sua atmosphera dilatada pelo calor do sol, cuja attracção soffreu, tomou por causa da sua rarefacção, a forma ellipsoi-

Sepulturas dos Incas

dal, cujo centro foi occupado pela terra, ficando os dois eixos desta, um o maior, sobre a linha da attracção, que passa pelo Equador, e o outro, o menor, sobre o eixo da terra. Os polos da terra ficando expostos a uma temperatura do ether, a cem gráus abaixo de zero, se resfriaram a tal ponto, que todas as aguas evaporadas que os cercavam, se gelaram e cahiram sobre elles. E' assim que se formaram as geleiras eternas. Quanto ao Equador, onde a altura da atmosphera dilatada é immensa, o diluvio teve lugar e eis como: As aguas evaporadas pelo calor dos raios solares, attingiram as mais altas regiões da atmosphera, de modo que, as geleiras influenciadas por este phenomeno, forneceram flocos de neve, e o gelo produzido pela temperatura de cem gráus, deu lugar ao degelo e a chuva diluviana que cahio sobre a terra.

Esta immensa tromba d'agua, junta aos grandes movimentos das marés, causados pela attracção do sól, fez o diluvio. Os vapores humidos levantaram-se nas camadas altas da atmosphera, e baixaram a temperatura, a tal ponto, que poude causar a morte dos seres que viviam na terra, pois a morte causada pelas geleiras na maior parte da superficie della foi instantanea. As aguas do diluvio produziram a morte mais lentamente, quando inundaram a terra, e bem poucos seres humanos, poderam escapar a destruição geral. Estes factos são relatados pela tradição dos povos dos dois mundos e provam que alguns homens sobriviveram ao cataclismo. O que aconteceu quando a queda da terra veiu a realizar-se?

Os animaes antediluvianos foram sepultados nas geleiras que se formaram instantaneamente. Noé e Ogigé, lutaram contra as ondas gigantescas que assoberbaram quasi toda a terra. O eixo da terra mudando de lugar, produzio as quatro estações do anno. A segunda parte da trilogia de Prometheu, começou a desenrolar-se pela sublevação do monte Caucazo, situado perto do Ponte Euxin. No termo de sua orbita parabolica, a terra afinal chegou ao ponto em que se restabeleceu o equilibrio geral, começou a percorrer a sua nova rotação, em um estado de quasi completa devastação, privada como ficára de quasi toda a seiva vital, tanto pelo fogo, como pelo gelo e pelo diluvio. Foi então que se desenrolou a terceira parte da trilogia de Prometheu, pelo perdão de suas faltas, obtido de Jupiter. E' durante este tempo que se realizou a prophecia de Prometheu a Yo, que representa a civilização anniquilada, que se não encontra senão em um reduzido numero de homens. Esta civilização desapparecida do Occidente

e no Norte, achou seu campo de desenvolvimento no Egypto.

O Dr. Patrocle, adoptou a mesma hypothese dos geologos modernos, sobre o resfriamento instantaneo dos dois polos confirmada pela recente descoberta dos animaes antediluvianos e tambem pela discripção de passagens dos autores antigos. Platão, tambem nos transmittio as narrativas que os padres de Saïs fizeram a Solon. Deixamos de transcrever os versos gregos, por que em outro capitulo damos a traducção das referencias que encontramos nos autores antigos, em tudo que possa interessar ao assumpto desta materia. Outra razão nos levou a não publicar os versos gregos citados por Platão e outros, e é a seguinte:

Procuramos os mais competentes professores, gregos de origem, e estes não podendo fazer uma fiel traducção, aconselharam-nos de os publicar como estão, uma vez que os traductores francezes tambem fizeram o mesmo. Mas neste caso para quem serveria a publicação?

Apolodoro, em sua narrativa a respeito de Cadmos; Heisodo, tambem em sua discripção expressiva e poetica da Typhonomachia, alegoria astronomica a Platão, fez a discripção climathologica de Apolodoro, de Deodoro, da Biblia e outra alegoria sobre Prometheu. Confirmam todas estas apreciações geologicas e astronomicas, a theoria que resumimos na traducção que fizemos do manuscripto que tivemos a honra de receber.

A TERRA ANTES DAS GELEIRAS E DO DILUVIO

Supponhamos por momento, que as geleiras dos polos e das montanhas viessem a se dissolver. Teriamos um segundo diluvio geral, que cobriria os paizes menos montanhosos da terra.

Todavia se nós applicarmos os olhos sobre o planisphero hypsometrico e suppuzermos que os pontos mais baixos estejam no fundo dos mares, teremos approximadamente a carta geographica da terra, antes da formação das geleiras e do diluvio.

Dizemos approximadamente, por que muitas partes do globo tem sido submergidas, outras se levantam, por accidentes geologicos, antes e depois do diluvio (vêr Strabão, pag. 135, 19.

Si examinarmos a carta assim formada, veremos que o deserto da Libya, ou Sahara, era um mar nesta época e

Mappa Munde antes do Diluvio, de Patrocle Campanakis

se estendia do Egypto as costas occidentaes da Africa.

Herodoto, observa, quando descreve a natureza do solo do Egypto e do deserto da Libya, que seu primitivo estado era um mar.

Homero, corrobora esta hypothese:

Nesta passagem narra Meneláo a Telemaco, sua partida de Troya. Elle diz que tendo ido do Egypto para a Phenicia e para Chipre e mais tarde na Ethiopia que forma a região do Equador da Africa, chegou no paiz dos Sidonienses, tambem em Eremby e na Libya. Esse grande genio dos tempos antigos deu a discripção dos Ethiopios e dos Libyenses dos Phinicios, dos Sidonienses, de modo a se verificar que estes Sidonienses não eram os mesmos da Phenicia. Quem eram pois?

Fazendo pesquizas sobre os nomes dos povos actuaes da Ethiopia ou outras da região africana do Equador, provaremos que os Sidonezes actualmente no centro da Africa, na vizinhança do Sahara, eram nesta época, habitantes da beira mar. Meneláo, chegando na Ethiopia, visitou os povos que moravam junto do mar, chamados Sidonienses, conhecidos actualmente pelo nome Soudanais. A identidade do nome deve servir de prova. Depois de visitar estes povos, Meneláo, chegou ao paiz dos Erembis. A julgar pela ethimologia do nome, que é derivado da palavra Erebe, povo que habitava o estreito, onde os gregos antigos suppunham estar o Erebe, isto é, na costa Occidental da Africa, foi facil a Meneláo, passar para a Libya, quando voltou a sua patria. Deste modo as hypotheses dos geologos modernos sobre o mar do Sahara, parecem bem fundadas.

Somos levados a crêr que este mar da Libya, não era outro que o mar vermelho, depois que o outro seccou. Agatharschides, colloca este mar no golpho Persico; Herodoto no oceano indico e outros no golpho Arabico.

Em que lugar do mar interior deviam estar as columnas de Hercules?

Communicaram-se ou não com o oceano? Os antigos geographos pretendem que esta communicação se faria pelo actual estreito de Gibraltar.

Porém como se vae vêr pelos testemunhos dos autores, do valor de Herodoto, não era por ahi que se fazia a communicação antigamente, e sim entre Libya e a Ethiopia, junto dos montes Maurescos e em frente das ilhas Canarias.

Herodoto, descrevendo a Libya, nos diz que o deserto da Libya, se estendia desde Thebas até as columnas de Hercules. Ora, suppondo conforme os argumentos ennunciados pelo Dr.

Campanakis, que estes desertos foram o proprio mar, segue-se que este mar devia communicar com o oceano pelo estreito entre as columnas de Hercules, situadas nas costas occidentaes da Africa. E' evidente que se este estreito não se achasse neste lugar, mas sim nas columnas de Hercules, «Gibraltar», o conto de Herodoto, seria falso. Este pae da historia que devia conhecer todas estas particularidades geographicas, não teria praticado um erro tão imperdoavel na discripção do deserto da Libyia, dizendo que se estendia de Thebas as columnas de Hercules.

Herodoto, não quiz falar do actual estreito do Gibraltar, separado do deserto da Libya pelas grandes montanhas Mourescas, mas sim d'uma outra communicação situada na costa occidental da Africa e que communicava com o mar do Sahara. Esta hypothese é confirmada tambem por Apolodoro. Este então tirou sem duvida esta afirmativa da tradição e dos autores os mais antigos, e d'accordo com os seus conhecimentos geographicos do tempo.

Em época muito remota Gibraltar era apenas um isthmo, o que é evidente pela sua forma e pelas discripções dos antigos Geographos citados por Strabão.

Este isthmo juntava Iberia a Libya, que na opinião de Campanakis fazia parte da Europa. Mais tarde pela denominação de Libya, entende-se quasi toda a Africa.

Os povos primitivos do antigo continente conheciam o novo mundo, descoberto mais tarde por Christovão Colombo e haviam estabelecido com elles alguma communicação.

Examinando a parte graphica dos desenhos e dos monumentos antigos dos dois mundos (*) estão d'accordo com os livros recentes, e esse escriptor prova que pode-se estabelecer uma relação entre as formas, construcção e fabricação dos ditos monumentos.

Há, entre elles especimens de muralhas, dolmens, tumulos talhados nas rochas, pyramides, escadas, templos, cazas, utencilios diversos, cartas e principalmente joias e muitos outros objectos iguaes a outros descobertos em varios pontos do globo. Alem disso encontrou-se nos textos de varios autores antigos e modernos, discripções de dezenhos sobre laminas metalicas, ornamentos de muralhas de edificio os mais sumptuosos do antigo e novo continente, e que algumas vezes serviram para encobrir o segredo da arte.

(*) E' do autor citado que fizemos a copia dos Clichés.

Ornamentos e objectos encontrados no Mexico e Perú Vide pag. 33

Homero, faz allusão aos palacios de Neptuno, Jupiter e Aleinoüs. Do mesmo modo Pausanias, falando do Thesouro de Sicione, confirma a existencia de grandes monumentos cheios de riquezas. O mesmo autor falando do templo de Minerva, em Sparta, explica que o thesouro e o templo de Minerva, eram cobertos de bronze. Os exploradores do novo mundo, depois de Christovão Colombo, mencionam o mesmo processo de desenhos em placas metalicas, nos templos do Mexico (Prescott, Conquete du Perou, Tomo I pg. 95).

A comparação dos textos e das gravuras do Cliché VI, prova a evidencia, por sua semelhança e igualdade em muitos pontos, as relações e apparencia que ha entre taes objectos dos dois mundos. Esta coincidencia da forma e desenhos, provem da influencia da imitação que tomou origem nos mesmos moldes e a communicação dos povos dos dois mundos, fez com que os processos antigos fosem divulgados em ambos os continentes. Estudada com grande cuidado a arte Mexicana, nos apresenta duas grandes épocas, uma antiquissima, a outra mais moderna, mas que precedeo de muitos seculos a descoberta de Colombo. A base da arte da primeira época, construcção monumental, é a pyramide ornamentada pela serpente dupla e o meandro; sendo que este ultimo ornamento se vê em muitos monumentos, sob o seu aspecto simples e tambem o composto, que a lingua sanskrito, chama Suastika, os chinezes (ouan) e que se acha pintado em todas as partes do mundo, onde existir civilização antiga.

Sou inclinado a crêr diz Campanakis, que este symbolo, ou signal marca um estado de rotação empregado pelos homens primitivos, para procurar o fogo, fazendo voltear uma abertura ou bocca contra a outra, como em um volante.

Parece tambem que nesta época os caracteres da escripta eram indicados ou formados por typos representando differentes figuras, entre as quaes se vêem, cabeças de elephantes, cujas orelhas têm a forma caracteristica do elephante d'Africa, ou da Asia. Ora, este animal não existia no novo mundo, como se poderia introduzir sua forma nos hyerogliphos do Mexico?

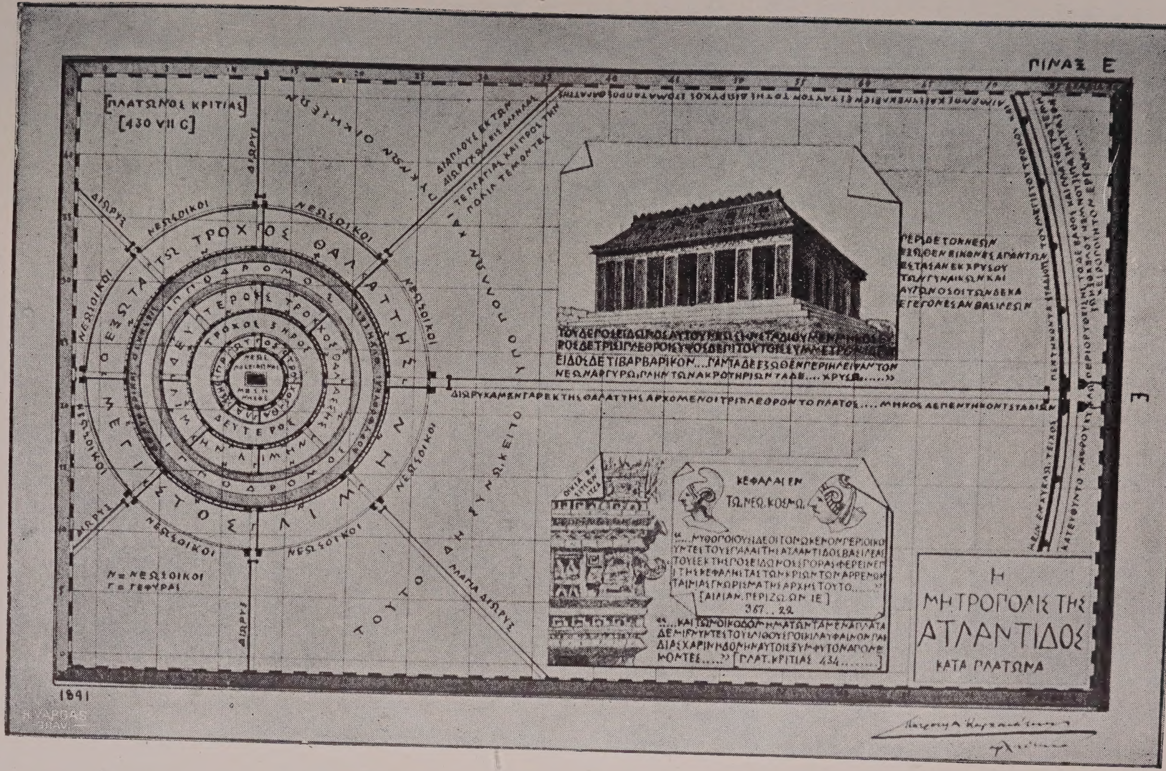
E' evidente que seria preciso tirar a forma do lugar d'onde veiu aquelle animal, isso é, na Africa ou na Asia. A menos que estes hyerogliphos não sejam anteriores e tenham sido transmittidos pela reminiscencia aos povos do novo mundo, pelos antepassados antediluvianos, quando os elephantes e os

mammuths ahi polulavam. Nesta hypothese, a figura do mammuth, devia ser representada nos hyerogliphos, e jámais foi encontrada. E' pois natural que fosse na Asia e na Africa, que os mexicanos tivessem procurado a figura destes animaes, por meio de Atlantis, que estava unida e servia de communicação. Na descripção desta ilha immensa diz Platão, que esse paiz era visitado pelos outros povos. Pode-se alem disto distinguir letras cuneiformes, egypcianas e phenicias, em certos hyerogliphos. Em um delles como os leitores verão no cliché que apresentamos, ha uma figura de estylo phrygio. Foi nesta época muito afastada, notavel pelos monumentos caracteristicos deste tempo, que se encontrou nos lugares mais elevados do Mexico, como por exemplo: Teotikuascou, Tula, Milta, Guatemala, monumentos representantes da arte, no novo mundo, antes do diluvio. A semelhança frisante dos monumentos ahi encontrados, com os do velho mundo, (vêr o cliché V) situado no mesmo parallelo do globo, a saber: no Mexico, Egypto, Phrygia e na Grecia, demostram sufficientemente que a communicação dos dois mundos, existia no mesmo parallelo e n'aquelles tempos antediluvianos, atravez do oceano. A segunda época da arte Mexicana, tem por base esta mesma pyramide, porém truncada.

Quanto aos ornamentos, crê-se que não só os do primeiro periodo, mas tambem outros que ornam em geral as bases dos monumentos do Mexico, como por exemplo em Palenqué, Lorillard, Tikal, Comalcaco, Campeche, Kabach, Uxmal, Aké etc., o estylo destes monumentos é uma mistura dos ornamentos antigos, como os das nações asiaticas e orientaes na actualidade, encontrados entre os chinezes e japonezes. E' pelo estreito de Beryng, que a communicação destes povos se operou antes do diluvio. (*)

Independente da prova da communicação dos dois mundos; pela comparação, ha outras encontradas nos autores gregos antigos. Por causa da confuzão, facil de se dar nos escriptos antigos, era difficil penetrar e interpretar os textos dos escriptores, phrazes, as palavras, a historia dessas communicações; mas a ethmologia, a geographia e a arte, desde que são comparadas e estudadas, como se tem feito nas descobertas geologicas, offerecem provas que o todo destes estudos, que vamos fazendo, torna certa. Em um dos versos de Homero, há refe-

(*) Quando defendemos em 1874 a theze de doutor, sobre o aclimatamento das raças no Brasil, sustentamos essa mesma opinião.



Copia da photographia de Campanakis.

rencias aos Ethiopes. Para bem apanhar o pensamento desta passagem, é preciso indagar que povos elle designava por Ethiopenses. Verifica-se que a palavra Ethops, que significa o negro, o brilhante, incandescente, inflammado, lustroso, é derivada de Ethiope, que caracteriza os ethiopes, o povo de côr preta e brilhante. Que povo poderia ter esta côr, senão os ethiopios, que o oceano divide em duas raças, os ethiopios e africanos, d'uma côr negra lustrosa, e d'um vermelho lustroso, actualmente chamados pelles vermelhas do novo mundo. Estes dois povos na opinião de Homero, habitavam as partes mais afastadas da terra, uns vivendo no extremo sul, outros no extremo oeste.

Da mesma opinião era o celebre Aristarco, citado por Strabão. Esta idea, é ensinada engenhosamente por Strabão, que não duvidava que viesse um tempo em que se conheceriam estas nações. Verificou-se a verdade dos contos de Aristarco, como aconteceu com a descoberta dos pelles vermelhas do novo mundo. Homero, disse a respeito da descida de Ulysses aos infernos, que acreditava que o paiz que servia de inferno, era perto do paiz dos Cimerienses, não destes Cimerienses que habitam perto do mar de Azof, mas sim outros povos dos quaes aquelles tomaram o nome. Os Cimerienses do Oeste, habitavam a extremidade do Oceano, pois que, conforme o poeta, Ulysses, aproveitando-se dos ventos do Norte, chamados Boreaes, que sopravam da Thracea, partio do oriente, donde nascia o Sol e onde se achava a casa de Aurora espoza de Tithon, e mãe de Emathon, rei dos Ethiopes; isso é, que partio do oriente e foi ter ao occidente na extremidade do oceano em direcção aos Cimerienses.

Hesiodo, depois de Homero, confirma esta informação, e o Dr. Patrocle observa-nos que estas narrativas designam os povos, alem e ao Oeste do oceano, como sendo os moradores das Hesperides, das Georgonese de Geriou. Apolodoro, está d'accordo com a existencia dos povos do Oeste os Cimerianos, os Hesperides, os Gargones. Resulta realmente dos estudos feitos do intenerario de Herates que partio da Grecia atravessou a Europa e a Libya e que deste paiz passou para o Egypto e dahi para a Asia, donde tornando a seguir pela Arabia, matou Hemathon, que como se sabe era rei da Ethiopia, que em verdade Hercules, não pode atravessar a Libya, como antes parece haver querido asseverar; confundindo os nomes de Ethiopia e Libya, que formavam, como na época de Apolodoro, um só continente (vêr o clichê n. II.)

Hercules, atravessando a Ethiopia, chegou ao mar exterior, que era, sem duvida alguma, o oceano onde se achava o por do Sol. Apolodoro, diz e até descreve geographicamente o lugar onde se encontrára o por do sol, que Helios, descreve como sendo nos paizes de Tartiss, situados nos arredores das columnas de Hercules na Libya. Hercules, d'ahi se embarcou e passou em frente ao continente que não podia ser a ilha Erythéa; mas sim essa immensa terra que elle atravessou para chegar aos Hesperides, depois de ter visto os montes Caucazo e Atlas. Ver-se-á depois que terras eram estas.

O celebre autor Elien, affirma que: Theophanetom, bem descreve a existencia de um outro continente bem mais extenso do que os tres outros conhecidos; cuja descripção dos paizes, além do oceano e das columnas de Hercules, e que faz as descripções, conforme elle declara, de accordo com as informações escriptas pelos padres de Sais, haviam feito a Solon: Vê-se que Platão não podia descrever outro continente além do oceano, se não o Novo Mundo, descoberto muito depois por Christovão Colombo.

Mr. Doneley, em sua obra L'Atlantis, narra tambem tradições e mythos dos povos dos dous mundos, confirmando o que fica dito e conhecido:

1.° — Que os povos antediluvianos tinham conhecimento dos paizes situados além do oceano;

2.° — Que se communicavam entre si;

3.° — Que esta communicação se fazia por Atlantis, antes do diluvio e depois atravez do oceano Pacifico pelo estreito de Beryng.

*
* *

Atlantis apreciada sob o ponto de vista dos escriptores citados. Resumo que podemos fazer

*
* *

A narrativa de Platão no Timeo, a respeito de Atlantis tem dado lugar a discussões muito serias entre os antigos autores e os modernos, uns affirmam, outros negam a existencia desta ilha immensa.

IV

Monumentos, desenhos, inscripções dos templos do Mexico e do Perú

Vide pag. 105

Estudando as narrativas de Platão, tanto em seu livro Critias, como no Timeo e apreciando as opiniões dos modernos autores, todos admittem a existencia de Atlantide. E' preciso confessar que alguns autores modernos chegam a chamar Platão contradictorio, nas suas descripções. Resulta destas duvidas que alguns escriptores tem collocado Atlantis, como Mr. Boilly, na Syberia, alguns na America, outros na ilha de Cuba. Mr. Berlisux na Africa, no centro do lago Tritonis, e muitos outros tem considerado que Atlantis, é o novo mundo.

Mr. Gaffarel e Roisel, examinando as narrativas de Platão, collocam Atlantis d'accordo com elles, no mar de Sargaço. Mr. Donely, a colloca entre a Africa e a Europa.

E' preciso recorrer-se as descripções geographicas modernas para bem se orientar.

Verifica-se que ha uma semelhança frisante entre os mais antigos monumentos e joias achadas nos paizes dos dous mundos, no Mexico e na Africa, que estão situados quasi nos mesmos pararellos. Vêr cliché IV.

Homero, Hesiodo, nas descripções dos paizes alem das costas occidentaes da Africa, indicam bem claramente Atlantis, servindo de communicação entre os dois mundos pelo oceano Atlantico. Uma vez admittida a communicação, explicada ficam as origens das povoações dos dois mundos. De que maneira foram feitas as communicações pelo oceano Atlantico; como se operou a interrupção?

Nas obras tradicionaes e monumentos encontrados, nada se pode dizer sobre a existencia de grandes navios que atravessassem o grande oceano. Parece averiguado que antes do diluvio não haviam estes grandes navios; só seria portanto possivel vir de outro continente, passando-se as costas de Atlantis para ganhar os Phenicios os Carthaginezes. Os Gregos que foram os primeiros e mais intrepidos navegantes, percorrendo os mares para alargarem o seu commercio, fizeram a volta da Africa sem se lançarem atravez do Oceano, mas sempre abeirando as costas, por que não ousavam atravessar o Oceano.

E' evidente que a communicação pelo Atlantico, em época tão remota, não era possivel, quando não haviam navios capazes de afrontar a travessia do Oceano. Devia pois, haver no meio deste Oceano uma terra que permittisse a passagem em navegação por cabotagem. Olhando-se para a carta geographica, nota-se que entre a Africa e as Antilhas

não ha terra alguma tão proxima que permittisse servir de meio de communicação, só se vê entre ellas o abysmo do mar. No centro deste espaço, está o mar de Sargaço, que é pouco profundo, em contraste com o Atlantico.

Na época antediluviana, quando a terra percorria outra orbita, verifica-se que devia existir entre os dois mundos, uma terra immensa que servisse de communicação.

Homero, fala um pouco confusamente desta terra, como já vimos. A passagem de Ulysses tão poeticamente descripta pelos autores, refere-se a uma travessia do oceano, que os antigos tomavam por um rio. E' evidente que a largura do oceano entre as Columnas de Hercules, era muito limitada, sendo a viagem de Ulysses feita para o occidente.

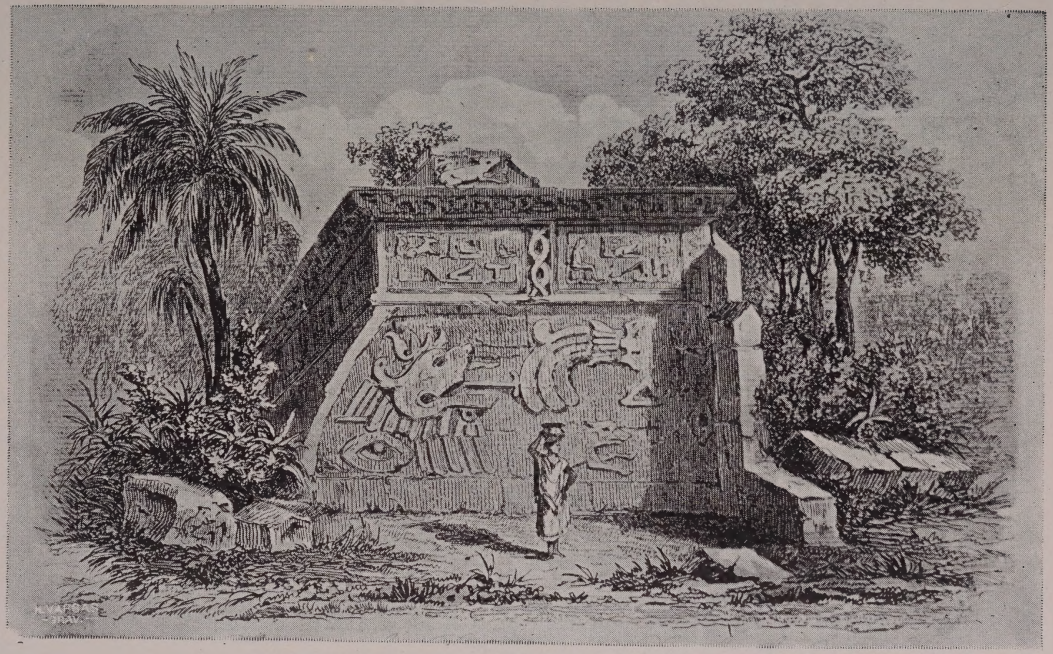
Apolodoro, falando do decimo primeiro trabalho de Hercules, diz que, em frente das Columnas de Hercules, existiu uma terra, (que se poderia tomar pelas Canarias) junto de um continente no qual se achava o Caucazo.

Devia ter sido por elle que se estabeleceu a communicação do velho com o novo mundo. Platão sob o nome de Atlantide, de facto nos dá a descripção mais detalhada no Timeo, porém não copiamos para não repetir o que já traduzimos.

Esta descripção mostra que em frente as costas occidentaes da Libya e das Columnas de Hercules, havia um continente maior que a Libya e a Asia e que de facto Apolodoro assim o classifica.

Naturalmente muitas ilhas successivas permittiam a passagem de umas para outras, até ao continente, passando-se assim de um para outro.

E' lastimavel que Humboldt, considere este continente, como uma fantazia de Platão; quando este sabio da atiguidade designa precisamente a terra a que se refere, que é Atlantide, que só podia ser o novo mundo de Colombo. As contradicções que os autores modernos encontram em Platão, refferem-se a haver elle dito no Timeo que esta ilha era maior do que a Libya e a Asia e no Critias elle dá esta mesma ilha uma extensão de 3.000 stades, com uma largura de 2.000, com um perimetro de 10.000, o que induz a crêr-se que era menor o tamanho. Parece que estes sabios accusam Platão, sem se aperceberem que elles não o comprehenderam como se conclue dos textos antigos. Platão, ou antes os padres de Sais, que deram estas informações, só podiam falar dos paizes da Libya, separados da Ethiopia pelo mar do Sahara



Monumento achado no Mexico. (Historia das Missões.)

e da Asia Menor, que se conhecia então, que comprehendia a Asia Menor até a Persia. E' preciso vêr-se que no Critias, Platão, da a descripção da Ilha toda.

Resulta do exame feito, que nem Platão, nem os padres de Sais, nem Solon, verificaram todas as informações; não quizeram e nem podiam descrever Atlantide inteira, mas simplesmente a Phenicia que cerca a Capital do mesmo nome Atlantis, que tinha as dimensões dadas acima.

Assim fica provado que os autores que negam os conhecimentos de Platão, em referencia a Atlantide se enganaram na traducção. No manuscripto do Dr. Patrocle, este sabio garante a fiel traducção feita as referencias de Platão.

Examinando-se as gravuras III. IV. V., da parte graphica que redusimos a clichês, fielmente seguindo palavra por palavra o texto de Platão, verificar-se-á que tudo quanto os contemporaneos avançam sobre Atlantide, está bem longe de concordar com as descripções de Platão, que embora algumas vezes repetidas no nosso trabalho, são de ordem a fazer fé. As descripções de Homero, Hesiodo, Platão, Apolodoro, confirmam o lugar geographico indicado no mappa do Dr. Patrocle.

A actual forma do mar de Sargaço, prova este acerto, visto ser o mar cheio de bancos de areia, banhando as costas occidentaes da Africa e das Antilhas, formado pela submersão de Atlantis.

Nem era possivel que Platão, desse uma informação tão precisa da largura e comprimento de uma região de terra, sem que estes dados tivessem sido tomados, o que indica já n'aquelle tempo grande progresso.

No Critias, Platão indica os edificios de Atlantide.

Estes edificios são bem semelhantes aos que se encontraram no Mexico. (Ver clichés IV. V. VI.).

Ora, se o estylo dos edificios descriptos por Platão, fossem imaginarios, deviam ser os do velho e não os do novo mundo, que elle não conhecia e que comparados vieram a ser achados iguaes.

Elien, nota que comparando-se os emblemas dos reis de Atlantide, com os dos idolos Mexicanos recentemente descobertos, vê-se que estes reis, forneceram taes ornamentos aos seus vizinhos do Mexico.

A existencia de Atlantis, afirma a communicação dos paizes equatoriaes dos dois mundos, por meio do atlantico.

O diluvio destruiu a continuidade e pôz termo as communicações.

As catastrophes que originaram as geleiras no momento da queda da terra, produziram a submersão de Atlantide e o dissecamento do mar vermelho Sahariano, que fazia communicar os habitantes do Sahara com o oceano e os paizes mais longiquos pelas Columnas de Hercules.

Honrando o distincto engenheiro que nos confiou para tradusir o seu importante trabalho, nos sentimos felizes por poder fornecer aos americanos e brasileiros tantas provas que põem termo as chiméras e asseguram a origem dos habitantes do novo mundo.

VISTA GERAL

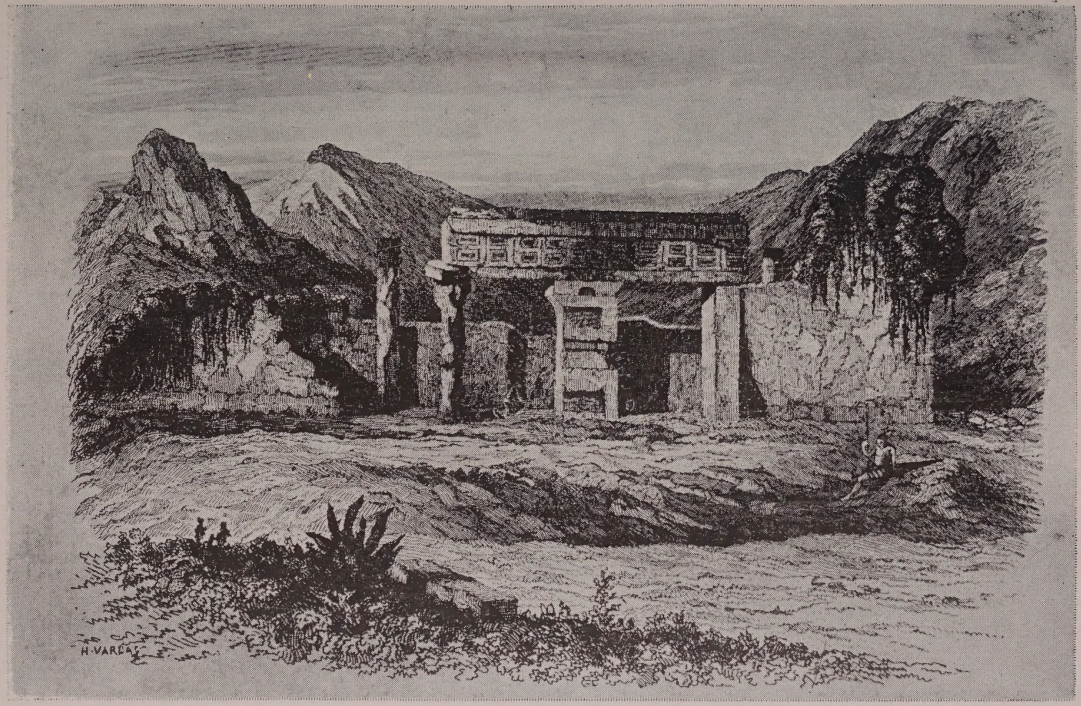
Resumindo tudo quanto está exposto, devemos concluir que havia no novo mundo duas épocas: uma primitiva, e outra mais moderna. A primeira mostra que se conhecia a arte Egypcia, phrygia e grega, a segunda a arte dos Chinezes e Japonezes.

Quando a terra percorria uma orbita muito maior do que actual, a communicação se fazia por Atlantide e o mar vermelho Sahariano, cujo dissecamento produzio o lago Tritonis, depois da queda da terra. Interrompida esta communicação, pela submersão de Atlantide, a nova communicação se fez pelo estreito de Beryng.

As leis da phisica e da mechanica explicam as theorias e hypotheses que o Dr. Patrocle afirmou. A sciencia, a archeologia virão provar se elle tinha ou não razão.

Tendo mandado vir da Europa o livro do Sabio Annie Besant A Sabedoria Antiga, edição de 1905, achamos uma referencia que damos em seguida e que esclarece, até certo ponto, quanto havemos demostrado.

«A China cuja civilização ficou redusida ao estado fossil, foi povoada outr'ora, pela raça Turaniense, quarta subdivisão da quarta Raça Mãe, que foi a que primeiro habitou Atlantide e cobrio com suas ramificações a superficie do Globo. «Os Mangolis, que pertenceram a setima e ultima subdivisão da mesma raça, vieram mais tarde reforçar a população deste paiz, de sorte que na China encontra-se a tradição d'uma antiguidade, muito anterior ao estabelecimento da India, pela quinta raça a Ariana».



Monumentos dos Incas. (Historia das Missões.)

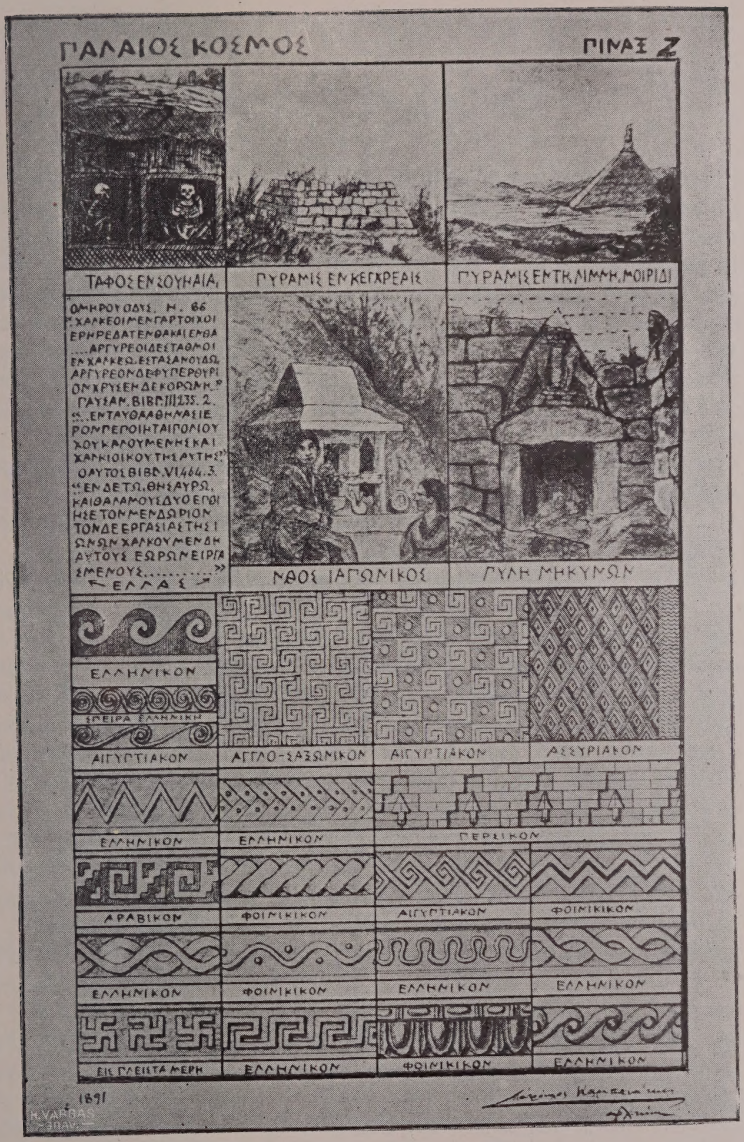
O Sr. G. Courty expoz ha pouco, no edificio das Sociedades Sabias, em Pariz, o resultado de suas excavações em Tiahuanaco, a 3.850 metros de altitude, na Bolivia.

Perto do grande recinto de Hakhapana encontrou uma escadaria monumental e um segundo recinto, soterrado, no interior do qual erguem-se muralhas ornadas de esculturas representando cabeças humanas. Depois vê-se tres grandes idolos, dos quaes um têm 6 metros de altura e parece figurar um indio.

O Sr. Courty encontrou tambem numerosos canaes para escoamento das aguas pluviaes. Descobrio ainda tres salas pintadas de vermelho e branco e numerosos idolosinhos, que fazem pensar nas representações de Osiris.

Para o Sr. Courty está-se em Tiahuanaco como no Yucatan, em presença de vestigios de civilizações indianas anteriores á época neolithica e caracterizadas na America pelo emprego de metaes do paiz (principalmente ouro e cobre), pelo uso de bellos productos ceramicos, nos quaes está representadas em pinturas a vida das populações contemporaneas.

O distincto archeologo não rejeita a hypothese de emigrações orientaes pelo Alaska, mas a época dessas emigrações, devia ter precedido de muito a das civilizações bastante avançadas do Mexico e do Perú.



Monumentos, desenhos, alegorias achadas em Tula. Teotiskuascoa, Guatemala, Milta

Vide pag. 34

CAPITULO IV

ATLANTIDE E OS AMAZONAS

Querendo nos orientar sobre tantas hypotheses a respeito das antiguidades da America e do Brasil e não conhecendo o grego e nem podendo traduzir as citações feitas em grego antigo, no trabalho que o illustrado Dr. Patrocle Campanakis, cuja traducção do grego para o francez, nos enviou em manuscripto, em resposta a nossa carta, autorizando-nos a fazer a traducção do seu estudo denominado La communication des deux mondes, par l'Atlantide avant le Deluge, tomamos a deliberação a conselho do nosso preclaro amigo Dr. Orville A. Derby, de comprar as obras de Platão e Herodoto por estarem todas traduzidas para o francez. Deste modo podemos traduzir fielmente o que segue-se, orientando os leitores brasileiros sobre as antiguidades de nosso continente.

Herodoto, no L. IV — C. LXXXI — escreveo o seguinte: Taes são os povos nomeados que habitam as costas meridionaes da Libya.

A Libya, é um paiz povoado por animaes ferózes, em um dos extremos ha uma montanha arenoza que se extende desde Thebas no Egypto, até as Columnas de Hercules. Encontra-se neste paiz arenozo, no curso de uma jornada de dez dias, grandes depositos de sal, nas collinas. Do alto destas collinas, vê-se brotar, sahindo do meio do sal, agua pura e doce. Ao redor d'estas nascentes puras encontra-se uma população que é a ultima que móra do lado dos desertos da Libya selvagem. Vindo de Thebas, os primeiros habitantes que se encontram são os Amnienses, a dez dias de marcha desta Cidade.

Ha ahi um templo no qual se pratica o rito de Jupiter Thebano. Ha realmente em Thebas uma estatua a Jupiter, com uma cabeça de carneiro.

Entre as fontes d'agua, ha uma que é quente ao por do Sol, fresca na hora do commercio e extremamente fria ao meio dia. A medida que o dia decrece, ella fica menos fria, ao por do Sol é tepida, e vae-se aquecendo até a meia noite, hora em que a agua ferve. Passando de meia noite, ella se resfria até ao romper da aurora. Seu nome é fonte do Sol.

Diz mais, Cap. LXXXII — A dez dias desta cidade ha outra collina de sal com fonte d'agua potavel. Nesta collina os Nosamous, vão no outono colher tamaras.

No capitulo CXCVI — Herodoto da seguinte descripção do paiz que é Atlantide.

Os Carthaginezes dizem que alem das Columnas de Hercules, ha um paiz habitado, no qual elles vão fazer seu commercio. Quando elles chegam, tiram suas mercadorias, ás espalham na praia e voltam para seus navios, onde fazem queimar lenha para fazer fumaça, servindo esta de aviso. Os habitantes do paiz vêm ver as mercadorias, depositam oiro para os pagar e se retiram. Os Carthaginezes, voltam de novo examinam a quantidade de oiro e se acham que corresponde ao valor dos generos o levam; mas se não corresponde, voltam sem levar a paga, ficam esperando tranquillamente novas offertas. Os compradores voltam e dão mais alguma coisa, até que os Carthaginezes ficam contentes. Jamais estes povos fazem injustiça uns aos outros. Os Carthaginezes, só tocam no oiro quando reconhecem que representa o valor de seus generos, e os do paiz não levam os generos sem que elles estejam contentes com o pagamento.

No Capitulo CXCXII — Diz Herodoto:

A Libya, é habitada por quatro nações, das quaes duas são indiginas e duas extrangeiras, os indigenas são os Libyanos e os Ethiopias. As duas nações extrangeiras são os Phenicios e os Gregos. No Cap. CXCVIII — Diz:

Este paiz dá tanto trigo, como na Babylonia. Não ha seccas, nem as chuvas são prejudiciaes. A producção é de cento por cento do que se semea. No Cap. CXCIX Diz: O paiz dos Cyrenaides é montanhoso, as colheitas da uva e do trigo, são tão abundantes que só se precisa de os colher. Emquanto se fazem as colheitas na parte baixa, a parte montanhosa principia a sazonar os seus fructos. Bebe-se o primeiro vinho e come-se as primeiras sementes, quando chega a colheita da montanha.

No Cap. CLXXVIV diz:

O monte Atlas vae até uma collina de sal (1) na qual ha habitantes. Esta collina é tão alta que não se vê o cume, por causa das nuvens, tanto no inverno como no verão. Os habitantes do paiz dizem que é uma columna que vae até o céo. Os individuos deste paiz não tem nomes proprios que os distingam um dos outros, fazem toda especie de improperio ao sol quando está no zenite, por que o sol os queima.

No Cap. CLXXXV Conhece-se o nome dos habitantes que moram em Atlantis, mas não os do que moram alem.

(1) Parece-nos que a palavra sal, aqui, é sinonima de gelo.

Fazendo-se dez dias de jornada se encontra, alem das columnas de Hercules, população que mora em lugares de minas de sal. As casas ahi são feitas de bloco de sal e nunca chove nestes lugares, pois as paredes se dissolveriam. De facto nesta parte da Libya, não chove nunca. Destas minas se tira duas especies de sal, uma branca, a outra côr de purpura.

D'ahi em diante só se encontra o deserto. Não ha vegetação, animaes, nem agua, pois não chove nem cahe orvalho.

Horodoto no Livro IV Cap. CX, falando a respeito de uma das muitas nações dos Schythas trata dos Sauromates e faz as seguintes curiosas revelações, que nós achamos ser das que mais interessam a nosso fim pela semelhança do nome Amazonas, com o que se veiu a encontrar no Brasil e pelos habitos dos indios do Amazonas, tal como são descriptos pelos historiadores para algumas tribus, como se verá em outro Capitulo a esse respeito. (I)

Quando os Gregos combateram contra as Amazonas que os Schythas chamam Oiorpota, nome que os Gregos dão aos antropophagos que matam homens, pois *oior* em Schytha, quer dizer, conforme Herodoto, homem, e *pota* quer dizer matar, quando sobre as bordas de Themodon as Amazonas foram vencidas, elles as conduziram comsigo enchendo tres navios com as Amazonas feitas prisioneiras. Quando ellas se acharam em pleno mar, atacaram os vencedores e os cortaram em pedaços.

Mas não sabendo governar o navio depois que extinguiram todos os homens, ellas deixaram os navios a mercê das ondas e dos ventos e foram ter a Cremus em Potus-Meotis. Cremus pertence ao paiz dos Schythas livres. Tendo descido de seus navios nestes lugares, avançaram pelo paiz habitado, tendo-se apoderado dos primeiros campos de criar, que encontraram com animaes e cavallos, que ellas montaram e prin-

---

(I) Nota do traductor de Herodoto.

Edição Franceza de Paul Dupont. 4 Rue Bouloi.

Esta nação existio realmente, mas sendo precaria a vida entre seus habitantes foi extincta. Grande numero de escriptores antigos attestam que Hercules, fez uma excursão contra os Amazonenses, tendo roubado e levado para Hyppatylo a rainha, levando-a para a Grecia. Os Athenienses guiados por Theseu venceram os Amazonas, quando fizeram uma invasão na Europa e elles foram repellidos nesta aventurosa empreza.

Cinon escreve esta historia com o mesmo cuidado com que foi escripta a Batalha dos athenienses contra os Persas.

(Exped. d'Alexandre liv. VII)

A traducção que fazemos é do mesmo exemplar. (Nota do autor).

cipiaram a saquear as terras ferteis dos Schythas, produzindo verdadeiro terror.

No Cap. CXI diz: Os Schythas não podendo adivinhar donde vinham estes inimigos, cuja linguagem nem trages conheciam, os tomaram por homens.

Todos eram da mesma idade, mais ou menos e tamanho e deram batalha. Aconteceu que depois do combate, verificaram que eram mulheres. Feito o conselho dos chefes deliberaram não matar mais nenhuma. Mandaram os mais joveus e fortes dentre elles em numero igual aos das Amazonas, com ordem de se acamparem ao lado dellas, de modo a não as combater, mesmo quando fossem atacados e sim fugirem e quando cessassem de ser perseguidos, se approximassem de novo até ficarem em contacto com ellas. Os Schythas tomaram esta resolução por que queriam ter filhos com estas mulheres guerreiras e extraordinarias, por que não havia um só homem entre ellas.

No Cap. CXII. Os Schythas jovens seguiram a risca as ordens. As Amazonas tendo reconhecido que elles não lhes faziam mal, os deixaram tranquillos. Cada dia os dois acampamentos se approximavam mais. Ambos os exercitos tinham cavallos e armas para a caça e para as presas que faziam.

No Cap. CXIII — Diz: Ao meio dia as Amazonas se afastavam do acampamento, duas a duas, para satisfazerem suas necessidades corporaes. Os Schythas tendo-se apercebidos dos fins que ellas tinham, fizeram a mesma coisa. Um delles se approximou destas Amazonas isoladas; ellas longe de o repellir, lhes concederam seus favores. Como ellas não podiam lhe falar por não entender a linguagem d'elles, descreveram por signaes, que voltassem no dia seguinte no mesmo lugar e que ellas trariam outra companheira.

Voltando o jovem Schytha, contou a sua aventura aos companheiros. De facto, quando voltaram lá, acharam as Amazonas que os esperavam com a companheira.

No Cap. CXIV — Os outros Schythas, conhecedores da aventura, foram-se ajuntando, cada um a uma Amazonas e invadiram os seus campos. Elles não apprenderam a lingua d'ellas; mas ellas apprenderam a dos seus maridos. Quando começaram a se entender, os Schythas, lhes falaram assim:

Nós temos parentes, fortuna, tivemos uma outra vida, reunamos-nos aos restos dos Schythas e vamos viver em commum.

Nós não teremos jamais outras mulheres.

Ellas responderam: Jamais poderemos ficar morando com as mulheres do vosso paiz, cujos costumes em nada se assemelham aos nossos, nós atiramos flexas, lançamos os dardos, montamos a cavallos e não apprendemos os trabalhos do sexo. Vossas mulheres só se occupam de trabalhos que lhes são especiaes, e nada fazem do que fazemos, não deixam os carros que lhe servem de morada e não sahem fóra das casas. (*)

Si porém, vós quizerdes nos ter por esposa, podereis ir ter com vossos pais, pedindo a elles a parte da fortuna que deve vos pertencer, voltareis depois de ter recebido os bens que vos pertencem e nós viveremos juntos, mas, longe delles.

No Capitulo CXV. Os jovens Schythas convencidos desta bôa razão e linguagem, fizeram o pedido a seus pais, que consentiram e voltando com os seus bens se juntaram com suas mulheres.

Ellas assim que gósaram da união disseram a seus maridos:

«Nos não podemos sem perigos, viver neste paiz, onde nós viveremos privadas de vossos pais e depois dos prejuisos que démos por causa das depredações da guerra que fizemos. Mas visto que nos quereis por esposa, partamos juntos e vamos nos estabelecer além de Tanaïs.

Os jovens Schythas consintiram e foram-se installar em Tanaïs e tendo marchado para o lado de E'ste até Palus — Seguindo para o Norte, chegaram ao paiz em que ainda hoje vivem. Dahi provem que as mulheres dos Saumorotes, conservaram seus antigos costumes, andam vestidas de homem, vão a guerra, a caça, têm costumes vorazes. Os Saumorotes, falam a lingua Schytha; mas imperfeita, por que as mulheres nunca poderam falar bem. A respeito dos casamentos, uma filha só pode casar, tendo morto a um inimigo.

Sem isto, morrem de velhas, mas não se casam.

No Cap. LXIV Diz Herodoto, que os Schythas têm habitos de crueldade que horrorizam: por exemplo:

Elles bebem o sangue do primeiro homem que matam (**) tiram o coiro cabelludo e a pelle dos craneos dos seus parentes mortos em disputas, ou dos inimigos e cortam estas pelles para servir de guardanapos, para cujo fim serram o craneo pelos supercilios. Suspendem nas bridas dos cavallos estes

---

(*) Na Grecia as mulheres viviam presas nas suas casas.

(**) Veremos entre os costumes dos indiginas no amazonas, ao tempo da descoberta do Brasil, que era esse um dos habitos caracteristico dos indios. Ver capitulo sobre os indiginas do Amazonas e seus costumes.

trophéos e cortam a pelle das victimas para cobrirem os bancos em que se sentam: Do craneo fazem copo para beber.

Quanto maior é a quantidade que possuem destes guardanapos, mais valentes são tidos.

A ATLANTIDE ESTUDADA MODERNAMENTE

Existem acaso ainda vestigios da famosa ilha tragada pelas ondas?

Não resta duvida no espirito dos geographos de que existia outr'ora uma ponte gigantesca, formada de um rosario de ilhas ou de um unico continente, que ligava a Europa á America. Por onde passava, porém, essa ponte?

Segundo MM. de Verneuil e Colomb, dous naturalistas de grande autoridade, a Atlantide estava reunida á Hespanha e ao Sul da França durante todo o periodo terciario.

Pela sua parte M. Hamy, já citado na chronica precedente, é de parecer de que a Atlantide se estendia particularmente para o 45° gráu de latitude.

Finalmente, M. Roisel, outro geographo abalisado, attribue a bacia formada no Gasconha «a esse prolongamento atlantico que se não desligou da Europa senão por occasião da grande crise geologica que, separando nitidamente as épocas terciarias das seguintes, determinou a erecção dos Alpes Maritimos».

Tomemos agora uma carta maritima e sigamos a geographia dos fundos oceanicos.

Entre a Terra Nova e a Hespanha, isto é, entre o 30° e 50° gráus de latitude, e particularmente nas immediações de 45° gráu de que fala M. Hamy, vemos uma série quasi ininterrompida de bancos, de escolhos, de ilhas e de ilhotas.

Está em primeiro lugar o *banco Josephina* que vai de Portugal ao archipelago da Madeira e no centro do qual se nota uma especie de ilha submarina, cuja base tem 850 metros de profundeza e cujo cimo está a 150 metros apenas do nivel do mar.

Temos em seguida, em pleno oceano, o planalto do Dolphim, cujos pincaros culminantes são as ilhas dos Açores, rodeadas de uma profusão de ilhotas submarinas que se estendem sem interrupção até o escolho dos Flamants, a leste da

Terra Nova, situado a cento e trinta metros de profundidade apenas.

Não é pois possivel duvidar da existencia de um isthmo consideravel entre Canadá, Terra Nova, os Açores e os Pyrinêos.

Mas a Atlantide era mais vasta ainda. Com effeito, seguindo sempre as cartas hydrographicas, encontra-se ao Sul dos Açores, entre as Canarias, as ilhas do Cabo Verde e as Antilhas uma vasta região submarina que se estende parallelamente ao Equador, exactamente na mesma latitude que as Canarias, a Florida e o Mexico.

Tudo leva pois a crêr que a Atlantide occupou essa região maritima conhecida pelo nome de «mar dos Sargaços», assim chamado por allusão ás algas e plantas maritimas que nella fluctuão.

Ora, Platão escreveu:

A ilha Atlantide desappareceu debaixo do mar e eis porque hoje ainda não é possivel percorrer nem explorar esse mar, visto acharem os navegantes obstaculo invencivel na quantidade de vasa que a ilha depositou, afundando-se.

Este texto de Platão é confirmado por Pindaro, Herodoto, Eschylo, Strabão, Plinio, Dyonisio d'Halicarnasso.

Roisel, no seu estudo sobre os atlantes, resumio nestes termos a opinião desses autores:

«Os antigos que tentaram a aventura, perto destas paragens sentiram-se tomados todos de terror perante o aspecto dessa agua semi-liquida e semi-vegetal. Enormes camadas de plantas marinhas e de lodos empeciam a navegação ao sahir das Columnas d'Hercules. Algas gigantescas enlaçavão as embarcações em meio dos milhares de escolhos que as rodeavão».

Physicamente, pois, a Atlantide sobrevive nos Açores, nas Canarias, nas ilhas do Cabo Verde e nas Antilhas.

Ethnologicamente tambem não está morta, pois deixou na Europa, na America e na Africa florescentes colonias, graças ás quaes nos é possivel reconstituir a raça poderosa que domina o mundo prehistorico.

Entre as populações cujos avós sobreviveram ao grande cataclysmo, a mais pura, a mais fiel, por transmissão ao typo primordial, é por certo a dos *guanches* ou habitantes das Canarias.

Infelizmente, os cruzamentos successivos alteraram os caracteres do typo primitivo, de que os primeiros invasores nos deixaram uma descripção muito interessante. Os *guanches* eram de alta estatura, escuros de pelle e quasi imberbes. Eram

admiraveis typos humanos, de grande nobreza de attitudes.

Os primeiros navegadores ficáram attonitos em presença dessa raça para elles tão nova:

O uso dos hieroglyphos, escrevem MM. Zurcher e Morgollé, dos signos astronomicos, o respeito e o embalsamamento dos mortos, a fórma pyramidal dos tumulos e dos monumentos, a instituição das virgens sagradas, as honras prestadas á agricultura, a paixão pela musica, o gosto pela dansa e pelos exercicios gymnasticos, tudo parecia indicar que os *guanches* eram os descendentes de uma nação mais instruida, de um povo mais illustrado e numeroso.

E. Roisel accrescenta no seu livro sobre os *Atlantes*:

«Os *guanches* eram tão indubitavelmente os descendentes de uma velha raça, que se julgavão, como os Hebrêos, os unicos povos do mundo, pensando que os outros havião perecido todos. E o seu receio das convulsões naturaes do Globo era tão profundo que consideravão como innutil transmittir a sua historia por monumentos que de um instante para o outro podião ser anniquilados como os seus avós».

Se encontrarmos em outros povos identidade de caracteres, poderemos reconstituir por esta fórma a grande familia atlante.

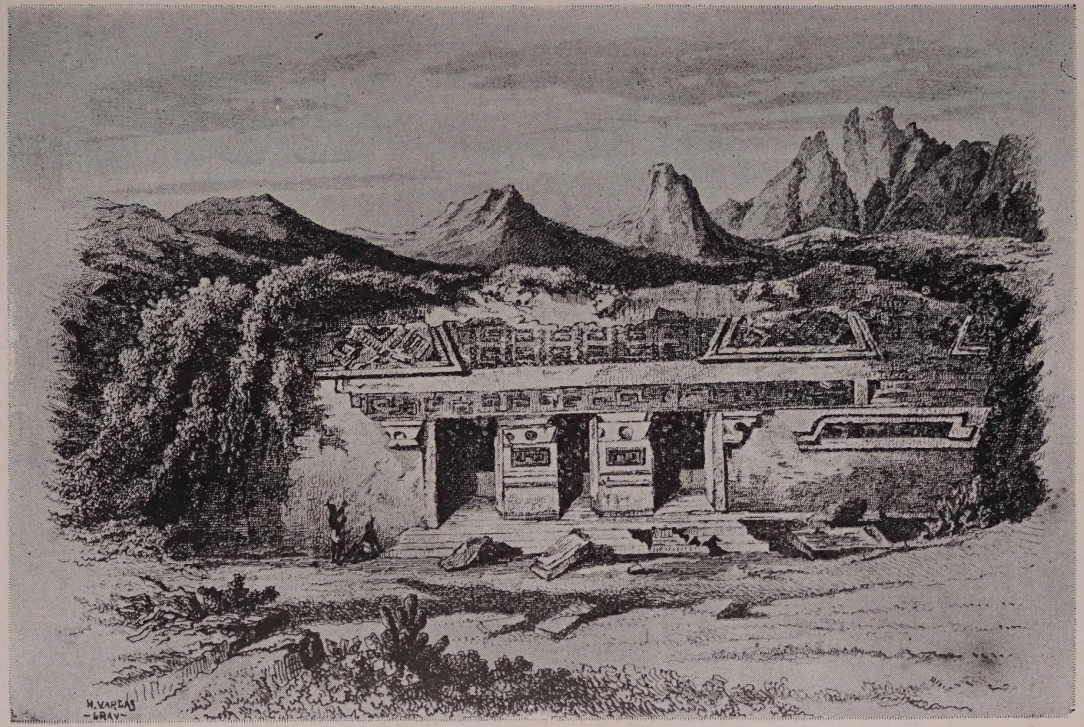
Ora, essa identidade existe nos indigenas da America e nos Egypcios. Deixemos de parte os primeiros para não alongar muito este resumo. Indicarei todavia um curioso pormenor. Montezumas pretendia que seus avós tinham vindo de uma região situada ao Oriente e que se chamava *aztlan*. Este nome nas inscripções estava sempre acompanhado de um signal bireoglyphico cuja significação é *agua*.

Ora, entre Americanos e Egypcios as semelhanças são consideraveis.

Foi-me impossivel, escreve M. Carletuan, examinar as bellas cópias das pinturas egypcias que possue o museu britannico, sem ficar impressionado com a semelhança que offereciam certas figuras que lá se achão representadas com os Indios do novo Mundo, no meio dos quaes vivi tantos annos. O melhor pintor não poderia desenhar com mais exacção os selvagens da America do Sul, do que o fizeram os habeis constructores de Thebas.

Humboldt notou a analogia que existe entre o penteado das nobres Mexicanas e das princezas egypcias.

Os usos funerarios dos Mexicanos e Egypcios apresentam semelhanças caracteristicas. Uns e outros vestiam os mortos illustres com tecidos preciosos.



Monumentos do Mexico

Uns e outros tinham o costume de sepultar os servos e amigos dos reis em derredor dos tumulos reaes.

Os monumentos funerarios eram os mesmos. Encontráram-se no Mexico pyramides construidas segundo o mesmo estylo e a mesma orientação que as do Nilo; e estatuas hieroglyphicas apoiadas na serpente semelhantes ao Sesostris egypcio. (*)

Finalmente, encontráram-se em varios sitios enormes cabeças monolicas que fazem pensar na esphinge acocorada junto ás pyramides do Egypto.

Que concluir daqui? Que o Egypto conquistou a America ou a America o Egypto? Seria tornar o problema ainda mais complexo.

O mais simples é aceitar a verdade demonstrada pelos testemunhos concordantes da geologia, da geographia e da ethnologia: uns e outros provinham de Atlatide, uns e outros eram os sobreviventes dessa magnifica *raça vermelha* que foi soberana do mundo, antes do cataclysmo terrestre que o subverteu.

(*) As photographias que serviram para estes clichés, foram tiradas da «Historia das Missões». — Vide clichés VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIV, XV.

VI

Ornamentos achados na America do Sul.

CAPITULO V

O CONTINENTE SUBMERGIDO

Assim como as aguas que fazem mover os grandes machinismos do universo, nascem em lugares ignorados, tambem a verdade é uma força que apparecerá, qualquer que seja a distancia do tempo em que ella se perdeu.

Nós não pretendemos trazer aos leitores nem erudição, nem trabalho algum propriamente de nossa intelligencia; ha só neste estudo, que queremos dar aos que amam a verdade historica, o merito do trabalhador paciente, que tendo fé em DEUS, escreve livros para n'elles demonstrar a verdade que procura, tal qual como o mineiro faz com o brilhante e oiro escondidos no seio da terra. A origem do homem da America do Sul, é um problema que merece serio estudo. A destruição do imperio dos Incas, de suas riquezas e monumentos, é um dos mais degradantes episodios da raça humana.

Foi Deus, servido que o molde ficasse traçado na antiguidade. E' voltando-nos para os escriptores que primeiro legaram a humanidade as bases da historia, que nós encontramos os traços desta civilização perdida, deste paiz admirado por uns, negado por outros, mysterioso e fabuloso para outros, chamado Atlantide.

Herodoto, nos esclarece, Platão, nos guia, só os modernos sabios, que querem tudo saber, ignoram o que os grandes mestres da humanidade, ainda pertos das scenas dos tempos idos, nos descreveram com verdade. O nosso trabalho tem o unico intuito de colher nas provas, abrir os olhos e as consciencias. Talvez algum homem de origem americana possa legar recursos para as expedicções que mostrem o berço da raça do continente, que perdido por tantos milhares de seculos, foi de novo reencontrado por Colombo, talvez transformado, mas, sem duvida alguma, contendo muitos vestigios das terras que ficaram isemptas do cataclismo que fez desapparecer Atlantide, quando ligada ao velho mundo, do qual talvez ella fosse o berço e o paraizo.

Lorcher, o traductor de Herodoto, em seus Ensaios de Chronologia, prova a evidencia que os Gregos, só conheciam o seu Hercules, que viveu 1384 annos antes da era christã,

ao passo que, Herodoto verificou que os Egypcios tinham tido entre os seus deuses outro Hercules, que reinou 17 mil annos antes de Amosis.

De facto indo a cidade de Thazos para verificar no templo que ahi havia, o mais antigo de todos as datas, elle soube que o templo havia sido construido 2.300 annos antes.

Tambem Herodoto, foi visitar a cidade de Thasos, onde os Phenicios fundaram uma colonia, afim de procurarem a Europa. Hercules visitou a Babylonia que era a cidade mais rica e maior do mundo.

A antiguidade do Egypto, que é o avô da civilização moderna, permitte considerar que no tempo de Cambyse, a historia já contava 5.000 annos. As pyramides do Egypto, tem mais de 20 seculos.

Tontonis, fez o lago Maris e emprehendeu a abertura do estreito de Suez. Obras colossaes que provam que uma população de mais de 9 milhões de habitantes, estava governada sabiamente.

As celebres sepulturas dos Egypcios são do anno 2.812 á 2.899 antes de J. Christo. A cultura, a architectura, a arte, haviam chegado a alto gráo de perfeição.

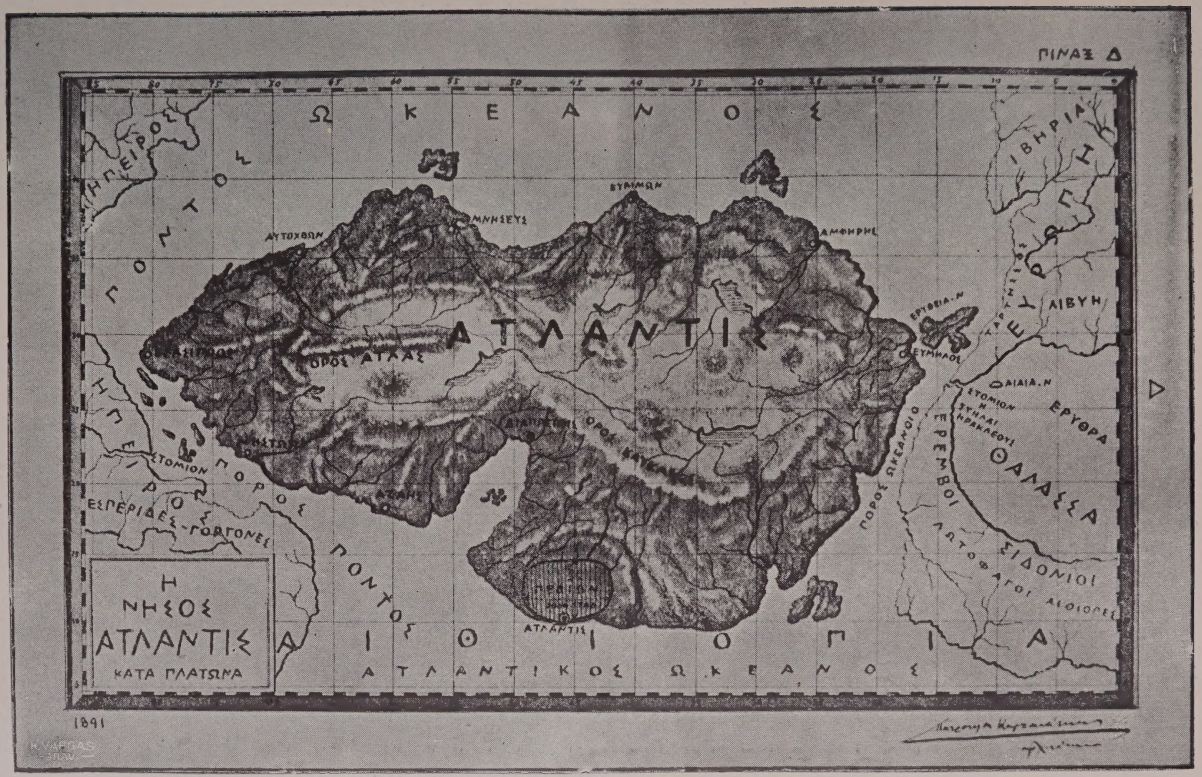
No diccionario Larousse, a respeito do Egypto, notamos uma caracteristica de coincidencia sobre a religião antiga.

E' a seguinte: Os egypcios tinham a religião obedecendo aos deveres, de modo que á organização do calendario, é em tudo semelhante ao da Egreja Catholica na qual cada dia é dedicado a um deus, tal como entre elles. O deus do dia em que se nascia dava o nome do recemnascido, que o tomava para patrono. Tambem se diz que Moysés em seu Pentateucho, tirou lições da antiga religião do Egypto, para suas principaes bases.

Sabe-se que a conquista de Alexandre o Grande, mudou a religião em ambas as doutrinas, as antigas praticas, creando uma transformação idealista. Os egypcios acreditavam na immortalidade da alma e o modo de conservar os corpos era um attestado.

S. Ambrozio disse que elles eram os unicos povos antigos que acreditavam na ressureição.

A theogonia egypcia dava a fonte da religião a um Deus pae, a um Deus filho e a mãe, que era a mystica.



Atlantide, copia da photographia de Patrocle Campanakis

O CONTINENTE PERDIDO

As excavações feitas ultimamente em Creta, tornam necessaria uma revisão de toda a historia dos povos mediterraneos, na época anterior ao periodo classico.

Embóra muitas questões não estejam ainda resolvidas, conseguio-se, comtudo, provar de maneira a não permittir a menor duvida, que durante o dominio da Oitava Dynastia no Egypto, na época em que Thebas se achava no auge da sua gloria, Creta era o centro de um grande imperio, cujo commercio e influencia se estendiam do Adriatico Septentrional a Tell e Amarna e da Sicilia á Syria. Todo o commercio maritimo estava nas mãos de Creta, e a lenda de Theseo parece indicar que os Minoanos dominavam as ilhas gregas e as costas da Attica.

Essa civilização era tão antiga e tão firmemente estabelecida, quanto maravilhosa. O Dr. Evans julga que o começo dos depositos de silex, encontrados debaixo do Palacio em Knossos, data pelo menos, de dez mil annos antes de Christo. E, desde esse época póde-se acompanhar, interruptamente, o desenvolvimento do povo Minoano. O periodo que se estende desde a idade neolithica até o saque final de Knossos, póde ser dividido em tres grandes épocas que são, approximadamente, contemporaneas de tres grandes periodos do Egypto, isto é, o periodo de Memphis ou do Antigo Imperio, o periodo Thebano, ou do Medio Imperio, e, finalmente, o da Decima Oitava Dynastia, ou Imperio Thebano. Durante esses periodos houve sempre relações intimas entre Creta e o Egypto. Havia entre os dous paizes um grande commercio, a que se seguio uma certa troca de idéas.

Por outro lado, a civilização minoana é essencialmente mediterranea e distingue-se nitidamente de qualquer outra, surgida no Egypto ou no Oriente. Sob alguns pontos de vista, ella é essencialmente moderna. Os palacios de muitos andares, alguns dos productos ceramicos, e até o vestuario das mulheres, parecem mais pertencer ao mundo moderno do que a antiguidade. Entretanto, o numero das cidades minoanas e a sua extraordinaria riqueza excedem de muito o que Creta poderia produzir, e essa opulencia deve ser em parte attribuida ao poder maritimo que, segundo as antigas lendas, Minos possuia.

Assim, pois, quando Creta se achava no apogeo da sua grandeza, os seus governantes deviam ter sido considerados pelas outras nações, como verdadeiramente poderosos. E o seu prestigio deve ter sido augmentado não só pelo mysterio das terras que elles dominavam, e que, na opinião dos Egypcios e Syrios, estavam situadas no Extremo Occidente, como pelo facto de possuirem pela navegação o dominio do elemento que o mundo antigo mais temia. Por todo o Levante deveriam circular tambem historias ácerca dos palacios e dos seus labyrinthos, bem como sobre as danças e sports e principalmente, sobre as touradas. O imperio minoano era, portanto, uma grande e antiga potencia, unida pelo mesmo elemento que a separava das outras nações, de modo que elle se assemelhava a um continente separado, com o seu espirito caracteristico.

Subitamente uma rapida e terrivel destruição poz fim ao poder cretense. Confiados na supremacia maritima, que haviam mantido durante tanto tempo, os minoanos deixaram as suas cidades sem fortificações, e essa negligencia das defesas terrestres foi a causa da sua ruina. Está exuberantemente provado que um golpe brusco destruio o poder naval de Knossos, quando esta ainda se achava cheia de vigor e em pleno desenvolvimento e progresso. A capital foi atacada e saqueada, e toda a ilha devastada. Depois disso, a civilização minoana entrou em decadencia e, mais tarde, desappareceu completamente.

Surgio então uma nova ordem de cousas. Os Phenicios tomaram o lugar dos Minoanos, como commerciantes e navegadores, e nas costas da Grecia e da Asia Menor começaram a imperar as Thalassocracias, de que fala Euzebio. E' verdade que a influencia minoana se fez sentir na arte dos povos ribeirinhos do Mar Egeo, mas de facto, se não fosse a lenda de Minos, a propria lembrança da existencia dos Minoanos teria desapparecido. Knossos e as cidades que della dependiam foram, portanto, destruidas, exactamente quando a sua situação parecia ser mais segura e mais formidavel o seu poderio. Foi como se o imperio se houvesse afundado no mar, tal qual como aconteceo com Atlante.

O parallelo não é furtuito. Se compararmos a lenda de Atlante com a historia de Creta e attendermos ás relações deste paiz com a Grecia e o Egypto, veremos que na Atlante se encontra um éco da historia dos Minoanos.

A historia de Atlante apparece pela primeira vez em Platão. No *Timeo,* Platão conta que quando Solon foi ao Egypto, estando em Sais, (que era então a metropole egypcia) ouvio um sacerdote contar que, em eras remotas, existira no Occidente uma grande nação insular, a qual, levada pela sua ambição de conquista universal, fizera guerra contra a Grecia e o Egypto, mas fôra derrotada pelos Athenienses e submergida pelo mar, por causa dos seus peccados. Desde então, o local, onde a ilha outr'ora existira, era apenas assignalado por bancos de lodo, que constituam um perigo para a navegação. Solon deve ter sido contemporaneo de Necho II, exactamente quando maior era a influencia grega no Delta e quando os dous grandes acampamentos de Daphna e Naucratis eram guarnecidos por mercenarios Gregos. A sabedoria dos Egypcios fascinava os Gregos, e é bem possivel que a conversa entre Solon e o sacerdote — uma das mais dramaticas de toda a litteratura — se tenha realizado de facto.

Em todo caso, a descripção de Atlante, feita no *Timeo* e no *Critias,* tem um feitio minoano tão accentuado, que não é possivel que os seus detalhes tivessem sido inventados, nem mesmo pelo proprio Platão. Eis o que elle diz de Atlante: «A ilha constituia um caminho para outras ilhas, e dessas ilhas podia-se passar para todo o continente opposto, que circumda o verdadeiro oceano». E' digna de nota a circumstancia de que o imperio não é descripto com uma potencia homogenea, como a «Republica de Platão» e outros Estados, que apparecem na litteratura de ficção. Pelo contrario, a Atlante apparece como uma combinação de differentes elementos, reunidos sob a hegemonia de uma cidade. «Nessa ilha ha um grande e maravilhoso imperio, que domina não sómente toda essa ilha, como tambem outras e parte do continente». Estas palavras descrevem a constituição politica de Knossos com a mesma concisão com que o trecho anteriormente citado descreve a posição geographica de Creta. No *Critias* lemos ainda que a ilha era muito alta e alcantilada do lado do mar. (como são exactamente as costas de Creta) mas que a parte em que a cidade estava situada era plana e se achava abrigada do lado do Norte. Isto concorda exactamente com a situação de Knossos, collocada em uma pequena collina que se levanta de uma planicie e que é protegida do lado do Norte por uma cadeia de collinas. Como o Professor Burrows observou, «foram essas collinas que fizeram com que os primeiros habitantes da idade da pedra se esta-

belecessem em Knossos, que era o ponto mais proximo do rio Kairetos e que estava ao abrigo das vistas dos piratas vagabundos». Não é talvez demasiada fantasia relacionar esse primitivo nucleo neolithico com «*Evenor*», o «homem nascido da terra», que Poseidon encontrou no local da futura cidade de Atlante?

Além disso, os limites do imperio de Atlante são identicos aos que se attribuem á esphera de influencia da nação minoana. Diz-se que a Atlante imperava no norte da Africa até ao Egypto, e na Europa até a Tyrrhenia. Ora a relação entre a Tyrrhenia e a Creta minoana constitue um dos mais interessantes problemas. Plinio affirma, baseado na autoridade de Varro, que havia ao todo quatro Labyrinthos. Um delles era o tumulo de Lars Porsena de Clusium e os outros tres encontravam-se em Knossos, em Hawara e em Lemnos. No norte da Africa, os Tursha, que se installaram perto de Gurob no Fayum, em cujos tumulos se encontraram vasos «mycenianos», parecem ter sido os mesmos que atacaram o Egypto durante o reinado de Merempta.

Esse nome póde, portanto, ser incluido na lista das tribus invasoras, que actualmente podemos, quasi sem receio de errar, pôr no mesmo plano dos Achaios, Teucros e Danaos, isto é, as nações associadas com os Keftes, que os Egypcios confundiam com os primitivos Minoanos. A lenda sobre o modo pelo qual Theseo matou o Minotauro com o auxilio de uma princeza cretense, a quem depois abandonou, é, provavelmente, um éco do ataque e do saque de Knossos; mas os factos e a data são incertos. O que é, porém, absolutamente positivo é que homens da raça minoana se puzerem á testa de uma colligação daquelles povos, afim de conquistar o Egypto e dominar todo o Mediterraneo oriental. Esta colligação foi derrotada por Rameses III, e nas muralhas de Medinet Habu ainda se póde ler a narração da invasão, feita pelo proprio Rameses. Tanto os relevos como as inscripções esclarecem, de modo a não permittir duvida, os traços geraes dessa grande luta sustentada em terra e no mar e cujos episodios são as primeiras batalhas decisivas de que temos conhecimento. O Egypto esteve em imminente perigo, de que unicamente o salvou o talento militar do seu rei.

Para o estudo, que ora fazemos pouco importa saber se os homens, a quem Rameses derrotou, eram verdadairos Minoanos, ou se eram os Myceneanos, que succederam aos primeiros; e isso porque os Egypcios sempre confundiram esses

dous povos. O facto importante é que homens, considerados como Minoanos pelos Egypcios se puzeram á frente de uma confederação com o intuito de estabelecer o que então se considerava um imperio universal. Embóra o ataque fosse repellido pelos Egypcios, comtudo, as lendas indicam que Knossos foi destruida pelos habitantes prehistoricos da Grecia propriamente dita, que no tempo de Solon, eram representados pelos Athenienses.

Uma difficuldade, com que deparamos, ao procurar identificar Creta com a Atlante, é o facto de que Creta está situada aquem das Columnas de Hercules, ao passo que se affirma, do modo mais peremptorio, que a Atlante se achava situada alèm das Columnas de Hercules. Embóra esta objecção pareça irrespondivel, comtudo ver-se-ha que a confusão é facilmente explicavel, se nos imaginar-mos em Sais e nos collocarmos no ponto de vista geographico dos sacerdotes egypcios. A difficuldade originou-se no nome. Ora, é preciso não esquecer que os nomes que figuram na historia foram traduzidos para o egypcio e que Solon lhes deu equivalentes gregos. A versão egypcia dizia provalvemente: "uma ilha do extremo occidente". E Creta, situada em pleno mar, deveria parecer aos marinheiros de Memphis e de Thebas, que nunca se afastavam das costas, uma ilha no extremo occidente. Provavelmente a unica vez que perdiam terra de vista, era quando iam a Creta. Mas no tempo de Solon, o horizonte geographico já se havia ampliado e os Phenicios de ha muito que commerciavam com a Hespanha. Foi no tempo de Solon que os Phenicios, ao serviço do rei do Egypto, fizeram a primeira circumnavegação da Africa. A phantazia tinha de ir procurar o campo dos seus devaneios mais para o occidente, no oceano que se estendia para alèm das Columnas de Hercules. E' possivel mesmo que a confusão resultasse da expressão egypcia "Quatro columnas do Mundo", que se applicava, primitivamente, a montanhas que de facto existiam e ao occidente das quaes Creta se achava situada.

O argumento mais forte, porèm, nos é fornecido pela tradição que durante tanto tempo persistio ácerca do pouco fundo do Oceano Atlantico e sobre os bancos de lodo existentes no local occupado anteriormente pela Atlante. E' impossivel imaginar que os primeiros navegantes, que sulcaram os mares, ao occidente do Estreito de Gibraltar, tivessem voltado para o seu paiz contando historias ácerca do pouco fundo desses mares; pelo contrario, o que é natural é que esses

marinheiros houvessem ficado muito impressionados pela profundidade e vastidão desses mares e pela ausencia de ilhas. Mas se admittirmos que a Atlante era Creta, a explicação torna-se muito facil. Qualquer navio que, demandando Creta, fosse parar ao sul desta ilha, em consequencia de um temporal ou de um erro de navegação; ver-se-hia, dentro em breve, entre os bancos de areia da costa da Tunisia,—os celebres Syrtes— que causavam terror aos navegantes, até mesmo no tempo dos romanos. Não é difficil suppôr que, depois da destruição do imperio minoano, occorrida, talvez, em um lapso de tempo pouco maior do que "um dia e uma noite",—e, segundo a lenda, foi essa duração da catastrophe,—se propalasse a crença de que os baixios, a que nos referimos, eram os restos do imperio insular, que haviam submergido com Atlante.

A geographia e a historia da Creta minoana correspondem, portanto, nas suas linhas geraes ao que Platão nos conta ácerca de Atlante. E o que é ainda mais singular, ha uma sensivel coincidencia de detalhes. Por exemplo, o grande porto, com os navios e os commerciantes vindos de toda parte, os banhos luxuosos, o stadium e o sacrificio solemne de um touro, tudo isso é genuinamente minoano, se bem que não o seja de um modo exclusivo. Mas, quando lemos que o "touro é caçado no templo de Poseidon, não por meio de armas, mas sim com paus e laços", achamo-nos em face de uma descripção inconfundivel da tourada de Knossos, com os detalhes que exactamente impressionaram os extrangeiros e que deram origem á lenda do Minotauro. As palavras de Platão descrevem com precisão as scenas que vemos representadas nas famosas taças de Vaphio e que indubitavelmente são pégas de touros bravios para a tourada minoana. Essas touradas diferiam de todas as outras, que o mundo tem visto, exactamente pela circumstancia que Platão accentúa, isto é, que nellas não se usavam armas.

Parece, por conseguinte, que Solon de facto ouvio em Sais uma narração que o maravilhou e que era a historia veridica, mas mal comprehendida, dos minoanos, tal qual corria no Egypto. E' claro que nem Solon, nem o sacerdote que lhe contou a historia sonhariam em identificar o imperio oceanico da tradição com Creta, uma pequena ilha que tinha parecido tão grande aos seus antepassados.

Mas o saque de Knossos e a subita destruição da senhora dos mares, primeira potencia commercial do Levante, de-

veria ter sido um acontecimento analogo ao que seria o saque de Londres em nossos dias. Esse acontecimento deve ter interessado tanto os Egypcios, que naturalmente foi constatado nos seus annaes. Uma vez registrada nos annaes, a historia deve ter sido fielmente transcripta, quer fosse comprehendida ou não. A esse proposito convem notar que Proclus affirma que vio no Egypto muitas pinturas de homens de Atlante. Se Proclus assim designava os Keftes ou os Minoanos, as suas palavras tornam-se intelligiveis, porque elles figuram em alguns dos mais notaveis relevos que ainda existem no Egypto.

Ha portanto, como no caso do Gyges, uma base historica para a lenda de Platão. Este, entretanto, diz que não soube da historia por informação obtida directamente do Egypto, mas sim por intermedio do poema que Solon projectava escrever. Isso nos explica a origem do estado atheniense, que, na sua fórma idealizada, é ficticio. Parece que Solon concebera a idéa de uma epopéa, em que todas as nações não hellenicas se colligariam sob a hegemonia de Atlante em uma lucta contra a Hellade, cujo campeão era Athenas. Afim de não prejudicar a unidade poetica do seu poema, é provavel que Solon omittisse o ataque contra o Egypto e até se utilizasse das magnificencias do Egypto e de Babylonia para decorar o seu imperio insular. O poema de Solon seria superior á "historia da divina Troya" do mesmo modo que Minos era superior a Priamo. o *Critias* representa provavelmente o principio do poema, que nunca foi terminado, devido aos trabalhos politicos de Solon. Critias era naturalmente o manuscripto original de Solon, e por esta razão é que Platão deu o seu nome ao dialogo incompleto. A grandeza do thema, a belleza fantastica da sua concepção e a ironia dramatica desse poema não tem rival na litteratura.

O Professor Currelly, de Torento, já se occupou do problema da correlação dos grandes movimentos dos povos mediterraneos, problema esse muito mais amplo do que aquelle de que tratamos. Neste artigo o nosso fito foi apenas demonstrar que a Atlante desapparecida, é nem mais nem menos, do que a Creta minoana.

VIAGENS DOS NAVIOS DE SALOMÃO AO RIO AMAZONAS

Pedimos venia ao nosso amigo Dr. Baptista Pereira, para transcrever neste livro o seu artigo publicado no "O Commercio de S. Paulo" de 1902.

Taine, no seu monumental prefacio da Historia da Litteratura Ingleza, refere-se á linguistica como um poderoso meio de investigação das grandes ramificações e dos grandes parentescos de raça, até ha pouco desconhecidos. Nunca se nos affigurou tão exacta a affirmação do mestre da critica moderna, como ao lermos uma "Memoria", escripta por D. Henrique Onfroy de Thoron, mandada publicar pela Camara Municipal de Manaus.

Essa "Memoria", transcripta pelo sr. Candido Costa na sua obra *As duas Americas*, intitula-se: «Viagens dos navios de Salomão ao rio Amazonas».

E' uma das cousas mais curiosas que temos ultimamente lido. Nella fica, nada mais, nada menos que provado (quanto se póde falar em prova num assumpto desses) que as frotas do grande rei sulcaram as aguas do rio-colosso.

Qual, porèm, a maneira pela qual o auctor da «Memoria» poude chegar a esse resultado? Qual o caminho que seguiu ao rastrear esse facto?

Este—o estudo comparativo de alguns vocabulos da lingua *quichua*, ou dos *Antis* da America Meridional, com outros da Biblia, cuja etymologia tinha até hoje escapado a todos os philoogos.

Estes confrontos linguisticos são os melhores argumentos dessa *Memoria*.

Em varios pontos a Biblia, falando de Salomão, refere-se ás frotas, que elle e o rei de Tyro mandavam, em viagens que duravam tres annos, buscar ouro, madeira de *almug*, monos e pavões, as terras de Parvaim, Ophir e Tarschisch. Os geographos e historiadores têm formulado um numero incalculavel de hypotheses sobre a situação dessas terras e uma dellas, Ophir, de tanto invocada, dando o valor de sua procedencia a perolas, tornou-se um logar commum. Quem diria agora que esses celebres logares seriam descobertos no centro da America do Sul?

Transcrevamos aqui os dizeres de D. Henrique Onfroy de Thoron, no exame das referidas palavras—Ophir, Parvaim e Tarschisch.

«Comecemos (diz elle), por fazer conhecer *Parvaim*. O exame dessa palavra é importante; ella por si só é uma revelação. Nos Paralipomenos, liv. 2, cap. 3, v. 6, conta-se que «Salomão adornou sua casa com bellas pedras preciosas e que o ouro era de *Parvaim*». Este rei conseguia, pois, o ouro de outra parte que não fosse de Ophir e Tarschisch. Parvaim é pronuncia alterada de *Paruim*, por isso que o antigo alphabeto latino confundia o *v* e o *u;* que o *iod*, que é a vogal *i*, muitas vezes se lê com a pronuncia de *ai* em hebraico. Porém, no texto hebraico, o ouro de *Parvaim* está escripto *Zab- Paruim;* em o grêgo dos Setenta, acha-se egualmente *Paruim* e a sua versão nos dá aqui completa conformidade. A terminação *im* indica o plural hebraico; vem accrescentado o *Paru*, porque effectivamente, existem na bacia superior das Amazonas, no territorio oriental do Perú, *dous rios auriferos*, um com o nome de *Paru*, outro, com o de *Apu-Paru*, o *rico Paru*, e que unem suas aguas em 10°30, de latitude meridional, para as confundirem depois no *Ucayali*, que é um dos grandes affluentes das Amazonas.

Ora, os dous rios do nome de Paru fazem justamente *um plural* e dão o *Paru-im* dos hebreus. Eis, pois, um dos logares biblicos perfeitamente indicado e por nós descoberto.

Vejamos agora o que diz de Ophir:

«Para se ter uma idéa do que era Orphir, é mistér procurar a significação deste nome; porém, antes de tudo, é necessario certificar-se do modo por que se escreve em caracteres hebraicos.

No cap. 10 do Livro I dos Reis, v. II, acha-se escripto em lingua hebraica de dois modos: *Apir* e *Aypir*, e no cap. 9, v. 28, assim se lê — *Aypira;* esta ultima fórma accusativa de *Aypir* tornou-se um nominativo; mas *Aypira* não é senão o nome mal pronunciado de Yapurá, grande affluente do Amazonas, ou do rio Soliman, em consequencia de uma permuta de lettras, como, por exemplo, o quichua *yura* (folhagem) faz em vasco *urya;* vaso em quichua é *kirau*, em chaldaico *kiura* etc. Assim, pelos exemplos de permutas de lettras, nada se oppõe a que o *Aypira* da Biblia tenha vindo do nome do rio Yapurá. Esta ultima palavra é composta de *y*. que significa «agua», e de *apura*, que é o nome de *Apira* ou *Apir*, «agua ou rio de Apir ou Ophir». Este logar celebre está, pois, achado e claramente designado; e, apesar de uma

distancia de 2.880 annos, seu nome só tem soffrido a alteração de uma vogal: Yapurá, em logar de Yapira, e isto no meio de povos selvagens que não falam hoje o quichua dos Antis».

Referindo-se a Tarschisch, outro logar indicado na Biblia como procurado pelas frotas de Salomão, em busca de ouro, diz a Memoria»:

«Foi evidentemente esta região (Alta Amazonia) que no tempo de Salomão recebeu o nome de Tarschisch, pois a etymologia desta palavra é da lingua quichua, que é a dos Antis. Tarschisch origina-se de *Tari* «descobrir», *chichy* «colher o ouro miudo». Tarschisch é, pois, o logar onde se descobre e colhe o ouro miudo. O abandono de Ophir, a vizinhança de Parvaim, que foi preciso tambem abandonar, pois que era necessario internar-se consideravelmente, as facilidades offerecidas pelas novas descobertas e a etymologia de Tarschisch, são um concurso de circumstancias que determinam a região onde se achava Tarschisch. Emfim, digamos que este nome não tem etymologia nenhuma, a não ser em lingua quichua».

Eis as provas etymologicas offerecidas por D. Henrique Onfroy de Thoron, da situação das localidades biblicas, procuradas pelas frotas de Salomão e do rei de Tyro, Hiram, ha quasi 3.000 annos. Outras ainda adduz o auctor do curioso estudo, como o nome de Salomão de uma tribu que ainda hoje habita as margens do Amazonas, dando lhe nesse trecho de seu curso o nome de Solimões; o nome Imperio de Inin (o crente), pelo qual era conhecida uma parte da região amazonica, devido, provavelmente, a Salomão, a grande cópia de palavras hebraicas que se encontram na bacia amazonica; emfim, a absoluta falta de prova de que alguns dos logares que elle suppõe se acharem no Amazonas fosse situado em outra parte.

Essa «Memoria» revela uma prodigiosa erudição de seu auctor, demonstrando que o quichua, o sanskrito, o indostani, o hebraico, o egypcio e o grego antigos lhe são familiares. E se trabalhos posteriores se fizerem sobre o mesmo assumpto, não crêmos que consigam tirar o valor deste, porquanto o caminho por elle trilhado abre perspectivas novas e imprevistas sobre o nosso papel nas edades mais remotas da historia.

Em ethnographia, ha uma escola, que conta muitos proselytos, acreditando ter sido da America do Sul que sahiram as primeiras immigrações que foram povôar o Velho Continente.

Por essa escola, o egypcio seria o descendente do selvagem amasonico, com o qual, aliás, em gravuras antigas têm uma semelhança absoluta, e a invasão dos Atlantes, citada pelas chronologias gregas e egypcias, como se tendo dado na Europa e na Asia em épocas remotissimas, seria a dos filhos da America. Curioso espectaculo este ! O Nilo, o avô veneravel de toda a civilização, não continuará sósinho no seu lugar de patriarcha das edades. O Amasonas tambem reclama um lugar a seu lado, e se, como na Grecia antiga, os rios fossem gigantes, os dous colossos dominariam o horisonte visual da historia, com a projecção titanica de suas sombras.

Hoje, o viajor que se aventure pelas ondas amasonicas a dentro, em vão procurará naquellas margens alguma cousa mais que a natureza e a vida rude dos tapuyas pescadores. O élo da tradição não se conservou nos autochtonos do paiz para ser transmittido á raça de hoje, producto da fusão da primitiva com a aryana.

Hoje, o typo do filho do valle amasonico é o tapuya.

E' elle que póde lutar victoriosamente com o meio, ao qual se adaptou pela hereditariedade e pelo costume.

Quando os navios a vapor descem o Amasonas, vendo se desenrolarem dos dous lados das ondas revoltas do rio formidavel as florestas virgens e sombrias, no meio de um silencio, apenas de quando em vez cortado pelo bramido dos jaguares, ou pelo vôo assustado das arirambas, colhereiras e garças, divisam de quando em vez, uma palhoça com duas vertentes que encostam em terra: é o tijupá, o abrigo do tapuya. Perto, ha uma anfractuosidade do rio, formando um porto roçado, cincoenta ou sessenta braças em redór, e, nesse porto, uma igara. E com esse barco fragil, tendo ao leme o filho, curumin de dez ou doze annos, que o tapuya, bronzeado, magro e rijo, vestido de uma camisa tingida de moruchy e uma calça de algodão, tendo á cabeça um chapéo de brótos de tucuman e á bocca um cigarro de tauari, vai á pesca do pirarucú ou a gapuia.

O extrangeiro que vir essas margens desertas, povoadas, de longe em longe, por esses escassos e pobres pescadores, não tem nenhuma dessas recordações da historia ou da lenda que illuminam e transfiguram os lugares. A mãe-d'Agua, a Yara, o Curupira e o Matintaperê lhe são inapprehensiveis, com o encanto que lhes communica a ingenua e rude phantasia dos habitantes do sólo. E as margens do Amasonas pareciam

nunca ter offerecido éco á voz da tradição e da historia... e no emtanto, não é assim.

Já nas galeras phenicias os marujos de Hiram e de Salomão cortavam, ha trinta seculos, a immensidade do Atlantico e vinham subir em busca do ouro as matrizes do rei dos rios.

E á volta, em noites estrelladas, emquanto as galeras derivavam á feição da corrente, o céo abria-se para elles, mysterioso e profundo, cheio de astros que os sabios chaldeus de certo nem de nome conheciam.

E lá iam, lembrando-se dos prodigios que o seu rei praticára e entre os quaes estava o templo maravilhoso do Senhor.

A vida do Haroun Al-Raschid da historia sagrada passava-lhes ante os olhos, aureolada pelo prestigio de um esplendor incomparavel. O nome de Belkiss sôou, muitas vezes, nas margens amasonicas, evocando, no meio de um scenario pomposo de pedrarias e de tecidos de côres vivas, um vulto formoso de rainha, visitando o mais poderoso dos reis, aos quaes offerecia seus dominios e seu thalamo.

Tambem uma voz sôava no espaço, despertando no coração dos aventureiros a ancia pelos entes que lhe ficaram, na patria, envolvidos pelo duplo nimbo do amor e da saudade: era o «Canticos dos Canticos» evocando, debaixo do céo americano, no vulto da gazella, do Engaddi, o mais ardente epithalamio que a alma antiga compôz.

E as galeras phenicias voltavam, levando o ouro que ia encrustar as paredes de cedro do grande templo...

Porque se interromperia na antiguidade a tradição dessas viagens ? — E' difficil responder; mas, quanto é possivel suppôr, foram as difficuldades oppostas pelo Amasonas e pelo clima daquellas latitudes. O rio, na época das cheias, carreia tócos colossaes e verdadeiras ilhas fluctuantes, cujo embate equivale a um naufragio.

Os mururés e os periantans, em cujo seio enrediço as arvores gigantescas ficam aprisionadas, com o impulso formidavel que a velocidade das aguas lhes communica, despedaçavam, como catadupas, as embarcações frageis e primitivas que deparavam. E as febres, as sezões, as maleitas, os reptis e os insectos venenosos, as féras os arurões gemeos do alligator, e as piranhas promptas a devorar o incauto que se afoite nas aguas, a flexa hervada do selvagem o seus boizes, todos esses elementos concorreram, de certo para acabar com

essas expedições, de mais a mais tão demoradas que duravam tres annos.

Agora, parece que as aguas do Amasonas estão sendo cubiçadas pelos Estados-Unidos. Mas as mesmas defesas ainda lá estão e a natureza ha de vedar o que a cobardia dos homens permittir.

O que Salomão não fez, Moloch não o conseguirá.

Póde a Victoria Regia florescer em paz. A flor gigantea é o symbolo daquella região. Parece, vinda da noite da prehistoria, o specimem da flora fossil de um mundo de titãs. Rainha das flores, como o Amasonas é o rei dos rios, se a Grecia tivesse conhecido esses gigantes da natureza, tel-os-ia symbolisado num mytho: uma nimpha enamorada de um deus e transformada em flor por uma divindade ciumenta.

Será exacto que a America do Norte espreita um nosso desfallecimento para se apossar da Amasonia ? Não o crêmos. Mas, se assim fôr, ai della ! A Amasonia só lhe poderá pertencer quando a aguia americana tiver azas de uma envergadura tão ampla que cubram a Victoria Regia !

CAPITULO VI

BRASIL. ANTIGUIDADES DA AMERICA

Tem sido discutida centenares de vezes a origem do nome que tem a nossa querida patria.

Seria imperdoavel que não consagrasse-mos um capitulo ao assumpto, pois Silvestre Rabello, foi quem melhores dado offereceu em uma memoria lida no Instituto Historico Brasileiro em 1839. No Instituto Historico de São Paulo e nas outras associações congeneres o assumpto parecia exgotado, quando por causa da letra *s* e não *z* que tem sido usada indistinctamente por alguns escriptores, appareceo na Revista Amecana uma eloquente defeza em pról do *s*, ficando assim banida da escripta da palavra Brasil o *z*.

Em sua obra Jesaria tom. II. pg. 324, diz Gesenius: "Esta idea de um grande continente montanhoso, situado mais alem do mar que nos cerca, e habitado por homens antes do diluvio, foi a idea de muitos padres da Egreja. Ella foi demonstrada por Cosmas Indico Pleutès. No Diccionario de Wilson vem confirmada a mesma idea da existencia de Allantide, como se pode vêr sob o titulo ou palavra Loka. Narra pois Silvestre Rabello, que nesses mappas antigos se vê uma ilha com o nome Bracir, provalvemente o commercio do pau brazir, que era conhecido desde os tempos immemoriaes, tornou o nome conhecido, pois na Irlanda, conforme me assevera o meu velho amigo, Dr. Sebastião Belfort, que é um dos chronista que melhores documentos tem sobre o Brasil, que ha um pico muito alto denominado O Brasil.

O conhecimento desta droga preciosa de tingir de encarnado, o *pau brasil*, remonta até ao seculo nono. Em antigos itinerarios, que publicou Renaudot, dos Arabes Abuzei e El Hacen, gaba-se o pau rôxo da ilha de Sumatra, O mesmo Renaudot na sua obra — Antigas relações com as Indias — indica como um dos objectos do commercio de então o pau d'onde se extrahia tinta encarnada. O texto Arabe chama a droga *Bakkam*, o que os traductores latinos verteram — *Bresilium*.

O celebre Marco Paulo chamou ao pau Brasil — *verzino*, e só nelle falou uma vez, e isto comparando-o com uma planta de Sumatra, que se arrancava depois de tres annos

de nascida, e da qual tambem se extrahia tinta encarnada, e cujas sementes não quizeram nascer em Veneza.

O primeiro Europeu, que desenhou em um mappa a existencia de uma ilha no mar Atlantico com o nome de Bracir, foi Pizigano em 1367; este mappa conserva-se em Parma, na Italia. Ora o dar-lhe elle o nome de Bracir, ou Brazire, prova o que disse, que de tal ilha tinha vindo a droga Brasil, e que por isso se lhe dava esse nome, pois que o da droga era conhecido e usado depois de seculos, como o prova o tratado que citei na memoria passada, celebrado em 1194 entre Bolonha e Ferrara.

E não foi só Pizigano que nesses tempos desenhou no seu mappa a ilha Bracir, mas tambem todos os roteiros maritimos escriptos no seculo XIV, e o anterior áquelle, em que se descobriu o Brasil, trazem a descripção de tres ilhas com o nome de Bracir, ou Brazir; é verdade que as situão entre o Cabo de S. Vicente e a Irlanda; mas isso prova mais com evidencia que na Europa havião rumores da existencia de terras ao Oeste da mesma Europa, que erão ilhas, e que tinham o nome de Brasil; e é provavel que este nome deveram a ter vindo d'alli o genero do commercio assim appelidado; e não eram de certo os Açores, por que a arvore Brasil não vive fóra dos tropicos. O mesmo Pizigano desenhou no seu mappa um homem arrastado por serpentes para o mar junto á sua ilha Brazir.

Tres seculos antes da viagem de Vasco da Gama, quando o mundo Occidental commerceava com a India por terra, e pelo Mar Vermelho, importava-se d'aquella parte do mesmo mundo, uma droga propria para tingir de encarnado as lãs e algodões, e chamava-se na Italia e Hespanha, Bezil, Brasilly, Brecillis, Brazilis, e Brazili. Muratori provou este facto com as pautas das alfandegas de Ferrara de 1193, e de Modena de 1316. Capmany, nos documentos que publicou sobre o antigo commercio dos Catalães, diz que o pau Brasil, que serve para tintas, começou a ser importado em Hespanha em 1221 e 1243.

Marsden pensou que o pau Brasil, objecto do commercio das idades medias, era só a *Cesalpina Sapam* da costa Malaya; parece contudo mais provavel que os Arabes nesses tempos importavam na Europa varias especies de madeiras, das quaes se extrahia tinta encarnada, e que a todas chamavam Bakkam; entre ellas vinha o *Pterocarpus Santalinus*, que ainda hoje

em Bengalla conserva o nome Persa Bukkam, do qual um tal Pelletier extrahiu e preparou lacre.

Eram designadas nas cartas de navegar desde o seculo XIV as ilhas, de que se tinha noticia no Mar Atlantico, com o nome de Bracir, Berzil, e Brasil. E tanto eram assim, e com este nome desenhadas, que Pietro Coppo de Isola no seu Portuslano de 1528 ainda diz, que Christovão Colombo, antes de descobrir as costas da America, estivera nas ilhas Ventura, Columbo, e Brasil.

E não só déram os Portuguezes á um monte, que na ilha do Corvo visto de certa paragem representa um homem apontando para o sudoeste, o nome de Brasil; mas tambem na costa mais meridional da Irlanda ha uma rocha, que ainda hoje se chama o cachopo Brasil; como o trazem os mappas Inglezes de Purdy.

Nos mappas de Orontius Finœus, e de Munster, lê-se o o seguinte — *Insula Athlantica, quam vocant Brasilii, et Americam* — O que claramente prova que a existencia de uma ilha com o nome de Bracil, ou Brasil, nos mares Atlanticos, era acreditada por todos os geographos e cosmographos daquelles tempos.

Não parece comtudo que Pero Vaz de Caminha, tivesse idéa de que a terra descoberta por Cabral fosse a ilha Brasil, porque elle assignou a sua carta a El-Rei D. Manoel dizendo — Deste Porto Seguro da vossa ilha da Vera Cruz — ; palavras, que claramente provam que elle considerava na terra encontrada uma ilha, mas que tambem ignorava que antigos mappas designavam naquelles mares a existencia da ilha Bracire, ou Brasil.

Na mesma ignorancia vivia Americo Vespucio dos mappas citados, porque se os conhecêra, houvera nas suas cartas aos Medicis, á Renné, Duque de Aquitania, e a Sodrini, chamado a terra que viu, indo com Vicente Pinçon em 1499, e depois com Fernando de Noronha em 1503, ilha, com os nomes nos mesmos designados, e pelo contrario só lhe chama ilha.

Em um fragmento do mappa de João de la Cosa, desenhado no Porto de Sancta Maria, na Bahia de Cadiz, em 1500, já se vê a nossa costa do Cabo de Sancto Agostinho para o Norte, e ainda que sem nome especial traz varios nomes de certas posições, que ainda hoje se uzam: tal é o de Bahia Formosa, que jaz ao Norte do mesmo cabo; dando o nome

de Brasil e Bigam a uma ilha situada não longe da Costa das Perolas, hoje Republica de Columbia.

Em outro fragmento dos mesmos mappas vêm notado o Cabo de Sancto Agostinho, e ao mar deste uma terra com a inscripção — Ilha descoberta por Portugal — , e entre esta e a terra outra ilha sem nome.

Na — *Universalior cogniti orbis tabula*, publicada em Roma em 1508, vem desenhada a — *Terra Sanctæ Crucis, sive mundos novus* — desde o Equador até á Caninea, á qual chama Rio de Cananor; á nossa Bahia — Rivulus de Oreferis; ao Cabo de Sancto Agostinho chama C. St. Crucis, e mais ao Sul do porto, a que chama — *Abatia omnium Sanctorum* — traz um rio com o nome de rio Brasi, o que prova, que a frota de 1501, ou a de 1503 levou a Portugal do Porto Seguro pau Brasil: e tanto é isto assim, que em uma nota em Latim na mesma se lê o seguinte — *Insunt margaritæ, atque aurimaxima copia. Avehuntur a Lusitanis ligna brasi, alias verzini, et cassiæ.*

Ainda que até agora se não saiba com evidencia de que lingua veio a palavra Brasil, assim formada, é muito provavel que é uma imitação do adjectivo *Bradschita* da lingua Sanskripta, por isso que esta lingua foi a mais universal no meiodia da Asia; e como d'alli veio o pau Brasil, com elle veio o nome: e como o adjectivo *Bradschita* significa luzente e brilhante, e a côr encarnada, que se extrahe do pau Brasil, é entre as côres a que mais brilha, segue-se que provavelmente foi desta palavra que se formou a palavra Brasil, o nome do nosso Paiz.

Sendo pois a palavra Brasil Asiatica, e sendo daquella parte do mundo que aos homens vieram os principios da religião e de civilização, é claro que a nós Brasileiros trouxe a palavra obrigações, que devemos cuidadosamente preencher, isto é, devemos habilitar-nos para concorrer na civilização do genero humano.

A Asia tem sido a civilizadora do mundo. Asiatica era a familia de Moysés; e ainda que elle nasceu no vizinho Egypto, todos sabemos que seus paes descendião dos filhos de Jacob neto de Abraham, tronco dos Judeos, oriundos d'Asia.

Da Asia menor, como o provam as pinturas e estatuas, que ainda hoje se vêm na China, sahiu Budha, que levou religião e civilização até aos lugares mais septentrionaes da mesma China.

Na Asia nasceu o Lamismo, que agora mesmo domina no centro dessa parte do mundo. Pithagoras de lá veio para a Italia. Zoroast, que civilizou os Persas, lá nasceu; assim como Eneas e Dido, Zomolxis, Radamanto e o Phenicio Cadmo, que civilizou a Grecia; o mesmo Mafoma era Asiatico.

Odin, que civilizou o Norte da Europa, descendia de uma familia Asiatica, a familia de Asser. Emfim, da Asia Menor veio a Religião do Filho de Deus, que tem elevado a Europa á um gráu de civilização, que a põe em estado de dar leis, e de felicitar o resto do globo.

O Norte da Africa começa nova vida. A Asia Central e do Norte avança a largos passos na carreira da civilização, e os Povos Christãos de mãos dadas vão implantar em todo o mundo o civilizador principio — *quod tibi non vis alteri non facias* —. Tem a Asia pois sido a mãe e o berço da civilização humana.

Se da Asia pois nos veio a nós tambem o nome, é claro que com elle nos veio a obrigação, que a Divina Providencia, como acabo de provar, impoz aos indigenas daquella parte do mundo; isto é, a de civilizar o resto da terra.

Temos pois nós os Brasileiros Asiaticos pelo nome, que concorrer para civilizar a Leste a Africa quasi toda por ora selvagem; ao Sul os Patagões no mesmo misero estado; ao Oeste innumeraveis ilhas habitadas por homens ainda embrutecidos; e a Leste Nordeste a mesma Asia meridional, em grande parte nescessitada de idéas religiosas mais conformes á razão, e aos sãos principios de uma moral salvadora.

Resta-nos campo aberto a fim de concorrermos para a civilização de milhares de creaturas, ensinando-lhes a firme crença em um só Deus, como nol-o revelou o Redemptor; e o methodo de lhe dirigir graças e supplicas com aquelle apparato, brilhantismo, e a magnificencia que a razão ensina.

Com a civilisação levaremos ao mundo as nossas riquezas naturaes; ellas superabundam, e só nos falta mais industria e trabalho baseados em estudos praticos e sciencias theoricas. Estudemos pois, e cumpriremos com o andar dos tempos a obrigação que da Asia trouxe ao nosso Paiz a palavra Brasil, e assim se verificará o que ha um seculo cantou o Poeta Brasileiro Prudencio do Amaral.

Quare hæc, Brasiliæ quam donnant nomine, tellus
Non magis a populis laudatur ubique remotis,
Ligna quod eximia enutrit, pretiosa quod altis
Balsama profundit sylvis, quod fœta metallis,
Gemmarum ferax, adamantes gignit, et aurum,
Quam quod sacchareis oneret convivia donis,
Ambrosiisque epulis beaverit orbem.

De Sacchari opificio Carmen, pag. 205.

A Revista do Instituto Historico Brasileiro de 1840, publicou a melhor demostração que conhecemos das antiguidades Americanas, tiradas da antiquitates Americanae, sive scriptores septentrionales rerum ante-columbianarum in America. Publicada pela Sociedade Real dos Antiquarios do Norte em Copenhagem.

Alexandre de Humboldt, que é de todos os escriptores o que melhor fez conhecer não sómente o estado physico, mas tambem a historia da descoberta da America, notou que os navegantes, a quem se deve realmente o descobrimento desta nova parte do mundo, foram os Scandinavos, se bem que este facto tenha sido ou completamente negado, ou posto em duvida por muitos autores distinctos dos tempos modernos. Com tudo este illustre investigador confessa que as relações e pesquizas feitas até hoje sobre esta época memoravel da idade media são muito incompletas, e exprime o desejo de ver publicada por sabios do Norte a collecção de todos os dócumentos relativos a este objecto. A Sociedade Real dos Antiquarios do Norte acaba de satisfazer a este anhelo. Afim de derramar novos clarões de luz sobre a Historia, afim de perpetuar a gloriosa memoria de seus antecessores, ella revendica para elles a honra que lhes é devida com justo titulo na Historia do universo, na da sciencia, commercio e navegação. As ultimas indagações parecem ter demonstrado com toda a evidencia que quando Colombo visitou a Islandia em 1477, alli ouviu contar a descoberta da America pelos Scandinavos, e que foi este um dos mais poderozos incentivos que o levaram a emprehender sua arriscada viagem. Mas este facto em nada quebranta a gloria que elle adquiriu pela elevada intelligencia, e pelo infatigavel zelo com que encarou todos os obstaculos e perigos para terminar esta nobre empreza, que nos revelou uma nova parte do mundo, em circumstancias proprias a pôl-a immediatamente

sob a protecção e influencia sempre crescente das nações potentes e civilizadas da Europa. A memoria deste tão illustre varão jamais se riscará da mente das gerações presentes e futuras; mas os habitantes do Norte tambem não poderam olvidar-se dos seus dignos predecessores, que eram seus ascendentes, e que não tiveram obstaculos menos difficeis a vencer, quando, sem auxilios de qualidade alguma, sendo mui escassos os seus conhecimentos mathematicos, ignorando o uso do iman da bussola, e das cartas, embarcaram em frageis bateis, e ousaram aventurar-se no grande Oceano para irem em demanda de novas terras. Foi por isso que elles descobriram, e occuparam successivamente a Islandia no seculo 9.°, a Groenlandia no 10.°, e depois infinitas ilhas e costas da America no fim do 10.° seculo, e no principio do 11.°

E' a esta ultima época tão notavel na Historia universal, mas ainda tão pouco conhecida, que se refere a obra publicada pela Sociedade dos Antiquarios do Norte. O sabio Torfason (Torfœus) é até hoje o unico que se tenha occupado desta materia; mas sua obra, dada á luz em 1707, e que presentemente é bastante rara, não contêm as relações originaes sobre as que se fundam as indagações; os extractos que nella se encontram são em pequeno numero, e muito imcompletos. Por isso a collecção impressa pela Sociedade dos Antiquarios é toda nova, e a mais completa possivel, pois é ridigida segundo os numerosos e excellentes manuscriptos depositados nas bibliothecas do Norte, e acompanhada de traducções em Dinamarquez e em Latim, de introducções, de dissertações archeologicas e geographicas, e de observações criticas, que são todas em latim.

Passamos a fazer uma exposição das principaes materias contidas nesta obra. Começa com as narrações historicas d'Erico o Rubro, e dos Groenlandezes, publicadas e redigidas pela primeira vez, segundo o livro bem conhecido na historia das antiguidades no Norte com o titulo de Flateyarbók. Este livro trata especialmente do primeiro descobrimento das ilhas e costas da America por Biarne Heriulfson e Leif Erikson, e de muitas viagens feitas pelos parentes de Leif. Segue-se depois a *Saga de* Thorfinn Thordson, apellidado Karlsefne, o qual é descendente de parentes Irlandezes, Escocezes, Noruegianos, Suecos, e Dinamarquezes, ou reis, ou alliados a familias reaes. Esta *Saga* foi publicada conforme dois antigos manuscriptos em pergaminho, que até então tinham sido inteiramente incognitos aos sabios, e dos quaes o primeiro parece

ter sido escripto pela mão de Hauk Erlendson, funccionario da Islandia, que se tornou celebre por ter redigido uma das melhores criticas sobre a obra intitulada Landnama: tambem contêm relações circumstanciadas sobre as viagens que Thorfinn Karlsefne e seus companheiros fizeram pela America, durante tres annos, e sobre a sua estada no Novo Mundo. Ella espalha pois alguma luz sobre este assumpto anteriormente tão desconhecido. Torfason a julgava perdida, e apenas tinha conhecimento della pelos excerptos mutilados de alguns copistas nas noticias sobre a historia da antiga Groenlandia, achadas por Biorne Johnson, camponez de Skardso, na Islandia. Apparece agora por inteiro pela primeira vez, e os pormenores que offerece ao mundo litterario são novos, e bastante interessantes.

A obra encerra igualmente tudo quanto a Sociedade poude colher sobre conhecimento do Novo Mundo, que os antigos habitantes do Norte tinham pelas descobertas e viagens dos Scandinavos. Eis-aqui os principaes capitulos: 1.° Relações sobre o paiz denominado Vinlandia na America, escriptas no seculo 11.° por *Adam de Brême*, que as tinha ouvido da bocca de Svend Estridson, rei da Dinamarca, e da de muitos Dinamarquezes. Estas relações apparecem agora impressas pela primeira vez segundo o excellente codice pertencente á bibliotheca da Côrte Imperial de Vienna, e do qual o Conde Dietrichstein, director da mesma bibliotheca, se dignou proporcionar um facsimile á Sociedade. 2.° Relações sobre a Vinlandia, escriptas por *Are Frod* no mesmo seculo, ou no seguinte. 3.° Relações pelo mesmo autor sobre Are Marson, famoso chefe da Islandia, e proximo parente seu, que pelo anno de 983 foi lançado nas costas de um paiz da America, perto da Vinlandia, e denominado Hvitramannaland ou Grande Irlanda. Seus habitantes, que eram de origem Irlandeza, tomaram-lhe tão grande affeição que o impediram de voltar para sua patria. 4.° Antigos relatorios sobre Biorn Asbrandson, que em 999 visitou um littoral da America. Succedeu-lhe o mesmo que a Are Marson, pois os indigenas alli o detiveram; mas elle elevou-se logo ao gráu de chefe do paiz, e ainda nelle viveu cerca de trinta annos. 5.° Particularidades sobre Gudléif Gudlœgson, navegante Islandez, que em 1027 naufragou sobre a mesma costa, e foi salvo da morte ou captiveiro pelo seu compatriota Biorn Asbrandson. 6.° Diversas passagens concernentes a America, e extrahidas dos annaes da Islandia, taes como relações escriptas por contemporaneos ácerca da viagem feita pelo Bispo Erico á Vinlandia, em 1121: noticias da des-

coberta de novas terras, feita por Islandezes no Oceanno occidental em 1285; bem como sobre viagens de commercio emprehendidas em 1347 pela antiga colonia da Groenlandia ao paiz da America appelidado MARKLAND. 7.º Antigas relações a respeito das regiões septentrionaes da Groenlandia e da America, visitadas especialmente pelos habitantes do Norte, que a ellas se dirigiram com o fim de caçarem ou pescarem; e entre outras ha uma descripção muito curiosa de uma viagem de descoberta feita por alguns padres do Bispado de Gardar da Groenlandia em 1266, os quaes atravessaram os estreitos de LANCASTER e de BARROW até regiões, das quaes só em nossos dias tivemos conhecimento pelos reiterados esforços de Parry, de John Ross, de James Clark Ross, e d'outros navegantes Inglezes. Uma observação astronomica, feita pelos antigos viajores, tem ajudado a achar os vestigios da sua derrota. 8.º Extractos dos antigos tratados geographicos dos Islandezes, com um esboço representando a terra dividida em quatro partes habitadas. 9.º Um antigo poema das ilhas de Féroe, no qual se faz menção da Vinlandia.

A collecção destas *sagas* e antigas relações é acompanhada: 1.º de descripções, vistas, e dezenhos de muitos *monumentos* e *inscripções* da idade media, achados na GROENLANDIA, no estado de MASSACHUSETTS e de RHODE-ISLAND, na America do Norte. Estas inscripções e monumentos vêm em apoio das relações contidas nas *sagas*, que a seu turno servem tambem a esclarecel-as. 2.º De *dissertações geographicas*, nas quaes as situações dos paizes e lugares, mencionados nas *sagas* e antigos annaes, são pesquizados e indicados pelos nomes sob que hoje nos são conhecidos, especialmente NEWFOUNDLAND (Terra Nova), o GOLFO DE S. LOURENÇO, a NOVA ESCOCIA, os Estados de MASSACHUSETTS e de RHOD-ISLAND, e outros paizes mais meridionaes, sobre tudo na VIRGINIA, CAROLINA DO NORTE, e FLORIDA, que se julga ser o paiz mais meridional de que se trata nas mais authenticas *sagas*, ainda que muitos geographos Scandinavos da idade media pareçam ter em vista a parte septentrional da costa oriental da America do Sul. Estas averiguações apoiam-se sobre as narrações dos antigos manuscriptos, e principalmente na explicação das indicações *astronomicas*, *nauticas*, e *geographicas*, que alli se contêm, explicação que é corroborada pelos relatorios dos *sabios da America*, com quem a Sociedade se corresponde, eque, depois de muitas viagens, emprehendidas com este fim a Massachusetts, e a Rhode-Island, tem communicado a Sociedade infor-

mações exactas sobre a natureza, clima, animaes, e mais producções desses paizes, com descripções e desenhos dos antigos monumentos que nelles se tem encontrado. 3.º *Taboas genelogicaas*, que dão a conhecer as linhas descendentes dos mais celebres exploradores da America, oriundos da Scandinavia. Acha-se provado por estas taboas, que tem continuado até nossos dias, que muitos homens vivem ainda na Islandia, Noruega e Dinamarca e mesmo M. Thorvaldsen, celebre escultor em Roma, que todos descendem desses homens que descobriram a America, ou de individuos que foram chefes dos indigenas do Novo Mundo, ou que nelle nasceram ha 800 annos.

Esta bella obra é impressa em papel magnifico, e compõe-se de 526 paginas em 4.º grande, com 18 estampas, que vem a ser: 8 fac-similes, 4 mappas, e 6 outras gravuras. Os fac-similes representam paginas inteiras ou pedaços dos melhores manuscriptos, afim de dar-se delles uma idéa clara e exacta. Conseguiu-se reproduzir com a maior exactidão a côr das diversas membranas, e os caracteres das letras, que muitas vezes se achavam sumidas e difficeis de reconhecer-se. Dos 4 mappas o primeiro representa a *antiga Islandia* com sua divisão republicana pelo anno de 1000: é obra de Biorn Gunnlœgson, geographo Islandez, de Finn Magnusen, e outros muitos sabios da Islandia, e tambem é o primeiro que nos representa o paiz naquella época. O 2.º é um mappa especial do districto de *Julianehaab* na *Groenlandia*, provavelmente o antigo paiz denominado Eystrybygd. Foi composto para a Sociedade por Graah, capitão de navio, segundo os planos e observações feitas por elle no mencionado paiz. Acham-se tambem indicadas no mappa as numerosas ruinas de Egrejas e casas construidas pelos antigos colonos, e de que se tem podido obter conhecimento. O 3.º é um mappa geral das *terras littoraes do mar atlantico*, e do mar glacial do Norte. Vê-se ahi a parte oriental da America do Norte com os nomes dados pelos antigos Scandinavos ás terras, promontorios, ilhas, e golfos visitados por elles desde o Estreito de Lancaster até a Florida. O 4.º, finalmente, nos representa a antiga *Vinlandia*, com as antigas denominações Scandinavas, As outras 6 gravuras são desenhos com pontos de vista dos antigos monumentos Groenlandezes e Americanos, de que se trata na obra, notando-se entre outros os desenhos de muitas rochas carregadas de inscripções bastante interessantes, encontradas em Massachussetts, e em Rhode-Island, e pela maior

parte incognitas n'outro tempo. Segundo as averiguações mencionadas na obra, estas pedras parecem ter servido a comprovar a residencia de Scandinavos no paiz.

MEMORIA SOBRE O DESCOBRIMENTO DA AMERICA NO SECULO DECIMO (*)

Escripta Por

Carlos Christiano Rafn

SECRETARIO DA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE, E MEMBRO HONORARIO DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO.

Traduzida por Manoel Ferreira Lagos. Membro effectivo do Instituto

A Historia da America, antes das viagens de Christovão Colombo, tem nestes ultimos tempos despertado a attenção do Publico. Já se tem conseguido adquirir noções assaz

(*) Esta erudita e interessante Memoria, escripta originalmente em Dinamarquez, tem sido recebida com tão grande aceitação nos diversos paizes da Europa, que alêm de varios e justos elogios que se lhe prodigalizaram em infinitos jornaes, já mereceu ser traduzida em diversos idiomas. Como, porêm, não nos conste ter apparecido até hoje traducção alguma Portugueza, e o seu objecto seja bastante interessante á America, pois trata-se de esclarecer uma época tão memoravel de sua Historia, e seu fim seja tão identico ao do nosso Instituto, apressamo-nos a traduzil-a por a julgarmos digna de ser publicada na Revista Trimensal.

Eis as traducções que já tem obtido, e de que até o presente temos adquirido conhecimento.

1.° Traducção Ingleza publicada em New-York por Bartlett, sob o titulo de — *America discovered in the tenth century.*

2.° Traducção Allemã por Mohnike, impressa em Stralsund, e intitulada: — *Die Entdeckung Amerikas im zehnten Jahrhundert.*

3.° Traducção Franceza por Xavier Marmier, impressa em Paris com o titulo de: — *Mémoire sur la découverte de l'Amérique au dixième siècle.*

4.° Traducção Hollandeza tendo por titulo — *Narichten betreffende de ontdekking van Amerika in de tiende enw* — publicada em Leewarden por Montanus Hettema.

5.° Traducção Polaca, intitulada — *Wiadomosc o odkryciu Ameryki w dziesiatym wieku,* devida á habil penna de J. K. Trojanski, Professor da Universidade de Kracovia.

6.° Traducção Italiana por Jacopo Graberg da Hemso, publicada em Pisa com o seguinte titulo: — *Memoria sulla scoperta del'America nel secolo decimo.* (*Nota do traductor*).

veridicas de innumeraveis factos, que ilucidam uma época considerada até então como sepultada para sempre em completa escuridade. O descobrimento da America no seculo decimo póde ser considerado como um dos successos mais notaveis da historia do mundo; e a posteridade jámais poderá negar aos Scandinavos a honra, que lhes cabe por tão grande descoberta. Temos convicção de demonstrar de uma maneira indubitavel os factos sobre que fundamos nossa asserção. Cumpre porêm confessar, que o trabalho, que offerecemos ao publico, nada mais é do que um esboço summario da Historia antiga da America, e das noticias de Geographia, Hydrographia, e Historia Natural, exaradas na obra por nós publicada sob o titulo de—ANTIQUITATES AMERICANAE—. A Groenlandia foi outr'ora habitada por uma população Européa assaz consideravel, formando assim uma diocese separada; porêm nós não nos occuparemos nesta succinta memoria em dar conta do que se acha contido nos numerosos documentos relativos a aquelle paiz: limitar-nos-hemos unicamente a recordar aos nossos leitores, que o descobrimento da Islandia no meiado do seculo nono, a residencia de Ingolf naquella ilha em 874, e de uma colonia de opulentas familias do Norte por espaço de um século, foram circumstancias que precederam o descobrimento da America. Depois de terem sulcado em todas as direcções os mares que circulam a Islandia, os navegantes não deviam tardar em reconhecer a Groenlandia. Si lançarmos uma vista d'olhos sobre a Historia primitiva da Islandia, sobre sua colonisação, e os acontecimentos nella occorridos, com nimia facilidade reconheceremos ser o descobrimento da America uma consequencia natural das viagens aventurosas, e dos successos daquella época.

LIGEIRA VISTA SOBRE AS VIAGENS DE DESCOBRIMENTO EMPREHENDIDAS PELOS ANTIGOS SCANDINAVOS NA AMERICA SEPTENTRIONAL.

VIAGEM DE BIARNE HERJULFSON EM 986

Na primavera do anno 986, Erico o Rubro, exilado da Islandia, passou-se para a Groenlandia, e escolheu Brattalid, em Ericsfiord, para lugar de sua residencia. Entre as pessoas, que o acompanharam na sua viagem, contava-se Heriulf,

filho de Bard, o qual era parente de Ingolf, primeiro colono da Islandia. Heriulf estabeleceu-se em Heriufsnes, na parte meridional da Groenlandia. Tinha elle um filho por nome BIARNE, que se achava nessa occasião percorrendo a costa da Noruega, e que apenas voltou á Islandia, e foi sciente da ausencia de seu pai, resolveu-se a ir passar o inverno em sua companhia como tinha de costume. Apesar de Biarne e seus companheiros nunca terem navegados pelos mares da Groenlandia, fizeram-se contudo á vella, e partiram, mas a pouca distancia foram sorprehendidos por um grande nevoeiro e vento do norte, a tal ponto que, passados alguns dias de navegação, perderam o rumo, e ignoravam a altura em que se achavam. Esvaecendo-se porêm o nevoeiro, avistaram um paiz todo cobertos de matos, sem montanhas, mas cortado por alguns pequenos morros. Como o seu aspecto em nada correspondesse á descripção que lhes tinham feito da Groenlandia, deixaram-no á direita, e continuaram ainda a navegar por dois dias. Então tornaram a avistar outro paiz, em tudo semelhante ao primeiro. Fizeram-se ao largo, e açoitados pelo sudoeste, navegaram ainda tres dias, no fim dos quaes avistaram terra pela terceira vez, mais era bastante elevada, montanhosa, e coberta de gelos. Tendo-a costeado, reconheceram ser uma ilha: e como ella nada apresentasse que convidasse a desembarcar, nossos viajantes viraram para terra a pôpa de seu baixel, fizeram-se outra vez ao largo, e, favorecidos por um vento bastante fresco, chegaram felizmente, no fim de quatro dias, ao porto de Heriulfsnes na Groenlandia.

DESCOBRIMENTOS DE LEIF ERICSON, E PRIMEIRO ESTABELECIMENTO NA VINLANDIA.

Algum tempo depois da viagem supra relatada, Biarne, tendo ido (em 994) fazer uma visita a Erico, Conde da Noruega, falou-lhe de suas viagem, e das terras desconhecidas que tinha descoberto. Foi geralmente reprehendido por não ter examinado com mais attenção os paizes que o acazo lhe fizera encontrar. A' sua volta á Groenlandia tratou-se de fazer uma viagem de descobrimento, em consequencia do que Biarne cedeu seu navio a LEIF, filho de Erico o Rubro, o qual embarcou-se com trinta e cinco homens, entre os quaes contava-se TYRKER, Allemão, que por longo tempo tinha sido hospede de seu pai, e seu amigo intimo desde a infancia. Fizeram-se pois de véla em principios do anno 1000, e não

tardaram muito em avistar o ultimo paiz descoberto por Biarne. Largaram ferro, e dirijiram-se para terra em um bote. Não descobriram vestigio algum de vegetação, e só avistaram ao longe montões de gelos, formando o terreno, que se estendia da praia até esses montões, um taboleiro pedregoso *(hella)*. Como o paiz nada apresentasse de agradavel, deram-lhe o nome de HELLULAND, tornaram a embarcar-se, fizeram-se ao largo, e no fim de alguns dias abordaram a outro paiz completamente razo *(slélt)*, coberto de bosques; não apresentava a costa escarpa de qualidade alguma *(ósœbratt)*, mas era cheia de bancos de arêa branca *(sandar hevìtìr)*: deram-lhe o nome de MARKLAND (terra de bosques). D'alli tornaram a fazer-se ao largo, navegaram com nordeste, e passados dois dias descobriram outra vez terra, que vinha a ser uma ilha situada a leste da terra firme: penetraram por um estreito formado pela ilha e por uma peninsula, que se dirigia na direcção de leste a norte. Dirigiram-se para o oeste, onde encontraram immensos baixios, desembarcaram, e construiram a pressa algumas barracas de taboas, mas determinando-se depois a alli passarem o inverno, construiram casas mais espaçosas, que pelo tempo adiante receberam o nome de LEIFSBUDIR (casas de Leif). Acabada a construcção das ditas casas, Leif dividiu sua gente em duas companhias, das quaes devia sempre ficar uma guardando as casas, emquanto a outra fosse fazer excursões pelos lugares visinhos. Recommendou-lhes tambem que não se afastassem muito, e voltassem todas as noites. Pondo-se á sua testa, elle mesmo os conduziu algumas vezes a fazer explorações. Aconteceu porêm desapparecer um dia o allemão Tyrker. Tomando comsigo doze homens, Leif tencionou ir em sua busca mas, apenas partiam, logo o viram vir a seu encontro. Tendo Leif lhe perguntado o motivo de sua longa auzencia, respondeu-lhe em Allemão, mas como ninguem o percebesse, respondeu então em lingua do Norte: *que apesar de não ter ido muito longe, tinha feito uma grande descoberta, e vinhá ser o encontro de uma grande quantidade de vinhas carregada de bellos cachos de uvas*, e para o confirmar, elle disse ter nascido em um paiz bastante abundante de vinhas. A gente de Leif occupou-se então em colher uvas, e em cortar madeiras de construcção para carregar seu navio. Leif appelidou o paiz VINLANDIA (terra do vinho), e assim que principiou a primavera, partiu para a Groenlandia.

EXPEDIÇÃO DE THORWALD ERICSON A REGIÕES MAIS MERIDIONAES

Tornando-se na Groenlandia um assumpto geral de conversação a viagem de Leif, seu irmão THORWALD concluiu não ter sido o paiz descoberto bastante explorado; e por isso fretou o navio de Leif, ao qual pediu algumas informações, e, juntamente com 30 homens, encetou sua viagem no anno de 1002. Chegaram sem novidade a LEIFSBUDIR, na Vinlandia, onde passaram o inverno, vivendo do producto da pescaria. Na primavera do anno 1003, Thorward enviou alguns de seus companheiros em uma chalupa, afim de tentarem no verão se faziam alguma descoberta para o sul. Encontraram com effeito um bello paiz todo coberto de matas, intermediando apenas um pequeno espaço entre estas e o mar, no qual espaço se achavam alguns bancos de arêa branca. Não descobriram vestigio algum humano, nem indicio por onde podessem concluir ter sido o paiz visitado antes delles, a não ser uma especie de granja feita de madeira que encontraram em uma ilha situada ao oeste; e só no outono é que voltaram a Leifsbudir.

No verão do anno seguinte (1004) Thorwald dirigiu sua embarcação para leste, e depois ao norte (*fyrir austan ok hit myrdra fyrir landit*) alem de um promontorio notavel, o qual circundava uma bahia (*andnes*); deu-lhe o nome de KIALARNES (cabo da quilha). Continuando sua viagem pela costa oriental do paiz, passou pela embocadura das bahias mais visinhas, e chegou finalmente perto do outro promontorio, que se avançava pelo mar cercando as bahias (*hofdi er thur gekk fram*), e todo coberto de arvores. Thorwald desembarcou ahi com todos os seus companheiros, e lançando suas vistas em torno de si, exclamou: «Eis um excellente paiz; aqui fixarei minha residencia». No momento em que se preparavam para voltar a bordo, avistaram perto do promontorio tres objectos elevados sobre a arêa. Eram tres canôas, em cada uma das quaes se achavam tres Skrellings ou Esquimáos (*skrælingjar*). Mataram oito, mas o nono fugiu em sua canôa. Momentos depois, sahiu da bahia uma quantidade innumeravel de Esquimáos, dirigindo-se contra elles com intenções hostis. Procuraram pôr-se em segurança elevando uma especie de trincheira sobre as bordas de seu navio. Os Esquimáos arremeçaram suas armas contra elles por algum tempo, até que finalmente retiraram-se. Mas Thorwald tendo sido ferido na

axilla do braço por uma setta, e reconhecendo que a ferida era mortal, assim fallou a seus companheiros: «E' mister que vós prepareis a partir o mais breve possivel; mas antes vós me conduzireis sobre o promontorio, cujo lugar me pareceu tão agradavel para minha morada. O que eu disse foi uma verdadeira prophecia; alli enterrar-me-heis, e plantareis duas cruzes sobre minha sepultura, uma no logar de minha cabeça e outra a meus pés, e d'ora avante dareis a este logar o nome de KROSSANES, (cabo das cruzes)». Poucos instantes depois se finou, e suas ultimas vontades foram pontualmente executadas. Voltaram então para seus companheiros, que tinham ficado em Leifsbudir, e ahi passaram o inverno. Mas na primavera seguinte, 1005, partiram para Groenlandia, levando uma importante noticia a communicar a Leif.

DESAVENTURADA EMPRESA DE THORSTEIN ERICSON

Thorstein, terceiro filho de Erico, resolveu-se a ir á Vinlandia afim de conduzir o corpo de seu irmão. Fez pois preparar o mesmo navio, escolhendo para sua equipagem homens robustos e habeis, e conduziu comsigo sua mulher Gudrida. Levaram todo o verão a girar pelo mar, sem saber em que lugar se achassem, até que no fim da primeira, semana de inverno chegaram a *Lysufiord*, collonia occidental da Groenlandia. Ahi falleceu Thorstein durante o inverno; e na primavera seguinte Gudrida regressou para Ericsfiord.

ESTABELECIMENTO DE THORFINN NA VINLANDIA

No verão seguinte (1006) chegaram á Groenlandia duas embarcações, uma das quaes estava sob o commando de THORFINN, que tinha o apellido significativo de KARLSEFNE (destinado a ser um grande homem). Este Thorfinn era bastante rico, poderoso, e descendente de uma linhagem illustre, pois entre seus numerosos antepassados contavam-se Dinamarquezes, Noruegianos, Suecos, Irlandezes, e Escocezes, alguns dos quaes tinham sido reis, ou descendentes de estirpe real. Trazia em sua companhia SNORRE THORBRANDSON, que tambem era oriundo de uma nobre familia. A outra embarcação era commandada por BIARNE GRIMOLFSON de Breidefiord, e TORHALL GAMLASON de Austfirdir. Celebraram a festa do Natal *(jòl)*

em Brattalid, onde Thorfinn namorou-se de Gudrida, e tendo-a solicitado em casamento a Leif, obteve o seu consentimento, e durante o inverno fizeram-se as nupcias. As viagens feitas á Vinlandia continuavam a ser ainda um constante assumpto de conversação, e Thorfinn cedeu ás rogativas de sua esposa e de seus amigos, que o incitavam a emprehender tal viagem. Na primavera pois do anno 1007, *Karlsefne* e Snorre prepararam sua embarcação bem como Biarne e Thorhall tambem apromptaram a sua. Um terceiro navio (que tinha sido conduzido a Groenlandia por THORBIORN, pai de Gudrida) era governado por THORWARD, que se tinha esposado com FREYDISA, filha natural de Erico o Rubro. Achava-se a bordo deste navio um individuo por nome TORHALL, que por longo tempo tinha servido a Erico na qualidade de caçador durante o verão, e de administrador da casa durante o inverno, e que conhecia perfeitamente a parte não habitada da Groenlandia. Esta expedição compunha-se no todo de 160 homens. Tomaram comsigo toda a qualidade de gado, pois tencionavam fundar, a ser possivel, uma collonia permanente. Partiram, e primeiramente chegaram a Westerbygd, e depois a Biarney *(Disco)*. D'alli dirigiram-se ao sul para HELLULAND, onde encontraram grande quantidade de rapôsas: e continuando sua viagem sempre em direcção ao sul, chegaram no fim de dous dias a MARKLAND, paiz coberto de bosques, e cheio de animaes. Navegaram então para o sudoeste, deixando a terra a estibordo, e chegaram a KIALARNES, onde avistaram desertos impraticaveis, e longas e estreitas praias com montes de arêa, a que chamaram FURDUSTRANDIR. Depois de terem costeado a terra, esta começou a mostrar-se cortada por bahias. Haviam nossos navegantes conduzido comsigo dois Escocezes, *Kake, e Kekia*, que Olaf Tryggvason, rei da Noruega, tinha dado a Leif, e que eram habillissimos na carreira: fizeram-os desembarcar, com recommendação de se encaminharem para o sudoeste afim d'explorar o paiz. Passados tres dias elles voltaram, trazendo alguns cachos de uvas, e espigas de trigo selvagem, que cresciam naturalmente naquelle paiz. Proseguindo sua derrota, os viajantes chegaram a um lugar onde o mar formava um sacco, e havia pela parte de fóra uma ilha em torno da qual as correntes eram bastante rapidas, e o mesmo succedia dentro do sacco. Via-se na ilha uma immensa quantidade de *eder*, a ponto de ser quasi impossivel dar um passo sem esmagar debaixo dos pés seus ovos. Recebeu esta ilha o nome de STRAUMEY (*ilha*

das correntes), e a bahia o de STRAUMFIORDR *(bahia das correntes)*. O paiz era bastante agradavel, mas os navegantes limitaram-se unicamente a exploral-o.

Thorhall tencionou então dirigir-se para o norte em demanda da Vinlandia; Karlsefne, pelo contrario, determinou-se a seguir sua viagem para o sudoeste. Em consequencia do que *Thorhall*, com oito homens, separou-se dos mais, e dobrou Furdustrandir e Kialarnes, mas foi lançado por um forte vento do oeste sobre a costa da Islandia, e, segundo affirmaram alguns historiadores, tanto elle como os que iam em sua companhia foram presos, e obrigados a servir como escravos. Karlsefne, Snorre, Biarne, e o resto da expedição (151 homens) navegaram em direcção ao poente, e chegaram a um lugar onde uma ribeira sahindo de um lago emmergia-se no mar; e perto da embocadura della haviam grandes ilhas. Entraram no lago, e deram áquelle paiz o nome de HOP (*Hope*). Encontraram na planicie campos cobertos de trigo, e nas fraldas dos morros vinhas carregadas de uvas, que alli crescião sem serem cultivadas.

Uma manhã avistaram grande quantidade de canôas; e tendo feito alguns signaes de amisade, os individuos que nellas se achavam começaram a approximar-se, encarando-os com admiração e espanto. Eram pretos e feios, com cabellos bastante desgrenhados, olhos grandes, e rosto chato. Depois de terem observado por algum tempo os recem-chegados, dirigiram-se á força de remos para o sudoeste, e dobraram o cabo.

Karlsefne e seus companheiros tinham construido sua habitação na parte superior da bahia, e alli passaram o inverno, durante o qual não cahiu neve, e o gado pôde pastar em campo aberto.

Em principio do anno de 1008, avistaram uma manhã grande numero de canôas, que se encaminhavam do sudueste. Karlsefne lhes fez signal de paz elevando ao ar um escudo branco. Então elles approximaram-se, e começaram a fazer-se trocas. Davam preferencia aos pannos de côr vermelha, dando por elles pelleterias cinzentas (*algrá skinn*). Tambem mostraram desejos de possuir espadas e lanças, porêm Karlsefne e Snorre prohibiram a sua gente de lh'as vender. Em troca de uma pelle toda cinzenta, os Skrellings receberam um retalho de panno encarnado, da largura de um palmo, o qual ataram em torno da cabeça. O commercio continuou desta guisa por algum tempo; porêm os Scandinavos, vendo que o panno principiava a diminuir consideravelmente, o cortaram em tiras

da largura de um dedo, e os Skrellings compraram estes pedaços não só pelo mesmo preço, mas ainda por um preço superior ao que tinham dado pelos primeiros. Karlsefne ordenou então ás mulheres que preparassem uma sopa de leite, a qual, sendo offerecida aos Skrellings, elles acharam tão saboroza, que compraram o leite com preferencia a tudo o mais, e abandonaram suas mercadorias só pelo prazer de satisfazer seu appetite. Aconteceu por acaso durante este trafico sahir do bosque um touro, que Karlsefne tinha conduzido comsigo, o qual principiou a correr e a mugir fortemente. Ao ouvir tão insolito urrar os Skrellings ficaram possuidos de tal terror, que se lançaram em suas canôas, e fugiram para o sul á força de remos.

Pouco depois deste successo, Gudrida, mulher de Karlsefne, deu á luz um filho, ao qual chamaram Snorre. A' entrada do inverno seguinte, os Skrellings voltarão em numero muito maior, e manifestaram intenções hostis, soltando altos gritos. Karlsefne fez então elevar ao ar um escudo vermelho; as duas tropas se avançaram uma contra a outra, e o combate travou-se com todo o ardor: parecia uma chuva de settas e dardos. Os Skrellings faziam tambem uso de uma especie de funda: elevavam ao alto de uma grande vara uma bala pezada, similhante ao ventre de um carneiro, e de uma côr azulada; depois a lançavam sobre a gente de Karlsefne, e ao cahir a bala fazia grande fracasso. A' vista disto o terror apoderou-se dos Scandinavos, que se retiraram pela direita do rio. Freydisa sahiu então de sua morada, e vendo-os fugir, ella lhes gritou com todas as suas forças: «Que vejo! pois homens tão corajosos como vós não se envergonham de fugir tão cobardemente diante de um bando de mizeraveis, que com grande facilidade poderiam matar como animaes. Si eu tivesse armas, saberia combater, e cumprir com o meu dever muito melhor do que vós». Não deram ouvidos ás suas palavras: ella intentou seguil-os; mas sua gravidez bastante avançada lh'o impediu; com tudo, conseguiu com nimia difficuldade juntar-se a elles no bosque, onde encontrou um cadaver; era o de Thorbrand Snorre: uma pedra achatada tinha penetrado em sua cabeça, e jazia ainda a espada nua a seu lado. Freydisa pegou nella, poz-se em posição de defeza, e com o peito descoberto, brandiu o ferro contra os inimigos, os quaes ficaram tão aterrados ao verem uma mulher armada, que voltaram para suas canôas, e affastaram-se a remos. Karlsefne e sua comitiva aproximaram-se então della, e deram-lhe os merecidos elogios

por sua coragem não vulgar. Mas pensando que se continuassem a viver em tal paiz, estariam continuamente expostos aos ataques de seus barbaros habitantes, determinaram-se a regressar para sua patria, em consequencia do que trataram de seus preparativos de partida.

Fizeram-se pois de vela para leste, e em poucos dias chegaram a Straumfiord. D'ahi Karlsefne foi com uma de suas embarcações em busca de Thorhall. Continuou sua viagem passando ao norte de Kialarnes, e depois dirigiu-se para o noroeste, deixando a terra a bombordo. Por toda a parte divisavam-se matos cerrados e desertos, sem lugar algum descoberto; as alturas de *Hóp*, e as que então se apresentavam á vista, pareciam formar uma prolongada cordilheira. Os navegantes passaram o inverno em Straumfiord. Snorre, filho de Karlsefne, tinha então tres annos de idade. Quando partiram na Vinlandia soprava o sul, e felizmente chegaram a Markland, onde encontraram cinco Skrellings, aos quaes tomaram dois filhos, que comsigo conduziram, e depois de lhes ter ensinado a lingua do Norte, os baptizaram. Os meninos disseram que sua mãi chamava-se VETHILLDI, e seu pai UVAEGE: que os Skrellings eram governados por reis, dos quaes um se appelidava AVALDAMON, e outro VALDIDIDA: que não existiam casas em seu paiz natal, e que o povo morava em furnas. — Biarne Grimolfson foi desviado de sua derrota até o mar da Irlanda, e chegou a uma paragem de tal sorte infestada de vermes que seu navio foi a pique. Apenas escaparam algumas pessôas, que se salvaram em um escaler untado de azeite de cão marinho, que é um dos preservativos contra os vermes, Karlsefne continuou sua viagem para a Groenlandia e chegou a Ericsfiord.

VIAGEM DE FREYDISA, HELGE E FINNBOGE: ESTABELECIMENTO DE THORFINN NA ISLANDIA

No verão do mesmo anno, 1011, aportou á Groenlandia um navio da Noruega, capitaneado por dois irmãos Islandezes, Helge e Finnboge, naturaes de Austfirdir, e que passaram o inverno seguinte na Groenlandia. Freydisa os convidou a acompanhal-a em uma viagem que projectava fazer á Vinlandia, sob a condição porêm de lhe darem a metade de todos os productos da viagem; ao que annuiram. Tinham ajus-

tado que deveria cada um dos dois irmãos levar por equipagem de sua embarcação trinta homens vigorosos, além das mulheres; mas Freydisa não cumpriu o trato, pois conduziu cinco homens mais, os quaes occultou no lenho em que devia embarcar-se. Principiaram sua viagem, e no anno de 1012 chegaram a Leifsbudir, onde invernaram. A conducta de Freydisa provocou a discordia entre os dois chefes da empreza, e por seus enredos seduziu seu marido a assassinar os dois irmãos e seus companheiros. Depois de perpetrado tão horrivel attentado, ella regressou para Groenlandia, onde Thorfinn, só estava á espera de vento favoravel afim de partir para a Noruega. E' fama que nunca tinha partido da Groenlandia navio com tão rica carga como o que Thorfinn commandava. Assim que o vento soprou favoravelmente, elle fez-se de véla para a Noruega, onde passou o inverno, e vendeu por bom preço suas mercadorias. No anno seguinte, quando já estava proximo a embarcar-se para regressar á Islandia, adquiriu conhecimento com um Allemão, natural de Breme, o qual comprou-lhe um tóro de madeira pelo custo de meio marco de ouro. Era madeira da Vinlandia, e chamava-se *Mausur*. Karlsefne voltou á Islandia no anno seguinte (1015); e tendo comprado em Skagefiord a terra de Glaumboe, situada na costa septentrional, ahi passou o resto de seus dias, depois de sua morte coube por herança a a seu filho Snorre, nascido na America. Tendo-se Snorre casado, sua mãe, Gudrida, fez uma peregrinação a Roma, donde voltou para a casa de seu filho em Glaumboe, onde elle já tinha feito edificar uma Egreja; e ella viveu ainda alli muitos annos como religiosa. Do filho de Karlsefne descendeu uma linhagem numerosa e illustre, e d'entre seus decendentes citaremos Thorlak Runólfson, bispo de Scalholt, nascido em 1085, e filho de Halfrida, filha de Snorre. A' elle deve a Islandia o seu mais antigo codice ecclesiastico, publicado em 1123. E' tambem bastante provavel que tenham sido colhidas por elle as narrações das viagens, que formam o assumpto da presente Memoria, e o conteudo da interessante obra intitulada *Antiguidades Americanas*.

VISTA D'OLHOS SOBRE AS NOTICIAS PRECEDENTES GEOGRAPHIA E HYDROGRAPHIA

Devemos dar parabens a nossa fortuna por encontrarmos nestas antigas tradições de viagens, não só noticias geographicas, mas tambem instrucções nauticas e astronomicas, que devem servir a determinar a situação dos lugares. Os factos nauticos

tem uma importancia assaz grande, se bem que até hoje não se tenha feito bastante attenção: pretendo falar da indicação da derrota dos navios, e das distancias parciaes indicadas em dias de 24 horas (*dægr*). Pelos relatorios contidos no *Landnama*, e em outras obras geographicas da Islandia, póde-se calcular que a navegação de um dia e de uma noite era avaliada em cerca de 27 ou 30 milhas geographicas (milhas dinamarquezas ou Allemães de 15 ao gráo). Da ilha de HELLULAND, apellidada depois LITLA HELLULAND, (Pequena Helluland), Biarne chegou em 4 dias a Heriulfsnes, actualmente *Ikigeit*, na Groenlandia, favorecido por um vento forte do sudoeste. Ora, a distancia entre este cabo e Terra Nova será de quasi 150 milhas, o que coincide admiravelmente com a distancia percorrida por Biarne, si attendermos á violencia do vento com que elle navegou. Nas descripções modernas, esta ilha é representada como uma terra composta em grande parte de rochedos nús e achatados, mais ou menos longos; onde não se encontra arvore nem arbusto de qualidade alguma, motivo pelo qual receberam o nome de *Barrens*. Esta denominação concorda mui bem com a de *Hellur* (rochas), da qual os antigos Scandinavos originaram o nome dado por elles áquella ilha.

MARKLAND estava situada ao sudoeste de Helluland, á distancia de tres dias de navegação (80 a 90 milhas). Corresponde pois á Nova Escocia, cuja descripção moderna acha-se conforme á que os Scandinavos nos deixaram de Markland.

«O paiz é geralmente baixo (*low*), a costa perto do mar «plana e baixa (*level and low to the seaward*). Veem-se sobre «a praia rochedos e montões de arêa branca (*white sandy cliffs*), «que do mar se distinguem perfeitamente.» Assim se exprime J. W. Norrie em seu *New American Pilot;* e lê-se em outra obra de marinha Americana o seguinte: «Sobre a costa notam-se alguns rochedos de uma arêa extremamente alva (*cliffs of exceedingly whyte sand*).» Nesta citação a palavra *level*, empregada pelo navegante Americano, corresponde perfeitamente á Islandeza *slétt; low to the seaward* tem exactamente a significação do vocabulo conciso *ósæbratt*, e os termos *white sandy cliffs* exprimem muito bem a antiga expressão *hviter sandar*. A Nova Escocia, o Novo Brunswick, e o Baixo Canadá, situado mais no centro do paiz, e que póde ser considerado como fazendo parte da antiga Markland, são quasi todos cobertos de immensas e inextricaveis florestas.

A VINLANDIA achava-se situada na distancia de dois dias de Navegação (54 a 60 milhas), ao sudoeste de Markland. A

distancia do cabo Sable ao cabo Cod encontra-se indicada nas obras nauticas como sendo (W. by S.) de cerca de 70 leguas (210 milhas). A descripção destas costas é identica com a de Biarne, e na ilha situada a leste, que formava com a peninsula que se alongava para leste e para o norte o canal pelo qual Leif navegou, nós reconhecemos facilmente *Nautucket*. Os Scandinavos ahi encontraram immensos baixios (*grunnsœfui mikit*), observação, que tambem foi feita pelos navegantes de nossos dias; assim elles dizem ter encontrado grande quantidade de bancos d'arêa *(rifs)*; e outros baixios, (*shoals*) e affirmam que o estreito apresenta o aspecto de um paiz submergido (*drowned land*).

O vocabulo KIALARNES é composto de *Kiolr*, quilha, e de *Nes*, cabo: nome que, segundo toda a probabilidade, é derivado da similhança que apresenta a configuração daquelle cabo com uma quilha de navio, principalmente com a dos navios compridos de que usavam então os Scandinavos. Deve ser o cabo hoje chamado Cod, o Nausete dos indigenas Americanos, e que, segundo alguns geographos modernos, assemelha-se a um corno, e segundo outros a uma fouce. Os Scandinavos encontraram nelle desertos impraticaveis (*orœfi*), e longas e estreitas praias com montões de arêa (*strandir lúngar ok sándar*) de um aspecto particular, aos quaes deram o nome de *Furdustrandir*, praias maravilhosas, palavra derivada de *furda*, prodigio ou cousa maravilhosa, e de *strond*, praia. Comparemos agora a descripção deste cabo com a que foi feita por um autor moderno. Hitchcock, no seu—*Report of the Geology of Massachustts*: «Os bancos ou montões de arêa que se encontram, e que são, ou em grande parte, ou completamente despidos de vegetação, attrahem fortemente a vista em razão de seu aspecto particular (*forcibly attract the attention on account of their peculiarity*). A' medida que nos approximavamos da extremidade do cabo, a arêa e a esterilidade do solo iam augmentando, e em muitos lugares só faltava ao viajante encontrar em sua jornada uma horda de Beduinos, para o fazer acreditar que se achava nos vastos desertos da Arabia ou da Libya. Observa-se tambem um phenomeno notavel naquelle cabo, e que talvez seja a causa principal do nome que lhe foi imposto. O mesmo autor supracitado o descreve nos seguintes termos: «Quando atravessava os desertos do cabo, tive occasião de observar um effeito bastante singular de *miragem*. Em Orleans, por exemplo, figurava-se-me que subiamos por um angulo de tres ou quatro gráos, e só fiquei convencido do meu engano quando voltando-me para traz observei que uma ascensão quasi igual apparecia sobre o caminho que já tinhamos per-

corrido. Não é minha intensão pretender explicar esta illusão de optica; apenas limitar-me-hei a indicar, que este phenomeno deve ser do mesmo genero do que surprehendeu Humboldt nos Pampas de Venezuela». «Em torno de nós, diz elle, todas as planicies pareciam subir para o céo». Assim é mui bem imaginado o nome que a estas tres praias deram os Scandinavos, a saber: de *Nauset Beach, Chatham Beache*, e *Monomoy Beach.*

O grande *Gulfstream*, que sahe do vastissimo golfo do Mexico, e passando entre a Florida, Cuba e as ilhas de Bahama, dirige-se para o norte em uma direcção parallela á da costa da America Septentrional; esse grande rio, cujo leito era antigamente, segundo dizem, muito mais approximado da costa, forma impetuosas correntes exactamente no mesmo lugar em que a peninsula de Barnstable estorva o seu curso, quando elle vem do sul. O STRAUMFIORD dos antigos Scandinavos é provavelmente a bahia de *Buzzard*, e STRAUMEY a ilha de *Martha's Vineyard*, apesar da mensão de grande quantidade d'ovos que nella se encontraram, convir melhor á ilha situada na entrada do estreito de Vineyard, hoje chamada pela mesma razão *Egg Island (ilha dos ovos)*.

KROSSANES é certamente a ponta de *Gurnet*. Era sem duvida alguma um pouco ao norte do paiz em que Karisefne abordou quando divisou a cordilheira de montanhas que elle presumiu ser a mesma que se estende até o paiz em que encontramos o lugar que foi chamado HÓP *(i Hópe)*.

A palavra HÓP significa em Islandez uma pequena bahia formada por uma ribeira correndo do interior, ou a mesma terra que circumda esta bahia. A tal indicação corresponde excellentemente a bahia de *Mount-Hópe*, ou do *Monte-Haup*, como lhe appellidavam os indigenas, por meio da qual atravessa o rio de Taunton, e que se vai juntar com as aguas affluentes do mar no estreito de *Seaconnet* pelo estreito mais navegavel rio de *Pocasset*. E' em Hóp que se achava situado *Leifsbudir*. Mais acima, e provavelmente sobre a agradavel eminencia chamada pelos indigenas *Mont Haup*, é que Thorfinn Harlsefne construiu sua habitação.

CLIMA E SOLO

Os antigos escriptos fornecem algumas noções assaz caracteristicas relativas ao clima, qualidades do solo, e por consequencia sobre os productos naturaes dos paizes descobertos. O clima era tão suave, que não julgavam os viajantes mister, a fim de

sustentar o gado, ter o trabalho de fazer provisão de feno para o inverno, porque não gelava em estação alguma do anno, e a vegetação apenas mudava um pouco na estação fria, da côr que lhe era natural. Warden emprega as mesmas expressões para descrever o paiz: « A temperatura, diz elle, é tão branda que a *vegetação raras vezes soffre por accrescimo de frio ou seccura.* Motivo porque appellidaram aquelle lugar o paraizo da America, pois excede a todos os outros lugares não só por sua excellente situação, como pela fertilidade de seu solo, e a amenidade de seu clima». — «Caminhando de Taunton para Newport, pelo rio de Taunton e pela bahia de Mount-Hope, o viajante, diz Hitchcock, não póde deixar de extaziar-se á vista das magnificas scenas, bellissimos pontos de vista, e do pitoresco e risonho aspecto do paiz: as recordações historicas, que elle suscita, captivam a attenção e seduzem suavemente o espirito». Esta observação é applicavel a tempos muito mais antigos do que aquelles a que alludia o auctor supracitado, quando escrevia este seu periodo.

Um paiz de tal natureza póde na verdade ser qualificado bom paiz: e era mesmo o nome (IT GÓDA) que os antigos Scandinavos lhe tinham dado. Alli encontraram grande quantidade de optimas producções, as quaes tinham em grande apreço, e de que seu frigido paiz era quasi completamente desprovido.

PRODUCÇÕES. — HISTORIA NATURAL.

A vinha *(vinvidr ok vinber)* crescia no paiz sem cultura. E' esta uma circumstancia *(quod vites ibi spont nascantur)* confirmada por Adam de Breme, que vivia no mesmo seculo, isto é no seculo decimo primeiro. Assevera este autor estrangeiro, que elle o soube, não por conjecturas, mas sim por narrações authenticas de Dinamarquezes dignos de credito: e cita como principal autoridade o rei dinamarquez *Sveinn Estridson*, sobrinho de Canuto o grande. Sabe-se que hoje em dia ha grande abundancia de vinhas nessa parte da America.

O *trigo* tambem crescia naturalmente (*sjálfsánir hveitiakrar*). Quando mais tarde os Européus chegaram áquelle paiz, nelle encontraram milho, ao qual os indigenas davam o nome de trigo Indiano (*Indian corn*); elles o colhiam sem o ter semeado, nem cultivado, e o conservavam em cavidades subterraneas, pois que era um de seus principaes alimentos. Sobre a relva da ilha situada defronte de Kialarnes encontrava-se mel; o que ainda hoje succede.

O *mausur*, de que falamos, é uma qualidade de madeira de admiravel belleza, provavelmente alguma variedade de *acer rubrum* ou de *acer saccharinu*», que alli cresce a uma grande altura, e ao qual dão o nome de olho de (passaro *bird's eye*), ou bordo ondeado (*curled maple*).

Havia nos bosques abundancia de animaes de differentes especies. Os indigenas preferiram a muitos outros aquelle paiz em razão da grande e excellente qualidade de caça que nelle encontravam. Actualmente os bosques acham-se em grande parte descortinados, e a caça tem ido procurar segurança em outros lugares. Os Scandinavos obtiveram por troca com os naturaes do paiz pelles de martas (*safvali*), e toda a sorte de pelleterias, que ainda hoje constituem um importantissimo artigo de commercio.

As ilhas circumvisinhas eram abundantissimas de aves: mas sobre tudo havia quantidade innumeravel de *eder* (*ædr*), o que ainda hoje acontece: e este é o motivo porque varias daquellas ilhas foram chamadas *Egg-Islands* (ilhas dos ovos).

Todos os rios eram bastantes piscosos, principalmente de excellentes *salmões* (*lax*). Tambem havia sobre a costa grande abundancia de peixe. Cavavam fossos na extremidade da praia que o mar banhava quando a maré estava cheia, e apenas ella vasava ficavam encerrados dentro dos ditos fossos azevias, a que davam o nome de *helgir fiscar*. Tambem pescavam balêas perto da costa, e entre outras o *reidr (balœua physalus*). As descripções modernas do paiz concordam igualmente em que todos os rios são abundantes de peixe, e que no mar que banha a costa ha tambem grande quantidade de peixes, e de quasi todas as especies: entre as quaes encontram-se salmões nos rios, e azevias sobre a costa. Não ha ainda muito tempo que a pesca da balêa era naquelle lugar um importantissimo ramo de industria, principalmente para as ilhas visinhas. E' mui provavel que *Whale Rock*, (rocha da balêa), nome de um rochedo situado perto daquella costa, fosse derivado da grande quantidade destes cetaceos que alli se encontra.

ASTRONOMIA

Alem dos documentos nauticos e geographicos, que nos foram conservados nos antigos manuscriptos, encontramos tambem entre elles um indice astronomico de grande interesse. Nelle se lê que o dia e a noite eram, no lugar de que já falamos, de uma duração mais igual do que na Groenlandia ou

na Islandia; que no dia mais curto o sol se levantava ás sete horas e meia, e occultava-se as quatro e meia (*sól hafdi par eyktarslad ok dagmálastad um skammdegi*), de modo que o dia durava nove horas. Esta observação colloca o paiz de que se trata aos 41.° 24' 1» de latitude. A ponta *Seaconnet*, e o cabo meridional da ilha *Conannicut* estão situados na latitude de 41.° 26', e a ponta *Judith* na de 41.° 23'. São estes tres cabos que limitam a entrada da bahia denominada *Moun-Hope-Bay*, e que os antigos Scandinavos chamavam HÓPSVATN. Donde podemos mui bem concluir que esta noticia astronomica indica o mesmo paiz, assim como tudo o mais que havemos exposto anteriormente.

DESCOBERTA DE REGIÕES MAIS MERIDIONAES

O destacamento enviado de Leifsbudir em 1003 por Thorwald Ericson, afim de explorar a costa para o lado do sul, gastou quatro a cinco mezes em sua expedição. E' muito provavel que explorasse as costas de Conneticut e de New-York, bem como as New-Jersey, Delaware, e Maryland. A descripção, que os antigos nos deixaram desses lugares, coincide em tudo e por tudo com as dos viajantes e hidrographos modernos.

RESIDENCIA DE ARE MARSON NA GRANDE IRLANDA

Os Skrellings, ou antigos Esquimáos, habitavam uma região muito mais meridional do que os modernos: facto que se prova por innumeraveis documentos antigos, e que é confirmado pelos vetustos esqueletos desenterrados na parte do sul. Esta particularidade merece pois ser examinada com mais attenção.

Fronteiro ao paiz habitado pelos Esquimáos na visinhança da Vinlandia, existia outro paiz, no qual, segundo elles affirmavam, vivia um povo, que trajava vestes todas brancas, usava de uma especie de varapáus em cuja extremidade pendiam retalhos de panno, e falavam com voz forte e estrepitosa. O escriptor antigo, que narra esta circumstancia, julga que se trata de HVITRAMANNALAND (*terra dos homens brancos*), chamada tambem IRLAND IT MIKLA, isto é, *Grande Irlanda*. A bem pensar, deve esta ser provavelmente a parte da America Septentrional que se prolonga ao sul da bahia de *Chesapeak*, e contem em si as duas Carolinas, a Georgia, e a Florida. Entre os Indios Shawaneses (*Shawannos*) que ha quasi

um sèculo emigraram da Florida, e acham-se residindo actualmente no estado de Ohio, corre uma tradição bastante importante; e vem a ser, que a Florida era outr'ora habitada por um povo branco, que fazia uso de instrumentos de ferro. A julgar-mos desta tradição segundo os antigos documentos, devia ser uma colonia christã de Irlandezes que alli se estabeleceu em principios do anno 1000 de nossa era.

Are Marson, chefe poderoso de Reykianes na Islandia, foi, no anno de 983, lançado por um temporal sob aquella costa. O primeiro que fez mensão deste facto foi *Rafn*, conteporaneo d'Are, cognominado o navegante de Limerik (*Hlymrefistári*), cidade bem conhecida da Islandia, onde elle residira por muito tempo. Are Frode, celebre sabio Islandez, o mais antigo autor da Chronica de Landnàma, a que descendia em quarto gráo de Are Marson, refere que Are era bem conhecido em *Hvitramannaland*, donde não consentiam que elle se ausentasse; mas que não obstante gosava da mais alta consideração. Diz mais Are Frode que elle tivera conhecimento deste facto por seu tió *Thorkel Gellerson*, pessôa digna de todo o credito, que o tinha ouvido contar a alguns Islandezes a quem Thorfinn Sigurdson, conde das Orcades, o tinha communicado. Esta circumstancia demonstra que existiam naquelles tempos relações entre as terras occidentaes (as Orcades ou a Irlanda) e esta parte remota da America.

VIAGEM DE BIORN ASBRANDSON E DE GUDLEIF GUDLAUGSON

Foi sem duvida alguma naquelle mesmo paiz que Biorn Asbrandson, cognominado *Breidvikingakappe*, passou os ultimos annos de sua vida. Este homem é bastante celebre na Historia. Tinha sido alistado na famosa companhia de guerreiros de Jomsbourg, commandada por Palnatoke, e combatido com os Jomsvikings na sanguinolenta batalha de Fyrisvellir na Suecia. Suas illicitas relações amorosas com Thurida de Frodo, irmã de Snorre Gode, lhe grangearam a inimisade deste homem poderoso, cujas perseguições o obrigaram a expatriar-se para sempre. No anno de 999 partiu elle de *Hraunhofn* favorecido por um bom vento de nordeste.

Gudleif Gudlaugson, irmão de Thorfinn, e descendente do celebre historiador Snorre Sturlason, tinha effectuado uma viagem mercantil a Dubliu; mas fazendo-se depois á vella daquella cidade, com intento de regressar á Islandia, foi acossado por não interrompidos furacões do nordeste, que

o lançaram para o sudueste, e já se achava o verão bastante adiantado quando elle arribou a um extensissimo paiz, e que lhe era totalmente desconhecido. No momento de desembarcarem sobre a praia, tanto elle como toda sua equipagem foram surprehendidos por centenares de indigenas do paiz, que sahindo repentinamente a seu encontro os atacaram e os amarraram. Não conheciam um só de seus inimigos, mas sua linguagem pareceu-lhes assemelhar-se um pouco ao Irlandez. No entanto elles se reuniram afim de deliberarem acerca do destino que deviam dar aos extrangeiros, e questionaram por muito tempo se convinha matal-os, ou reduzil-os a escravidão. Emquanto durava a discussão chegou uma companhia numerosa de outros naturaes, precedida de uma bandeira, atraz da qual caminhava um homem com a cabeça coberta de cans, e de um aspecto veneravel. Apenas elle chegou cessou a discussão, e de commum accordo resolveram sujeitar-se a sua decisão. Era o individuo recemchegado *Biorn Asbrandson*, o qual fez approximar Gudleif, e dirigindo-lhe a palavra em lingua do Norte, perguntou-lhe donde era. Tendo-lhe Gudleif respondido que a Islandia era sua patria, Biorn pediu-lhe noticias dos individuos com quem tinha relações em seu paiz, e muito em particular de sua chara Thurida de Froda, e do filho que ella tinha por nome Kiartan, que muitos julgavam ser seu proprio filho, e que era então senhor do dominio de Froda. Emquanto durava esse colloquio os naturaes do paiz se impacientavam, e insistiam por uma decisão. Biorn escolheu por conselheiros doze de seus companheiros, e depois de ter conferenciado por algum tempo com elles, chegou-se novamente a Gudleif, e lhe disse que os indigenas lhe tinham concedido pleno poder para terminar aquelle negocio. Elle deu pois a liberdade a todos os prisioneiros, porêm com a condição expressa de se ausentarem immediatamente, sem embargo da estação já se achar bastante adiantada, e communicou-lhes que os habitantes do paiz eram bastante perversos, de trato difficil, e que poderiam suppôr ter sido frustado de seus direitos. Entregou a Gudleif um annel de ouro para offerecel-o da sua parte a Thurida, e uma espada para Kiartan. Recommendou-lhe igualmente que dissesse a seus amigos que não o fossem visitar a aquella terra, pois que elle já se achava bastante velho, e pouco poderia viver: que o paiz era mui vasto, com poucos portos, e que os navegantes corriam grande risco de serem tratados como inimigos por seus habitantes. Gudleif embarcou-se com sua gente, fez-se a pannos, e no anno seguinte chegou á Is-

landia. Entregou a Thurida e a Kiartan os presentes que lhe tinham sido confiados, e ninguem poz duvida alguma que o individuo aquem elle tinha fallado fosse o mesmo Biorn Asbrandson.

VIAGEM DO BISPO ERICO A' VILANDIA.

Pode-se considerar fóra de duvida que as relações entre a Groenlandia e a Vinlandia subsistiram ainda muito tempo depois desta época, se bem que os antigos manuscriptos, que dizem respeito á Groenlandia, conservem silencio a tal respeito. Sabe-se que o Bispo ERICO da Groenlandia, incitado por ardentes desejos de converter os colonos, ou de fazel-os perseverar na Religião Christã, chegou á Vinlandia no anno de 1121. Não possuimos noticia alguma sobre o resultado de sua viagem; mas vemos pelas expressões empregadas na narração, que elle chegou á Vinlandia no lugar em que devemos crêr que fixou sua residencia. Sua viagem é mais uma prova de que os dois paizes continuaram a entreter relações.

DESCOBERTAS NAS REGIÕES ARCTICAS DA AMERICA

O primeiro acontecimento, segundo a ordem chronologica, que se acha consignado nos antigos manuscriptos, é uma viagem de descobrimentos feitas nas regiões arcticas da America, no anno de 1266, sob os auspicios de alguns ecclesiasticos do Bispado de Garbar na Groenlandia. Esta memoria acha-se exarada em uma carta de um padre por nome HALLDOR, a outro padre chamado ARNALD, estabelecido primeiramente na Groenlandia, mas depois nomeado capellão de *Magnus Lagabœter*, rei da Noruega. Naquelles tempos todos os habitantes um pouco abastado da Groenlandia possuiam embarcações construidas de proposito para irem ao norte, durante o verão, caçar ou pescar. As regiões septentrionaes, que elles visitavam, appellidavam-se NORDRSETUR; as principaes estações eram GREIPAR e KRÓKSFIARDARHEIDI.

A primeira devia estar situada ao sul de *Disco*, porêm uma lapide runica, achada em 1824 na ilha de Kingiktórsoak, na latitude boreal de 72° 55', prova exuberantemente que os Groenlandezes se avançaram ainda muito mais ao norte. A ultima estação citada era muito mais ao norte da primeira. Os ecclesiasticos, de que ha pouco falamos, tinham por fim principal explorar as regiões situadas mais ao norte do que

as que tinham sido visitadas até então, e por consequencia muito mais longe do que Kroksfiardarheidi, onde os Groenlandezes tinham suas residencias de verão (*sœtur*), e para onde costumavam ir todos os annos. Partiram pois de Kroksfiardarheidi, mas pouco tempo depois foram accomettidos por um tão forte vento do sul e escuridão, que não podendo resistir-lhe viram-se obrigados a abandonar o navio á violencia do vento, e ao ludibrio das ondas: mas, quando aplacou a tormenta, e o ar se esclareceu, avistaram diversas ilhas, e grande quantidade de phocas, ursos marinhos e balêas. Penetraram no interior de um golfo, e para o lado do sul, tão longe quanto a vista podia alcançar, não divisaram mais do que montões de gelo. Reconheceram, por certos vestigios, que os Skrellings tinham habitado outr'ora o paiz, mas não ousaram desembarcar em razão da grande abundancia de ursos. Passados tres dias de navegação reconheceram novamente signaes de residencias dos Skrellings sobre algumas ilhas situadas ao sul d'uma montanha denominada Sniofell (montanha de neve). Em dia de S. Jacques dirigiram-se para o sul costeando Kroksfiardarheidei, e navegaram durante todo o dia á força de remos. Durante a noite cahia neve, mas o sol permanecia sempre no horisonte tanto de dia, como de noite, e ao meio dia elle se achava tão pouco elevado no lado do sul, que quando qualquer homem se achava estirado em um batel de seis remos, em direcção opposta ao seu comprimento, estendido para um dos bordos, a sombra do bordo contrario lhe cahia sobre o rosto: porêm á meia noite elle estava tão elevado como na colonia Groenlandeza, quando se acha em seu mais alto gráu ao noroeste. D'alli voltaram para Gardar.

Kroksfiardarheidi tinha sido, como já anteriormente deixamos dito, visitado regularmente pelos Groenlandezes. Seu nome indica que o golfo era circundado de alturas nuas *(heide)*, e, a acreditarmos a descripção da viagem, força é suppôr que elle era muito amplo, e que era igualmente mister empregar muitos dias de navegação afim de atravessal-o. Sabe-se que os navegantes passaram aquelle golfo ou estreito a outro mar, e dahi a outro golfo interior, e que gastaram muitos dias em sua volta. Quanto ás duas observações feitas em dia de S. Jacques, a primeira não nos dá resultado certo, porque como não podemos determinar a profundeza do baixel, ou melhor a profundidade da posição occupada pelo homem, nem tão pouco a altura do bordo, não nos é possivel, por consequencia, determinar tambem o angulo formado pela parte superior do batel

e o rosto do homem, cujo angulo daria a medida da altura do sol no dia 25 de Julho, (dia de S. Jacques) ao meio dia. Si admittirmos todavia, o que é bastante provavel, que o angulo de que se trata fosse com pouca differença de 33°, o logar de que se fez menção devia estar situado na latitude septentrional de 75°. Nem se póde quasi suppôr que o angulo fosse mais largo, e por consequencia não pode tambem indicar região mais meridional. A segunda observação apresenta-nos um resultado mais satisfactorio. No decimo terceiro seculo, no dia 25 de Julho

a declinação do sol era = + 17° 54',
e a obliquidade da ecliptica — 23° 32'.

Admittindo que a colonia, e particularmente a séde episcopal de Gardar se achasse situada ao norte da bahia de *Ikaligo*, onde as ruinas de uma grande egreja e de varios outros edifficios indicam ainda a séde principal de uma colonia, por consequencia na latitude septentrional de 60° 55', vê-se que naquelle paiz a altura do sol ao noroeste no solsticio do verão é de 3° 40, e que equivale a altura do sol em dia de S. Jacques á meia noite no parallelo de 75° 46'. que cahe um pouco ao norte do *estreito de Barrow*, situado na latitude do canal de *Wellington*, ou em suas visinhanças. Assim a viagem de descoberta dos padres Groenlandezes corresponde exactamente á que foi executada com maiores cuidados em nossos dias, e cujas distancias geographicas foram determinadas por Guilherme Parry, John Ross, James Clark Ross, e muitos outros nautas Inglezes em suas tão arduas como perigosas expedições.

TERRA NOVA DESCOBERTA SEGUNDA VEZ PELOS ISLANDEZES

Esta descoberta foi feita por dois ecclesiasticos Islandezes, ADALBRAND e THORWALD HELGASON, bem conhecidos na historia de seu paiz por terem tomado parte activa nas contendas que se suscitaram entre *Erico Præstehader* (inimigo dos padres), rei da Noruega, e o clero, e que foram sustentadas principalmente na Islandia pelo governador RAFN ODDSON, e ARNE THORLAKSON, bispo de Scalholt. As narrações dos contenporaneos referem incidentemente e em poucas palavras, que no anno de 1285 os mencionados padres descobriram ao oeste da Islandia uma nova terra *(fundu nyia land)*, á qual, alguns annos depois, foi enviado por ordem do mesmo Erico um certo *Landa Rolf*, afim de reconhecer o paiz, que é sem duvida

alguma o mesmo denominado pelos Inglezes e Americanos *Newfoundland*, (Terra Nova).

VIAGEM A MARKLAND EM 1347

O ultimo documento, que se encontra nos antigos manuscriptos que dizem respeito a America, refere-se a uma viagem da Groenlandia á Markland, tentada no anno de 1347 por desessete homens reunidos em uma mesma embarcação. Estes viajantes tinham sem duvida por fim acarretar a seu paiz madeiras de construcção, e alguns outros objectos de que necessitassem. A' sua volta foram acossados por uma tão grande tempestade que o navio foi desviado de sua derrota, e arribou, depois de ter perdido as ancoras, ao golfo de Straumfiord, a leste da Islandia. Segundo a succinta narração que foi feita desta viagem, nove annos depois de sua execução, é claramente evidente que as relações entre a America e a Groenlandia subsistiam ainda naquella época, pois que dizem positivamente que o navio tinha ido a Markland, que é mencionado como um paiz conhecido naquelles tempos, e amiudadamente visitado.

CONCLUSÃO

Depois de termos assim percorrido os documentos authenticos, reconhecer-se-ha facilmente como um facto historico indubitavel, que durante o 10.º e 11.º seculo os antigos Scandinavos descobriram e visitaram uma grande parte das costas orientaes da America septentrional, e todos ficarão convencidos de que as relações entre os dois paizes continuaram ainda a subsistir nos seculos seguintes. O facto é essencial, certo e incontestavel: mas com estes preciosos documentos succede o mesmo que com todos os manuscriptos antigos: encontram-se nelles algumas passagens obscuras, que poderão vir a ser esclarecidas por um novo exame e novas interpretações, para cujo effeito é summamente importante que os documentos originaes sejam publicados em sua antiga lingua, a fim de que todos possam consultal-os, e apreciar por si mesmo a maneira porque foram interpretados.

Quanto ao que diz respeito aos vestigios descobertos no estado de Massachussetts, e Rhode-Island, e attribuidos á residencia e estabelecimento dos Scandinavos nesses paizes, que eram

o fim de suas primeiras expedições americanas, limitamo-nos por emquanto a nos referir ás noções e esclarecimentos expostos nas ANTIQUITATES AMERICANAE. Esta importante questão continuará a ser objecto principal das minuciosas pesquizas da *Commissão* da Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, encarregada da HISTORIA ANTICOLOMBIANA DA AMERICA. O resultado de suas investigações, bem como quaesquer esclarecimentos, que por ventura se encontrem sobre as passagens obscuras dos antigos manuscriptos, serão publicados nos ANNAES E MEMORIAS da Sociedade.

CAPITULO VII

ANTIGUIDADES AMERICANAS INTERPRETADAS D'ACCORDO COM A CRENÇA CATHOLICA

Os portuguezes se haviam apossado e seguindo o caminho dos navegantes, servindo-se de todo o commercio que aquelles haviam fundado na costa occidental da Africa.

Desde que Bartholemeu Dias, descobriu o cabo da Bôa Esperança, ja elles haviam frequentado todo o littoral da Africa. Em 1488 o capitão Cousim, fez fluctuar o pavilhão francez sobre o Oceano Atlantico, com o fim de procurar o extremo d'este vasto mar e como se alargasse muito para o Oeste, sobre uma terra desconhecida, vio e desembarcou, era um grande Rio que devia ser o Maranhão. O que succedeu a Cousim, em 1488, veio a dar-se com P. Alvares Cabral, quando sahindo de Lisboa para as Indias descobriu o Brasil. (*)

O conhecimento do christianismo, os americanos já o tinham antes da chegada dos hespanhoes.

A grande proximidade dos continentes, as imponentes ruinas espalhadas pelo sólo da America, os estilos asiaticos, egypcios e gregos, conhecidos e adoptados em seus edificios. A comparação dos idiomas, usos e costumes, tradição religiosa, calendarios, tudo demonstra que estes indigenas haviam obedecido a mesma origem dos povos do velho mundo.

A Revista de Dublin, citada no mesmo livro, demonstra que a judeia nos tempos antediluviaes, as ilhas e continentes estavam tal como hoje estão. Citou as palavras de Moysés que dá as montanhas e rios do seu tempo os nomes que ainda tem. Os Robinos sustentam que a America estava povoada antes do diluvio. Os decendentes de Noé deixaram as vertentes da Armenia, e começaram a povoar o nosso planeta. Os decendentes de Sem, occuparam especialmente a Asia, os das Cam, a Africa; os de Jafet a Europa e as ilhas occidentaes. As povoações humanas têm sido sempre feitas do oriente para o occidente, realizando-se assim a prophecia de Noé. «Deus dilatará a Jafet».

Esse nome significa dilatar.

(*) Historia das missões pg. 339

Os gregos decendentes de Jafet, povoaram a America. Persenn e Hercules, foram os grandes descobridores da antiguidade.

Gomer, filho de Jafet, foi celebrado na litteratura grega com o nome de Atlas, que se deriva de uma palavra siriaca que quer dizer *espaço*, sendo a raça dos Gomereitas a mesma que a dos Atlantas, que povoaram até o extremo Oeste. Sabe-se que Persenn e Hercules, representantes mythologicos das suas descobertas, visitaram os Hesperides. habitados pelos decendentes de Atlas e encontraram Atlantide, que comprehendia em sua origem todas as ilhas do Oceano Atlantico, assim como a Australia, comprehende as ilhas que estão no Oceano Pacifico.

Estas ilhas Atlanticas, ou seja a parte occidental de Atlantide, que Platão, descreve como situadas além das Columnas de Hercules, ou Estreito de Gibraltar, tinham enorme extenção occupando quasi todo o espaço, hoje prehenchido pelo Oceano. Muitos sabios que têm estudado os caracteristicos dos Açores e Canarias, confirmam essa opinião.

Assim era facil a communicação dos Atlantes entre a Europa e America.

Platão, tinha pois razão em dizer que Atlantide era tão extensa como a Asia e Europa reunidas.

Quando se deu o diluvio de Ogydes e Deucalion, occasionada pela elevação das ilhas vulcanicas e o desdobramento do Ponto Euxino; este diluvio parcial que cobrio uma grande parte da Atica, se estendeo pelo mar Mediterraneo, avançando pelas Columnas de Hercules, submergio as ilhas Atlanticas. A historia universal de Müller, corrobora esta theoria. Esse autor diz que Pallos, sabia que o Ponto Euxino o mar Caspio, o rio Ural, são os restos de um vasto mar que cobriu grande parte do Norte da Asia. «A abertura do Bosphoro, foi o local por onde esse mar desembocou do meio dia da Asia e da Europa.

Como consequencia desta catastrophe o fundo do Mediterraneo e do Atlantico soffreu alterações, tornando perigosa a navegação aos argonautas. E' pelas tradições conservadas, que Platão, conheceu os sacerdotes de Sais no Egypto, informando-se da existencia do paiz, do outro lado das Columnas de Hercules, que foi submergido em uma noite. Assim se explica as frequentes navegações dos tempos antigos, sempre terra a terra, abeirando Atlantide e a ausencia destas viagens, quando com pequenos navios não era mais

possivel tentar a travessia. O occaso temos sempre observado, exerce uma funcção, muito mais importante do que se pensa geralmente, sobre o destino das nações e dos homens.

A Gazeta Universal de Bogotá, diz que um contemporaneo de Aristoteles pisou o Solo do Brasil. Foi encontrada em Dolores, perto de Montevidéo, uma pedra sepulchral, facto que já citamos em nossa these de formatura sobre o Acclimatamento das raças no Brasil, na qual mostramos que foi pelo estreito de Beryng que passaram os primitivos povoadores e fizemos mensão desta pedra selpulchral, com caracteres desconhecidos, achado n'uma abobada feita de pedras, contendo um escudo e capacete deteriorado, guardados em uma anfora de barro. Examinados estas preciosas reliquias pelo padre jesuita Martinez, achou elle que a inscripção em caracteres gregos queria dizer; «Alexandre, filho de Felipe, foi rei de Macedonia, em a 63 olimpiada».

«Neste lugar Ptolomeu... Na espada via-se uma efigie que parecia representar Alexandre e na lamina da espada um cincelado mostrava a figura de Achilles, arrastando o cadaver de Heitor, ao redor dos muros de Troya».

«Quem sabe, diz o autor do Livro citado a pg. 345; Ptolomeu, esse caudilho tão conhecido da armada de Alexandre, arrastado por uma tempestade, foi arrojado as Costas do Brasil e alli não foi sepultado».

M.er Kempe, em uma das sessões dos Antiquarios de Londres, sustenta que os Phenicios, conheceram a America e apresentou as photographias das pinturas e vazos encontrados nos tumulos dos Incas do Perú.

Para evitar repetir o que está desenhado em os clichés que vão publicados no nosso livro, e que são figuras do genero destas citadas, limitamos-nos a dar essas informações tiradas da Historia das Missões nas cinco partes do mundo, por que assim a opinião dos leitores da Egreja Catholica, fica bem expressa como se segue tradusida da pg. 346 1.º vol.

«Já no tempo de Salomão, os navios de Ophir e de Tarsis penetraram o extremo Oriente. Os marinheiros arabes, ainda que idolatras, tinham o culto dos astros, introduzindo tal culto com os navios que dirigiam á China, na Coréa e no Japão e passando pelos mares tempestuosos chegaram até a America. Valentim, Kempfer e Kotzbue, mais recentementes provam que foram alguns poucos Japonezes, que havendo chegado as costas da America, dellas voltaram ao Japão».

"Outros habitantes do centro da Asia, puderam tambem penetrar na America, já passando pelo estreito de Beryng, já pelas ilhas Kariles e Chantachatka e ilhas Alentinas, que se prolongam até o Norte da California».

Desde o meiado do seculo XVIII Steller e Krachenikw reconheceram perfeitamente a realidade dessa communicação, reconhecendo os traços de semelhança, entre os Kantchatkalades e outros povos do Norte da Asia, com os indigenas da America. Bufon, surprehendido com os caracteristicos das raças americanas, sustenta que as do Nord'oeste da America e do Mexico, devem ter vindo da Tartaria e da Asia Central.

Robertson, sustenta que os antepassados Asiaticos e Americanos, haviam se estabelecido no Novo Mundo, ao tempo em que este continente se unia ao velho. Transcrevemos suas palavras: «Esta idéa do povoamento do novo mundo, está de accordo com as tradições que os mexicanos tem da sua origem, que ainda que imperfeitas, constitue uma tradição guardada, que outras nações da America não tinham».

O Dr. Lang, afim de confirmar que foi pelo estreito de Beryng que se fez a passagem para a America, apresenta uma série de praticas seguidas pelos indigenas e que a população do Mexico e do Perú na época em que chegaram os hespanhóes, tinha um caracter polinesico, addusindo os costumes identicos, principalmente o canibalismo que era praticado pelos indios.

M.r d'O'Obrigny, provou que os Brasileiros Guaranys, em lugar de proceder do Norte para o Sul, vieram do Sul para o Norte, chegando as Antilhas onde os Européus primeiramente encontraram essas tribus. Quanto a pretenção de alguns escriptores, que querem dar aos pelles vermelhas, raça dos indios, uma raça a parte, essa opinião, para sermos fiél ao estudo das antiguidades do Brasil, precisamos dizer que foi contradictada pelo Dr. Mitchel, professor de Historia Natural de New York, que demonstrou que os indigenas das duas Americas procedam da mesma raça e pertencem a mesma familia dos habitantes do Norte e do Sul da Asia.

Comprenhende-se que os habitantes das regiões septentrionaes, fossem mais robustos e guerreiros. Os que permaneceram em latitude menos elevada, não cogitaram de se vestir e resguardar contra o frio, nem precisavam fazer provisões, sendo ás estações favoraveis para uma errante e constante vida anormal. Comparando-se as regiões da Asia com as da Americas e os costumes dos aborigmas das raças primitivas, vê-se

que a historia confirma que as mesmas zonas, dão os mesmos habitos. Não foram os tartaros que conquistaram a China com toda especie de depredações? Assim tambem os asiaticos submetteram o Mexico. Suppõe o Dr. Mitchel, e com razão que depois das lutas e destruições de raças, os Tartaros, mais fortes, foram os que povoaram a America do Norte.

Uma observação que não se pode despresar é que o cão que ficou nas duas Americas, esse companheiro do homem, desde o berço da humanidade, é o mesmo. Está provado a identidade do cão da America com o cão da Siberia CANIS SIBERICUS. Foram descobertos no fundo de escavações feitas em Keutuckey, cadaveres de antigos indigenas envolvidos em roupas, em perfeito estado de conservação, que estão guardados com o nome de mumias. Em 1813, foi achada na Caverna de Mammuth, subterraneo em Keutuckey, um destes corpos humanos, envolto em pelles de veado curtidas, cobertas de folhas de parreiras. Verificaram ser o cadaver de uma mulher gigantesca, estava em uma sepultura coberta por uma lage. Junto a sepultura achava-se uma especie de sacco contendo 7 adornos de cabeças, feitas de pennas de aguias, ornamentos de ossos, o pé de uma aguia, duas pelles de serpentes, cordões feitos de pelles para servir para costuras.

Tantas curiosidades attestam a existencia de uma raça extincta. O exame da contestura de panno que envolve essa mumia, provou ser igual ao que se fabricava nas ilhas Sandwich e Fidge. As tribus destruidas que fabricavam os tecidos e decorações, tambem faziam preparação de cabeças humanas. O exame destas mumias mostra que os craneos têm o mesmo angulo facial e a mesma forma ossea, que as da raça malaya. O Padre Jesuita Gumilla em sua Historia del Orinoco escreveu o seguinte que copiamos: «Os indios Americanos descendem de Cam, segundo filho de Noé, da mesma maneira que os hespanhoes descederam da raça de Jafet, que teve em Tubal o seu povoador, que era neto de Noé, e veio a peninsula cento e trinta annos antes do diluvio universal em 2348, da criação do mundo. A Arabia, o Egypto, e o resto da Africa, tocaram a Cam, e alguns dos seus netos e bisnetos, havendo-se embarcado e sendo impellidos por tempestades passaram desde o Cabo Verde ao Cabo mais avançado da America meridional, em Pernambuco. Não trago outra prova melhor do que o mal e a paciencia pela qual os indios suportaram o jugo dos hespanhoes, o qual se pode attribuir ao abastardamento e a prostituição a que chegaram,

servindo aos negros escravos dos européos. O que me deu que pensar é que serviam com mais bôa vontade a um negro escravo d'Angola ou de Minas, do que a um européu de qualquer cidade que seja. Tambem tenho observado que por melhor que um Européu trate a um indio, seja bem vestido, não tarda em fugir, mas fica contente em servindo a um negro, se bem que este o maltrate, vestindo-o mal. «Que mysterio encerra essa subserviencia? Qual a causa de tal conducta? Unicamente vejo neste mysterio que é para tornar evidente a maldição que Noé pronunciou contra Cam, quando disse: (Genesis C. IX, V. 15) Tu seras escravo dos escravos de teus irmãos. «Realmente assim são os indios que realizam esse vaticinio, não por força, mas por gosto e para por em pratica e verificar-se a maldição».

«Todos os Européus que têm estado na America, sabem que a embriaguez é o costume mais generalisado. Eu tambem attribuo a origem de Cam, essa propensão de caracter universal para sua descendencia, e do mesmo modo o estado de nudez em que vivem as tribus indigenas do Brasil. Cam, conforme se lê no Genesis, zombou da embriaguez de seu pae, da deshonesta attitude em que assim dormia e por que essa não foi senão um accidente fortuido em Noé (*). Por causa da maldição, passou para a descendencia a falta que o filho accusou ao pae, chegando a ser quasi natural aos indios descendentes de Cam, que acham o maior prazer na bebida que embriaga e na nudez em que vivem». Convem informar ao leitores que Herrera, em uma de suas decadas, narra que os indios informavam aos primeiros hespanhoes que chegaram com Colombo, que havia uma tradição de que seus antepassados tiveram conhecimento do diluvio e de Noé, e que elles descendiam de seu segundo filho que fôra amaldiçoado por ter escarnecido da nudez de seu pae, quando teve o infortunio de abuzar do vinho que fabricára. Observa ainda que sabe-se que os indios servem voluntariamente aos negros, mas esses não querem servil-os.

Na mesma Historia del Orinoco o padre Gumilla, observa que os povos de Orinoco tinham habitos e praticas dos hebreos, não indagando jamais a razão destas praticas, que seguiam cégamente.

Depois do povoamento da America pelos descendentes

(*) Nota do Dr. Jaguaribe. Sabe-se que elle inventou o vinho de uva, podendo ser victimado pelo veneno do alcool occulto e não conhecido até então.

Sepulturas dos Incas (Historia das Missões.)

de Cam, penetraram tambem no paiz, grande numero de hebréos por occasião da dispersão deste povo ingrato, que ensinára as suas praticas, entre ella a da circumcisão que éra um signal distinctivo do povo de Deus. Realmente entre as nações idolatras da America, muitos faziam essa operação. A polygamia dos hebreos era tambem praticada pelos indigenas do Brasil. As fricções balçamicas e os incensos e perfumes usados pelos hebreos, tambem o eram na America.

Eis como o padre Gumilla se expressou: «Se viesse a perder-se o espirito de ganancia e interesse do povo judeo, esse estaria todo consubstanciado nos seus descendentes de Orinoco: a inconstancia, a inaptidão, a infidelidade, a timidez e todos os vicios indicados na Escriptura Santa, sem excepção de um, provam que essa é a descendencia dos judeos que foram dispersados por Salamanazar».

Deodoro de Sicilia, narra o conto dos Phenicios, (*) de modo que os leitores verão em latim, confirmando a mesma crença e a opinião de todos os auctores a que já nos temos referido.

A pag. 351 da Historia das Missões, Livro cit. lêmos a seguinte narrativa do padre Gumilla:

«Em 1731 no mez de Dezembro, na cidade de S. José de Oruma, a 12 leguas da embocadura de Orinoco, eu soube que havia chegado ao porto um navio procedente de Teneriffe, conduzido por 6 homens descarnados e fracos que tendo feito provizão de pão e viveres para 4 dias, passaram de Teneriffe para as Canarias. Surprehendidos pela tempestade, por muitos dias e sem alimento, sómente do vinho fizeram uso. Proximos da morte, sem alimento, descobriram a ilha da Trindade que fica em frente do Orinoco. Chegando alli, com grande assombro dos habitantes, verificaram que isso que aconteceu a estes pobres homens, podia ter se dado com os antigos, tanto mais que não é crivel que os descendentes de Noé, que povoaram as costas orientaes, se esquecessem da arte de construir navios que Deus havia ensinado ao santo patriarcha».

As raças haviam degenerado pela barbaria e atrazo das populações que lutavam para defender-se das féras e das proprias criaturas dadas a antropophagia.

Mas o que admira no estado actual, é que a degenerencia tenha por causa os vicios principalmente a do alcool.

(*) Cum Africa littera legerum ingentibus ventorum procellis ad longicuos in Oceano tractus fuisse obreptus: tandem odinsulam pervenisse ingentis magnitudinis. (Lib. VI. Cap. 7 Nota do autor).

O professor Herman Hilbrecht, de Nova York, publicou ha pouco a sua traducção de umas taboas com inscripções cuneiformes descobertas no logar onde estava a bibliotheca do grande templo em Nippur, antiga cidade babylonica, de onde elle já arrancou tanta coisa importante.

Essas taboas datam, segundo o professor Hilbrecht, de 2100 antes de Christo, e seu texto é de modo notavel semelhante á historia biblica do periodo que precedeu immediatamente ao diluvio.

O advento do diluvio é prophetisado muito claramente embora não se lhe determine data exacta, e o aviso da catastrophe proxima vem acompanhado de instrucções para a construcção de uma arca, afim de que se possam salvar das aguas os homens e animaes.

A data geralmente dada como a do diluvio — o anno de 2348 antes de Christo — não combina naturalmente com a indicada nessas taboas, e é provavel que esta ultima descoberta venha dar origem a controversias.

O professor W. Z. Ripley, da universidade de Harvard, um dos mais conhecidos antropologistas americanos, acaba de fazer revelações scientificas pouco tranquillisadoras para os descendentes dos povos americanos.

Na opinião do illustre naturalista, a intensa mistura e fusão de raças tão differentes, em lugar de ter como resultante a criação de uma raça nova, trará como consequencia fatal a reversão ao typo do homem prehistorico: creaturas de testa curta, arcadas superciliares proeminentes, vertex achatado e umas mandibulas tão progmathas como as de um gorilla.

Diz o professor Ripley: «O typo americano volta a um typo ancestral semelhante ao que existiu antes da separação das variedades européas de onde começou o homem».

Baseia-se o illustre professor, para induzir por esta forma, no que se passa com relação á hibridisação das plantas, que de repente voltam á fórmas que só existem em estado fossil.

IX

Pyramides encontradas no Mexico. (Historia das Missões)

CAPITULO VIII

OS MONUMENTOS ACHADOS NA AMERICA

O Mexico offereceo aos hespanhoes o theatro de suas rapinas organisadas, pois a titulo de civilizar o novo mundo, nem a imaginação, nem os historiadores, poderão jamais dizêr o bastante para dar uma idea real do que foi a conquista hespanhola na America.

Desde Colombo e seu martyriologio, a destruição completa das populações, monumentos e riquezas, até o exterminio dos proprios dominadores que deixaram no sangue das republicas que fundaram o microbio do odio e das guerras fraternaes, a acção da chamada civilização Européa dos hespanhoes, no nosso continente, está eivada dos grandes erros que têm por base a conquista do homem para o captiveiro do seu semelhante, e o emprego deste, como besta de carga. Apreciando a evolução que tantos males operou, sente-se que os destinos dos povos hão de eternamente repercutir, as suas leis e seus costumes, de modo que achar-se-ia sempre a causa dos males, estudando-se a historia de suas leis. A justiça o supremo bem, jamais foi objecto de moralidade e das leis entre os conquistadores da America que ficou, assim, republicana.

Não querendo objectivar senão provas e factos, o nosso estudo viza a America e especialmente o Brasil antigo, tal como era antes da chegada dos conquistadores e o que foi achado como elemento ethnico, como civilização e como arte até 1.600.

Desta data em diante, não nos interessa o estudo, por estar feito por tantos notaveis historiadores e publicações em todas as linguas. Para dar uma palida idea do que foram os monumentos encontrados no Mexico e outros pontos da America, os clichés que apresentamos, servem, em uma fraca medida, e bem assim as citações documentadas com os seus autores. O mundo antigo se revela assim ao novo, e aos olhos da sciencia com tantos objectos encerrados, muitos em Museus. Em Tetloma (terra de pedras) vêr os clichés VIII a XVI um templo chamado Xochicalco (Casa das flores) cercado por um fosso de 12.300 pés de circuito, comprehendendo uma collina com varias terras-planas feita de pedra. Vê-se os degráus de pedra lavrada. No meio da praça, via-se um edificio, servindo de primeira base de uma pyramide, que tinha cinco corpos, sendo que um era todo de pedra lavrada com admiravel lavor. Observa o autor do livro, Historia Geral das Missões,

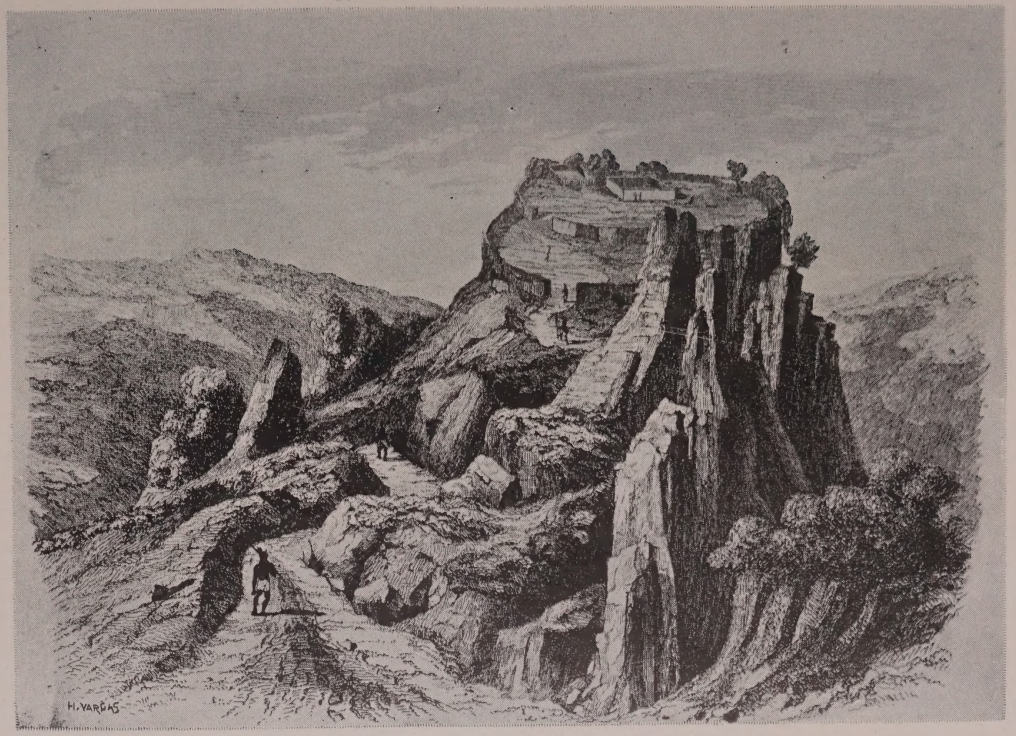
donde extrahimos estes dados que o nome casa das flores, é perfeitamente cabido, por que as tres faces deste monumento eram cobertas de baixos relevos, talhados, depois de unidas as pedras, que representam um grande numero de hyeroglyphos, com figuras de animaes e plantas. Vide clichés XVI a XVIII. O mysterio a desvendar-se está em não se haver encontrado o ferro trabalhado e não se comprehender que tantos preciosos lavores esculpidos na rocha viva, pudessem ser feitos sem elle?

Donde vieram tantos artistas que, mesmo nos mais adiandos paizes civilizados, não têm feito obras de maior meritos?

E' preciso nos remontarmos as mais remotas antiguidades, sem entretanto se poder justificar que o homem dominasse assim a natureza, conquistando pela arte, montanhas que ficaram transformadas em monumentos, templos, jardins. Em uma culminancia chamada Tortuga, perto de Chila, foram achados restos de uma pyramide, cuja base tem de cada lado noventa e seis pés, por sessenta de altura. Para se subir a este colossal pedestal, havia uma escadaria. Ao pé da pyramide ha uma entrada para uma sepultura subterranea, em forma de cruz, revestida interiormente de pedras lavradas, tendo um reboque brilhante, cuja compozição não tem sido possivel imitar. Cliché XIII.

Os mexicanos chamam Liuba, o valle sagrado de collinas, aridas e estereis, onde se faziam as sepulturas dos maioraes. A nação Zopoteca, chamava Liuba, mas o nome foi pelos conquistadores mudado para Miguitlan, que significa inferno, lugar de tristeza. Os palacios de Mitta, em ruinas nesta região, são comparados aos luxuosos edificios dos antigos romanos. Taes monumentos serviam para a sepultura dos reis e rainhas. Em uma das salas do edificio (vide clichés IX e XII). Vê-se uma ala principal, uma série de columnas de granito de uma peça inteiriça de tres pés de diametro por deseseis de altura. Admiravel é vêr-se com que grandeza de vista, haviam os Incas construido fortalezas, conquistados as rochas de montanhas apropriada, quando entretanto não pensavam que a polvora e as armas dos invazores deviam impôr silencio e tornar mudas tantas eloquentes provas de uma civilização que não oprimia nem tinha opressores na America.

Do mesmo modo que no Egypto, os grandes obeliscos foram construidos em tempos immemoriaes, assim o foram e provavelmente pelos mesmos artistas, estes monumentos do Mexico, que têm os mesmos hyerogliphos e inscripções.



Fortaleza dos Incas. (Historia das Missões.)

Foram achadas estatuas de barro cosido, representando guerreiros.

Outras de mulheres com o feitio e formas da Venus de Médicis.

Os muros do palacio eram cobertos de mosaicos e os tumulos tinham uma grandeza em tudo igual ás fortificações, que examinadas, guardam as mais rigorosas leis de architectura militar. (vide clichés ns. 5 e 6).

A RELIGIÃO E A CRUZ

Sob o ponto de vista de investigação das antiguidades do Brasil, unido como estava e sob o dominio dos Incas, desde o Mexico, Perú e Amazonas, não podemos deixar de assignalar as observações que na historia das Missões são tão circunstanciadas. Daremos o cliché n. 7 para se admirar o templo no qual se faziam os sacrificios.

Neste templo foi encontrada uma figura cruciforme, de uma complicação de desenhos que não tem sido bem comprehendidos. Deixamos de fazer commentarios sobre as representações que as figuras symbolicas e os hyerogliphos convidam. Nosso intuito é offerecer e divulgar tantas grandezas reveladoras de uma época que assegurava a existencia de Atlantide, unico meio de explicar a passagem de tantos peritos artistas que vinham naturalmente costeando o continente, trazendo mesmo, quem sabe? os artefactos preparados, porque não se pode comprehender que havendo minas de ferro em varias regiões do paiz, não ficasse adoptada a fundição do mesmo, para as varias applicações da industria metalurgica. Os clichés ns. 7 e 8 dão ideia da cruz latina. Não se poderá assegurar que taes monumentos foram posteriores ou não á vinda do Martyr do Golgotha.

As antiguidades da America Septentrional, serão eternamente uma fonte para a meditação dos estudiosos. Mr. Stephens disse: «O que estou presenciando junto a estas ruinas, attesta que são testemunhas materiaes da existencia de um povo que passou por todas as phases da grandeza e da decadencia das nações, que teve sua edade de oiro e pereceu asylado e desconhecido».

Quantas vezes as pedras são as unicas testemunhas da passagem dos mais héroicos feitos?

Carlos Fory, em suas "Antiguidades Americanas" disse: «A que vem e para que serve a brilhante theoria baseada

sobre jovens e modernas raças humanas e sobre os vulcões extinctos ?

E' melhor confessar :

«A America pela segunda vez chegou a ser um novo mundo, a bandeira alli collocada em nome da civilização européa, pensando-se que alli apparecia pela vez primeira, muitos seculos antes já havia sido collocada pelos povos do oriente.»

A opinião de Humboldt, a respeito da homogeneidade dos povos da Asia como os da America, não está de accôrdo, como já fizemos vêr em um outro capitulo, com as provas que de seu monumental Cosmus se poderia inferir a respeito das antiguidades americanas. Um facto esclarece a questão: ao passo que na India todos os monumentos foram achados nos interiores das montanhas, em grutas ou excavações, na America eram feitos sobre as montanhas e no exterior da terra.

Lord Kriqsboroug concorda com o padre Gumilha, em ter sido judaica a primitiva civilização que houve na America.

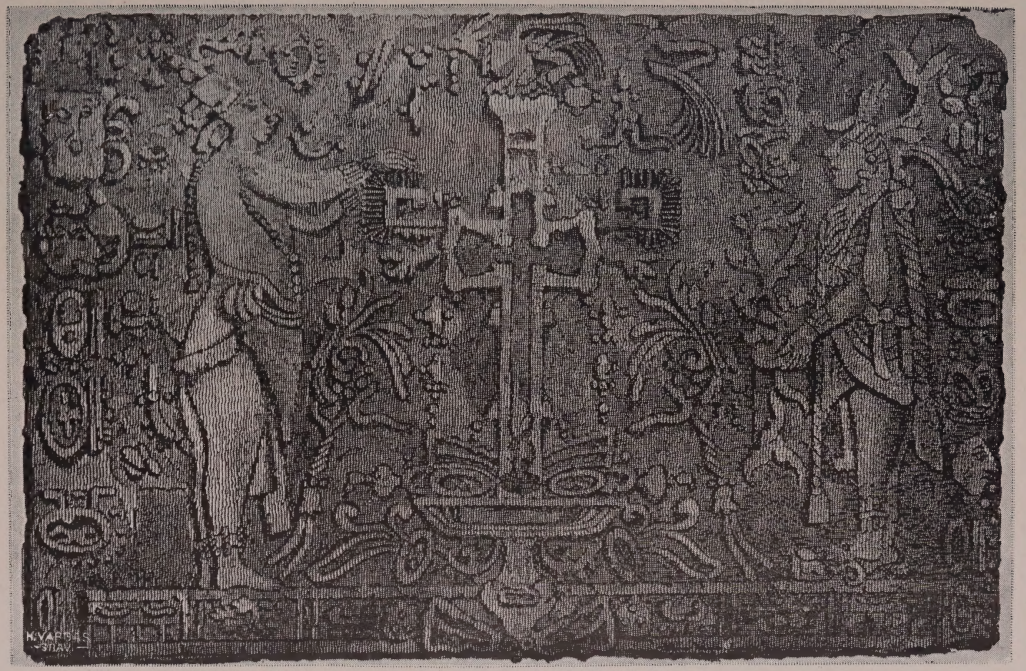
Os symbolos catholicos encontrados nos monumentos de Cholula, de Sogamozo, de Cuzeo, fizeram Humboldt dizer que o christianismo nada influio na civilização da America, sinão depois de haver sido alterado pelo budhismo. Aludindo ás viagens dos scandinavos no Novo Mundo, apresenta a opinião de que o Christianismo chegou com toda a sua pureza pela indicação de um bispo catholico, muito tempo antes da chegada de Christovão Colombo.

Durante os seculos VIII, IX e X os normandos e scandinavos possuiam innumeras barcas que iam do outro lado do oceano.

Os colonos noruégos encontraram cruzes de madeira. Da Islandia os noruégos passaram a Oeste, navegando chegaram á uma terra para elles desconhecida, coberta de verduras, á qual deram o nome de Groelandia, ou Terra Verde.

Encontraram um povo selvagem, que naturalmente tivera a mesma origem dos Americanos.

Os leitores verão no cliché X o symbolo da cruz que era conhecido e adorado pelos povos da America desde o apparecimento do homem na terra. Humboldt, Hist. da Geographia do Novo Continente: «As cruzes que tanto excitaram a admiração dos conquistadores da America, não são *contos de frades*». Elle vira, admirára como todos os que investigam o mysterioso leito do martyr do Golgotha, que por milhares de annos que o antecederam, já havia sido inventado para representar entre todas as nações do mundo um symbolo com o qual a humanidade teria de unir as nações, umas com as outras.



Simbolos e inscripções das sepulturas dos Incas. (Historia das Missões)

Quando Hernanes descobrio as grandes cruzes veneradas dos povos Iucatam, pensou que ellas haviam sido levadas por occasião da invasão dos arabes.(1)

Narra G. de la Vega (2) que o inca Garcilasso, asseverava que a cruz adorada pelos seus ancestraes havia sido transportada para a sachristia da cathedral de Gusco.

No Paraguay, diz A. Ruiz, Conquista espiritual do Paraguay, uma grande extensão do paiz era chamada Santa Cruz.

Chopelain, narra nas Voyages de Chopelain livro I cap 10, que ao Norte do Cabo Poitrincourt encontrou uma cruz antiquissima, coberta de musgo, que só podia ter sido alli collocada por antigos moradores européus.

O nome dado a America foi o de terra de Santa Cruz, que só tomou o nome de Americo Vespucio, porque os seus partidarios o substituiram. Prova-se o que dissemos com a edição da Geographia de Ptolomeu, impressa em Roma no principio do seculo, em 1508, onde a terra conhecida por America, é assim designada «*Terra Santæ Crucis sive Mundus Novus* (3)»

Conhecida no chamado novo mundo a cruz, muito antes de Colombo, sabe-se que no Pentatheuco era ella já citada 1500 annos antes de Christo. Platão por tal modo a descreveu que J. J. Rosseau disse «Pinta traço a traço a Jesus Christo».

Lorgues em seu livro A cruz nos Dois Mundos, pag. 146: «Descobrindo nos livros sagrados da China o dogma da Trindade e o mesmo nome de Jehovah, escripto em caracteres extranhos a lingua e as lettras do Celeste imperio, vendo que por toda a parte se trata do Santo, do Justo esperado, que deverá reconciliar a terra com o céo, é possivel addmitir que a noção da cruz fosse inteiramente negada aos mesmos homens que já tinham um presentimento e uma tradição de encarnação futura do verbo? Os Hyerogliphos do Egypto, as pinturas dos aztecos, a symbolica dos Eutruscos, a poezia sagrada e mythologica a cada momento revellam profundo valor do signal da Cruz.» Moedas cunhadas 300 annos antes de Christo, têm sido achadas com esse signal da Cruz.

A cruz é chamada *a chave dos conhecimentos, a arvore da vida, a aurora da salvação, a aurora da vida.* Todos os gran-

(1) Historia de los Indios. pag. 29 Gomora
(2) Historia de los Incas
(3) Impresso em Roma e redigido por Marco de Benevente e João Cotta, sendo impressor Evangelista Torino.

des geographos a têm venerado. Para elles a cruz é a unidade que liga os mundos.

No Brasil a cruz servio de padroeira a todos os municipios. Quando nós fizemos a propaganda em prol da autonomia municipal, tão mal comprehendida pelos politicos governantes, fizemos erigir uma capelinha no largo do Arouche em terreno nosso, gravando em uma placa de marmore o fim a que destinava-se aquella singela homenagem á Cruz.

Nada ha mais popular no Brasil do que a festa da Santa Cruz. O Cruzeiro do Sul é a constelação que reflecte no céo a grandesa de nossa terra que devia se chamar, para sempre, Santa Cruz.

Ubi spiritus Dei, hic libertas.

CAPITULO IX

COLOMBO! O IMMORTAL!

Quaesquer que sejam os mysterios que envolveram a America, no esquecimento dos povos de outros continentes, depois que já havia sido conhecida por elles; o apparecimento de Christovão Colombo e a sua grandeza e decadencia junto do governo da Hespanha, que depois de o elevar ás honras de vice-rei, o metteo a ferros, como um degradado, explicam perante a psychologia, a razão de ser republicana toda esta região do Novo Mundo. Em suas vicitudes, perturbadas pela politica, têm que verificar-se a evolução desta; quer nas luctas civis, quer nas guerras fratricidas, que ha uma regeneração capaz de dar aos homens a liberdade e a justiça, que não encontravam; tal qual como acontece com as religiões, que, baseadas no amor do Martyr do Golgotha e adorando-o se dividem em tantas seitas, a procura de uma força que as una. E' que a evolução da humanidade é lenta, e na ignorancia, desde o berço até o presente, ha sempre um élo que prende umas nações ás outras, de modo que as ultimas que recebem os processos da civilização, têm por essa mesma razão adquirido mais vantagens, podendo-se assegurar, que assim como nossos filhos vivem mais do que nós, no mesmo espaço de tempo, assim tambem as nações novas vivem mais, do que as velhas.

A biographia de Colombo e os documentos fornecidos por seu irmão Fernando e seu filho Diogo, e mais ainda, as cartas que Colombo escreveu, são os melhores dados para a sua propria historia, podendo avaliar-se a influencia da evolução das creaturas, pela evolução dos paizes que foram beneficiados pelo grande heróe.

Assim tambem, hoje no Brasil, se pode vêr a decadencia de certos Estados, outr'ora os mais importantes e o são ainda por suas terras, rios e riquezas naturaes; mas vão em declinio cheio de privações, mizerias, predominio de olygarchias, provando-se que em taes Estados a escravidão teve imperio desde os tempos da colonia e do captiveiro dos indios, até a época da abolição da escravatura, pela aurea lei 13 de Maio.

Ligar os factos pela sua simples narrativa, é dar aos leitores momentos de meditação; cremos que esta haja de produzir

sentimentos capazes de reivindicar a justiça que vae, como a verdade, desapparecendo com a corrupção social que arma tantas nullidades em algozes, afim de bem espelhar seu proprio valor, ou o da época.

Narra o filho de Colombo, em sua "Historia del Almirante", que em suas expedições contra os mouros, elle havia adquirido preciosas informações sobre a Africa. Conheceu o relatorio que Eudoxio de Cyrico fizera ao redor da Africa, em uma embarcação phenicia, sahida do Mar Rôxo. Vendo-a Colombo dissera: «Eu tambem quero ir ás Indias, por mar. Quero roubar aos venezianos seu commercio de especiarias (*)». Las Casas, em seu livro "El Cura de los Palacios", cita as palavras seguintes de Colombo:

«Em minhas longas viagens á costa de Guiné e aos Açores, quando andava só, meditando pelas margens do mar, a voz das ondas se misturava com a voz secreta da minha alma para me falar dessa nova terra».

«No mez de Fevereiro de 1477 naveguei 100 leguas além de Thule, cuja parte meridional está a 73.º de distancia do Equador e a Oeste do Occidente de Ptolomeu.

«Esta viagem que abalou minha fé, pelos geographos antigos, os rumores que corriam sobre uma terra incognita no occidente, confirmaram e amaduraram meu intento».

Despresado pela multidão quando se apresentou as côrtes, pedindo para o enviarem a descobrir um mundo, soube achar esse mundo em sua fé, pois que, dos mappas e trabalhos geographicos tirava meios para a sua subsistencia.

Desenganado na Hespanha, mandou seu irmão Bartholomeu á Inglaterra para sondar Henrique VII que o animou.

Sabe-se que o mappa que elle offereceu áquelle soberano acha-se em Hacklayt, na Inglaterra, onde se lê a dedicatoria de Colombo, acompanhada dos versos latinos seguintes:

«Terrarum quicumque cupis felicitur de oras.
Noscere, cuncta docens docte pictura docebit».

Oviedo, narra que a esse tempo Colombo combatia contra os mouros «dando provas de assignalado valor».

Afinal, em uma das salas do palacio, Tavolera recebeu ordem de reunir os juizes que deviam tomar conhecimento dos planos de Colombo.

Eis como narra Las Casas, a exposição feita pelo genial descobridor da America:

(*) Vide R. I. Historico Brasileiro, 1845 - pag. 6

«Illustres Senhores e Reverendissimos Padres.

«E' em nome da Santa Trindade, que S. S. M. M. Catholicas me ordenaram de submetter á vossas leis um projecto que me foi inspirado pelo Espirito Santo. Deus falando pelo seu propheta, declarou que todas as nações conheceriam o Evangelho de Jesus Christo, e que sua voz omnipotente soaria até ás extremidades da terra. «Et in fines terræ de verba eorum. Psalmo 18».

«Entretanto esta vasta região da India, que confina com o oceano, está ainda sepultada nas trevas da idolatria, como sabemos de muitos viajantes modernos, e principalmente de Marco Paulo, o veneziano, que se demorou por muito tempo na côrte de Gram-Kau.

Ha quarenta annos que percorro os mares frequentados pelos homens; hoje abrindo caminho, pretendo sondar os mysterios do oceano.

Jeruzalém e a montanha de Sião devem ser reedificadas pela mão de um christão; o imperador de Cathay pediu aos sabios para lhe enviarem a fé christã. Quem são aquelles que se hão de offerecer para essa missão? «Eu me offereço a transportal-os para alli sãos e salvos».

Apenas foram pronunciadas estas palavras, o silencio que reinava, foi interrompido por um sussurro geral.

«A obra de Strabão, a cosmographia dos arabes, as relações dos viajantes modernos, nos pôem na necessidade de diminuir o numero de gráus; o mappa do meu amigo Toscanelli, de Florença, colloca a mil leguas de Lisbôa a provincia de Manozi, seus palacios de oiro, suas praias sulcadas de perolas e todas as suas maravilhas. Dirigindo-me a Cathay, encontrei na viagem a formosa ilha de Cipango (*) e talvez a Antilha ou Atlantide de Platão».

«Mil rumores vagos circulam entre os navegantes sobre uma grande terra a oeste, os habitantes das Canarias pretendem reconhecel-a, na fabulosa ilha de S. Brandão, que sua imaginação figurava vêr nas nuvens; é o rumor surdo que precede a um grande acontecimento e que Deus, faria assim lançar, como para o annunciar; esse acontecimento é a pregação do Christianismo nas Indias, é o commercio directo para a Hespanha».

«As mesmas ondas do Atlantico que banham a costa occidental da Europa, banham tambem as praias da India».

(*) E' a ilha Nyphan no imperio do Japão.

«Um piloto do rei de Portugal, Martim Vicente, achou a 450 leguas ao oeste do cabo de S. Vicente, uma peça de madeira esculpida com uma pedra cortante e arrojada talvez alli por um tufão do oeste ; meu cunhado viu no porto Santo (Açores) uma peça de madeira semelhante. Os habitantes de Açores me têm mostrado innumeras cousas vindas do occidente, semelhantes ás que são descriptas por Plinio, comparadas as producções da India ; finalmente, tenho visto entre as conchas da ilha das Flores, trazidas por essas mesmas virações, pinheiros monstruozos e os cadaveres de dois homens, cujas feições nos são inteiramente desconhecidas...» Quando elle ia continuando a descrever o seu systema, levantou-se um dos theologos para rezumir a opinião de seus collegas exclamando : «Como ! E' em uma assembléa de Santos Padres, que se propõe applaudir um projecto que ataca a doutrina da Egreja Catholica !

O mesmo Deus, disse : «Eu puz o céu como um aboboda e o extendi e inclinei sobre a terra como uma barraca». Atrévem-se a proclamar neste recinto a existencia de antipodas ! Quando Santo Agostinho, o archote da nossa fé, pronuncia que a existencia dos antipodas, é antagonica com a nossa crença, por isso que affirmar que ha terras habitadas da outra parte do Globo, seria o mesmo que dizer que ha nações que não descendem de Adão, pois que é impossivel que elles tenham passado o oceano intermediario ! Seria, pois, negar a Biblia que declara que todos os homens descendem de um pai».

Colombo, narra o seu biographo, pela superioridade de seus raciocinios, tinha abrazado o orgulho dos doutores que o julgavão.

«A assembléa concluio: «Que os dois hemispherios estavam para sempre separados, que éra grande presumpção em um particular suppôr que possuia elle, só, conhecimentos superiores aos de todo o resto do genero humano; que se as regiões que Colombo se propunha descobrir existissem, não teriam ficado por tanto tempo ignoradas. Um genovez, um piloto obscuro! Póde descobrir um mundo que 60 seculos tem ignorado?»

Tababera transmettiu aos soberanos a decisão.

A resposta foi que os embaraços da guerra empediam de ser tomada em consideração a proposta de Colombo. O Bispo do Pará D. José Affonso, que publicou a traducção dessa biographia diz:

«Mas esses homens previlegiados em quem o coração e a imaginação dominam toda a existencia, acham no fundo de sua alma uma força divina: um soriso só da mulher que amam, fortalece sua nobreza d'alma, contra o desdem do mundo inteiro, o seu genio por um instante obscurecido, toma seu vôo, cubrindo de despreso os ignorantes e ineptos».

Partindo para a França, desenganado de tanta vileza, em Fevereiro de 1492, os seus amigos fizeram vêr a mizeravel conducta da Hespanha. Luiz de Santo Angelo foi immediatamente ter com a Rainha e por sua eloquencia conseguio convencel-a. Izabel, foi estimulada pela marqueza de Mója, que fez ver que o rei Carlos acceitaria os planos de Colombo, passando para a França tanta gloria e riqueza.

Ao passo que Fernando, ficou impassivel, a mulher, (bem dizia Victor Hugo: O que a mulher quer, Deus quer) Izabel exclamou:

«Eu me encarrego da empresa para a minha propria corôa de Castella».

Santo Angelo a animou offerecendo adiantar as primeiras sommas.

A 19 de Abril de 1492, o secretario de Estado apresentou a assignatura de S. S. M. M. o tratado seguinte:

«1.º Colombo terá para si e seus successores o cargo de almirante de todas as terras que descobrir no oceano, com as honras e prerogativas de grande almirante de Castella;

2.º Será vice-rei das ditas terras;

3.º Terá o direito a decima parte de todas as perolas, pedras preciosas, ouro etc., achados, comprados, trocados;

4.º Elle ou seu lugar-tenente, será o unico Juiz das contestações em materia de commercio;

5.º Lhe será permittido ao presente, e a todo o tempo, adiantar a oitava parte das despesas... na razão de um oitavo dos lucros etc;

6.º Elle e seus herdeiros são autorisados para usarem a o titulo de Dom».

Qual foi a primeira impressão que os indios tiveram quando se lhes deparou a chegada de Colombo e dos seus marinheiros no novo mundo?

Convém aqui dar a fiel narrativa para que se verifique que não aos moradores do novo mundo, mas aos esploradores, que infamaram a natureza humana, com a denominação de civilizadores, colonizadores, cabe o infortunio que destruio milhares de indios, arrebatando-se-lhes a terra em nome de

promesas falsas.

«Aos 12 de Outubro de 1492, aos primeiros raios da aurora, quando desembaraçando-se do azulado céo, de baixo do qual dormia a jovem America, apresentou suas verdes praias aos olhos dos hespanhóes, Colombo, de joelhos em um extaze arrebatador, saudou com um cantico sagrado esse novo mundo, que seu genio tinha feito apparecer».

«No momento em que abordava a S. Salvador, (Guanahani) esta ilha plana e verdejante onde foi arvorado o estandarte de Castella, ahi foi proclamada a forma sacramental da posse a Hespanha. Os indios, nús, e sem defesa, dançavam, pulavam em redor d'aquelles extrangeiros que reputavam filhos dos Deuzes».

Desgraçados! Não suspeitavam que esses ingratos companheiros de Colombo viéram para extinguir a raça dos povoadores da America!

Não é aqui lugar para descrever o que foram os 14 annos restantes desta honra soberana, duas vezes pela sua vontade e pela lei.

Damos a elle palavra para dizer o que era a gente hespanhola, apenas lobrigou oiro e poder de escravisar, no que elle mesmo estava tambem imbuido de bôa fé.

«Reduzido a um só navio Colombo, quiz voltar á Hespanha. A 6 de Janeiro juntou-se com a Pinta; mas a insubordinação se tinha introduzido a bordo de seus navios. «Tenho pressa, disse elle de me separar dos malfeitores, no meio dos quaes me acho».

Esse homem só, com seu navio chegou as Costas da Europa! Convém aqui dar um episodio instructivo: «A 13 de Fevereiro estavamos a Oeste dos Açores; relampagos partiram por vezes do Nordeste. E' o anuncio disse elle, de uma grande tempestade que deve cahir d'aquella parte ou da oposta». O mar tornou-se terrivel. A Pinta perdeo-se de vista; o navio não podia fugir a tempestade. A noite elle fez tirar por sorte, uma romaria na qual se devia queimar um cirio de 5 libras de cêra; a sorte o designa, e como a violencia da tempestade dobrava, fez tirar mais 3 e julgava-se perdido; a idéa que lhe occorre de encher d'agua salgada seus tonéis vasios, fez mais bem ao navio, de que todos os votos com que a tripulação fatigara o céo». Uma idéa religiosa o anima:

«Permittirá Nosso Senhor, que acabem commigo as grandes novas que levo? Cada mosquito que me passa por diante dos olhos, basta para me importunar e perturbar».

«Essa fraqueza nasce da minha pouca fé e falta de confiança na Providencia Divina. Porém as graças que Deus, já me tem feito me animam. Esse Soberano Senhor, ha de me salvar para acabar a obra que comecei».

«O que seria de meus filhos ophãos privados de pae e mãe em uma terra extranha, que será delles? O rei e a rainha ignoram os serviços de seus paes?».

A tempestade aplacou-se. Elle aporta aos Açores, más eis que a traição de Castanheda, o faz fugir, pois quiz prendel-o para tomar-lhe a gloria!

Chegou ao Téjo, onde foi recebido distinctamente, mas sem demora seguio para Andaluzia e a 15 de Março de 1493 chegou a Palos. Sempre ingratidão. Pensando Pinson que a tempestade havia submergido o navio de Colombo e havendo chegado no mesmo dia a Palos, seu primeiro cuidado foi escrever a rainha informando que a elle só se devia a descoberta, cobrindo o almirante de opprobrio! Era pouco o oiro e as riquezas descobertas. Os reis queriam mais. A intriga havia tirado os meritos do heróe, já redusido a um perverso, importuno as Côrtes da Hespanha.

Foi nomeado Bobadella para vir tomar conhecimento das queixas dos colonos, com ordem de punir se os julgasse culpados. Ninguem tinha mais interesse em acabar com as glorias de Colombo que voltara a America.

Prevenido por facinoras e ladrões que formaram a sua côrte, seu primeiro acto, em chegando entre os povoadores que Colombo déra a Hespanha, foi prendel-o para o metter em ferros!

Na biographia do grande homem vem a carta que elle escrevera a dama do principe D. João: «O novo commandante, escreve Colombo, se estabeleceu em minha casa e se apropriou d'ella com tudo que estava dentro. Um Corsario não obra com tanta dureza».

Todos os malvados foram chamados para berrar em frente as grades de sua prisão!

Quando Alonzo Velloso, capitão do navio entrou na prisão, tão certo estava Colombo, que o iam matar, que disse ao Capitão Velloso:

« Velloso, dizei-me para onde me conduzis vós!

Para o navio em que vamos embarcar, Senhor, respondeu o digno official.

Embarcar! Repetio o almirante a Velloso, dizei-me a verdade? Eu vos juro, Senhor, que nada é mais verdadeiro». A estas palavras o almirante respirou.

Velloso o tratou sempre bem, quiz retirar os ferros que o tormentavam, mas Colombo respondeu: «S. S. M. M. me escreveram para que me submettesse a tudo quanto Bobadella me ordenasse em seu nome, e foi em nome della que elle me carregou desses ferros; eu os trarei até que me dêm ordem para serem tirados e os CONSIDERAREI DEPOIS COMO UM MONUMENTO DA RECOMPENSA DADA AOS MEUS SERVIÇOS.»

Quando correu a noticia da chegada de Colombo, carregado de ferros, o povo nesta eterna e ingenua grandeza da admiração, gritou que aquelles mesmos a quem Colombo déra um novo mundo, só achavam cadeias e algemas para o recompensar. Mas taes écos foram abafados. Os thesouros da America éram fontes de despesas para a Corôa da Hespanha, devia ser assim para que a posteridade compare o que foi aquella grandeza, com a actual America, cujo futuro apenas se descortina.

Ouçamos as suas palavras, elle diz:

«De Cadiz parti para as Canarias e depois para S. Domingos. Logo que cheguei diante da Hespanhola fiz pedir por favor um navio, pagando-o a minha custa; por isso que um dos que conduzia, estava em estado de não poder navegar. Prohibio-se-me o saltar em terra. A tempestade foi horrorosa nessa noite. Qual seria aquelle, sem exceptuar Job, que não morreria de desespero, vendo que ainda quando se tratava da minha salvação, da de meu filho, de meu irmão e de meus amigos, se me prohibia em tal tempo, a terra e os portos, que por vontade de Deus, ganhei para a Hespanha, a custa de meu sangue? Durante 60 dias, tendo de navegar para terra firme, a tempestade continuava, o vendaval e os relampangos pareciam annunciar o fim do mundo. Todos os homens de minha tripulação estavam afflictos; muitas vezes se tinham confessado uns com os outros. Eu tinha cahido enfermo e me sentia avizinhado ás portas do tumulo».

«Tal é toda via a minha felicidade que 20 annos de serviço, no meio de fadigas e trabalhos tão perigosos, não me tem aproveitado coisa alguma, a ponto de não possuir um castello, uma telha, e se quero comer e descançar, não o posso fazer senão em estalagem, ou taverna e as mais das vezes esse recurso me falta, por isso que não tenho com que pagar o meu escote».

«Minha ferida tornou-se a abrir, por espaço de 9 dias perdeu-se toda a esperança de me salvar a vida».

«Nunca se viu um mar tão alto, tão horrivel e tão coberto de espuma».

«O vento me retinha nesse mar, que me parecia ser de sangue e borbulhava, como uma caldeira sobre um grande fogo. O céo nunca offereceu um aspecto tão medonho; abrazou-se um dia e uma noite; como uma fornalha, lançava chammas por tal forma inflammadas e os raios cahiam com tão medonha furia, que julgavamos todos, que elles iam fazer sossobrar o navio».

«Tinha se desvanecido toda esperança de salvação. Ganhei com esforço o ponto mais elevado do navio, chamando com uma voz lamentavel os 4 ventos em meu soccorro; mas foi debalde. Vi em redor de mim, chorar todos os capitães de V. V. A. A».

«Extenuado de fadiga adormeci, dando gemidos e ouvi uma voz compassiva que me dizia: Insensacto!

«Tardo em crêr e servir a teu Deus, o Deus de Todos os homens! Que mais fez elle a Moizes e a David, seu servo? Desde o teu nascimento Elle tem sempre tido o maior cuidado de ti; logo que te vio chegado a idade que Elle tinha decretado em seus designios, fez retinir teu nome por toda a terra. Deu-te as Indias, que são uma tão rica parte do mundo; tu a distribuistes a quem quizestes e te deu poder para isso.

«Tú recebeste d'Elle as chaves das barreiras do Oceano, fechado, até então com cadeias tão fortes; obedeceram as tuas ordens em immensas regiões, e tu adqueristes uma gloria immortal no meio dos Christãos.

«Que mais fez Deus a David, que Deus, elevou de simples pastor ao throno da Judéia?

«Volta a teu Deus, reconhece o teu erro a sua mizericordia é infinita; tua velhice não te impedirá de fazer grandes cousas; Elle possue em suas mãos as mais brilhantes heranças. Não tinha Abrahão mais de cem annos quando gerou Izac? Tu reclamas um socorro incerto? Responde? O que te tem tantas e tantas vezes affligido? E' Deus ou o mundo? Deus sustenta sempre os privilegios que Elle tem concedido e não viola jamais as promessas que faz: Depois de feito o serviço Elle não diz jamais que não seguiu sua intensão e que elle o entendia de outra maneira. Elle não faz soffrer o martyrio para cobrar a força. Obra rigorosamente como fala, tudo quando promette cumpre; e mesmo ainda mais, tal é seu costume. «Eis o que o teu Creador tem feito por ti. Mostrai agora a recompensa das fadigas e os perigos que tu supportastes no serviço dos outros».

Termina o immortal e genial Colombo dizendo:

«Eu estava como meio morto ao ouvir isso; mas não soube dar resposta alguma a tão verdadeiras palavras; não pude fazer mais que chorar meus erros». Nada temas, terminou aquelle que me falava, tem confiança. Todas essas tribulações estavam escriptas e não é sem razão».

Grande é a missão do homem, quando elle uma vez unica pode fazer o que fez o descobridor da America. Deus conversou com elle: a eloquencia deste sonho tem algo de Divino e chamo eu milagre aquillo que só acontece uma vez. Não se podia com um plano e uma paciencia que tanto elevou Colombo aos olhos da humanidade, fazer mais. Quando o despreso, as injustiças, os ferros e algemas lhe serviram de recompensa; em honra a um mercador Florentino Americo Vespucio, piloto de Alonzo de Ojeda, deo-se o nome a esta America que tudo deveo a Colombo!

São passados 5 seculos e elle ainda não está santificado pela Egreja, mas tem um altar em cada coração!

CAPITULO X

OS VENENOS E OS REMEDIOS DOS INDIOS

Cresce o valor das descobertas que os indiginas fizeram dos seus venenos e medicamentos, quando se compara o pouco que a sciencia até hoje têm conseguido, sem poder igualar a acção therapeutica dos agentes tirados da flóra Brasileira e que eram familiares aos Indios!

Gabriel Soares, o pae da Historia Brasileira, nos dá algumas informações, como os leitores verão neste Capitulo, mas surprehende, o modo magistral com que preparavão os venenos essas tribus errantes, trabalhadas por cruéis instinctos de destruição de umas contra as outras, porque não tinham methodos de economia e nem de defeza para o accumulo destas, sempre presas de cubiça alheia. Entretanto só o curare, o terrivel veneno que tira a motilidade dos nervos toda a capacidade de agir sobre os musculos, permittindo assim que a presa ferida da setta hervada com o terrivel toxico, assistisse o caçador amordaçal-a, prendel-a a feição dos seus desejos e quando ja nos paroxismos da morte, o indio com o antidoto do sal, que elles preparavam pela evaporação da agua do mar, fervida até deixar um residuo preto; com este simples antidoto, achavam elles os meios de matar ou de resuscitar as suas victimas, pois tanto importa tel-a subjugado até a morte, e com um simples contacto do antidoto, reerguel-a desta triste posição.

Qual é a droga que possuimos entre os anesthesicos, cocaina e tantos outros que tão alto tem celebrado o nome de seus descobridores, que os Indios ja não conhecessem ha quinhentos annos, sem outro auxilio de sciencia que a observação e o instincto que as dita e aguça?

Admiravel foram as experiencias de Claude Bernard, fazendo cortar a cabeça a um cão, para injectar sangue e vêr que chamando pelo nome do animal, os olhos d'aquella cabeça decepada se abriam como querendo na suprema ironia do infortunio, exprobar a sciencia, que assim se glorifica da inconsciencia muda dos sacrificados.

Mas é ainda mais para admirar, que com os rudimentares elementos de uma panella de barro e o fogo tirado da *isca*, ou pedra de fogo, de cujo contacto forte, tiravam as fagulhas que contaminavam as folhas seccas e madeiras apropriadas para conservar, sem maior abrigo, esse elemento indispen-

savel a vida, o fogo, com o qual sem outras armas, faziam aguçadas flexas envenenadas para não deixar escapar suas presas.

O celebre professor A. Masso, de Turim em seu livro «O medo» (*) diz—«Quando se pica a pelle de um cão com uma flexa envenenada pelo curare, o animal succumbe em menos de um quarto d'hora. Esse terrivel veneno mata os nervos motores e deixa permittir intacto os nervos da sensibilidade e da intelligencia. O cão apenas ferido, faz alguns movimentos. Em pouco tempo os membros posteriores cahem não obedecendo mais a vontade. A parte posterior do corpo fica paralizada e por sua vez a anterior. Quando se chama o animal ou se acarêcia, é por um movimento dos olhos e das orelhas que se reconhece que elle sente e vive. O cão assim envenenado respira calmamente, mas d'ahi a morte não ha mais que minutos».

O sentimento e a vontade trabalham no corpo condemnado á morte, sem outros orgãos de expressão que não áquelles que não servem de defeza e são silenciosos, ainda que em lampejos de luz toquem as testemunhas de um igual sentimento de dôr.

O momento supremo da morte não achou ainda expressão tão eloquente, como essa que o indio inventou para prender sua victima inerme e compartilhar na sua crueldade o gozo sublime da vida que se extingue assim devorada pelos algozes. E' a ironia da ignorancia atirando á sciencia o desafio da investigação.

Dissemos que a observação e o instincto são os unicos elementos educativos do Indio, porque os animaes tiram destes dois factores da vida, as melhores lições. Em tempo, como amamos a vida rural, andamos empenhados em acompanhar a vida do insecto Sphix, uma especie de marimbondo que faz casas de barro, uma em formas de canudos, pelas paredes, outras, em forma de bola cylindrica, em hastes delgadas das plantas. Observamos que este intelligente insecto fére de preferencia as aranhas, picando-as no bulbo, deixando-as immediatamente paralyticas e assim vivas, as conduzem em cada uma das divisões em forma de celulas, onde depositam os ovos. Mas é singular que essas victimas ahi fiquem vivas por trinta dias, paralyzadas, até que germinados os ovos ; ao

(*) Devemos ao nosso bom amigo Dr. Julio Prestes, o haver-nos cedido este volume que em sua pagina 23 da a referencia que traduzimos.

lado os filhos encontram o alimento que devoram com tanta precisão, que em se terminando o alimento armazenado, elles estão aptos, furam o cazulo de barro e vôam, sem conhecer os seus progenitores e indo reproduzir a raça e a especie, na lucta pela vida á que são chamados! Como hypnotisador que somos, este aspecto curioso de um insecto tão pequeno fazer hypnotisar suas victimas, as paralyzar e deixar em forma de ração viva, sêres que servem de alimento aos filhos, nos impressionou profundamente.

Ha outra variedade destes insectos, grandes, conhecidos no Ceará, pelo nome *Cavallo* de cão, que dão combate ás aranhas carangueijeiras. Vi tres vezes e acompanhei horas e horas a lucta, a victoria e o modo de carregar a presa, muitas vezes maior do que elles, e todavia, apezar do veneno e do aspecto terrivel desta aranha, que avança sobre o seu inimigo, logo que o marimbondo grande vôa e senta-se no chão, quando acha opportuno, enterra o ferrão na região bulbar da aranha que fica immediatamente paralyzada como que morta. Então o grande marimbondo a arrasta, abre caminho, sendo em geral, (pelo menos as 3 vezes que observei foram sempre na beira de estradas) e leva a preza para o buraco em que vive, porque estes insectos andam em geral isolados e moram no chão. Ora, essa observação não deve ter escapado aos indios, que comiam com voracidade todos os insectos e com igual somma de observações teriam elles chegado a dar aos outros indios, dos quaes faziam sempre grande provisão para os comer e ter em grandes potes as gorduras para o tempero de seus pratos, como narra G. Soares de Souza e todos os historiadores dos tempos coloniaes. Os venenos foram naturalmente achados porque, comendo raizes e folhas, muitas vezes teriam notado os effeitos sobre as victimas.

Os Indios tinham seus medicos feiticeiros, a elles e aos velhos incumbia o preparo dos venenos e dos remedios.

Para não dar senão a informação de Gabriel Soares de Souza; no seu Roteiro do Brasil, no Cap. C. L. X. «São os Tupinambás, grandes nadadores e mergulhadores e quando ha precisão nadam tres a quatro leguas e são taes, que se de noite não tem com que pescar, se deitam n'agua e como sentem o peixe comsigo, o tomam as mãos de mergulho; e da mesma maneira tiram polvos e lagostins das concavidades do fundo do mar, ao longo da Costa».

«Matam no rio ou no mar e melhor a flexa, os peixes, do que com a linha, não se arrecêiam arremetter grandes cobras e lagartos,

que andam n'agua, tamanhos como elles, que tomam vivos a braços».

Os feiticeiros, são embusteiros, mas tanto ganham a confiança, que narra Gabriel Soares de Souza, no Cap. C. L. X I. «São tão crédos, como temidos dos Indios. Os Tupinambás os chamam pagés, os quaes se escandalisavam de algum Indio por lhe não dar sua filha, ou outra coisa que pedissem, lhe diziam: «Vae, que has de morrer» ao que chamam lançar a morte e são tão barbaros que se vão deitar nas rêdes, pasmados, sem quererem comer, e de pasmo se deixam morrer, sem haver quem possa tirar da cabeça que podem escapar do mandado dos feiticeiros».

Faziam do ananaz verde, remedio para curar feridas e chagas. «Cujo sumo cóme toda cancere e carne podre». Com o balsamo tirado da arvore emburana embebem os Indios a rezina em algodão e assim molhado e embebido, mettem nos golpes, sendo esse o remedio que elles espremem sobre as chagas, até que se curem. Tambem usam delle para tirar os signaes do rosto.

Usavam do oleo copayba que extrahiam da arvore, em cortes até o amago, e fervido assim em panellas. Com esse oleo se curavam as feridas de flexas, quer feridas que precisavam de costura, ou não. Para todas as dôres era esse o remedio applicado, quente ou frio, conforme a natureza d'ellas.

Com a caroba, preparavam o grande remedio para as feridas mortaes; pisando os brótos conjuntamente com immensa quantidade de formigas miudas que n'elles se criavam. Do antecasco desta planta faziam remedio para feridas chronicas. Com a carobinha faziam o remedio para bôbas, espremendo-se o sumo sobre as urceras, e tambem queimavam as folhas em uma telha e com o pó, feito em carvão, faziam seccar as urcerações. Com o cosimento quente se curavam molestias internas, e davam tambem suadores com as folhas. O petuam, é planta que em Portugal, se chama *folha santa*, servia para fumar-se, fazendo-se canudos de folhas de palmeira e assim, quando embriagados, com o fumar as folhas torcidas e seccas, se curavam. O pino (pinhão de purga) era usado para purgativo, comendo-se as sementes. Pecacuanha é a herva que servia para estancar as caimbras de sangue; usava-se bebida em chá. Do algodão, tiravam os caroços para pisar e comer em forma de mingáu, com a farinha de mandioca que cultivavam, bem como varias qualidades de milho.

Camará, planta bem conhecida era empregada para banhos na

cura de comichão e sarnas.

O Jaborandy, servia para curar feridas da bócca, mastigando-se as folhas tres vezes no dia. Com o pó fazia-se a cura do cancer. Para curar as molestias do figado, tinham como especifico, comendo-se os brótos e mastigando as folhas, o que tambem se fazia para curar as dôres de dentes.

Abobreiro do matto, servia para a cura das boubas e aquecidas as folhas para se collocar sobre as feridas, dão um alivio immediato. Cupeba é do mesmo effeito.

O veneno da mandioca bravia, é conhecido ainda hoje, mas os Indios faziam criar no succo e residuos uns vermes grandes, «que são peçonhentissimos. Vide R. H. Historico, 1851, p.g. 156, com os quaes muitas Indias mataram seus maridos e senhores e matam a quem querem. Basta lançar-se um destes bichos na comida, para uma pessôa não escapar».

Varnagem, publicou na Revista do I. Historico Brasileiro de 1840, o manuscripto que encontrou na Bibliotheca Publica, escripto pelo padre jesuita João Daniel, com o titulo Thesouro descoberto no Rio do Amazonas a seguinte:

Noticia de alguns venenos conhecidos da America,

«Um dos venenos mais usuaes e conhecidos é o chamado *Tucupi*: é este o sumo da raiz Mandioca, de que fazem o seu pão, ou farinha usual e ordinaria, da qual adiante daremos noticia. E' tão activo este veneno *Tucupi* que, em breves horas mata aos que o bebem, ou sejam animaes, ou homens, e curtem excessivas dores, que parece desfazerem-se as entranhas com ancias e convulsões espantosas, como alguns tem admirado nos brutos, que em breve espiram. E com a circunstancia que para maior damno é mui dôce e grato ao paladar, e por isso os animaes, quando o acham pelas Missões, povoações e sitios, onde incautamente e sem advertencia o laçam algumas Indias, logo correm a elle, e depois de bebido entram a sentir os seus effeitos. A mesma raiz Mandioca comida antes de espremida, causa as mesmas convulsões, ancias, e morte; e o mesmo faz assada, como commumente presenciei, sendo chamado para baptizar e ajudar a bem morrer a uma India, que comera uma pequena raiz assada. De como usam do mesmo *Tucupi* nos seus temperos e bebidas sem damno, direi adiante: aqui só pertence saber que é dos venenos mais refinados.

Ainda é mais refinado outro veneno, a que chamam *Bororé*, muito célebre e usado dos Indios, especialmente dos bravos, por hervarem com elle as suas fléchas, que são as suas armas offensivas e defensivas, e usuaes para matarem a seus inimigos, e talvez uns aos outros. O Padre Gumilha o descreve por miudo no seu — *Orinoco illustrado* —: eu só apontarei em summa a sua materia, effeitos e qualidades, para fazer algum conceito deste veneno quem delle ainda não tem noticia. Beneficia-se de umas raizes compridas, que ordinariamente só ha nos lagos, pantanos, e logares humidos; e por ser custosa e trabalhosa a sua factura, não é obra de todos os dias, mas só de tempos em tempos, em que fazem grandes provimentos para muitos mezes, e talvez para todo o anno, se não tem guerras, que lh'o façam consumir depressa. A sua factura compete á mais velha India da povoação, a qual o mezinha e prepara cosendo-o ao fogo em varias panellas; e é tal a sua actividade, que a velha cosinheira ordinariamente morre no meio da funcção. E posto que as velhas sabem o evidente perigo em que se mettem, não se escusam, por saberem já que é obrigação sua: similhante aos bons e honrados cidadões, que ainda que antevejão os grandes perigos, a que muitas vezes se expõem pelo bem commum e da patria, não só não se escusam, mas tem por immortal gloria o morrer pela patria e bem commum — *Boni civis amantes patriæ* —, Morta a primeira velha, lhe succede outra, e outras até se aperfeiçoar o cosimento e acabar a mexerufada, embora que muitas acabem na empresa pelas pestiferas e ruins qualidades do fumo e cheiro que exhala. E quando assim obram os seus effluvios na factura, quaes serão os seus effeitos na applicação! Acabada a funcção, e cosinhada a fabrica, dá a velha aviso ao qual acodem logo os Indios a fazer experimento se está ou não capaz; e o fazem desta sorte: Pica-se algum Indio com algum espinho ou dente de cotia no braço, na perna, ou em qualquer parte do corpo, de modo que saia algum sangue, e logo põe defronte delle algum pausinho com a ponta molhada, e hervada no veneno, de sorte que esteja perto do sangue, mas que o não toque, nem chegue á carne! Se o sangue á sua vista foge para dentro e se recolhe, está perfeito e refinado, porque já com elle pódem matar a seus inimigos, que é o intento. Porém se o sangue á vista do veneno só pára, pasma, e se coalha, sem fugir para dentro da ferida, tenha paciencia a velha, que hade continuar a refinal-o até o fazer subir áquelle ponto de não poder estar o

sangue diante d'elle, mas fugir a esconder-se dentro na ferida; tanto porém que o tem sublimado, e chegado a este ponto, se vai repartindo pela povoação, e então os Indios a prover-se e a encher os seus canudos até se fazer nova fabrica.

Assim preparado fica de tal qualidade, que tocando uma flécha, ou qualquer outra arma, ainda que seja só a ponta de um alfinete, ou qualqner espinho hervado com o veneno, em qualquer vivente, quer seja féra, quer seja homem, de sorte que lhe chegue ao sangue, o mata em meio quarto de hora: porque tem tal antipathia com o sangue, ou este com o *Bororé*, que diffundindo-se logo por todo o corpo, e correndo subito todas as veias, faz recolher todo o sangue ao coração, onde logo se coalha, e affrontado este esmorece e morre o vivente. Um Missionario (não estou certo se foi o mesmo Padre Gumilha), querendo certificar-se, fez experiencia em um macaco, a quem mandou atirar com uma esgaravatana, ou azarabatana, (instrumento com que os Tapuias despedem umas pequeninas fléchas para matar passarinhos, que é um comprido canudo, em que mettem a setta, e assoprando de uma parte a despedem), tocou a setta no macaco, como se lhe tocàra a ponta de um afinete, e ficou o animal muito quieto e senhor de si, como quem despresava o leve toque, senão quando d'ahi a um nada desmaiou, cahiu, e morreu. Mandou-o logo abrir para fazer anatomia, e viu que todo o sangue estava coalhado no coração.

Pela grande actividade e efficazes effeitos me parece, que, se este veneno désse nas mãos de algum bom medico chimico, ou boticario, poderia com elle obrar maravilhas nas muitas doenças, febres malignas, e feridas que peccam no sangue por demasiadamente liquido, para em breve tempo o fazer encorporar ¸já mettendo-o como ingrediente nos remedios compostos, ou simplesmente modificado, ou de qualquer dos outros modos dos muitos que ensina a arte: porque não ha veneno, que não seja tambem remedio, e é tanto mais efficaz antidoto para umas doenças, quanto mais refinado veneno para outras. E se se descobrirem os seus prestimos, póde haver quantidade nos provimentos, sem embargo do trabalho e perigo na factura, em que os officiaes se pódem resguardar com preservativos, para não morrerem no meio da fabrica, como as velhas. Nem a sua factura será tão custosa e perigosa, como a célebre *Assa fetida* da Asia, para cuja fabrica usão os officiaes de antidoto e confortos: talvez que em alguma parte dê alguma noticia da dita *Assa fetida* pelos seus excellentes effeitos.

Muito diverso do veneno *Bororé* é o da *Herva de Rato*, cujos effeitos tambem são pestiferos, e com elle se matam os Indios uns aos outros, com morte tanto mais custosa quanto mais prolongada, porque não conclue logo como o *Bororé*, mas pouco a pouco vai definhando o doente, até que só com a pelle sobre os ossos morre miseravelmente. E sendo tão usual entre os Indios este veneno, andava tão occulto, que sentindo-se muitas vezes o seu effeito não se sabia a causa; mas finalmente a descobriu um bom Missionario Religioso Capucho, por occasião de uma morte com este veneno do modo seguinte: — Quiseram certos Indios casar sua filha com um Indio, pretendido por outra, que alfim o levou, do que ficaram aquelles tão sentidos, e tanto contra a desposada, que não se satisfizeram com menos do que com tirar-lhe a vida, como fizeram, mezinhando-lhe a *Herva de Rato*, chamada na sua lingua — *Guabirá repoti* —. Era moça das mais bem nutridas da Missão, mas começou a descahir, e a definhar-se pouco a pouco, até que não aproveitando algum remedio foi irremediavelmente para a cova.

O Missionario, que sabia da opposição e contradicção do seu casamento, logo desconfiou de que os Indios a teriam mezinhado; e entrando a inquirir e devassar do caso, veio a saber que a tinham inficionado com a *Herva de Rato*, que elle mandou buscar, e desde então principiou a divulgar-se a noticia da malignidade do seu veneno. E' um arbusto pequeno, e talvez o mesmo que em alguns pastos mata o gado vaccum, porque tambem em algumas cabeças se vêem os mesmos effeitos de se definharem, até ficarem só com a pelle em cima dos ossos, e consumidas e mirradas pouco a pouco vem a dar a ossada. A herva *Jekeri*, chamada por alguns, malicias das mulheres, não sei se por muito espinhada, se por se encolher quando a tocam em alguma folha, mostrando-se melindrosa, e inculcando-se por encolhida e muito recatada, sendo que é uma grande peste e refinado veneno, propriedades todas muito proprias das mulheres, é tambem muito frequente e usual no Amazonas. O seu veneno dizem estar no succo das suas folhas, que espremidas o deitam, e bebido mata. E ha tanta desta pestifera herva, que não se requer muita diligencia para a achar, pois é raro o sitio em que a não haja, e ainda ao pé das mesmas casas e terreiros.

Tem muitos outros venenos os Indios, de que frequentemente usão; porém não me lembram os nomes, e por isso os deixo para quem mais bem informado delles os quizer des-

crever; sendo que de alguns daremos noticia pelo discurso desta historia, nos lugares a que pertencerem; porque os seus venenos não são tão usados para os brindes como os já referidos, e muitos outros, que elles sabem, D'estes, um é o que os Indios tambem usam dissimular nas potagens, tão refinado que basta tocar n'elle, ou na bebida em que o dão, com a ponta de um dedo, ou unha (vg. quando largam a taça da mão, tocar na agua, o que elles procuram com notavel dissimulação, porque os seus copos, que são cuyas, as sustentam com a palma e dedos por baixo, e com o dedo polegar por cima na borda, e indo o brindado a pegar na cuya, lá lhe dão um geitinho, de sorte que toque na agua, ou potagem inficionada, ainda que não beba,) para matar, sem que elle venha no conhecimento do que se lhe dá, e pouco depois sente os seus activos effeitos com a morte; e taes como esta tem outras muitas hervas venenosas.

Visto saber-se já que ha antidoto d'estas hervas, pede a razão, que tambem d'elles demos alguma noticia. E' pois o contraveneno do 1.°, que é o *Tucupi*, succo da raiz Mandioca, a sua mesma casca; porque comida a dita raiz com casca não faz mal, e por isso o gado vaccum, cavallar, porcos e outros animaes, quando a apanham nas roças e sitios não perdoão-lhes comendo-a sem damno algum. Tambem dizem que, açoitando ao doente d'este veneno com uma vara da mesma planta, lhe tira toda a malignidade do corpo. Comido o *Tucupi* cosido perde o veneno, e não só não faz mal, mas usam d'elle como acepipe e tempeiro de varios guizados e bebidas, como diremos adiante. Não é menos facil o contra do 2.° e refinado veneno *Bororé*; porque basta que o inficionado com o seu veneno acuda logo a tomar na bôcca umas pedras de sal, ou um torrão de assucar, não só para evitar a morte, senão tambem para não sentir mal algum, por que resolve todo o seu veneno. A difficuldade está só e não estarem á mão promptos os antidotos, quando se necessitam, ou se ignorarem pelos envenenados. Tambem o veneno das folhas do *Jekeri* tem o seu contra na raiz da mesma herva, que parece quiz a Divina Providencia pôr logo ao pé do veneno a *Triaga*, para se aproveitar do remedio o enfermo. Só da *Herva de Rato* não tenho noticia que se tenha já descoberto o seu contra; mas não tardará muito, visto estarem já descobertos os seus effeitos; e quando não haja, ou se ignorem outros remedios, advertindo-se na queixa ao principio se lhe appliquem os ordi-

narios contras, principalmente o dente de Jacaré, que é contra veneno universal».

Julio Ribeiro no seu admiravel estylo, no romance a Carne, edição de 1888 pg, 372, dá ao personagem Barbosa, uma impolgante descripção do veneno Curare. Convem não mudar a expressão real do sentimento que fica na victima comparada com os movimentos que faltam. Eis como procedeu o personagem Barbosa a sorrir, pegou sem empallidecer a seringa entre o indice e o medio da mão direita, intrudusiu-lhe o bico afilado na cezura, metteu o polegar no annel da haste, calcou firme, empurrou com força o pistão, Passaram-se dois minutos, Barbosa nada sentia. Quiz ver a cesura, tentou chegar o braço á altura dos olhos. Não pode. O membro paralysado recusara-se a ordem do cerebro. Tentou o mesmo com o braço direito, quiz mover a perna, egual impossibilidade. Tentou sacudir a cabeça abrir e fechar os olhos. Sacudio-a riu-se e fechou os olhos. Passados alguns minutos, tentou de novo sacudir a cabeça a fechar e abrir os olhos; impossivel. A paralysia era já quasi geral. E não soffria dor alguma. Barbosa ouvia os effluvios embriagantes das flores. Veio uma mosca pousar-lhe sobre a face com uma hyperesthesia tactil, que chegava a ser um padecimento, elle sentio o prurido leve das patas do insecto. Quiz enrrugar a pelle do rosto para fugental-a, não poude. A persepção de tudo era clara, a intelligencia perfeita. O sonho estravagante da imaginação doentia dos poetas hellenicos, era tradusido em realidade palpitante, era excedido no dominio dos factos pela acção mysteriosa do veneno americano. Não poderei eu dictar a alguem o que se passa em mim? Que sou eu nesse momento? Uma intelligencia que sente e quer, presa de um envolucro morto, captiva em um bloco inerte. O espirito, o conjunto das funcções do cerebro está vivo, da ordens: o corpo, não obedece, está morto. Já entrevejo o *nirvona budhico*, o repouso, o aniquilamento. A paralysia invadio os ultimos reductos do organismo, coração, os pulmões, systole e diastole cessaram, a hematose, deixando se fazer um como véo... abafou, escureceu a intelligencia de Barbosa e elle cahiu de vez no somno profundo do qual ninguem mais accorda.

Assim é em verdade o que se passa sob a acção do curare.

Martim Affonso de Souza — Quadro de B. Calixto, pertencente a Camara Municipal de S. Vicente. Copia fiel do da Asia, de Faria de Souza, conforme as descripções que do de Gôa, faz Diogo de Couto, cuja reproducção foi publicada pelo «Ostensor Brasileiro».

CAPITULO XI

Os primeiros povoadores de S. Paulo. Capitania de S. Vicente. Martim Affonso. Causas que podem explicar a ingratidão dos paulistas e dos governos para com S. Vicente berço do glorioso Estado de S. Paulo.

A origem da historia de S. Paulo, é tão encantadora, suas praias tão bellas, o interior cortados por tantos rios encachoeirados, sua natureza tão risonha, os feitos de Martim Affonso, Nobrega, Tibiriçá, João Ramalho e Anchieta, Leonardo Nunes, cercados de tão extraordinarios episodios, que em estudal-os, meditando sobre a grandeza da natureza por elles subjugada e amoldada aos destinos que hoje nos governam (1) o chronista sente-se pequeno, não ousa entoar cantigas por que de cada canto do passado, brotam raios de luz intensa, offuscando o pensamento, quando se vai investigar a verdade.

Entretanto, quando se procura estudar o lugar que servio de berço a este povo heróico de S. Paulo, fica-se admirado, do contraste resultante, do que se tem feito em todas as localidades, com a indifferença e atraso da Cidade de S. Vicente!

A indifferença dos homens e dos grandes da terra, parece tornal-os ainda maiores, sem pretender entretanto tirar a paixão que move o espirito destes dirigentes, pois não desconhecemos que a aguia que vôa nas alturas, perde na terra o seu valor.

São Paulo, não pode, não deve despresar o seu berço. Pode-se reflectir sobre a ambição que dominou os reis de Hespanha e Portugal, de posse de um mundo novo, querendo d'elle oiro e riquezas, construindo e enviando navios subditos escravisando e destruindo populações barbaras; mas indefesas.

Os soberanos que como Augusto e Cromwell, se fizeram legisladores, e decretaram leis a povos impacientes, audaciosos e com medo de perder o objecto de seus desejos, promoviam, cada vez mais a mesma ambição que era o movel de todas as acções; esses reis não podiam adormecer sobre taes thronos, sem haver dado ao povo tudo que elle queria.

---

(1) Nolentem *ducunt fata, volemtem trahumt.*

Versos de Vergilio, que traduzimos: o *destino* segue aos que lhe obedecem, arrasta aos que lhe resistem.

Os reis da Hespanha e de Portugal, procederam de modo bem diverso para com suas possessões no novo mundo.

Dahi resultou que o dominio das conquistas, sendo repartido pelos donatarios, estes não podendo segurar suas prezas, pouco a pouco foi a evolução social gerando no povo da America um vago desejo de liberdade, que fôra o ideal dos aborigenas, todos destruidos a ferro e fogo; mas de cuja vida selvagem, como selvagem éra a natureza, resultou que o ideal da liberdade com o espirito que annima, veio a ter entre as nações Americanas, uma formação prática, que difficilmente os povos do velho mundo conseguirão obter; porque os interesses das potencias e a educação militarisada dos povos, não acharão outro Napoleão que os desperte da lethargia.

São assim os designios de Deus.

El Rei D. João III, faz mercê a Martim Affonso de Sousa, fidalgo que pelos seus feitos na India, tornou-se benemerito, tendo tanto prestigio, que na aventurosa empreza que veio fazer no Brasil, poude conseguir trazer em suas náus, pessoal dos mais dignos do reino, deixando assim no sangue paulista, essa nobre hyerarchia. Desembarcando em S. Vicente, tomou posse da terra, estabelecendo fortificação e com rara felicidade achou entre os indios da grande tribu dos Guayanazes, que tinham por chefe Tibiriçá, uma população differente dos outros gentios do Brasil , vendo-se que outro sangue, outras ideias haviam modificada a feição do povo da Capitania que lhe fôra doada.

E' que, entre os indigenas havia um portuguez chamado João Ramalho, genro do regulo, e tão poderoso e influente entre os gentios, que a elle deveu, não só a vida, mais ainda o successo, com que poude dominar os maiores perigos, não só tomando posse do interior; como ainda, fornecer mais tarde á S. Paulo os 300 indios espontaneos de sua população indigena, que fôram expulsar os francezes no Rio de Janeiro, como já haviam expulso os Hespanhóes de S. Paulo, em Bertioga.

O irmão de Martim Affonso, Pedro Lopes de Souza, autor do Diario, que abre tanta luz na historia patria, foi quem recebeo em partilha, grande parte do territorio que constitue o actual Estado de São Paulo, o qual, em sua origem, foi constituido pelas duas Capitanias de S. Vicente e Santo Amaro, tão estreitamente ligados, que só por serem irmãos os do-

"Em caminho para Piratininga" (*Esboceto de B. Calixto*)

Martim Affonso de Souza, e seu sequito, segue para Piratininga, onde vai fundar a povoação que, em 1534 soube o nome de S. Paulo. O Galeão "S. Vicente" e as outras naus, fundeadas em frente a Tumiarú (Porto das Naus) dão as salvas de estylo, na passagem do Bergantine que conduz o Capitão Donatario 1532.

natarios, foram evitados muitos males. Vêr-se-á que uma série de beneficios naturalmente advindos (2) deram força e valor a empreza em que se metteram os nossos primeiros proprietarios. Já a importancia da direcção de João Ramalho, se fizera sentir por haver conseguido amenizar e quasi extinguir o uso da antropophagia na população indigina sob a direcção de Tibiriçá. Este facto tem real importancia, como elemento civilizador, por que o alimento e a ferocidade dos que se devoravam, é um dos elementos comprobatorios do caracter.

Achar-se-á sempre em todos os tempos e nações a causa de suas mizerias, estudando-se as origens de suas instituições, leis e costumes.

Martim Affonso fundou S. Vicente, Conceição do Itanhaem e S. Paulo, tres nucleos de população das quaes só a actual Capital, tem prosperado extraordinariamente depois da proclamação da Republica. Esperamos que removida a indifferença dos que governam, igual progresso virá reerguer a terra originaria, que é salubre e bella. Foi a 22 de Janeiro de 1532, que Martim Affonso chegou ao porto de S. Vicente, reconhecendo o ancoradouro que éra bom, fez entrar suas náus. O distincto pintor Benedicto Calixto, nascido em Itanhaem, que é um investigador emerito, escreveo sobre a Villa de Itanhaem e prestou um serviço a historia de S. Paulo, publicando a retificação feita por Candido Mendes, no R do Instituto Historico Brasileiro, provando que depois da publicação do Diario de Pedro Lopes, irmão de Martim Affonso e das cartas de Nobrega, que foram achadas na bibliotheca de Evora, não se pode mais ter duvidas, sobre a data da entrada do fundador de S. Paulo, no porto de S. Vicente e não em Bertioga. Chamava-se Idua-assú a ilha que logo foi intitulada S. Vicente. As tribus dos Carijós e Tupis, dominavam a ilha; sendo Cayuby, Senhor de Jeribatuba. Toda a região interior do alto da Serra até o Tieté, eram occupada pelas tribus do maioral Tibiriçá, tendo casado sua filha com João Ramalho, portuguez que já morava em S. Paulo desde longos annos, antes da vinda de Martim Affonso.

Foi essa uma das maiores vantagens que teve o auspicioso advento da civilização paulista, porque falando perfeitamente a lingua dos aborignas, e gosando de uma preponderancia decisiva em todas as deliberações dos chefes, tornou-se o arbitro da paz e

(2) 1.º Encontro de João Ramalho. 2.º Serem irmãos os donatarios. 3.º Haver nos linguas portuguezas a facilidade de interpretes para o trabalho das missões. 4.º Não eram antropophagos os guayanases. 5.º O clima e o curso dos rios que nascem perto do mar e vão para o interior coiza que só se vê no Brasil.

da guerra, sendo a elle que se deve o acolhimento que teve Martim Affonso e sua gente.

Alguns historiadores querem considerar João Ramalho como um deportado mas, o testemunho de Frei Gaspar na Noticia dos annos em que se descobrio o Brasil, publicada na R. do I. H. B. de 1840, pagina 426, não pode ser posto em duvida, diz elle: «Daqui veio a crêr-se como artigo de fé historica que Colombo e seus companheiros, foram os primeiros, europêus que entraram na America; o contrario porém se infere do testamento de João Ramalho, portuguez natural de Broncela, provincia da Beira, a quem o illustre conquistador e primeiro donatario da capitania de S. Vicente hoje chamada S. Paulo, deveo a facilidade com que fez o seu estabelecimento nesta, sendo nella recebido amigavelmente pelo senhor da terra Tibiriçá, regulo guayanazes, e senhor das aldeias de Piratininga».

«Eu tenho uma copia do testamento original de João Ramalho, escripto nas notas da Villa de S. Paulo, pelo tabellião Lorenço Vaz, aos tres de Maio do anno de 1850».

«A factura do testamento, além do refferido tabellião, assistiram o Juiz Ordinario, Pedro Dias e quatro testemunhas, os quaes todos ouviram as disposições do testador Elle duas vezes repetiu que tinha alguns noventa annos de existencia nesta terra, sem que alguns dos circunstantes lhe advertisse que se enganava, o que certamente fariam, se o velho, por caduco errasse a conta; por que bem sabiam todos que em 1580, ainda não chegava a 50 annos a existencia dos Portuguezes na Capitania de S. Vicente, aonde entrára Martim Affonso com sua armada em 22 de Janeiro de 1532, e este facto tão notavel, não podia ignorar morador algum de S. Paulo, por ainda existirem neste tempo alguns povoadores que vieram na armada com suas mulheres e seus filhos. Eu pudera nomear alguns dos primeiros que viviam e fizeram testamento no anno de 1601».

«Consta das memorias do Padre Jorge Moreira, que com João Ramalho viera para o Brasil João Rodrigues, portuguez que se casou com a filha de Pequirobi, cacique da aldeia de Hururahy. Além de que, é necessario que antes de Martim Affonso chegar ao Brasil, tivessem arribado portuguezes na Capitania de S. Vicente, para ser verdadeiro o facto d'onde a historia Argentina manuscripta em castelhano, pelo francez jesuita Francisco Xavier de Chalervois, deduzir a denominação do Rio da Prata. O dito João Ramalho e seus companheiros so podiam vir em alguma embarcação que fizesse viagem para a Asia, ou Ethiopia, e desse a costa na praia de Santos, entrando no nu-

FUNDAÇÃO DE SÃO VICENTE

Reproducção do quadro de B. Calixto, que se acha no Museu Ypiranga

Legenda — Martim Affonso e sua comitiva depois de desembarcarem na praia de S. Vicente, escolhem o local, na mesma praia, onde deve surgir a sua primeira povoação. A seu lado vem-se os caciques Tibiriçá e Caihuby, acompanhados de João Ramalho e Antonio Rodrigues, os dous portuguezes que ja residiam neste littoral. Tibiriçá vendo que o cacique Piqueinoby e sua tribu não se querem ligar aos portuguezes, envia-lhe um mensageiro levando o *seto quebrado, symbolo da Paz*. O chefe indigena se approxima com seu *Pagé* e depois de conferenciar com o mensageiro de Tibiriçá rompe a proposta de *Paz* e retira-se com sua gente sem hostilisar os portuguezes

mero dos navios que desappareceram, sem nunca mais se saber no Reino, que fim levaram».

Vamos ver como o pae da historia do Brasil, Gabriel Soares de Souza o Homero do novo mundo (cujo testamento foi feito em 21 de Agosto de 1584) descreveu a Capitania de S. Vicente.

CAPITULO LIX. EM QUE SE DECLARA A BARRA E POVOAÇÃO DA CAPITANIA DE S. VICENTE.

« Está o rio e barra de S. Vicente em altura de vinte e quatro grãos e meio, o qual rio tem a bôcca grande muito aberta onde se diz a barra de Estevam da Costa. E quem vem do mar em fóra, para conhecer a barra, verá sobre ella uma ilha com um monte, da feição de moela de gallinha, com tres mamilhões. Por esta barra entram náos de todo o porte, as quaes ficam dentro do rio mui seguras de todo o tempo ; pelo qual entra a maré cercando a terra de maneira que fica em ilha muito chegada á terra firme, e faz este braço do rio muitas voltas. Na ponta desta barra, da banda de leste, está a villa de Nossa Senhora da Conceição ; e desta ponta á outra, que se diz de Estevam da Costa, se estende a barra de S. Vicente, e entrando por este rio acima, está a terra toda povoada de uma banda e da outra de fazendas mui frescas ; e antes que cheguem á Villa estão os engenhos dos Esquertes de Frandes e o de José Adorno, e no rio está uma ilheta além da qual á mão direita está a villa de S. Vicente, que é cabeça desta capitania. Pelo sertão desta capitania nove leguas está a villa de S. Paulo, onde geralmente se diz O Campo, em a qual villa, está um mosteiro dos padres da companhia, e de redor della quatro ou cinco leguas, estão quatro aldêas de indios forros christãos, que os padres doutrinam; e servem se desta villa para o mar pelo esteiro do Ramalho. Tem esta villa mais dois ou tres engenhos de assucar na ilha e terra firme; mas todos fazem pouco assucar por não irem lá navios que o tragam. E aparta-se esta capitania de S. Vicente, de Martim Affonso de Souza com a de S. Amaro, de seu irmão Pedro Lopes, pelo esteiro da villa de Santos, d'onde se começa a capitania da villa de S. Amaro.

Parece que é necessario, antes de passar mais adiante, declarar cuja é a capitania de S. Vicente, e quem foi o povoador della, da qual fez El-Rei D. João III de Portugual mercê a Martim Affonso de Souza, cuja fidalguia e esforço é tão notorio a todos, que é escusado bulir neste lugar nisso, e os que delle não sabem muito vejam os livros, da India e verão os feitos maravilhosos que nella acabou, sendo capitão-mór do mar e depois gover-

nador. Sendo este fidalgo mancebo, desejoso de commetter grandes emprezas, acceitou esta capitania com cincoenta leguas da costa, como as de que já fizemos menção, a qual determinou de ir povoar em pessoa, para o que fez prestes uma frota de navios, que proveu de mantimentos e munições de guerra como convinha ; em a qual embarcou muitos moradores casados que o acompanharam; com os quaes se partiu do porto de Lisboa, donde começou a fazer sua viagem, e com prospero tempo chegou á esta provincia do Brasil, e no cabo da sua capitania tomou porto no rio que se agora chama de S. Vicente, onde se fortificou e assentou a primeira villa, que se diz do mesmo nome do rio que fez cabeça da capitania. E esta villa foi povoada de muita e honrada gente que n'esta armada a qual assentou em uma ilha, d'onde lançou os *Guayanazes*, que é o gentio que a possuia e senhoreava aquella costa até contestarem com os *Tamoyos* ; a qual villa floresceu muito nestes primeiros annos ; por ella ser a primeira em que se fez assucar na costa do Brasil, d'onde se as outras capitanias proveram de cannas de assucar para plantarem, e de vaccas para criarem, e ainda agora floresce e tem em si um honrado mosteiro de padres da companhia, e alguns engenhos de assucar, como fica dito. Com o gentio teve Martim Affonso pouco trabalho, por ser pouco bellicoso e facil de contentar, e como fez pazes com elle, e acabou de fortificar a villa de S. Vicente e a da Conceição, se embarcou em certos navios em que tinha, e foi correndo a costa descobrindo-a, e os rios della até chegar ao Rio da Prata, pelo qual navegou muitos dias com muito trabalho, aonde perdeu alguns dos navios pelos baixos do mesmo Rio, em que se lhe afogou alguma gente, d'onde se tornou a recolher para a capitania que acabou de fortificar como pôde. E deixando n'ella quem a governasse e deffendesse, se veiu para Portugal, chamado de S. Alteza, que se houve por servido delle n'aquellas partes, e o mandou para as da India. E depois de a governar se veiu para estes reinos que tambem ajudou a governar com El-Rei D. João, que o fez do seu conselho d'Estado; e o mesmo fez reinando El-Rei D. Sebastião, no tempo que governava a Rainha D. Catharina sua avó e depois o cardeal D. Henrique, para o que tinha todas as partes convenientes. Nestes felizes annos de Martim Affonso, favoreceu muito esta sua capitania com navios e gente que a elle mandava, e deu ordem com que mercadores poderosos fossem e mandassem a ella fazer engenhos de assucar e grandes fazendas, como tem até hoje em dia, do que ja fizemos menção.

"Em Caminho para Piratininga" (*Esboceto de B. Calixto*)

Martim Affonso e seu sequito aportão a Piassaguéra e forma os seus preparativos, antes de galgar a Serra Paranapiacaba, pela vereda que margeava o rio e valle de Uruguay. (hoje rio Mogy) João Ramalho, acompanhado dos chefes indiginas Tibiriçá e Caihuby, conferencia com o donatario e lhe indica o caminho.

Tem este Rio de S. Vicente grande commodidade para se fortificar e deffender, ao que é necessario acudir com brevidade, por ser mui importante esta fortificação ao serviço de S. Magestade, porque, se se apoderarem della os inimigos, serão máos de lançar fóra, pelo commodo que têm na mesma terra, para se fortificarem n'ella, e deffenderem de quem os quizer lançar fóra. Por morte de Martim Affonso, herdou esta capitania seu filho primogenito Pero Lopes de Souza, por cujo fallecimento a herdou seu filho Lopo de Souza.

Está tão mistica a capitania de S. Vicente com a de Santo Amaro, que, se não foram de dois irmãos, amaçaram-se muito mal os moradores dellas, as quaes iremos dividindo como podermos. Indo pelo Rio de S. Vicente acima, antes que cheguem á ilha que n'elle está, á mão direita d'elle, está a bôcca do esteiro e porto da villa de Santos, por onde entra a maré, cercando esta terra até se ajuntar com est'outro esteiro de S. Vicente; e entrando por este esteiro de Santos, á mão esquerda d'elle está situada a villa do mesmo nome, a qual fica tambem em ilha cercada de agua toda, que se navega com barcos, e lhe dá jurisdicção da capitania de Santo Amaro; e tornando á ponta de Estevam da Costa que está na bôcca da barra de S. Vicente, della a tres leguas ao longo da costa, está a villa de Santo Amaro, junto da qual está o engenho de Francisco de Barros. De Santo Amaro fez Pero Lopes de Souza, cabeça desta capitania. Desta villa de Santo Amaro á barra de Bertioga são duas leguas; onde está um forte com artilharia e bombardeiros, que se chama de S. Filippe. Por esta barra entra a maré cercando esta terra até se ajuntar com o esteiro de Santos, por onde fica Santo Amaro, tambem em ilha, e da ponta onde está esta fortaleza, estão no rio duas ilhetas. Defronte da fortaleza de S. Filippe, faz uma ponta muito chegada a est'outra, onde está outra torre com bombardeiros e artilharia, que se diz de S. Thiago, e por entre uma e outra pódem entrar náos grandes, por ter fundo para isso, se destas fortalezas lh'o não impedirem; e passando destas torres pelo esteiro acima da banda da terra firme, estão os rios seguintes, que estão povoados com engenhos e outras fazendas, os quaes se vêm metter aqui no salgado: Rio dos Largatos, o Piraque, o de S. João, o de S. Miguel, o da Trindade, o das Cobras, o do engenho de Paulo de Proença, o do Rio dos Frades, onde está o engenho de Domingos Leitão, que é já da capitania de S. Vicente, o de Santo Amaro, o do engenho de Antonio do Valle, o de Manoel

de Oliveira, concluindo é marco entre a capitania de S. Vicente e a de Santo Amaro o esteiro de Santos.

Atraz fica dito como Pero Lopes de Souza não quiz tomar as cincoenta leguas de costa de que El-Rei fez mercê todas juntas, e de que tomou metade em Tamaracá e a outra em Santo Amaro, de que agora tratamos. Esta capitania foi povoar em pessoa este fidalgo, e fez para o poder fazer uma frota de navios em que se embarcou com muitos moradores, com os quaes partiu do porto de Lisboa e se foi á provincia do Brasil, por onde levava sua derrota, e foi tomar porto no de S. Vicente, d'onde se negociou e fez as povoações e fortalezas acima ditas, no que passou grandes trabalhos e gastou muitos mil cruzados, a qual agora possue uma sua neta, por não ficar d'elle herdeiro varão a quem ella com a de Tamaracá houvesse de vir».

Os jesuitas que aportaram a S. Vicente em 1549, eram o padre Leonardo Nunes e o irmão Diogo Jacome e varios noviços de grande capacidade os quaes traziam instrucções para fundar um collegio e doutrinar o gentio; sabendo da vantagem extraordinaria que João Ramalho deu a civilização, por saber fallar a lingua e ser o natural interprete dos extrangeiros, foram os padres muito bem recebidos. Manoel da Nobrega, na Bahia sentio bem quanta vantagem havia na escolha de S. Paulo, para o nucleo da cathechese, como se verifica de suas cartas, uma escripta a D. João III e a outra a Santo Ignacio de Loyola em 1555 e 1556 o padre Leonardo foi chamado pelos Indios Abore—bêbê (padre que vôa), devido a rapidez com que hia de uns á outros lugares. Entre estes jesuitas veio outro noviço de grande erudição e virtudes, que estava destinado a ser um dos maiores apostulos do novo mundo, agindo como digno emulo que foi do apostulo das gentes, no Estado que tomou o nome de S. Paulo. Este jovem chamava-se José de Anchieta nascido em Teneriffe, cujo nome é digno da veneração de todos os brasileiros (vide cliché).

Em companhia do fundador de S. Paulo, veio o padre Gonçalo Monteiro, que celebrou a primeira missa em S. Vicente. O celebre pintor paulista Benedicto Calixto, que foi incumbido pelo virtuoso Arcebispo de S. Paulo de revelar os grandes feitos dos primeiros sacerdotes e martyres da religião em S. Paulo, é um dos que mais serviços tem prestado á historia patria com as suas investigações a respeito do passado em S. Vicente e em Itanhaem. Em seu folheto «A Villa de Itanhaem», e no estudo que escreveo para o Congresso de Geographia, muita luz

O padre Anchieta, copia tirada da Historia das Missões.

projecta sobre os acontecimentos, que, sem seus estudos ficariam ignorados (*). Para bem honrarmos este modesto e bom amigo, damos alguns clichés de suas notaveis telas, para o leitor apreciar as ruinas da primeira fundação do collegio dos jesuitas em Conceição do Itanhaem, a 1.ª missa celebrada em S. Vicente, a grande personalidade de Pedro Corrêa, transformado, como S. Paulo, de barbaro em sacerdote e jesuita, afim de que os leitores possam apreciar na pintura a historia narrada ao tempo do grande Anchieta.

COPIA DE UMA CARTA

DO IRMÃO JOSÉ DE ANCHIETA PARA O PADRE MESTRE DIOGO LAYNEZ, PREPOSITO GERAL.—16 DE ABRIL DE 1563.

(Tradusida do Hespanhol pelo Conego J. da C. Barboza, do Manuscripto que se acha na Bibliotheca Publica).

Pax Christi—

Um anno ha, e passa, que se escreveu desta Capitania pelo mez de Março de 1562 a V. P., do que fazem os Irmãos em seus ministerios em serviço de N. S. e soccorro destas almas: resta dar conta do que mais succedeu, segundo manda a sancta obediencia.

Nas cartas passadas fiz menção de que ficavamos na casa de S. Paulo de Piratininga, com alguns estudantes nossos, e forasteiros, occupando-nos em ensinal-os, e na doutrina dos Indios, juntamente com os escravos dos Christãos, em nossos costumados ministerios espirituaes, instruindo e preparando para o baptismo os que não são baptizados, confessando os que são, e ajudando-os em suas enfermidades corporaes, curando-os, sangrando-os, e acudindo-os, *maximé* no tempo de morrer, para que consigam o fim de sua creação; e nisto nos occupamos esperando sempre os embates dos inimigos, de uma parte dos contrarios destes com quem vivemos, e de outra dos nossos mesmos, que estão espavoridos pelo mediterraneo, como muitas vezes tenho escripto; e destes nossos temiamos mais por serem ladrões de casa, e haver muitos annos que nos tem ameaçado com guerra, *maximé* aos que estamos em Piratininga, que é

(*) Por bondade deste amigo, podemos dar alguns clichés reveladores da historia dos tempos passados no XV e XVI seculos, em S. Vicente.

fronteira delles, e como que chave das povoações dos Christãos situados nestes portos de mar.

Havendo pois, estes Indios, morto muitos dos Christãos Portuguezes em diversos tempos e logares por suas terras onde iam a resgatar suas cousas, como é costume, accrescentáram agora sua maldade, matando outros dos Christãos, um dos quaes era homem mui virtuoso, que se confessava e commungava quasi de oito em oito dias, cuja mulher, que era India da geração destes Indios, e tinha muitos irmãos e parentes entre elles, não era menos amiga de N. S., continuando os mesmos exercicios que seu marido, confessando-se por interprete, e commungando-se muito a miudo. Esta, que então ia em companhia de seu marido, depois da morte tornando-se mui triste para os Christãos, com alguns seus escravos e Indios de Piratininga, que a hiam sempre acompanhando, foi presa e detida dos seus mesmos pelo Principal de uma aldêa, para que os Christãos lhe dessem resgate por ella, e entretanto têl-a por manceba, por haver sido mulher de Portuguez, o que elles tem por grande honra. Mas ella que tinha outro conhecimento e amor de Deus Nosso Senhor e de sua santa fé, se tinha determinado antes morrer, que em tal consentir, ainda que lhe fosse preciso matar-se a si mesma; e foi o caso, que aquelle dia em que a prenderam sahiu de noite da casa dos Indios secretamente, e nunca mais appareceu, posto que fosse muito procurada: pelo que elles mesmos dizem que acreditão que se enforcou, ou se lançou em algum rio, por não consentir em ser manceba de algum infiel. Mas a nós parece que elles mesmos a matárão pelo mesmo caso, e depois lançáram essa fama; e porque tinhamos mui bem conhecido sua innocente vida de muitos annos, que frequentou os sacramentos em nossa casa, não podemos pensar outra cousa, nem crer que havia N. S. de permittir que quem tão bem vivêra sempre, no fim de sua vida se perdesse.

Acabado isto, começáram logo a apregoar guerra contra Piratininga, a qual já tinhão na vontade e a muito tempo, porque esta gente é tão carniceira, que parece impossivel que possam viver sem matar. E ainda que elles determinavam fazel-o mui secretamente, todavia deu-nos aviso Nosso Senhor, porque castigando-nos nos não matasse; e ao seguinte dia depois do da visitação de N. Senhora, tivemos aviso por um Indio, que tinha sua gente entre nós, o qual apartando-se dos malfeitores, veio correndo por outro caminho a nos fazer aprestar. Muitas particularidades havia que contar, que se passáram neste caso; mas sómente direi as grandes mizericordias de que Deus usou

O Pelourinho, simbolo da autoridade em 1532, em S. Vicente.

para comnosco, das quaes a principal foi mover o coração de muitos Indios dos nossos catechumenos e Christãos a nos ajudar a tomar armas contra os seus; os quaes, sabida a noticia e verdade da guerra, vierão de sete ou oito aldêas, em que estavam esparzidos, a metter-se comnosco, não todos, mas sómente aquelles que amão a Deus, e elle quiz escolher para nos defenderem da força dos inimigos carniceiros; e era de maneira que de noite com fachos vinhão tremendo de frio (que então é cá muito grande) a chamar á porta da villa, não por mêdo que tivessem dos seus, mas forçados como parece pelo poder de Deus, sem saber quasi o que faziam. Outros misturaram-se com elles, pensando que á sua grande multidão não podessem resistir os poucos que estavão em Piratininga; outros houve, que não podendo metter-se comnosco, afim de os tomarem de subito, se esconderão pelas silvas, não os querendo ajudar, e depois de passados com as cabeças quebradas para suas terras, se unirão á nós.

O que deu maiores demonstrações de Christo e amigo de Deus, foi *Martim Affonso*, Principal de Piratininga, (de quem, em muitas cartas tenho feito menção) o qual juntou logo toda a sua gente, que estava repartida por tres aldêas pequenas, desmanchando suas casas, e deixando todas as suas lavouras para serem destruidas pelos inimigos; e era tanto o cuidado que tinha de todos os Portuguezes, que nunca outra cousa fez em cinco dias que estivemos á espera do combate, senão darlhes avisos e esforços porque erão mui poucos, e destes muitos tolhidos e enfermos: pregando continuamente de noite e de dia aos seus pelas ruas (como é seu costume) que defendessem a Egreja que os padres havião feito para os ensinar a elles e seus filhos, que Deus lhes daria victoria contra seus inimigos, que tão sem razão lhes queria dar guerra: e ainda que alguns de seus irmãos e sobrinhos ficáram em uma aldêa sem o querer seguir, e um delles vinha juntamente com os inimigos, e lhe mandou incutir grande mêdo, que erão muitos e havião de destruir a villa, todavia teve em mais o amor de nós outros e dos Christãos, do que o dos seus proprios sobrinhos, que tem em conta de filhos, levantando logo bandeira contra todos elles, e uma espada de páu mui pintada e ornada de pennas de diversas côres, que é signal de guerra.

Chegando pois o dia, que foi o oitavo da visitação de Nossa Senhora, deram de manhã sobre o Piratininga com grande corpo de inimigos pintados e emplumados, e com grandes alaridos, os quaes sahiram logo a receber os nossos

discipulos, que erão mui poucos, com grande esforço, e os tratáram bem mal, sendo cousa maravilhosa que se achavão e encontravão ás flechadas irmãos com irmãos, primos com primos, sobrinhos com tios, e o que mais é, dois filhos que erão Christãos, detestavão comnosco contrà seu pai, que era contra nós; de maneira que, parece que a mão de Deus os apartou assim e os forçou, sem que elles o entendessem, a fazerem isto. As mulheres dos Portuguezes e meninos, ainda dos mesmos Indios, recolheram-se a maior parte dellas á nossa casa e Egreja, por ser um pouco mais segura e forte, onde algumas das mestiças estavam toda a noite em oração com velas accesas ante o altar, e deixaram as paredes e bancos da Egreja bem tinto dos sangue que se tiravam com as disciplinas, o qual não duvido que pelejava mais rijamente contra os inimigos, do que as fléchas e arcabuzes.

Tiveram-nos em cerco dois dias sómente, dando-nos sempre combate, ferindo muitos dos nossos Indios, e ainda que eram de flechadas perigosas, nenhum morreu por bondade do Senhor, pois que se recolhiam á nossa casa, e ahi os curavamos do corpo e da alma, e assim fizemos depois, até que todo saráram. Mas dos inimigos foram muitos feridos e alguns mortos, d'entre os quaes, foi um nosso catechumeno, que fora quasi capitão dos máos, o qual sabendo que todas as mulheres se havião de recolher á nossa casa, e que ahi havia mais que roubar, veio dar combate pela cêrca da nossa horta, mas ahi mesmo o achou uma fléch a, que lhe deu pela barriga e o matou, dando-lhe a paga que elle nos queria dar pela doutrina que lhe haviamos ensinado, e pelas boas obras que lhe tinhamos feito, tendo-o já curado, e no tempo que estava comnosco a elle e a seus irmãos, de feridas mui perigosas de seus contrarios.

Ao segundo dia do combate, vendo-se mui feridos e maltratados, e perdida a esperança de nos poderem entrar, deram-se a matar as vaccas dos Christãos, e mataram muitas, destruindo grande parte dos mantimentos nos campos, e pozeram-se a fugir já sobre a tarde, com tanta pressa que, não esperava pai por filho, nem irmão por irmão, em cujo alcance sahiram os nossos discipulos e tomaram dois delles. um dos quaes quizeram ter padrinhos os padres chamandos por elles, dizendo que o havião ensinado e cathechisado, que seria seu escravo, mas pouco lhe aproveitou, pois sem nos dar conta disso, Martins Affonso, lhe quebrou logo a cabeça com sua espada de páu pintada e emplumada, que para isso tinha ja

Ruinas da primeira installação de Anchieta, em Itanhaem

erguida com a bandeira, e assim fez para o *omninó* apartar-se dos seus, que tão injustamente vinham para o matar, e a nós outro, se Deus o permittisse.

Depois disso fez Deus N. S. muitas mercês aos nossos discipulos e á nós, em diversos assaltos que os inimigos nos vinham fazer pelos caminhos, nos quaes sempre levaram a peior; e porque os inimigos haviam levado muitos dos que estavam esparzido pelas aldêas, antes que se podessem recolher. e os tinhão em suas terras quasi como captivos, para que não fossem por nós, juntaram-se uns poucos de nossos discipulos Christãos e catechumenos com tres Portuguezes, e entraram quasi vinte leguas pela terra dos malfeitores, e trouxeram 40 pessôas, homens, mulheres, e meninos, os mais delles Christãos, dos quaes uns tinham seus filhos em Piratininga, ostros as mulheres, e algumas, seus maridos. Mas não os tiraram tanto a seu salvo que não fossem assaltados dos inimigos, ainda que por seu mal foram mortos tres delles, e os outros deitaram a fugir, deixando morto um menino innocente baptizado, e um nosso discipulo com tantas flechadas, e tão perigosa, que ninguem julgou que vivesse, tendo-se por melhor mercê do Senhor, escapar com a vida quasi sem cura e tão brevemente, que mais parece que obrou o Senhor da vida, do que outra qualquer medicina, por ser este um dos melhores Christãos que se tem feito na terra, e mais amigo das cousas de Deus, e o que mais peleja por defender os Christãos, ficando depois de sua saude quasi inexperada e subita com grande conhecimento da mercê que lhe fez Nosso Senhor, e com proposito de melhor viver.

Esta guerra foi causa de muito bem para os nossos discipulos antigos, os quaes são agora forçados pela necessidade a deixar todas as suas habitações em que se haviam esparzido, e recolherem-se todos a Piratininga, que elles mesmos cercaram agora de novo com os Portuguezes, e está segura de todo o embate, e desta maneira pódem ser ensinados nas cousas da fé, como agora se faz, havendo continua doutrina de dia as mulheres, e de noite aos homens, a que concorrem quasi todos, havendo um alcaide que os obriga a entrar na Egreja; tem-se baptizado e casado alguns delles, e prosegue-se a mesma obra com esperança de maior fructo; porque estes não têm por onde se apartem, sendo inimisados com os seus, e estando sempre junto de nós, como agora estão, não pódem deixar de tomar os costumes e vida Christã, ao menos pouco a pouco, como já se tem começado. Parece-nos agora

que estão as portas abertas nesta Capitania para a conversão dos gentios, se Deus N. S. quizer dar maneira com que sejam postos debaixo de jugo, porque para este genero de gente não ha melhor pregação do que espada e vara de ferro, na qual mais do que em nenhuma outra é necessario que se cumpra o — *compelle eos intrare* — Vivemos agora nesta esperança, ainda que postos em perigo, por estar toda a terra levantada ; e como são ladrões de casa, em cada dia vem assaltarnos pelas fazendas e caminhos. Entre outros bens, que a Divina bondade soube tirar desta guerra, foi um, que se baptizaram e ajudaram á bem morrer alguns escravos dos Portuguezes, que destas povoações maritimas nos vieram dar soccorro, mas já depois de acabada a contenda os quaes enfermaram de graves febres, e acudindo aos sangrar achavamos uns á que tinham nome sómente de Christãos, sem o ser, por grande descuido de seus senhores ; outros que em toda a sua vida nunca haviam sido confessados, nem ensinados nas cousas que haviam de crer e obrar, e assim teriam morrido, se por estes meios não lhes procurasse Deus a sua salvação, levando-os a Piratininga, onde pela graça do Senhor tem os Irmãos grande vigilancia sobre estas cousas.

Tambem dos indios, que por força haviam sido levados dos seus, regressaram alguns para nós, e parece de muitos que não vinham mais que a buscar sua salvação, porque dentro de poucos dias morriam, recebido o baptismo, tanto innocentes como adultos. Morreu tambem o nosso principal, grande amigo e protector *Martim Affonso*, o qual depois de se haver feito inimigo de seus proprios irmãos e parentes por amor de Deus e da sua Egreja, e depois de lhe haver dado N, S. victoria de seus inimigos, estando elle com grandes propositos, e bem determinado a defender a causa dos Christãos, e a nossa casa de S. Paulo, que bem conhecia ter sido edificada em sua terra por amor delle e de seus filhos, quiz dar-lhe Deus o galardão de suas obras, dando-lhe uma doença de camaras de sangue, na qual como não houvesse signal de melhoria, mandou chamar um padre que todos os dias o visitava e curava ; confessou-se, e no outro dia se tornou a reconciliar com grande sentimento de sua vida passada, e de não haver bem guardado o que lhe haviamos ensinado, e isto com tanto senso e madureza que não parecia homem do Brasil. Fez seu testamento, e deixou recommendado a sua mulher e filhos que seguissem nossas palavras e doutrina; e em dia da Natividade de N. S. Jesus Christo morreu,

para nascer em vida nova de gloria, como esperamos. Foi enterrado em nossa Egreja com muita honra, acompanhando-o todos os Christãos Portuguezes com a cêra de sua confraria. Ficou toda a Capitania com grande sentimento de sua morte, pela falta que sentem, porque este era o que sustentava todos os outros, conhecendo-se-lhe muito obrigados pelo trabalho que tomou em defender a terra; mais que todos creio que lhe devemos nós os da Companhia, e por isso determidou dar-lhe em conta não só de bemfeitor, mais ainda de fundador e conservador da casa de Piratininga e de nossas vidas; porque havendo elle ajudado a fazel-a com suas proprias mãos, e havendo-nos ajudado a sustentar logo em principio de sua fundação, quando não haviam Portuguezes alguns, agora o quiz fazer Deus nosso defensor, e pôz em sua mão a vida de dez Irmãos, que no tempo da guerra nos achavamos em Piratininga, e todo o mais povo dos Portuguezes; e pôz em suas mãos, digo, porque quasi todos os daquella Comarca, que se recolheram comnosco, dependiam delle; e se quizesse consentir na maldade dos seus (como elles mal pensaram) pouco houvera de fazer em nos matar e comer. Creio que basta isso para dar a entender a obrigação que temos todos de o encommendar a Nosso Senhor. Praza á sua Divina bondade de nos abrir porta para se fazer algum proveito na conversão de tanta gentilidade que ha nesta terra.

Temos proseguido em nossos costumados ministerios de doutrinas e confissões com os Indios e escravos, assim em Piratininga como em outros logares maritimos, occorrendo á umas e outras partes segundo as necessidades presentes, do que sempre se colhe algum fructo: pregando tambem o padre Manoel da Nobrega aos portuguezes, empregando nestes e n'outros trabalhos em serviço de Deus Nosso Senhor, a saude que sua Divina bondade se digna communicar-lhe, a qual ao presente é muita, e mais do que esperavamos que fosse, segundo as graves enfermidades em que estava, como já se terá sabido pelas cartas anteriores. Bemdito seja o Senhor em seus dons.

Nesta quaresma se tem soccorrido a Villa de Santos, que é a principal habitação desta Capitania, com um Sacerdote e um Irmão interprete para a doutrina e confissão dos escravos, onde estiveram quinze dias sómente para poderem acudir a outras partes; os quaes foram tão bem empregados, que desde manhã até grande parte da noite se occupavam em confissões, fazendo-se doutrina de manhã e de tarde

a todos os homens e mulheres; quantos vinham: e de noite em especial aos escravos. Logo que souberam que eramos chegados para os ensinar e confessar, concorreu grande multidão delles das fazenda, com grandes desejos de confessar-se. E o melhor é, que como não sabem usar de muitas cortezias, nem haver respeito mais que a sua devoção, pouco se lhes dá se estamos cançados, se temos necessidade de somno ou não; e assim se confessaram muitos delles nos quinze dias que alli estivemos, com muito proveito de suas almas; e como não tenham tantos embaraços, nem curem de mais que de servir a seus senhores, alguns delles já casados, guardam do bem, e estimando muito as leis do matrimonio, outros solteiros vencendo muitos encontros de tentações de diabos encarnados, e dando muito credito ao que lhes ensinamos, não duvido de antepôl-os a seus senhores, os quaes commumente cada vez mais se embaraçam com diversos generos de impedimentos,com o que não pódem nem querem admittir o remedio que se inclinam a dar-lhes os da Companhia, e assim recorrem a outros meios, que lhes cicatrisem as chagas por cima, deixando dentro a sanie corrosiva, que penetra até as entranhas. Alguns ha comtudo, que se confessam e commungam amiudadamente com os padres, seguindo em tudo seu parecer e saudaveis conselhos para suas almas.

Completos quinze dias, que estivemos na Villa de Santos, onde se confessou grande parte dos escravos e mulheres dos Portuguezes, que são sempre mais devotas que seus maridos, voltamos a este Collegio de S. Vicente, e d'aqui partimos logo a outro logar chamado Itanhaem, 6 ou 7 leguas pela praia, que é fronteira dos Indios que agora se levantaram, onde tambem se mudaram para morarem com os Christãos das aldêias de Indios, matando alguns dos malfeitores, que tambem vinham sobre aquella povoação, e agora tem casas feitas de novo junto aos portuguezes, desejando ser ensinados e baptizados; mas por falta de interprete nada se póde fazer ao presente; e nesta Villa, temos estado outra parte da quaresma, occupando-nos nos mesmos exercicios de ensinar e confessar senhores e escravos, de noite e de dia com grande trabalho, porêm mesclado de muita consolação de vêr a diligencia que tem os escravos em acudir das fazendas em que estão derramados, a confessarem-se, e quanto bom cuidado tem em guardar os mandamentos de Deus.

Entre estes Indios, de que falo, está um, que creio passa de cento e trinta annos, a qual todos os que ha muito

tempo que o conhecem dão testemunho de haver sempre vivido *sine querella* esse tempo que o conheceram, assim com os seus como com os nossos portuguezes. Outra vez que fomos a aquella Villa pela festa da Conceição de Nossa Senhora, a quem é dedicada a sua Egreja, falamos-lhe que o queriamos baptizar para que sua alma não se perdesse, mas que por então não podiamos ensinar-lhe o que era necessario por falta de tempo, e que estivesse preparado para quando voltassemos. Folgou elle tanto com essa noticia, comquando da do Céo, e teve-a tanto em memoria, que agora quando viemos e lhe perguntamos se queria ser Christão, respondeu com muita alegria que sim, e que já desde então o estava esperando. Tomando-o pois entre mãos, e começando a ensinar-lhe as cousas mais essenciaes da nossa fé, pensavamos que já não podesse ter tino em nada, por sua grande velhice, por ter já perdido o vêr e ouvir, e seus membros todos pouco mais que os ossos cobertos com pelle muito enrugada; mas foi o contrario, que o que a muita idade lhe negava, suppria nelle a grande vontade e desejo que tinha de ser Christão, *maximé* depois que lhe demos a entender quanto via nelle, e de tal maneira tomou o que lhe ensinavamos, que não me recordo, entre muitos que se tem instruido pequenos e grandes, ter achado tal disposição e promptidão como neste velho. Dando-lhes pois a primeira lição de ser um só Deus todo poderoso, que criou todas as cousas, etc., logo se lhe imprimiu na memoria, dizendo que lhe rogava muitas vezes que criasse os mantimentos para a sustentação de todos, mais que pensava que os trovões eram este Deus; porém agora que sabia haver outro Deus verdadeiro sobre todas as cousas, que a elle rogaria chamando-o Deus pai e Deus filho; porque dos nomes da Sancta Trindade, estes dois sómente póde tomar, pela razão de que se pódem dizer em sua lingua; mas o Espirito Sancto, para o qual nunca achamos vocabulo proprio, nem circumloquio bastante, ainda que o não saiba nomear, sabia-o comtudo crêr como nós lhe diziamos.

Tornei depois a visital-o, e perguntando-lhe por sua lição elle a repetiu toda dizendo, que a maior parte da noite (que por sua muita velhice não póde dormir) estava pensando e falando comsigo aquellas cousas, desejando que sua alma fosse para o Céo. Quando lhe vim a declarar o mysterio da Encarnação, mostrou grande espanto e contentamento de Nossa Senhora parir e ficar virgem, perguntando algumas particularidades acêrca disto (o que é bem alheio dos outros,

que nem sabem duvidar nem perguntar nada;) e falando palavras affectuosas de amor de Nossa Senhora, nunca mais se olvidou nem do mysterio nem do nome da Virgem. O nome de Jesus teve mais trabalho em reter; e para isso chamava seus filhos e netos, que tambem nos rogavam que o baptizassemos; uns diziam — baptizai meu avô, para que não vá sua alma ao inferno; outros — baptizai meu pai, para que sua alma vá para o Céo — ; e assim cada um com o que podia, o ajudava. O que mais se lhe imprimiu foi o mysterio da Ressurreição, que elle repetia muitas vezes dizendo — Deus verdadeiro é Jesus, que sahiu da sepultura e subiu ao Céo, e depois ha de vir muito irado a queimar todas as cousas. Finalmente depois de ter sufficiente conhecimento das verdades da nossa sancta fé, e aborrecimento da vida passada com muito grande desejo do baptizmo, levamol-o um dia á Egreja, para onde foi com seus pés, sustentando-se em um bordão, e ajudado de seus netos por um monte acima, assás aspero para aquella idade; mas o grande ardor da sua alma dava forças aos membros já desfallecidos. Chegando á porta da Egreja o assentamos em uma cadeira, onde estavam já seus padrinhos com outros Christãos a esperal-o. Ahi lhe tornei a dizer que dissesse adiante de todos o que queria; e elle respondeu com grande fervor que queria ser baptizado, e que toda aquella noite estivera pensando na ira de Deus, que havia de ter para queimar todo o mundo, e destruir todas as cousas, e de como haviamos resuscitar todos; destestando tambem sua vida passada dizendo, que por falta de conhecimento de verdade comera carne humana, e fizera outros peccados no tempo da sua mocidade, mas que agora tudo isso aborrecia, e que bastava que as almas dos seus passados estavam no inferno, mas a sua, queria que fosse para o Céo a estar com Jesus, de quem todos os presentes davam gloria a Deus. Fazendo-se-lhe pois os exorcismos um pouco antes da benção d'agua, começou a chorar e esfregar os olhos mui pensativo; e a causa d'isto depois direi, como elle me contou. Baptizado, e feito todo o officio, tornamos a assental-o em sua cadeira, dizendo-lhe seus padrinhos e outros que estavão presentes, que se alegrasse, pois de novo era nascido; e como lhe dissessem seus netos que se fosse, perguntou elle muito espantado, para onde? Parece que pensou não havia mais de tornar da Egreja, mas que d'alli subiria ao Céo, e tendo voltado a sua casa começou a chorar, e seus filhos e netos com elle. Ao outro dia, tornando-nos para este Collegio,

"Villa de Itanhaem", segunda povoação de Martim Affonso

No fundo vê-se o bello mosteiro de N. Senhora da Conceição, no mesmo lugar da primitiva *Ermida*.
No pateo a velha Casa do Conselho (*cadêa*) e uma parte da matriz de Santa-Anna.

fui despedirme delle, e disse-me, sem lhe perguntar, que nunca se havia de esquecer de suas palavras; dizendo-me mais — mui alegre estou, porque ha de ir minha alma ao Céo, e por isso chorava eu hontem, quando me baptizavão, recordando-me de meus paes e avós, que não alcançaram esta boa vida que eu alcancei. Com isto nos despedimos delle mui consolados, deixando-o recommendado a seus padrinhos. Maravilhas são estas que sabe fazer a summa bondade de Nosso Senhor com seus escolhidos, tornando este de tanta velhice a infancia e innocencia do baptismo, e em tempo que já elle parecia mais menino que velho, sem ter occupação interior nem exterior alguma, pelo que esta, que tão lhe neccessaria lhe era, tanto se lhe imprimiu no coração. Pouco tempo pode viver naturalmente, e parece-nos que Deus não lhe dilatava a vida senão até chegal-o a esta hora, em que recebesse vida de graça, para ser participante da eterna. A Deus, seja dada a gloria por tudo.

Partindo d'alli voltamos pela praia buscando almas perdidas e desemparados dos escravos, dos Christãos que estão guardando suas lavouras; e achamos em diversos logares cinco ou seis, e algumas em extrema necessidade de medicina espiritual, uma aqui, outra alli, em pobres cabanas mettidas pellas selvas, onde fazem seus mantimentos; a uns confessamos de toda a sua vida, porque nunca o haviam feito, sendo já de mui longa idade, e sangrámos juntamente. A dois innocentes baptizamos, que se Deus Nosso Senhor não os fôra buscar desta maneira, não sei se achariam entrada para a vida eterna, um dos quaes achámos só com outra menina de menas idade que elle, em uma choça da praia junto de um bosque muito ao cabo, e com pouca esperança de vida; e sabendo delle que não era Christão, e que o queria ser, conduzimol-o a um rio, onde lembrando-nos de S. Fellippe quando baptizou o eunuco, o mettemos no rio e o baptizámos chamando-o Felippe. Estes pequenos manipulos colhem-se por estes caminhos com assás trabalhos e cansaço, calores, e chuvas. Sirva-se de tudo Jesus-Christo Nosso Senhor, que com immensos trabalhos de sua vida e morte nos andou buscando, que de todo estavamos perdidos.

Desta outra banda do Norte, temos os contrarios, inimigos tambem destes nossos Indios, dos quaes muitas vezes tenho escripto. Estes parece que tem justiça contra os Portuguezes, pelas muitas injustiças e sem razões que delles tem sempre recebido, e por isso os ajuda sempre a Divina Justi-

ça, porque vem mui a miudo por diversas partes, por mar e por terra, e sempre levam escravos dos Christãos, matando os mesmos homens; e agora e no tempo que estes Indios se levantaram, deram em umas fazendas, tomaram e mataram mais de quarenta Christãos, tanto escravos como filhos dos Portuguezes, e de involta tres mulheres casadas das mestiças, umas das quaes lhes fugiu de noite núa, e as outras foram levadas, e temos noticias de que são vivas. Estão só umas duas irmãs, que aqui sempre ouvem a doutrina, confessam-se e commungam muito a miudo, ás quaes deu Nosso Senhor esforço, *maximé* a uma dellas, de quem os mesmos contrarios nos contaram em particular, que querendo o que a captivara têl-a por manceba, nunca o consentiu, com affagos nem com ameaças; basta que determinou matal-a, ao que ella se offereceu de boa vontade por não offender a Deus; e estando já senhor para o pôr por obra, impediram-no outros seus parentes, dizendo que a deixassem, que a tornariam a resgatar os Christãos, e com isto a deixou. Toquei neste ponto para que de tudo se dê gloria a Deus, o qual ainda das mulheres Brasilicas têm quem de grado queira receber a morte por guardar castidade.

Vendo o Padre Manoel da Nobrega os grandes trabalhos e inquietação de toda esta Capitania com os continuos incursos destes contrarios, e a muita justiça que tem de sua parte, se determinou encommendar-se muito a Nosso Senhor, e ir tratar pazes com elles, se estes povos dos Portuguezes quizessem ahi ficar entre elles, e elles virem cá, havendo assim communicação e concordia; e sendo já passados dois annos ou mais que Nosso Senhor lhe dá isto a sentir, e faltando sempre opportunidade, agora quiz Deus abrir caminho para isto, e é, que indo lá um barco a saber desta mulheres captivas, foram mui bem recebidos delles, souberam como os contrarios conhecião os nossos desejos de pazes, e como se levantáram muitos Indios contra nós outros: pelo que desejão que se effectuem as pazes, *maximé* sabendo que os Padres hão de ir morar entre elles, dos quaes ha muito que tem noticia, assim por informação de muitos escravos dos Christãos, que d'aqui fogem, e lh'as levão, como dos seus mesmos, que nós outros impedimos á estes Indios nossos discipulos que não comão nem matem; pelo que mostram grandes desejos de nos ter comsigo, para lhes ensinar os filhos. E' esta uma noticia de grande alegria para toda esta terra, e muito mais para nós outros, que esperamos que por alli se nos abrirá alguma

Suplicio com que os Calvenistas, afogaram os 50 jesuitas que vinham com o Padre Azevedo para o Brasil em 1557, copiado da Historia das Missões.

porta para se ganharem muitas almas ao Senhor. Agora estão apparelhados dois navios, em que havemos de ir, o Padre Manoel da Nobrega e eu por interprete, por falta de outro melhor, porque os mais Irmãos são mandados á Bahia a tomar ordens, onde tem em que empregar seus talentos em serviço de Deus Nosso Senhor, e ajuda das almas. Querendo os contrarios dar reffens que cá venham, havemos de ficar em suas terras, e com isto esperamos que terá algum socêgo esta Capitania, que anda delles tão infestada, que já quasi não pensam os homens senão em como se hão de ir e deixal as, e juntamente se poderão amansar e sujeitar estes nossos Indios, para se poder fazer algum proveito em suas almas, e assim nós mesmos contrarios, nos quaes se lançará agora este pequeno fundamento, sobre o qual depois se poderá edificar grande obra; e quando mais não fosse já poderia ser que alli se nos abrisse alguma porta, para ir mais presto ao Céo. Estamos já de caminho para esta jornada, entregando-nos á Divina Providencia como homens *morti destinatos*, não tendo mais conta com morte nem vida, que quanto fôr mais gloria de Jesus Christo Nosso Senhor e proveito das almas, que elle comprou com sua vida e morte. Nos sanctos sacrificios e orações de V. P. e de todos os nossos charissimos Irmãos desejamos e pedimos muito ser encommendados a Deus Nosso Senhor, para que nos dê graça, com que conheçamos e cumpramos perfeitamente sua santissima vontade. Deste Collegio de Jesus, de S. Vicente, hoje 16 de Abril de 1563 annos.

Minimus Societatis Jesu.

JOSEPH.

Em 1553 o geral dos Jesuitas Santo Ignacio de Loyola, fez independente de Portugal a nova provincia dos jesuitas no Brasil, sendo Nobrega o Provincial. Sem demora foram fundados de combinação com Martim Affonso e sua mulher Anna Pimentel, que ficava como procuradora delle os 3 collegios de S. Vicente, Conceição de Itanhaem e Piratininga, hoje capital de S. Paulo. Foi a 25 de Janeiro de 1553 que celebrou-se no collegio de Piratininga a primeira missa, dia em que a Egreja celebra a conversão do Doutor das gentes. Dahi proveio o nome com que tanto se tem engrandecido este Estado, sendo por isso mesmo lamentavel o esquecimento e abandono dos poderes publicos do Estado para com S. Vicente, que tendo um porto tão facil de ser aproveitado, ficou abandonado, quando podia o Estado ter alli uma fonte de riqueza que permittindo libertal-o da poderosa empreza das Docas de Santos, deveria ser um porto livre. Muito triste ainda é ver-se que S. Vicente, tão bella, tendo as melhores praias de banho do Brasil em Itararé e S. Vicente, esteja em tal abandono, que nós fomos o primeiro possuidor de 100 metros dessa bellissima praia, bem em frente a barra por onde entrou o glorioso descobridor e fundador de S. Paulo, tendo sido Martim Affonso, que como donatario, possuio este terreno, vindo passar á Camara Municipal de S. Vicente, que nos vendeo. A vil preço haviam ainda outros lotes, na occasião em que adquiri esta preciosidade, para meu repouzo na velhice e para o fim de escrever este trabalho, olhando e me inspirando no pensamento que me eleva até o vulto grandioso do descobridor de S. Paulo e dos seus companheiros que nesse livro recebem a singela, mas respeitoza homenagem do mais obscuro dos seus chronistas.

O cliché n.º XVIII é uma paizagem de Benedicto Calixto, desenhando nossa modesta casa em frente a Bahia por onde entraram as náos de Martim Affonso em 1532. (*)

Ao genio de Martim Affonso e a vizão de Nobrega e Anchieta, não podia ter escapado o grande futuro desta terra admiravel. Foi por isso que por elle foram fundados os tres nucleos de povoação, e logo o de Santo André que João Ramalho governava; mas não escapou a perspicacia de

(*) Nada prova o abandono de S. Vicente, como o facto de ficar desde esta época até hoje, sem comprador o terreno que possuimos. Feliz indiferença que nos proporcionou tão grande gozo na velhice.

Barra de S. Vicente, no seu estado actual.

A Casa que se vê, no primeiro plano, pertence ao autor deste livro e está situada bem em frente a pequena enseada onde foi fundada a primeira villa de S. Vicente, por Martim Affonso. O Dr. Jaguaribe, comprando em 1908 esse terreno da Camara, passou a ser o primeiro possuidor depois de Martim Affonso

Anchieta que seria perto do Tieté, onde Tebiriçá tinha seu feudo e um poderio facil de se engrandecer pelos recursos das pescarias do mar e do rio, conjunctamente com a abundancia de caça que tornava facil a vida e melhor segura as suas tribus. o lugar proprio para a futura Capital.

Piratininga, ou logar onde se sêcca o peixe, tem no vocabulo indigena uma explicação que as descobertas e o progresso tornaram comprehensivel, por que os Tamoyos haviam, com as lições da experiencia de Ramalho chegado a um alto gráo de adiantamento e previdencia. (1).

Talvez que sêccando os peixes e armazenando o alimento, o frio de S. Paulo pudesse deixar de ser um embaraço a vida errante dos aborigenas. Como era natural o povoamento crescente e a defeza dos portuguezes bem organizados, não os collocava mais na dependencia dos Indios, sobre os quaes tinham tido a vassalagem devido ao poder de João Ramalho, que principiava a desgotar-se dos seus beneficiados de hontem, uma vez que elles fundaram em Piratininga uma Villa rival da sua, chamada Santo André.

Os primeiros povoadores de S. Paulo, eram da mais nobre estirpe do reino, havia entre elles um luxo e habitos que os tempos não comportavam. O captiveiro, a venda dos indios, que nos grandes apostolos Nobrega e Anchieta, encontravam tenaz resistencia, foram causa de facil desgosto, e não tardou que a influencia dos portuguezes fizesse ferir os zelosos evangelizadores. O que admira é que a intriga e a influencia do governo, hovessem conseguido obter do padre Ignacio de Azevedo, visitador dos Jesuitas, extinguir o Collegio de S. Vicente, «*por ser a terra muito pobre*». Havia sido fundado em 1567, um Collegio no Rio de Janeiro, e para lá foram enviados os jesuitas de S. Paulo. Frei Gaspar, livro cit. pagina 433, diz o seguinte: «Pelos annos de 1611, excitaram-se grandes contendas entre os jesuitas e os portuguezes, moradores nesta Capitania, e as discordias originadas da liberdade dos indios, que os padres defendiam, talvez com zelo excessivo, vieram produzir o seguinte attentado: Todas as villas e suas Camaras constituiram procuradores, que assistissem a um congresso celebrado na Capital de S. Vicente, onde resolveram expulsar aos padres de toda a Capitania.»

---

(1) Em Itanhaem fizeram os jesuitas o lago artificial de Peruibe para pescar sem trabalho. Fazia-se a sêcca de peixe alli, como em S. Paulo, para armazenar mantimentos.

«Esse accôrdam executou-o a villa de S. Paulo, aos 13 de Julho de 1640; o mesmo fez Santos, pondo todos fóra de seus Collegios, e por consequencia expulsados de todas as Capitanias, os mencionados religiosos» (1).

A relação dos factos historicos que na origem do povoamento dos tres primeiros povoados de S. Vicente, Conceição de Itanhaem e S. Paulo, deu lugar as divergencias por causa do captiveiro, e talvez porque os indios aliados dos padres, passaram-se para os que melhor os esploravam, servindo aos seus proprios interesses, explica essa conducta posterior.

Foi em 1559, que se deu principio a fundação do Collegio de Conceição de Itanhaem. João Rodrigues e Christovão Gonçalves, montaram uma feitoria agricola, nas vizinhanças dos Jesuitas que não viram com sympathia esta intruzão.

A fama da civilização de S. Vicente foi crescendo com a sede do captiveiro, que os paulistas do tempo, isso é, portuguezes, augmentavão conjunctamente com os indigenas seus aliados, empregados exclusivamente no captiveiro dos Indios.

Com a expulsão dos Jesuitas, cresceram os outros centros de catecheze, sendo o de Guayra (2) o mais importante, por que se contaram por mais de cem mil indios, não diremos civilizados, mas obedientes ás leis que elles praticavam sob a inspiração de padres hespanhóes. Abreu Lima assim descreve o assalto dado ao aldeamento catechumeno:

«Consta da historia da época, que a tomada do Guayra, deo indios, não só para o abastecimento da Colonia de S. Vicente, como para que, havendo delles, um excedente de sessenta mil individuos, fossem distribuidos por outras Capitanias, mediante o mercado que delles faziam em Piratininga».

Deste modo a população indigena foi desapparecendo; mas a historia registra o feito admiravel de Anchieta e Nobrega, entregando-se como refens aos indios inimigos, afim de pouparem a destruição de S. Vicente. O quadro de Benedicto Calixto, representando a conversão de P. Nunes, vae figurar na Matriz de S. Cecilia e podemos obter a photographia para o cliché que os leitores verão symbolisando a quebra das cadeias da barbaria, pelo

(1) Depois da expulsão dos jesuitas até 1693, não teve parocho algum a Egreja de S. Paulo.

(2) Mello Moraes da uma descripção romantica a civilização a que chegaram os Indios em Guayra, tendo uma organização socialista a que os tempos da communa, em França, pareceram ter imitado.

"Pela liberdade dos Servicolas"

ou

"Pedro Corrêa no seu CAMINHO de DAMASCO"

LEGENDA: — Ouvindo submisso as admoestações do P.e Leonardo Nunes, Pedro Corrêa, o terrivel caçador de indios do littoral, arrepende-se, deixa a vida de aventureiro e faz-se tambem Jesuita. A acção passa-se em frente a ilha Grande do Guarahú, em Itanhaem, no anno de 1550

(quadro de B. Calixto, para a Egreja de S.ta Cecilia em S. Paulo)

mesmo barbaro escravizador, transformado em jesuita e redemptor. (Cliché XIX).

O allemão Schmidel que viveu entre os Indios do Brasil e Paraguay em 1552, chegou a S. Vicente, vindo por terra desde o Paraguay, narra melhor do que nenhum outro escriptor o homem feróz e valoroso que foi João Ramalho:

«Chegamos emfim, em uma aldeia habitada por christãos, fundada por João Ramalho, que felizmente estava ausente. João Ramalho havia ido para S. Vicente. Os indios, perto de oitocentos eram governados por João Ramalho, que fazia guerra aos Portuguezes».

Schmidel, em cujas notas o nosso digno amigo e companheiro Gentil Moura, acaba de escrever uma importante memoria, lida no Instituto Historico de S. Paulo, disse que o agrupamento de João Ramalho era «um velho couto de ladrões, chamando-o homem terrivel.

Comprehende-se que um despota selvandijado podesse ter todas estas phases aventurosas da vida que evoluia no principio do XVI seculo. Outros poderão faser um estudo que não comporta o capitulo que destinamos a historia do povoamento de S. Paulo no XV seculo.

Do mesmo modo, é possivel suppôr, que outros mais competentes, tomando o nosso modesto exemplo, comprehendam o estudo do vulto gigantesco de Martim Affonso, e tambem o estudo das causas da ingratidão dos paulistas para com o berço de sua civilização. Então, despertado o sentimento dos paulistas de hoje, que é nobre e não tem rival no Brasil, possa uma reacção condigna, vir fazer de S. Vicente, tão pobre e desprezado, o que se fez na Capital. (1)

Um monumento commemorativo da entrada de Martim

---

(1) S. Vicente, a primeira villa e fundada no Estado, tem ainda hoje 24 de Maio de 1910, quando escrevemos esta nota, uma agencia de correio de 3.ª *classe*, egual a mais pobre de suas aldeias actuaes; não tem telegrapho, passando entretanto os fios sobre a cidade; só 6 soldados fazem o serviço.

Os canos de esgoto de Santos, atravessam toda a praia de S. Vicente e Itararé; entretanto o governo não fez o esgoto de S. Vicente, o que só agora foi resolvido por iniciativa nossa junto ao digno Dr. Padua Salles.

As praias não tem ronda, nem illuminação, apenas 2 lampadas para cada uma das praias de Itararé e S. Vicente.

O serviço de transporte de passageiros e cargas está entregue a City, que cobra 500 réis por passagem para Santos. Os volumes vindos de S. Paulo pagam menos de metade do que pagam de Santos a S. Vicente.

Tudo indica um proposito de trazer S. Vicente escravizado e dependente de Santos, que aliás ama esta bella cidade irmã, onde residem os principaes negociantes extrangeiros de Santos.

Affonso, foi promovido por particulares e está collocado na praça, a beira mar, por onde entrou Martim Affonso. Não se comprehende como a municipalidade consentio que um particular derrubasse a casa de pedra tosca, onde morou Martim Affonso, sendo edificado outro predio de residencia. No edificio da Camara, feito no seculo XVII ha uma pedra que servio de soleira a antiga Egreja com a inscripção que damos no cliché, XXI. A matriz de S. Vicente, tem a data 1757.

E' preciso que assim como os ousados aventureiros deram com a sua coragem tanto impulso a civilização dos barbaros, tambem, na medida refflectida das leis, o governo corrija as faltas do passado, reparando com a justiça tanto esquecimento e desprezo pela terra do baptismo paulista. Ha uma superioridade evidente do espirito que se apaixona, como ha uma inferioridade deste mesmo espirito que fica estupido, quando deixa de ficar apaixonado. Com razão escreveo Humen: «Não é senão aperfeiçoando a razão humana, que as nações podem se vangloriar de aperfeiçoar os seus governos, suas leis, sua policia». O espirito é como o fogo que age em todos os sentidos. Não era possivel no começo de nosso povoamento haver homens instruidos, mas haviam os muitos corajozos. Os jesuitas tiveram dois nomes immortaes; não podendo se libertar das injustiças e da ignorancia, elles fizeram-se mais humildes do que os indios, mais valentes do que elles, porque pela virtude ficaram superiores aos outros homens. Dahi a sua influencia que a gratidão nacional consagra. Antes de se conhecer a carta do Padre Nobrega, achada na bibliotheca de Evora, podia-se por em duvida que Martim Affonso não tivesse sido o povoador da Capital de S. Paulo, como foi e é de todos sabido, o fundador de S. Vicente e Itanhaem:

«Ha muitas gerações que não comem carne humana, as mulheres andam cobertas, não são crueis em guerra, como estas da Costas, porque sómente se defendem. Alguns tem um só principal chefe, e outras coizas, muito amigos da lei natural, pela cuja razão nos obriga Nosso Senhor, a mais perto lhe soccorrer-mos, maiormente nesta Capitania nos provem de instrumentos por isso temos aqui irmãos linguas (1) e por isso nessa Capitania nos occupamos mais do que nas outras. Está principiada uma casa na povoação de S. Vicente, onde se recolhem alguns orphans da terra e filhos do gentio, e outra

(1) João Ramalho e Antonio Rodrigues, ficaram assim em evidencia pelos serviços prestados.

casa, do mar a 10 leguas e duas leguas a partir da povoação de João Ramalho, Santo André, que se chama Piratininga, de Martim Affonso, que primeiro a povoou. E vae-se formando em Piratininga uma formosa povoação e os filhos desta são os que doutrinaram no Collegio de S. Vicente.» (1)

A disposição orographica do Estado de S. Paulo, permittio aos gentios o dominio do interior do Estado, sem se importarem com a influencia e dominio que os portugueses tiveram das Costas. Só assim uma população barbara e feliz viveu sem se importar com os impostos e fiscalização dos portuguezes. Por outro lado João Ramalho, homem valente e ousado teve que se rebelar contra os seus patricios, uma vez que lhes conheceu os intuitos. Dissemos que a orographia viera em auxilio da grande opulencia da vegetação interior, por que os rios Tieté e Paranapanema constituem uma exepção curiosa a direção geral dos rios, que em todos os paizes nascem do interior para o mar, ao passo que aquelles nascem da serra do mar, a poucos kilometros, e tem um curso magestoso para o interior, indo fazer a desagua no estuario do Rio da Prata. Por isso Machado d'Oliveira se orgulhava de ser paulista, e falava dos rios de sua terra com enthusiasmo digno. Realmente só o Tieté percorre mais de 1222 kilometros.

Assim foi crescendo o glorioso Estado, tendo Santos prestado modernamente homenagem ao seu bemfeitor Braz Cubas (2) que foi o fundador de Santos, que não tardou a ser elevada a villa em 1546. A situação vantajosa do porto, sempre cuidado e defendido pelos governantes, permittio o desenvolvimento commercial, que se tornou mundial por ser o porto de exportação de S. Paulo.

Na Egreja da Matriz de Santos existia a sepultura de Braz Cubas, onde se lia a seguinte inscripção: «sepultura de Braz Cubas, Cavalheiro Fidalgo da Casa d'El Rey. Fundou e fez esta villa, sendo Capitão e a Casa de Misericordia. Anno 1543. Descobrio ouro e metaes; anno de 1560, fez fortaleza por mandado de El Rey D. João III. Falleceu no anno de 1597».

---

(1) Carta de 1556, onde se prova com evidencia que S. Paulo deve ao seu fundador e povoador as tres localidades citadas.

(2) Tivemos a honra de reprentar o Instituto Historico de S. Paulo, do qual fomos um dos fundadores, nesta brilhante festa por occasião da inauguração da Estatua. Quando chegará a vez de S. Vicente e de S. Paulo prestarem iguaes homenagens a Martim Affonso?

Mem de Sá, governador geral extinguio a povoação de Santo André em 1560, por que já então a rivalidade de João Ramalho, fazia fugirem de Piratininga para lá os gentios catechizados, além dos naturaes fugitivos e criminosos que recorriam a sua protecção. A mulher de Martim Affonso revogou a ordem de prohibição dos moradores de S. Vicente irem a Santo André. As duas raças que habitavam Piratininga, perseguidos pelos que as exploravam, fizeram aos poucos o exhodo da população que se selvandijava, depois da chamada civilização a que fôram chamadas. Pinheiros, Carápicuiba, S. Miguel, fôram povoados nos arredores de Piratininga, por estes retirantes. Os mestiços chamados emboabas, (pernas cabelludas) reuniram-se aos Tamoyos, Tupys, Caryjós, tendo como chefe Ururahy, irmão de Tebiriçá, deram um assalto a 10 de Julho de 1562 a povoação de Piratininga. Tebiriçá aliado dos jesuitas fez prodigios na defeza da futura Paulicéa mas veio a perecer a 25 de Dezembro de 1562. Foi então que Nobrega e Anchieta, sabedores do perigo eminente da destruição de *S. Paulo,* foram se dar com o refem no acampamento dos Tamoyos! Chegados ao acampamento dirigiram-se a Coaquira chefe da Tribu Ipiroby e como apostolos que eram captaram a benevolencia do chefe. Podendo conhecer de visu os fortes elementos de guerra de que dispunham as tribus confederadas

Os missionarios vendo reunidos os chefes, pediram a paz. (*) Quando esta estava já acceita, eis que Aimberé, combate a proposta, e os seus sequajes gritam: *guerra* ou *exterminio.* Emfim os padres conseguiram que os chefes fizessem uma proposta, que foi a entrega de 3 dos chefes fugidos para Piratininga. Os intrepidos apostolos fizeram sentir que não era possivel responder, sem que meditassem sobre ella. Anchieta ficou como refem, emquanto Nobrega levava a carta, mas informavam ambos que de modo algum entregassem os chefes reclamados, por que seria isso a ruina da colonia. Fôram chamados á S. Vicente os padres para pessoalmente exporem a situação. Nobrega fez vêr que os indios tinham a protecção dos Francezes do Rio, armas, e preparos que garantiam uma superioridade de forças. Emfim ambos conseguiram a paz, e com ella esta diplomacia do esforço humano, que collocou dois homens inermes, como arbitros da pacificação de S. Paulo, que tanto lhes deve. S. Paulo agio sempre

(*) Aqui sentimos não poder reproduzir algumas paginas da Confederação dos Tamoyos!

como o guia do Brasil, colonial e Brasil nação. Quando Estacio de Sá, veio a S. Vicente chamar, as armas os Paulistas, já então dignos deste nome, para a expulsão dos Francezes, que haviam tomado conta do Rio de Janeiro, foi ainda Anchieta que conseguio dos Indios da Capitania de S. Paulo 300 espartanos que concorreram para expulsão dos Francezes em 1567, voltando os heroes da victoria a terra paulista, que teve assim um nucleo sempre illustrando as suas gloriosas tradicções.

Se estes feitos eram gratos aos Paulistas, imagine-se o que não foi o assalto dado em Santos em 1583, pelo inglez Thomaz Cavendisch, que desembarcou gente na barra de Santos, afim de saquear a povoação de Braz Cubas! Os engenhos de assucar da prospera Colonia, (como acontecera mais tarde em Pernambuco com os Hollandezes) faziam optima aguardente. Os Paulistas sabiam que por bebidas alcoolica eram estes extrangeiros sequiosos.

Logo que pilharam as bebidas, dellas abuzaram tanto que, julgando-se fortes, pelo alcool ficaram tão fracos, que os Paulistas com poucos homens vieram depois a repelil-os. Longe estava porém a população de Santos de avaliar tanta audacia, e persuadida que os Inglezes eram invenciveis, levaram os seus homens para o interior. Alguns dos moradores vendo que Santos podia resentir-se de outros ataques, e não havendo fortificações, por parte do governo da metropole, não levaram a mal, que fosse decretada o mudança da séde da Capitania para Piratininga.

Então a febre de oiro principiou a esquentar a imaginação dos Paulistas, que organizaram invasões pelo interior do Brasil, indo por terra ao extremo norte.

Em 1608 o Brasil foi dividido em duas administrações, uma do sul, outra do norte, ficando a que comprehendia o territorio desde o Espirito Santo até S. Vicente, sob as ordens de D. Diogo de Menezes.

Foi o principio machiavelico de dividir para reinar, que deu origem a esta politicagem que veiu a dominar o Brasil e as Republicas da America do Sul. Bem razão tinha o grande missionario Padre Vieira, quando disse da gengibre planta unica que escapou das ordens regias que mandaram extinguir do Brasil as plantas que haviam vindo das indias: «Só escapou a gengibre, e isso mesmo por se meter pela terra a dentro». Nós parodiando o mestre da lingua portu-

gueza dissemos: (1). «A politica como profissão e meio de vida, faz a ruina dos paizes da America do Sul, ella como parasita metteu-se no sangue destes povos». Desta conquista portugueza para *civilizar os Indios* resultou que os trabalhos exigidos por homens que nasceram e viveram sem trabalhar os obrigou a fuga e a morte, desagregando-se tribus onde havia centenares de milhares de homens, que morriam a mingua, ou devorados pelas outras tribus antropophagas, que não perdoavam um só prisioneiro que ia das Costas, onde haviam *Civilizadores*.

Foi por isso que em 1612 os colonos fizeram um verdadeiro motim, como mais tarde no Pará, exigindo em Piratininga a separação do temporal e do espiritual. Essa foi tambem outra idéa que teve lugar em S. Paulo, como todas as outras que tem influido no Brasil.

Nós já temos dito muitas vezes, em outros escriptos: No Brasil o que S. Paulo quer, será sempre o que quererão os Brasileiros todos, por isso não se pode inculpar os Paulistas de haverem abandonado o torrão natal para irem aos lugares longiquos em procura de riquezas, de trabalhos. Se elles captivavam os Indios, é que a lei era essa e o governo permittia tal estado de coisas. Foram sempre victimas da tutela official, que a titulo de os proteger, tornava escravos, esses mesmos homens acostumados a fazer valer sua força e coragem. Assim tem sido sempre, pois a valorização do café, só tem servido para desvalorizar o homem. Não se quer ninguem com caracter altivo. A politica mata o homem, como se mata um inimigo, e todavia são os homens de caracter, a consciencia viva do paiz a que pertencem, elles são como tantas cachoeiras que fazem deste Estado o mais forte do Brasil, por que com ellas se fabrica a força electrica que domina e fomenta as industrias, dá a luz e faz com que S. Paulo não precise de carvão, tal qual, como os homens de energia que tem em si mesmo os germens de uma alma elevada. Como no passado, fôram os Paulistas que fizeram a separação do Brasil, sem odios de raças, assim fizeram a emancipação e a Republica. Por que não se hão de libertar dos politicos, que os exploram com um regimem de terror que para mais se parecer ao arrocho, se chama de chapas!

---

(1) "Os municipios e a Republica" — "Catechismo Municipal".

Como epilogo dos tempos da cathecheze teve S. Paulo o seu Golgotha que foi Guayrá, onde os confederados Hespanhoes e Portuguezes, haviam pensado em um Imperio, povoado por selvicolos, mamelucos e barbaros, sem outra lei que a cegueira da obediencia; mas os invasores renovaram a fogueira inquisitorial, o incendio e a destruição!

Guayrá é um symbolo, seu nome merece admiração deve servir aos poetas para d'elle fazerem um poema.

O grande rio Tybagy, dividia essa região dos sonhos e aventuras dos Indios, mescla de misticismo religioso e barbaro.

«A expedição, segundo Joaquim Floriano de Godoy, em seu livro A Provincia de S. Paulo, pagina 61, se compunha de novecentos mamelucos e dois mil Indios Tupis sob o commando de Antonio Rapozo, que por varias vezes déra prova de sua crueldade contra os indios. Em 1628, estava a expedição em frente as primeiras povoações e em 1631 a obra do aniquilamento completou-se. Os indios que tentaram defender seus lares e familias, fôram todos mortos, outros fugiram e o restante ficou prisioneiro; terminando-se este drama com o incendio de todas as povoações!». Os despojos da conquista constaram de mais de oitenta mil Indios captivos, como já vimos em outro lugar deste Capitulo, formaram o elemento do trabalho, que sendo uma partilha da humanidade, fôra julgado n'aquelle tempo, como o mais infamante dos misteres dados a homens que se dizião livres!

A' Europa assustou-se quando soube deste triste acontecimento. O mundo novo apparecia ao velho já decrepto e (sempre a Egreja vindo em auxilio da verdade) Urbano VIII a pedido dos jesuitas mandou vigorar no Brasil a bula de Paulo III que restituio a liberdade aos Indios do Perú.

Em toda a Capitania, os colonos resistiram com as armas a tão inconveniente medida. «Em Santos, onde foi primeiramente lida a bula do Papa, por occasião da missa foi o padre (*) cercado por centenares de punhaes, que o teriam atravessado, se o superior dos jesuitas não apparecesse no meio da Egreja com o ciborio nas mãos; e só depois de ter promettido o não cumprimento d'ella, apasigou-se o tumulto».

«Em S. Paulo, a questão foi mais seria ainda. Os colonos logo que tiveram noticia da rehabilitação dos indios, arrojaram-se contra os jesuitas, arrombaram as portas do

(*) Vide Floriano de Godoy, Livro citado pagina 62.

convento e os expulsaram da Capitania. Os jesuitas só voltaram a S. Paulo em 1653.

Destruida a ficção monarchica denominada Imperio do Guayrá, muito a feição do tempo e dos aventurosos hespanholados, eis que surgio no animo dos colonos victoriosos, que acabavam de destruir o trabalho dos jesuitas hespanhóes, em cujo espirito, talvez nunca houvesse passado a idéa de um imperio, como se deprehende da influencia moral que exerceram, contando com essa poderosa arma de paz e não de guerra, a idéa da independencia de São Paulo, creando-se uma monarchia que foi offerecida a Amador Bueno da Ribeira, modesto paulista que gosava por suas virtudes de maximo conceito. A riqueza deste nobre paulista, sua capacidade manifestada nos cargos publicos que desempenhara, o tornavam um candidato nato do povo, que queria um governo libertador da metropoli: Viva Amador Bueno, nosso rei, tal era o grito do povo, então composto de hespanhóes e portuguezes.

O bom senso deste patriota o fez não temer a ira dos manifestantes, e tomando na mão a sua espada, sahe nas ruas de S. Paulo dando «*Viva a D. João IV nosso rei, pelo qual estou disposto a derramar todo meu sangue*».

Recolhendo-se no Convento de S. Bento, os frades não tardaram a obter calma, ficando assim estes dois symbolos de duas monarchias decahidas em Guayrá e S. Paulo, como um preludio dos tempos.

A aspiração da liberdade apparecia assim sob varias formas, como veio depois com o grande patriarcha José Bonifacio, que fundou a Monarchia Constitucional do Brasil, com moldes de liberdade, que poderiamos ter tido como primeiro presidente da Republica o mesmo velho e bondoso monarcha que se mostrou tão grande no desterro, quanto o foi deixando a liberdade ganhar raizes no espirito dos homens que governava.

O Povoamento de S. Paulo, ganhava um rapido desenvolvimento em todo o sertão. Os bandeirantes invadiam o interior do Brasil, e os limites de S. Paulo não pareciam existir para elles. Curioso era o espetaculo das riquezas dos paes e da miseria dos filhos. Uma fortuna tão incerta, ganha com o captiveiro, tornava instavel o trabalho, o capital não tinha garantia e a moeda era ainda convencional, sendo as trocas dos generos e das mercadorias e animaes o regulador das compras.

Muitas das grandes fortunas dos velhos Paulistas, por compras de terras, tiveram por base um cavallo, uma espingarda! Machado de Oliveira disse, a respeito dos Paulistas de outr'ora: «Os Paulistas não se podiam convencer e nem vêr sem profunda indignação, que viessem homens estranhos estabelecer-se nas ricas terras por elles descobertas, por elles exploradas e que consideravam como seu apanagio por preço de suas fadigas e trabalhos descummunaes; trataram os adventicios com o maior desprezo, deparando-lhes vexações continuas e dificuldades na exploração de oiro e alcunhando os forasteiros, com o nome burlesco de Emboabas».

Desde 1706 as luctas eram verdadeiras guerrilhas, que se foram avolumando de tal modo que, o nome historico do Rio das Mortes, foi uma verdadeira carneficina, alli realisada pelos Paulistas e forasteiros.

A esse tempo Arthur de Sá, governador foi até o theatro da guerra e não tendo com melhor exito feito desapparecer o perigo, mandou com as forças militares de que dispunha o seu loco-tenente Bento Amaral Coutinho, afim de dar mão forte a Nunes Vianna.

Curioso foi vêr se que Coutinho em breve fazia causa commum com os *Emboabas!!*

Os Paulistas não desanimaram com esta inqualificavel conducta, e uma vez em perigo, Coutinho fez-se de diplomata, manifestando aos Paulistas que sua conducta fôra motivada para alcançar a paz. Não foi nem será a ultima vez que mudando a casaca os mesmos homens, fazem representar os mais opostos papeis e com graça. Cahidos no laço os Paulistas, pagaram caro sua bôa fé, sendo exterminados; mas o nome de Capão da Trahição, marca ainda hoje o local onde tantas vidas preciosas pagaram sua bôa fé.

Era Manoel Nunes Vianna, um portuguez de coragem, tendo ido em Congonhas, onde se achava o governador, armado e acompanhado de soldados.

Mascarenhas ou por falta de força para dominar o seu adversario, ou por tradicional prudencia, apressou sua retirada para o Rio de Janeiro. Assim o elemento portuguez arvorado na victoria de Nunes, tomou grande incremento, pois elle como governador e conquistador, ficou dono do Estado que os Paulistas com seu sangue levaram bem longe das fronteiras.

Com esta mudança de dominio, victimados por toda especie de perseguição, entretanto os corações paulistas e

Mineiros se amavão mais. Constituidos estes dous Estados, e principalmente o Mineiro, deu elementos para melhor povoamento de São Paulo. E' que no fundo das coizas, ha uma revelação que anima o espirito, quando se reconhece que estava presidindo á fins especulativos, que em nome de um falso patriotismo, exploravam os chefes, quando uma, era a raça, uma a nação, uma a aspiração do povo Brasileiro.

Queremos aqui limitar a historia dos precussores Paulistas, pois em verdade a sua historia é a do Brasil mesmo.

Desde que a carta regia de 1709 separou a capitania de S. Vicente e creou a de São Paulo, unida a de Minas, claro estava o pensamento de grandeza da patria Brasileira, unida e forte pelo mesmo povo.

Nosso fim é somente o estudo do passado, e se para tirar as alluzões naturaes, passamos as fronteiras e a historia no seculo XVI, não tivemos intuitos diverso do que declaramos no nosso prologo.

Inscripção da pedra que está na Camara de S. Vicente.

«Ihus. (*) Pedro Colaço Vilela me mandou fazer na éra de 1559».

(*) Traducção verdadeira, feita por Gentil Moura.

NOTA

Curiosidades de S. Vicente

(Transcripto do indicador Santista). com a devida autorisação do autor (*)

Entre os poucos objectos antigos que ainda se conservam no archivo e em uma das salas do edificio municipal desta legendaria Villa, existe um pedaço de granito, toscamente lavrado em forma quadrangular, tendo em uma de suas faces esta inscripção:

ILM. P. COLAÇO VILLELA. ME MANDOU FAZER. NA ERA DE 1559.

Essa pedra curiosa, que parece ter servido de verga ou batente de alguma porta, em algum edificio construido na primeira povoação da segunda povoação de S. Vicente, foi casualmente encontrada em uma escavação feita nos arredores da actual Egreja matriz em 1878.

O Snr. Cap. Gregorio Innocencio de Freitas, que era nessa época presidente dessa Municipalidade, mandou recolher a dita pedra para o edificio da Camara onde ainda se acha.

Alguns jornaes se occuparam então desta descoberta, transcrevendo a inscripção e dando-lhe interpretações diversas.

Archeologos e letrados, que a têm visto, até hoje, são de opinião que a tal inscripção pertenceu á primitiva Matriz, (da segunda época) edificada naquelle mesmo lugar; e que a referida inscripção fôra "mandada fázer" pelo "Illustrissimo Parocho Collaço Villela". Essa opinião tem sido acceita até o presente, e é assim, nesse theor, que os empregados da Municipalidade Vicentina, satisfazem as indagações curiosas de algum forasteiro, amante de *Antigualhas*, que ali apparecem de quando em vez.

Entretanto, a verdadeira interpretação dessa inscripção é muito outra, como se vae ver:

Em primeiro lugar — não consta que houvesse nesse periodo, em S. Vicente, parocho algum com esse nome.

Quem mandou, portanto, gravar esse letreiro sobre a porta da Matriz, ou da Casa do Conselho, não foi o vigario de S. Vicente, mas sim, o Capitão-mor Donatario, Pedro Collaço Villela.

A palavra em bréve, P.°, que ahi se vê, não quer dizer Parocho, mas sim Pedro, que era o primeiro nome desse governador da Capitania, que tomou posse do cargo dois annos após essa data; e é por isso que a inscripção referida dá-lhe o titulo de Illustrissimo em vez de Capitão-mor, que de facto ainda não possuia.

(*) O grande pintor brasileiro Benedicto Calixto, póde ser chamado o Miguel Angelo, americano. Sua modestia e o nosso meio, explicam a vida ingrata e penosa que tem O arcebispo de S. Paulo, cujo espirito superior faz honra ao cléro, o encarregou da exceussão de quadros historicos que enriquecem a Egreja de Santa Cecilia, na Capital. Devemos ao nosso amigo o incansavel historiador de S. Vicente, além das citações que já fizemos, photographias de trabalhos seus que nos cedeu para os clichés deste livro.

Fr. Gaspar da madre de Deus, em sua "relação dos capitães Lóco tenentes que governaram São Vicente, desde 1536 a 1603", assim se refere quando trata desse Capitão-mór Pedro Collaço, que foi o nono Lóco-tenente de Martim Affonso de Souza.

"Pedro Collaço: — Cavalleiro fidalgo. Conta do livro das vereações, que principia em 1561, folhas 17, que aos 11 de Maio 1561, esteve presente na Camara de São Vicente o Capitão Pedro Collaço. Não se acha o auto da sua eleição, nem da sua posse; mas infere-se da carta citada adeante, que as duas Camaras (de Santos e S. Vicente) o elegeram logo depois de notificarem a Francisco de Moraes (Capitão) que tinha acabado. Vi Sesmarias suas de 18 de Julho, 26 de Agosto e 26 de Novembro de 1562.

Pedro Collaço havia anteriormente occupado em S. Vicente o cargo de Procurador do Conselho, como consta do documento seguinte, citado por Frei Gaspar na refferida obra: «A 13 de Janeiro de 1543, levaram em conta a Pedro Collaço, Procurador do Conselho no anno anterior, a quantia de cincoenta reis (50) que haviam gasto em tirar do mar os sinos e o Pelourinho, da primeira povoação, que o mar havia destruido.

Esse outro Capitão-mór Francisco de Moraes, a que se refere este documento, foi o antecessor de Pedro Collaço Villela; "consta (refere ainda Fr. Gaspar), que o proprio Martim Affonso o promovera por tres annos, e que tomara posse a 30 de Abril de 1558, e que tinha governado a Capitania até o 1.º de Maio de 1561, dia em que lhe escreveram a carta que se acha registrada no archivo da Camara, livros das Vereações, fs. 16.

Avizaram a este Capitão, que se tinha outra provisão, a mostrasse, para lhe darem cumprimento; alias, fariam sua obrigação, a qual era juntarem-se com os camaristas de Santos e elegerem o outro Capitão". (Como de facto o fizeram.

Francisco de Moraes Barreto passou-se depois para Itanhaem onde continuou no cargo de Capitão-môr,

Um dos ultimos actos de Francisco de Moraes Barreto, como Capitão-môr de S. Vicente, foi dar Provisão a 23 de Abril de 1561, elevando a povoação de Itanhaem, creada por Martim Affonso, a categoria de Villa, segundo affirma o mesmo Fr. Gaspar.

Uma outra curiosidade antiga, digna de nota e que merece tambem a nossa attenção, — é uma gravura que vem no livro de Pero de Magalhães Gandavo "*Historia da Provincia de Santa Cruz*" impressa em Lisboa em 1575.

Essa gravura diz o autor, *é a reproducção fiel tirada do natural*, de um monstro marinho que appareceu na praia de S. Vicente no anno de 1564.

Como o leitor verá, o tal monstro, pela reproducção que aqui offerecemos do desenho, e pela narração do facto, feita pelo autor, parece coisa apocrypha e o facto inverosimil em si; entretanto o não é, como vamos provar.

Ha, na verdade um tanto de exagero e impiricia no desenho do monstro que foi traçado, por algum *curioso*, aqui em S. Vicente, e corrigido pelo artista gravador em Lisboa, que humanisou a figura de Balthazar Ferreira (o matador) e *marcou* no fundo da gravura, com minuncia e nitidez, uma parte da villa de S. Vicente com seus edificios e templos um tanto phantaziosos e arbitrarios.

Reservemos os commentarios para o fim e passemos o transcrever *ipicis verbis* o capitulo em que o escriptor Gandavo trata do famoso monstro.

"Do monstro marinho que se matou na Capitania de S. Vicente

"Foi coisa tão nova e tão desusada aos olhos humanos a semelhança daquelle féro e espantoso monstro marinho que nesta Provincia se matou no anno de 1564, que ainda que por muitas partes do mundo se tenha já noticia delle, não deixarei todavia de dar aqui outra vez de novo, relatando por extenso tudo o que acerca disso se passou: porque na verdade a maior parte dos retratos ou quasi todos em que querem mostrar a semelhança de seu horrendo aspecto, andam errados, e além disso, conta-se o successo de sua morte por differentes maneiras, sendo a verdade uma só, a qual é a seguinte.

Na Capitania de São Vicente sendo já alta noite, a horas em que todos começavam a se entregar ao somno, acertou de sahir fóra de caza uma India escrava do capitão: a qual lançando os olhos a uma varzea que está pegada com o mar, e com a povoação da mesma Capitania, viu andar este monstro movendo-se de uma parte para outra com passos e menos desusados, e dando alguns urros de quando em quando tão feios, que como pasmada e quasi fóra de si, veio ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Balthazar Ferreira, e lhe deu conta do que vira, parecendo-lhe que era alguma vizão diabolica; mas como elle fosse não menos sezudo que esforçado, e esta gente da terra seja digna de pouco credito, não lhe deu muito credito as suas palavras, e deixando-se estar na cama, a tornou outra vez a mandar fóra, dizendo-lhe que se afirmasse bem no que éra.

E obedecendo a India, foi e tornou mais espantada; afirmando-lhe e repetindo-lhe uma vez e outra que andava alli uma couza tão feia, que não podia ser se não o demonio.

Então se levantou elle muito depressa e lançou mão de uma espada que tinha junto de si com a qual botou, sómente em camisa, pela porta fóra, tendo para si (quanto muito) que seria algum tigre ou outro animal da terra, conhecido, com a vista do qual se desenganasse do que a India lhe queria persuadir, e pondo o olhos naquella parte que ella lhe assignalou viu confuzamente o vulto do monstro ao longe da praia, sem poder devisar o que era, por causa da noite lhe impedir, e o monstro tambem ser couza não vista e fóra do parecer de todos os outros animaes. E chegando-se um pouco mais a elle, para que melhor se pudésse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro: o qual em levantando a cabeça, tanto que viu começou de caminhar para o mar donde viera.

Nisto, conheceu o mancebo que aquillo era coiza do mar, e antes que nelle se metesse, acodiu com muita presteza a tomar-lhe a dianteira; e vendo o monstro que elle lhe embargava o caminho, levantou-se direito para cima como um homem, ficando sobre as barbatanas do rabo, e estando assim a par com elle, deu-lhe uma estocada pela barriga e dando-lhe-a no mesmo instante se desviou para uma parte com tanta velocidade, que não poude o monstro leval-o debaixo de si: porém não pouco afrontado, porque o grande torno de sangue que sahio da ferida lhe deu no rosto com tanta força que quasi ficou sem nenhuma vista: e tanto que o monstro

se lançou em terra, deixou o caminho que levava e assim ferido urrando com a bocca aberta sem nenhum mêdo, remetteu a elle, e indo para o tragar a unhas, e a dentes, deu-lhe na cabeça uma cotilada muito grande, com o qual ficou já muito debil, e deixando a sua vão porfia tornou então a caminhar outra vez para o mar.

Neste tempo acudiram alguns escravos aos gritos da India que estava em vella: e chegando a elle, o tomaram todos já quasi morto e dalli levaram dentro da povoação onde esteve o dia seguinte á vista de toda a gente da terra. E por este mancebo se avêr mostrado neste caso tão animoso como se mostrou, e ser tido na terra por muito esforçado, sahiu todavia desta batalha tão sem alento e com a vizão deste medonho animal, ficou tão perturbado e suspenso, que perguntando-lhe o pae, que éra o que lhe havia succedido, não lhe poude responder, assim como asombrado sem fallar couza alguma por um grande espaço. O retrato deste monstro é este que no fim deste capitulo se mostra, tirado pelo natural. E'ra quinze palmos de comprido e semeado de cabellos pelo corpo, e no focinho tinha umas serdas mui grandes como bigodes. Os Indios da terra lhe chamam em sua lingua Hipupiára, que quer dizer demonio d'agua. Alguns como este se viram já nestas partes, mais acham-se raramente. E assim tambem deve haver outros muitos monstros de diversos pareceres, que no abysmo desse largo e espantoso mar se escondem, de não menos estranheza e admiração: e tudo se pode crêr, por dificil que pareça, porque os segredos da natureza não foram revelados todos ao homem, para que com razão possa negar, e ter impossivel as couzas que não viu nem de que nunca teve noticia».

Pero de Magalhães de Gandavo, o autor desta narração, foi um escriptor de valor, no seu tempo, e a sua obra *Historia da Provincia de Santa Cruz* é muito considerada e citada entre os historiadores e chronistas. Estava longe de ser tomado por um embusteiro e a prova temos na dedicatoria que o referido autor faz do seu livro.

No começo dessa obra vem uns *tercetos* de Luiz de Camões: *ao muito illustre senhor Don Lionis Pereira, sobre o livro que lhe offerece Pero de Magalhães*, os quaes começão assim:

Depois que Magalhães teve tecida
A breve historia sua que illustrasse,
A Terra de Santa Cruz pouco sabida;

Imaginando a quem a dedicasse,
Ou com cujo favor defenderia
Seu livro, de algum Zoilo que ladrasse.
etc. . . . . .

D. Lionis Pereira, o famoso defensor de Malaca a quem é dedicado o livro, era pessôa muito considerada em Portugal.

Não é pois crivel que um escriptor de tal ordem como Gandavo, fosse capaz de desvituar ou inventar um facto que, como diz, — tanto successo produziu aqui e no velho mundo, sendo descripto, desenhado por diversos modos.

O monstro "Ipupiára"

Gravura antiga que vem no livro de Gandavo, feito em Lisboa em 1575

O animal que a gravura nos representa, salvo as incorreções do desenho, parece pertencer familia das phocas. E' scientificamente conhecido como *Lamantino da America* (1) vulgarmente chamado *Lobo ou Leão Marinho*; habita á zona antarctica desde as costas da Patagonia até o Cabo de Horn.

O autor nos diz que esses animaes, a que os indios chamavam Hipupiara (demonio da agua), appareciam raramente em nosso littoral, e de facto: até, nossos dias alguns desses demonios dagua, vêm ainda de quando em vez perturbar a paz dos nossos *praianos*. Ha uns vinte annos mais ou menos, os pescadores da Praia de Peruybe foram perseguidos, mar fóra, por um desses *Leões-marinhos*, que lhes appareceu e veio até a costa da Ponta da Aldeia, onde acoutou-se em uma pequena ilha.

Esses animaes, com os *Pinguins* e outras aves da zona glacial, que constantemente apparecem no nosso littoral, são arrastados para o norte pelas correntes maritimas, nos blocos de gelo, (ice-bergs) que deslocam dessas frigidas regiões, da época da desgelo, e vêm desfazer-se em alto mar.

Uma outra circumstancia que vem provar a veracidade do facto narrado por Gandavo é a seguinte:

O autor nos diz, em sua narração, que o heróe desta *batalha* chamava-se Balthazar Ferreira e era filho do Capitão.

Vejamos pois, quem era esse Capitão, que governava São Vicente nessa época, 1564.

Na lista dos Capitães-móres de S. Vicente, feita pelo chronista Fr. Gaspar, a que nos referimos, vê-se que o septimo Lóco-tenente de Martim-Affonso chamava-se Jorge Ferreira e era casado com Joanna Ramalho, filha do portuguez João Ramalho e neta do Tibiriçá, cacique Goyaná de Piratininga.

«Jorge Ferreira foi capitão-mór de São Vicente, por duas vezes; a primeira de 1556 a 1558, a segunda de 1562 a 1567.

O primeiro periodo de sua administração foi durante a ausencia no sertão, do Capitão Braz Cubas, em nome de quem elle concedia Sesmarias, com poderes do Governador Geral D. Duarte da Costa.

O capitão Jorge Ferreira, Cavalleiro fidalgo, segundo affirma, Fr. Gaspar, era portanto o pai de Balthazar Ferreira, o heróe dessa *peleja* contra o monstro Hipupiara, descripto por Pero de Magalhães de Gandavo, e cujo retrato figura na original gravura impressa em Lisboa, em 1575 conforme o desenho, *feito do natural*, nesta villa de S. Vicente, no anno da graça de 1564.

---

(1) **Lamantino da America.** — Na classe dos «Serenicos» ha duas familias distinctas, que são: a dos «Dugongos» e a dos «Lamantinos». Linnèo classifica estas familias como pertencentes ao genero das «phocas», Cuvier ao das «baleias», e outros naturalistas ás dos «elephantes».

O animal em questão para ser o Lamantino da America, cujos caracteres principaes são os seguintes: tem a cauda arredondada, as nadadeiras com unhas externas, duma independencia e energia notaveis, o que em realidade pode servir de mãos para manipular o alimento. Tem o corpo semeado de pellos curtos. Não tem sete vertebras cervicaes como todos os mammiferos, e sim seis. A natureza da alimentação e a estructura dos dentes indica que os «serenicos» têm o habito de ruminar. A bocca é guarnecida de placas corneas, cuja funcção não parece estar bem determinada. O labio superior se bifurca em duas partes que trabalham latteralmente, disposição esta que permitte ao animal levar a alimentação á bocca, sem se servir do labio inferior.

Frequentam os estuarios dos rios, subindo-lhes o curso á grandes distancias. Conta-se que os «Lamantinos» sahem d'agua a noite para roubar as colheitas, perto das margens. O seu valor commercial é nullo, se bem que os indigenas e mesmo os brancos o comem.

Resumo tirado de uma obra publicada sob a direcção do naturalista Charles J. Cornish, assistido por uma commissão de sabios e exploradores.

CAPITULO XII

A Ethnographia

Da America do Sul ao começar o seculo xx

Pelo Dr. Paul Ehrenreich.

I

Introducção. — Principios da divisão ethnographica. — Compute systematico das mais importantes tribus e familias linguisticas — Povos do Brasil, Paraguay, Guyana, Venezuela e da baixada da Colombia, Perú e Bolivia.

A importancia singular da ethnographia americana consiste, como uma vez Bastian sallientou de modo excellente, em que «o hiato entre a prehistoria e a historia, coberto por theorias no velho mundo, é preenchido realisticamente, em consequencia de continuarem aqui vivazes aquelles troncos naturaes de que brotaram as raizes cuja flôr são os povos historicos».

Isto applica-se de modo muito particular á metade meridional do continente, que é o que depois da Africa asyla ainda hoje o maior numero de taes povos naturaes. Comparada com a das tribus norte americanas sua investigação scientifica acha-se infelizmente por demais atrazada. Ha apenas dous decennios que recebeu novo impulso, depois que a travessia ousada da parte mais desconhecida do planalto brasileiro e a exploração do rio Xingú por C. von den Steinen e seus companheiros patentearam a existencia de numerosas tribus vivendo ainda na situação precolombiana da idade de pedra. Seu estudo mais aprofundado, feito por outras expedições, não só tornou possivel a classificação racional das tribus sul-americanas como forneceu nova base para o juizo das condições primitivas de cultura em geral.

Mas, além do ensejo, hoje em dia raro, de observar homens ainda intactos do periodo de cultura petrea ou premetallica, ainda outras forças concorrem para á investigação destas tribus dar uma importancia que transcende muito o interesse especial dos Americanistas.

Em primeiro logar a dependencia em que as formas de cultura estão de natureza ambiente e das condições geographicas revela-se com singular transparencia aqui, onde tribus primitivas estão distribuidas por todo um grande continente, que mostra as mais variadas formas de configuração superficial, de articulação vertical e de vida organica.

Accresce que não só o mundo cultural autochtone, já extincto, dá ainda a conhecer por toda a parte em seus restos e tradições a ligação com as tribus selvagens, como tambem a população mestiça, sujeita á civilização moderna, salvou até o presente muita cousa da lingua, dos costumes, dos haveres culturaes da era primitiva, que aliás não lhes ficava muito aquem.

E' além disso importante o facto dos povos naturaes da America do Sul, ao contrario dos das outras partes do mundo, terem certo gráo da *profundidade* historica (no sentido de Ratzel). Nosso conhecimento delles, constando de informes exactos, alcança muito mais para traz do que no velho mundo. Sobre alguns como os Fueguinos (Oná), Araucanios, Tupis orientaes e certos Aruaks (Tainos) dispomos de uma série de observações que vão de 350 a 400 annos.

Isto é de importancia primeiramente para se julgar da persistencia dos signaes linguisticos, pois o erro da idéa, outr'ora tão vulgarizada, de que rapidamente se alteravam as linguas não escriptas, ficou provado, graças á comparação entre especimens antigos e recentes. Além disso apanhamos aspectos interessantes do processo de acculturação, realizada em muitas tribus selvagens, muito tempo antes de sua sujeição ao jugo dos brancos, graças á importação de haveres culturaes, especialmente de instrumentos de ferro e animaes domesticos.

Assim, a introducção do cavallo entre as tribus meridionaes durante o primeiro seculo de conquista, levou á transformação completa de todas as condições de vida. Em outras passou por uma elaboração singular a arte de tecer, graças á introducção de apparelhos aperfeiçoados, como entre os Guaycurús, Machicui, Camé; entre as tribus peruanas orientaes, chilenas e as do Pampa a metallurgia, particularmente o lavor da prata, combinou as influencias peruanas com as do Velho Mundo.

Anthropologicamente não ha separar os Sul-Americanos das tribus do continente septentrional. Aqui como alli existe grande multiplicidade de typos quanto á formação do rosto,

á forma do craneo e ás proporções, que apresentam imagens em partes mongoloides, em parte mais afinadas, quasi caucaseas,

Quasi não ha fórma do Sul que não tenha sua analoga ao Norte. Consiste a differença apenas em que ao Sul apparecem epidermes mais claras, estaturas maiores e o cabello encrespa com mais frequencias. As differenças, porém, são menores que as apresentadas pela raça mediterranea e até pelo seu ramo indo-européu.

Do mesmo modo que podemos considerar uma a raça americana, independente de misturas ulteriores, ao Noroeste, procedentes da Asia, devemos considerar a America do Norte como sua patria primitiva, isto é, o theatro de sua differenciação. Ao continente meridional só chegou mais tarde: a todos os naturalistas que estudaram a zona tropical tem-se imposto a observação de que o homem aqui se apresenta como forasteiro e intruso perante a natureza, e isto, *á priori*, tornam em alto gráo verosimil os factos geologicos e biologicos deste continente.

A' unidade de raça oppõe-se a separação completa de caracteres ethnographicos, de linguas, de haveres sociaes, não demarcados, porém, pelo isthmo, e sim por uma linha que atravessa o Sul de Nicaragua, onde começam aquellas tribus, cuja ligação linguistica com o circulo de povos da Colombia as investigações mais modernas deixaram patente. Tambem as ilhas do mar das Antilhas foram habitadas por tribu de affinidade sul-americana, que provavelmente, como ensinam novos achados, estiram suas avançadas até a costa de Florida.

Não devemos, pois, imaginar uma immigração continua de povos através do isthmo, para o Sul; ao contrario, a formação de povos, isto é, a differenciação linguistica, só começou longo tempo depois da dispersão da raça, de modo que a incursão das tribus sul-americanas para o Norte até certo ponto deve considerar-se uma reemigração.

A dispersão da raça e a formação de povos devem considerar-se aqui phenomeno de todo independentes um de outro.

Do que fica dito resulta que só com precaução podemos usar dos caracteres corporaes para a classificação ethnologica, isto é, apenas nos casos de coincidirem typos anthropologicos determinados com grupos linguisticamente connexos e tambem affins de sangue, como, por exemplo, podemos apural-os nos grandes povos isolados dos Borôros e dos Carayás, assim como

nas nações gés do Brasil oriental. Ao contrario, devemos ter sempre em mente que tribus amplamente disseminadas de grupo linguistico igual, como os Caraybas, os Aruaks e os Tupis, apresentam consideraveis variedades somaticas. Tambem peculiaridades de um meio podem dar cunho semelhante a povos de troncos differentes como é o caso dos habitantes do Puna nas Cordilheiras. Em todo caso é anti-scientifico querer reunir em sub-raças tribus heterogeneas, fundando-se em caracteres escolhidos arbitrariamente, como por exemplo, os indices cephalicos. Assim merece a mais aspera repulsa a tentativa de Denniker, seguida por Verneau e outros, de construir uma especie de pre-raça com os Fueguinos e Botocudos, Patagões e Borôros, levados por exterioridades somaticas superficiaes que nem sequer são incontestadas, — repulsa tanto mais necessaria quanto esta hypothese já passou para os compendios.

Uma orientação até certo ponto satisfactoria no enredo das innumeras pequenas tribus, só se póde lograr baseado na linguistica. Em principio a unica difficuldade consiste no conhecimento deficiente destas linguas, de que apenas pequena parte está grammaticalmente elaborada, ao passo que para a maioria temos de nos contentar com vocabularios mais ou menos indigentes.

Apurou-se, porém, que os vocabularios, desde que contenham uma série de *palavras-guia (Leitwoerter)*, muito constantes conforme a experiencia, particularmente as designações das partes do corpo, tambem possuem consideravel força demonstrativa.

Muitas vezes ligações suspeitadas diante de escassas listas de palavras são mais tarde brilhantemente confirmadas quando sobrevem material mais abundante.

Em muitos casos o méro nome da tribu, quando é realmente indigena, já aponta o caminho direito. Assim, por exemplo, os nomes de tribus terminados em *oto* indicam sempre affinidade carayba, e os que terminam em krin, kling, kleng affinidade gé.

Outro bom auxiliar exterior fornecem as tatuagens das tribus. Assim, por exempo, a tatuagem peculiar do rosto, praticada entre os Apiacás do Tocantins, pertencentes ao grupo carayba, encontrou-se tambem entre os chamados Araras do Madeira e do Xingú, de cuja lingua nada se sabia até modernamente Coudreau mostrar a identidade linguistica de ambas as tribus.

A nomenclatura das tribus sul-americanas andou até á éra moderna na maior confusão que se póde imaginar. Apenas de

pequena parte dellas conhecemos os verdadeiros nomes indigenas, e quando isto se dá em geral não podem supplantar os nomes vulgares uma vez introduzido. Não seria grande o mal se ao menos empregassem consistentemente as designações dadas pelos Européos e não se reunissem sob o mesmo nome tribus ás vezes de todo heterogeneas. Quando tirados de linguas européas taes nomes são muitas vezes designações arbitrarias e triviaes de certas particularidades externas dos indigenas. Assim chamavam de *Coroados* as tribus que usavam de tonsura, *Lenquas* os que tinham o labio inferior perfurado, *Botocudos* os que traziam no labio ou nas orelhas um ornato semelhando batoque, *Orejones* eram sujeitos de longos lobulos auriculares pendentes, *Encabellados* os que usavam de cabello comprido. Depois que se ficou sabendo que os Caraybas comiam gente costumou-se chamar Caraybas todas as tribus que obedeciam a este costume. Em compensação parentes, mesmo tendo uma denominação commum, receberam designações diversas. Assim ha no Chaco tribus e hordas que apparecem na litteratura sob vinte nomes diversos.

Outra fonte de confusão fornecem os proprios nomes indios, especialmente quando se chamam muitas tribus com os nomes que lhes deram outros vizinhos, pertencentes talvez á familias de linguas inteiramente diversas. Além dos enganos habituaes, são registados nomes de mofa e alcunhas, e confundidas as designações de parentela e clan, especialmente os nomes de animaes totemicos, com o nome hereriditario da tribu. Pela retraducção dos nomes em linguas européas, apparecem tribus com os nomes de animaes, como Araras, Gaviões, Caracará, Antas, etc. O que mais atrapalha, porém, é que deste modo a tribu extrangeira muitas vezes obtem uma designação pertencente a lingua inteiramente differente, dest'arte fingindo um parentesco de tribu que talvez não existe. Assim depois que no Brasil o tupy tornou-se lingua geral, vehiculo de communicações entre os brancos e os Indios, impuzeram nomes tupys a tribus que nada tinham de tupi. Deste modo tribus selvagens, allophylas e inimigas dos Tupys, foram reunidas sob a designação geral de Tapuias, isto é, inimigos, de modo que a Éste da America do Sul dividio-se tudo nos dous grupos de Tupys e Tapuias.

Este modo summario de divisão conservou-se até muito pelo seculo XIX a dentro e salienta-se particularmente em Orbigny.

Mesmo Martius, que, formando o grupo gé, assentou a base de nova classificação, estava sob o peso da tupimania que

ainda domina no Brasil, cousa analoga ao que foi entre nós a celtomania. Em sua obra ethnographica esforça-se a cada passo para explicar pelo tupy todas as especies de nomes de tribus, muitas vezes da maneira mais violenta, com as etymologias mais aventurosas, não raro de effeito comico. Todas as suas interpretações devem ser acolhidas sempre com a maxima desconfiança.

Em condições inteiramente semelhantes estão os nomes em outras partes do continente, como por exemplo no Perú oriental e no Ecuador e particularmente no Chaco, onde a confusão só em parte foi remediada nos ultimos annos. Dentre os innumeros nomes de tribus, transmittidos do periodo da conquista e da éra dos missionarios que se seguio, apenas pequena parte póde ser identificada com os nomes hodiernos. Grande numero é absolutamente fabuloso, como os Morcegos, de que faz menção Ralegh e particularmente os Acephalos, figurados ainda no seculo XVIII no Atlas de Lafitau. Os Pygmeus arboreos, desde muito tempo desmascarados, são verdadeiros macacos Coata. De resto ainda hoje domina geralmente a crença em taes tribus entre Indios e a população mestiça civilizada. Quantas tribus têm perecido desde o descobrimento nem approximadamente se póde estimar.

As *Beitraege zur Ethnographie* de Martius, do resto, contém uma boa collecção da maior parte dos nomes usados no Brasil e na Guayana desde os primeiros tempos; para o Orenoco é de importancia o *Festschrift* da Sociedade de Geographia de Hamburgo sobre as expedições dos Welser. Para toda a região amazonica Markham organizou em 1864 e 1893 um registo bastante deficiente.

Empregando expressões como povo e tribu, cumpre não esquecer que aqui nunca se chegou propriamente a uma formação de povos. Defrontamos antes por toda parte uma conjunção de tribus e hordas, que ou existem inteiramente sem cohesão, ou apenas se unem occasionalmente para emprezas communs.

Entre as tribus infimas como os Botocudos e seus parentes Guahibo, Guayaki, Fueguinos, etc., as unidades politicas são apenas representadas por grãs-familias e parentelas. Uma reunião de taes hordas e parentelas, formando unidades organizadas de tribus, taes quaes conhecemos de maneira typica entre os Pelles vermelhas da America do Norte, parece só ter occorrido de modo muito excepcional, como entre os Goajiro, Araucanios

e quiçá algumas tribus do Chaco. Em compensação deparamos com frequencia communidades aldeiãs, ligadas por nomes communs, desenhos de tatuagens, fórmas de ornato, signaes de proveniencia como em fléchas e outras armas; em geral, porém, não possuem organização commum mais estreita, e muitas vezes são entre si inimigas, como os Ipurinã e outras tribus dos affluentes occidentaes do Amazonas, tambem os Jivaro e muitas outras tribus do Chaco.

Por nomes como Caraybas, Aruaks, Tupis, Gés, entendemos tribus linguisticamente aparentadas, cuja connexão foi primeiramente apurada pela analyse scientifica. Podem ser referidas a um hypothetico povo primitivo, do mesmo modo que as chamadas tribus indo-germanicas do Velho Mundo.

Como taes tribus de igual familia linguistica estão muitas vezes dispersas por territorios enormes e suas linguas, graças ao isolamento ou a acções extranhas, muitas vezes apresentam grandes divergencias no vocabulario, em regra entre ellas não se conservou a consciencia do parentesco.

Para Martius tem ainda valor o conceito de uma *colluvies gentium*, isto é, bandos aggregados de indios de tribus differentes e linguas diversas, usando entre si uma especie de giria. Formações destas em parte alguma se têm apurado com segurança, e caso tenham occorrido, devem ter sido phenomenos inteiramente ephemeros, provocados pela influencia de aventureiros brancos.

Quando muito poderia ser considerada tal uma nova formação, sem duvida ethnographicamente muito notavel: a dos quilombolas do Surinam, composta de bandos organizados do negros fugidos com seu dialecto particular de trapos africanos, inglezes, hollandezes, francezes e indios.

Regiões ethnographicas. — Os grandes systemas fluviaes da America do Sul que determinaram a dispersão e encaminharam as migrações dos povos e tribus, dão-nos tambem a primeira base para a repartição ethnographica. Póde-se assim distinguir tres grandes territorios como regiões ethnographicas.

O primeiro e maior comprehende as bacias unidas do Amazonas e do Orenoco, que hydrographicamente formam uma unidade, com o planalto de Goyana que fica entre as duas. Ethnographicamente inclue tambem ao Norte as ilhas das Antilhas: para o Sul transpõem a divisora das aguas do planalto

brasileiro, alcançando o rio Paraguay e o rio da Prata. Ao Sudoeste a linha lindeira atravessa a Bolivia por cerca de 16.° Sul, determinada em sua parte essencial pelo Guaporé e pelo alto Mamoré.

A segunda região pega d'ahi até a ponta meridional do continente, abarcando todo o territorio situado á margem direita do Paraguay. O limite ethnographico para o Oeste não coincide porém, como na primeira zona, com os Andes, que transgride no Chile meridional.

A terceira região é naturalmente constituida pela cadeia dos Andes e pelos planaltos nelles incluidos ou a elles annexos. Só ao Sul, como fica dito, o linde ethnographico vai se obliterando para o Oriente.

Cada uma destas zonas reparte-se numa porção de subdivisões ou provincias geographicas de caracteres ethnographicos especificos. Na primeira distinguimos os dous planaltos de Goyana e do Brasil, o valle do rio das Amazonas que demora entre ambos, a bacia do Orenoco, a baixada dos tributarios septentrionaes do Amazonas que fica a Oeste do rio Negro, a baixada meridional do Amazonas a Oeste do Madeira, na qual por sua vez as bacias do Juruá e do Purús constituem uma sub-divisão particular.

A segunda zona reparte-se de Norte para Sul no chamado Grão Chaco de Guaporé ao rio Salado, na planicie dos Pampas até o rio Negro, no planalto patagonico até a terra do Fogo.

Na região andina, terceira zona, a membração ethnographica é determinada pelos tres circulos de cultura dos povos Chibcha, Kechua e Kolya (Aymará). As relações primitivas foram naturalmente transformadas pela absorpção gradual da maioria das tribus naturaes. Como tambem a antiquissima cultura dos Kolya, do mesmo modo que a dos Chimu, abrolhou nas costas do imperio incasico dos Kechua, assim na pratica só se póde fallar de um circulo de cultura da Colombia e de um circulo de cultura do Perú; este inclue tambem o Ecuador e Bolivia.

Como cada um destes territorios menores inclue dentro de limites bastante claros seus grupos caracteristicos de tribus, poderiamos realizar o agrupamento ethnographico guiados unicamente por pontos de vista geographicos, se alguns povos, deixando suas sédes primitivas, se não houveram derramado pelos territorios vizinhos, alcançando até recantos muito afastados. Assim encontramos seus troços inseridos entre tribus

de outra especie inteiramente diversa, muitas vezes rodeados como ilhas de povos allophilos, com que então entraram em uma cultura commum.

Isto se dá principalmente com tribus que constituem as grandes familias linguisticas dos Tupis, Aruaks e Carahybas, que por isso teremos de considerar separadamente das outras.

Tupi-Guarany — Esta familia abarca as tribus historicamente mais importantes do Brasil e do Paraguay, sendo ainda representadas de modo consideravel na Bolivia e na Guayana. Já no primeiro periodo do descobrimento foram mencionada e descriptas com grande frequencia. As relações classicas do Hans Staden, Léry e Thevet no seculo XVI, assim como a de Yves d'Evreux, no seculo XVII, são com vantagem as melhores descripções ethnographicas daquelle periodo.

Tribus tupis occupavam então toda a costa brasileira desde a latitude de 30.º Sul até o baixo Amazonas. Viviam em grandes aldeias fortificadas; exerciam, além da caça e pesca, uma agricultura não insignificante, e nas costas da Bahia e do Maranhão praticavam até navegação. Eram comtudo cannibaes guerreiros, envoltos em continuas lutas de tribus.

Mais pacificos e de costumes mais brandos eram seus companheiros de tribus ao Sul do Brasil e no Paraguay, os Guaranys, entre os quaes primeiramente começou a obra das missões. No Paraguay têm continuado ate hoje em massas compactas, guardando sua lingua, muito corrompida embora: os restos dos Tupis orientaes (Tupinambá, Tupinikin, Tupinaé, Caheté, etc.) levam vida de pobres pescadores em aldeias dispersas pelas costa desde Espirito Santo até o Maranhão.

A lingua tupi-guarany, o *abañeenga*, primeiro e do modo mais completo elaborada pelos missionarios, cujos ambos dialectos apenas apresentam pequenas differenças, tornou-se com o tempo vehiculo geral de communicações entre brancos e indios e entre os proprios indios, para o que concorreram essencialmente as correrias dos chamados Mamalucos ou Paulistas no seculo XVII, mestiços aventureiros á cata de escravos.

Assim formou-se paulatinamente uma giria simplificada, a chamada lingua geral. Fóra do Paraguay é usada ainda hoje no rio das Amazonas, entre a população india meio-civilisada alli existente, composta de gente procedente das missões dissolvidas ha cem annos, originarias das tribus mais variadas.

A ampla divulgação deste idioma concorreu em primeira linha para idéa erronea, mas geralmente dominante no Brasil, de que os Tupis ainda hoje formam a principal massa das tribus indigenas, idéa de que foram dominados quasi todos os primeiros viajantes, especialmente Orbigny e em parte tambem ainda Martius.

Ficou provado que a idéa é insustentavel; entretanto verificou-se a existencia de alguns povos de lingua tupi bastante pura no interior do Brasil, como os Apiacá no alto Tapajoz, os Camayurá descobertos em 1887 nas cabeceiras do Xingú, os Tapirapé de Goyaz, os Tembé no interior do Estado do Pará, os Guajajaras do Maranhão e Piauhy, a Oeste do Tocantins.

Além dos limites do Brasil pertencem a esta: na Guayana oriental os Oyampi e Emerillon e Trio, na fronteira peruana oriental, os Omagua ou Cambeba, no Solimões, os Cocamas; na Bolivia oriental, nas cabeceiras dos affluentes do Madeira, os Guarayo e Tapii, em parte inteiramente selvagens ainda, e os Chiriguano que em parte se conservam ainda independentes, mas já são accessiveis ás missões: sobre estas tribus, dentres os novos trabalhos são importantes os do Dr. Domenico Campana. No Paraguay oriental e no baixo e médio Paraná devem chamar-se Tupis puros os Cainguá ou Cayua, conhecidos com mais exactidão graças a Ambrosetti, e os Apiteré descobertos recentemente.

Além destes chamados Tupis puros devemos arrolar entre os Tupis uma porção de tribus maiores do interior do Brasil por causa de seu parentesco linguistico, e cujos idiomas devem ser considerados linguas irmãs independentes. A estes pertencem os bellicosos Mandurucú e Mauhé no Tapajoz, os Yuruna e seus parentes Mani-tsauá no médio Xingú e os Auetê nas cabeceiras do Xingú.

Interesse consideravel despertou recentemente a descoberta ou rediscoberta da antiquissima tribu dos Guayaki, caçadores que em plena idade de pedra habitam as florestas ao Sueste do Paraguay, cuja lingua, até onde se tem podido apural-a até agora, é dialecto guarany bastante puro. Teriamos assim Tupi-guarany no estado natural primitivo. A isto oppõe o testemunho dos missionarios, conservado em Hervas, do tempo em que os Guayaki estavam em contacto mais frequente com os brancos: diz-se ahi expressamente que sua lingua differe do guarany, mas muitos Guaranys fugidos das missões aggre-

garam-se áquelles selvagens nas mattas. Com isto concordaria o facto que todos os vocabularios até aqui reunidos contêm palavras inexplicaveis pelo guarany.

Defrontamos aqui talvez um daquelles casos notaveis de mudança de lingua, que tambem por vezes encontramos alhures, onde tribus infimas ficam rodeadas de outras superiores em desenvolvimento. Assim por exemplo os Veddah de Ceylão fallam um singhalez deturpado, os Pygmeus africanos a lingua de seus vizinhos, os Negritos de Luzon o tagálo, embora pertençam a raça inteiramente outra. Tambem os haveres culturaes dos Guayaki concordam muito com os das tribus inferiores do littoral. E' principalmente notavel a falta de rêde para dormir e a fórma das fléxas. O estado actual da questão dos Guayaki foi criticamente investigado por Vogt e Koch (Z. f. Ethn, 34, p. 30 e seg., 1902).

A distribuição singularmente salteada dos Tupis está indicando vastas migrações que radiam quasi em fórma de leque de um centro de dispersão.

Taes migrações parecem ter occorrido não só na éra precolombiana como ainda até pelo seculo XVII a dentro. Os Portuguezes repelliram as tribus costeiras cada vez mais para o Norte, onde do sertão estavam de posse as tribus Gés, mais bellicosas e numericamente mais fortes; os Hespanhóes por sua vez em suas expedições pelo Paraguay acima foram empurrando os povos guaranys cada vez mais para Noroeste para o actual territorio boliviano. Séde primitiva dos Tupis parecem ter sido as terras situadas entre o médio Paraná e o alto Paraguay. Já na éra prehistorica uma corrente alastrou desde o Sul do Brasil pela costa até o Amazonas e mais tarde penetrou mesmo na Guayana oriental.

A occupação do baixo Amazonas parece só ter se dado em época posterior, pois o fidedigno Acuña, em sua famosa viagem com Teixeira em 1637, diz que achou a ilha de Tupinambarana habitada por povos tupis, que para aqui emigraram do Maranhão, não havia muito tempo, para escapar das oppressões dos Portuguezes.

A linha occidental de distribuição dos Tupis é dada pelas tribus bolivianas deste grupo, os Chiriguano e Guarayo, talvez tambem pelos Omaguas.

Martius pende a identificar os ultimos com a tribu do mesmo nome, muitas vezes mencionada em tempo mais antigo, ao norte de Jujuhy na fronteira boliviana, e admitte que tambem elles fugindo dos Hespanhóes attrahiram as tribus perua-

nas orientaes para o rio Solimões. Talvez, porém, estes Omaguas do Sul sejam povo inteiramente diverso. Com bons fundamentos Brinton impugnou sua filiação ao grupo Kechua, com o que concordam tambem os dados antigos relativos á sua cultura. Em todo caso existe a possibilidade de mudança de nome, pois tambem são confundidos os Omagua septentrionaes com os Umaua do alto Japurá. Waitz, suspeita que estes são os Amahuaca, pertencentes ao grupo dos Panos, que apesar disto podem ter recebido influxo peruano.

Terceiro caminho foi o Tapajoz, onde, além dos Apiacá *puros*, conhecemos os Mundrucú e Mauhé como principaes representantes dos Tupis *impuros*. Provavelmente são apenas seus parentes no medio Xingú, misturados com elementos estranhos, o galho que mais cêdo se separou, cujas linguas se desenvolveram de modo particular e independente.

Que o Xingú fosse caminho de migrações é inverosimil, pois uma das principaes tribus deste grupo, os Yuruna, vai subindo o rio, sem nada saber das tribus que vivem lá em cima, de que estão separados por cachoeiras difficeis. Por outro lado, como se póde demonstrar, ha seculos que aqui estão segregados as tribus das cabeceiras do Xingú. O Manitsauá desta região, sem duvida, são parente dos Yurunas, mas apresentam relações claras com as tribus do Tapajoz pelo facto de possuirem cachorros (1).

Parece, pois, que, sendo o Tapajoz a via propria de distribuição para o Norte, começou mais tarde uma reemigração Xingú acima, que ainda agora não está terminada.

Dos Tapirapé, situados no rio de igual nome, affluente do Araguaya, conhecidos só por informações, não se póde agora dizer se estão em relação com os Tupis orientaes ou com os do centro. E' possivel que viessem ter aqui avulsos, procedentes do Pará ou Maranhão.

Como os antigos Tupis costumavam guardar seus mortos em possantes urnas de lavor tosco, chamadas *igaçauas*, os achados desta ordem são um bom auxiliar para determinar-se a distribuição antiga destas tribus.

Com a mais frequencia apparecem no Estado de S. Paulo, em todo o littoral, no baixo Amazonas e no Paraguay. Modernamente foram tambem patenteadas taes urnas nas cabeceiras do Xingú.

---

(1) Cf. C. von den Steinen, *Durch Zentralbrasilien*, p. 324.

Das linguas do grupo tupi conhecemos com exactidão apenas os dous dialectos principaes, segundo o material dos missionarios do seculo XVI ao seculo XVII, em cuja reimpressão, como é sabido, Platzmann, recentemente finado, conquistou merito immortal. Os autores mais importantes são para o tupi oriental Anchieta, para o guarany Montoya e Restivo. A elaboração scientifica mais importante deve-se a Baptista Caetano de Almeida Nogueira (*Ann. da Bib. Nac. do Rio,* vols. 6 e 7).

Para a lingua geral Barbosa Rodrigues principalmente tem trazido contribuições preciosas; faltam, porém, de todo investigações dos dialectos dos Tupis selvagens, ainda intactos.

Aruaks—Tribus desta familia foram as que os primeiros descobridores encontraram nas ilhas Lacayas e nas grandes Antilhas. De sua lingua, o Taino, passaram para as linguas européas numerosas palavras designativas de productos naturaes e utensilios, como *tabaco*, *hamaca*, *kanaua*, *mahis*.

Taes palavras pode-se em parte acompanhar muito pelo continente sul-americano a dentro. e são importantes para se conhecer as distribuições das plantas cultivadas e a influencia aruak em geral.

Das pequenas Antilhas que occuparam na éra precolombiana, foram gradualmente rechaçados por Caraybas salteadores. Chamavam-se aqui Allouages; os restos que se conservaram independentes nas serras eram denominados Inyeri.

Como os Tupis os Aruaks do continente andam tambem derramados por espaço enorme. Sua patria primitiva deve ser procurada no Orenoco, na baixada venezollana e na Guayana septentrional, onde estão ainda hoje representados por numerosas tribus. Na região do Orenoco as mais importantes são os Maipure do curso médio; os Piapoco e Baniva no Guaviare, os Baré no Caura, os Mitua no Inirida, os Yavitero no Atabapo, os Achagua no rio Meta, outr'ora mencionados com frequencia e agora quasi extinctos.

Conhecemo los principalmente pelas informações antigas dos missionarios, dentre as quaes as de Gumilla e P. Gilij têm valor classico. Informações mais modernas deu Chaffanjon, *L'Orénoque et Caura,* Paris, 1889.

Na Guayana os missionarios moravios descreveram aprofundadamente os Aruaks do Surinam e investigaram sua lingua. O trabalho mais moderno contendo muitos pormenores desconhecidos sobre os Aruak já meio civilizados da costa foi

publicado por Van Coll nos *Bijdr. to taal land en Volkenkunde van Neerl. Indie,* em 1903.

As tribus aruaks do interior, quasi independentes, Atorai, Taruma e outros, ficaram conhecidas graças aos irmãos Schomburg e E. Im Thurn.

Acompanhando a costa, as tribus aruaks estenderam-se até a embocadura do Amazonas, onde não ha muito que se extinguiram os Aruãs da ilha de Marajó. Os restos magnificos de antiga ceramica, encontrados aqui e modernamente tambem na costa septentrional (região de Cuyuni) devem ser a elles referidos. Chronologicamente importante é a occurrencia das chamadas perolas de Aggri, artigo importado depois do descobrimento, que se tem achado nas excavações.

A avançada mais norte-occidental desta familia formam os Goajiro, ainda independentes, na peninsula do mesmo nome, unica tribu sul-americana que transformou-se em pastores meio nomades de rezes. A melhor descripção recente desta tribu interessante deve-se á Candelier, *Rio Hacha,* Paris, 1893; as communicações de Brettes no *Tour du monde* devem ser tomadas com cautela.

O caminho dos Aruaks para o médio Amazonas é assignalado pelos Baniva no alto e pelos quasi extinctos Manaos no baixo rio negro, sobre cuja lingua Brinton descobrio materiaes. Daqui póde se acompanhar uma larga cafila de tribus aruaks, que penetra para Sudoeste pelos rios Purús e Juruá até as Cordilheiras.

As tribus mais importantes do Purús são os Paumari, Yamamadi e os Ipurinã, divididos numa porção de tribus — Maneteniri, Catiana, Cannamari, Canawari, etc. — que se estendem muito pelo territorio do Acre (2).

No Juruá habitam os Arauna mais apparentados aos Paumari, e os Cotoquina, que apresentam forte influencia tupi e talvez com elles se misturaram; na fronteira peruana seguem-se no Huallaga e no Ucayali os Anti ou Campa, tambem chamados Machiganga, assim como os Chontaquiro ou Piro, agora insignificantes.

Na Bolivia os mais importantes são os Moxo ou Musu e Baure, agora meio civilizados, sobre os quaes possuimos

---

(2) Minhas communicações sobre estas tribus, nos *Beitraege zur Voelkerkunde Brasiliens,* Berlim. 1891, foram ha pouco essencialmente completadas pelas observações de J. Steere, no *Report of the U. S. Nation Musem for 1901,* p. 359 — 393, Washington, 1903.

excellentes noticias antigas, principalmente de Eder. Em Mato Grosso finalmente os Parecis, na região do Diamantino, formam o membro ha mais tempo conhecido desta familia. Entre elles manteve-se a tradição de uma immigração vinda das terras do Norte. Bastante isolados têm-se conservado nas cabeceiras do Xingú os Mehinaku, Kustenaú, Xaulapiti e Waura, descoberta pelas expedições allemãs áquelle rio; sobre elles informa aprofundadamente Carlos von den Steinen. A avançada mais meridional dos Aruaks formam no alto Paraguay os Guanás, Tereno e Layano que receberam multiplos influxos por parte dos visinhos Guaycurus. (Communicações recentes de M. Schmidt, *Z. f. E.*, 33 p. 336 e seg., 1903).

Tambem o grupo aruak apresenta uma série de tribus, cujas linguas mostram divergencias consideraveis do caracter das tribus restantes desta familia. São os Jumana, Passé, Uainuma, Canixana, primeiramente descriptos por Martius, todos na região do baixo Içá ou Japurá, sobre os quaes não existe informes mais recentes.

O desenvolvimento cultural dos Aruaks varia muito.

Na éra antiga attingio a culminancia nas grandes Antilhas, onde, além das relações dos primeiros descobridores, numerosos achados archeologicos revelaram notaveis esculpturas em pedra. Estas, do mesmo modo que as idéas religiosas relativamente desenvolvidas dos Taino, indicam influencias exercidas pela culturas central-americanas. Sua rigida organização politica sob caciques politicos lembra quasi as condições da Polynesia. Tambem os Aruaks septentrionaes do continente occupam uma posição cultural bastante elevada ainda, pois industrialmente sobrelevam a seus contemporaneos. Foram provavelmente os inventores da rêde de dormir, os principaes propagadores do cultivo do tabaco e do milho, assignalaram-se na olaria, que em varios pontos, como na embocadura do Amazonas, assumio desenvolvimento extraordinario, verdadeiramente artistico; por toda a parte os Aruaks apparecem como votarios da arte ceramica, cujos productos viajaram de tribu a tribu como artigos commerciaes e levaram outras nações a imital-os.

Em estadio bastante primitivo quedaram ao contrario as tribus que mais se internaram pelas solidões da Amazonia occidental, no Purús, no Juruá, no Ucayale, os Ipurinã, Yamamadi, Paumari e Arauna, que em sua segregação não passaram do estado de infimos caçadores e pescadores com pequena agricultura. Entre elles os Paumari e Arauna apre-

sentam por sua vez um typo singular, pois levam vida de puros pescadores, alimentando-se principalmente de tartarugas e jacarés, morando em balsas nas lagôas que acompanham os rios.

Os Aruaks do Perú oriental, como os Anti (Campa) e seus parentes foram em compensação indubitavelmente influenciados pela cultura incasica. Conservaram até uma metallurgia grosseira, que pela acção dos brancos se estendeu até a arte de fundir ferro.

De modo em tudo divergente, os Guajiros tornaram-se ao Norte um povo pastoril criador de rezes, e assim lograram ao mesmo tempo organização politica mais firme, que tem concorrido essencialmente para a conservação de sua independencia.

Grammaticalmente são conhecidos até agora as seguintes, linguas aruaks: Aruak de Guayana, Baure, Moxo, Anti, Manao, Goajiro e Ipurinã.

Caraybas — Já ao descobrirem-se as grande Antilhas constaram aos Hespanhóes as correrias do Caraybas cannibaes, Calina, Callinago, como a si proprios chamavam, que desde as costa do continente e das pequenas Antilhas, onde aniquilaram ou submetteram os indigenas aruaks, talaram as outras ilhas do archipelago. Visavam principalmente ao rapto das mulheres, por terem ficado no continente a maior parte das suas mulheres. As aruaks raptadas conservaram sua lingua vernacula, de modo que em suas ilhas Martinica, Guadalupe e Dominica houve completo dualismo linguistico, oppondo-se aos homens que fallavam carayba as mulheres que fallavam aruak. Não se trata, pois, aqui de méra variedade dialectal, como entre algumas tribus sul-americanas, Carayas, Chiquito, Guaycurú. Os Caraybas e suas linguas são bem conhecidos, graças aos missionarios francezes do seculo XVII, Rechefort, Bréton, Labat, du Tertre; esvahem-se. porém, com a colonização crescente durante o seculo XVII. Onde mais tempo se conservaram com forte mistura de negros foi nas ilhas Dominica e S. Vicente, donde os Inglezes transportaram a maior parte de seus restos para a costa de Belise. Sobre estes «Carahybas negros» fez Sapper interessantes communicações no *Int. Archiv fuer Ethn* 10, 1897, e no vol. 84, n. 24 do *Globus*.

Estes Caraybas insulares não vieram, como mais tarde se afirmou simplesmente, da Florida, ao Norte, mas sim do continente sul-americano, onde ainda hoje assistem em gran-

de numero os seus parentes. Angariados desde muito cêdo pelas missões, os Caraybas da Venezuela septentrional, Chayma, Cumanagoto, Tamanaco, foram por isso extinctos ou incorporados na população moderna, ao passo que ficaram até certo ponto independentes nas Guayanas britanica e franceza. Suas tribus mais importantes são os Galibis, Caribisi, na Guayana franceza, os Macuxi, Acawoio, Ipurukoto, Arekuna ou Arakuyana na parte britanica daquella região, mas alcançando tambem Venezuela e o Brasil. Na Guyana propriamente brasileira, ao Sul de Tumuc-Humac, nos affluentes septentrionaes do baixo Amazonas, habitam os Rucuyennes, corrupção provavel de Arukuyana, primeiramente descriptos por Crevaux, e os Apalai; desde os rios Peru e Jary a Oeste delles, no alto Trombetas e no Jamundá, assistem os Pianokoto, visitados por Coudreau, provavelmente emigrados da Guayana septentrional para aqui em éra moderna. No alto rio Branco seguem-se os Marikitaré, finalmente os Kirichaná ou Janaperi no affluente deste nome, que desagua no rio Negro. Até o começo da éra de 80 do seculo XIX viviam estes na idade de pedra, mostrando-se hostis aos moradores; porém graças a Barbosa Rodrigues em 1884, entabolaram-se relações mais amistosas. A descripção deste autor em sua obra *Pacificação dos Crichanás* é tambem fonte importante para outras tribus desta região, sobre a qual depois não têm havido mais descripções exactas.

A questão da séde primitiva e do centro de sua dispersão só modernamente foi levada á solução até certo ponto satisfactoria, graças á descoberta de grande população carayba ao Sul do Amazonas, nas comarcas centraes do continente. Já, Martius derivára do Sul os Caraybas; punha-os, porém, em connexão estreita com os Tupis orientaes, procurando demonstral-a com estymologias inteiramente falhas, principalmente interpretações de nomes. Cada nome de tribu contendo as syllabas *kar, kari, kara*, parecia-lhe indicar afinidade carayba. Mais tarde, com melhores fundamentos linguisticos, Lucien Adam procurou ao Sul do Amazonas os parentes dos Caraybas das Guayanas: alli já os Pimenteira do Piauhy e os Palmella do Mato Grosso occidental accusavam claramente sua filiação a esta familia.

Mais tarde, as duas primeiras expedições allemãs ao Xingú, chefiadas por C. von den Steinen, tiveram a felicidade de averiguar outras tribus caraybas nas cabeceiras deste rio e nas do Paranatinga, os Bacaeris e os Nahuqua, achados ainda no primitivo estado precolombiano: a lingua e as tradições dos Ba-

caeris foram essudadas acuradamente. Apurou-se de tudo que antigamente assistiam mais no norte, approximadamente entre 9.° e 12.° S. no Xingú e no Paranatinga e descendo o rio para o Norte foram procurar seus avós. Os Nahuqua, cuja massa principal não demora no Culiseu, onde primeiro foram descobertos, mas em seu affluente oriental, o Culnene, foram mais tarde, em 1896, visitados e estudados pelo Dr. Herrmann Meyer: faltam ainda informações mais precisas sobre o assumpto.

De resto descobriram-se os membros intermedios que ligam os Caraybas do Sul aos do Norte. Primeiramente eu proprio consegui em minha viagem de Tocantins, em 1888, estabelecer que não se devem os Apiacá, chamados tambem Apingui por alguns, estabelecidos na margem esquerda do baixo Tocantins, confundir com os Tupis de igual nome, habitantes do alto Tapajoz; os Apiacá do Tocantins são linguisticamente muito proximos dos Bacaeri e só meiado o seculo XIX, repellidos do territorio do Xingú pelos Suyá, emigraram rumo do Nordeste para o Tocantins..

Depois H. Meyer demonstrou a identidade destes Apiacá com uma tribu até então desconhecida do alto Xingú, os Aruma ou Yaruma, de que apenas puderam ser estudados alguns individuos avulsos entre outras tribus.

Finalmente, dos vocabularios do viajante francez Coudreau; que em 1896 subio Xingú acima, resultou que os hostis Araras, tribu muito derramada entre o médio Xingú e o Madeira, são identicos a estes Apiacá e Aruma, o que se demonstra ao mesmo tempo pela tatuagem commum a todas estas tribus, — uma linha azul de ambos os lados do rosto, desde o olho até o canto da bocca.

Os Bonari e Japii da embocadura do rio Negro e do baixo Amazonas, hoje extinctos, levam depois directamente aos Caraybas do Norte.

Assim, está demonstrado agora que uma larga facha de grandes tribus caraybas vai desde o centro para NE. até a Guayana, e deve-se considerar como seu ponto de partida a região entre 10.° e 12.° S. Os Palmellas foram sua avançada sul-ocidental, os Bacaeris o meridional, os Pimenteiras a avançada mais oriental.

Muito pouco conhecidas são algumas tribus caraybas, salteadas, de Noroeste, ao Norte do Amazonas, como os Carijona e Uitoto do alto Japura, primeiro visitadas por Crevaux, e os Motillon da fronteira entre Venezuela e Colombia, extremamente inimigos dos brancos.

Dentre as linguas caraybas têm sido até agora cuidadosamente estudadas desde muito tempo: o Carayba das ilhas, por Bréton; o Cumanagoto e seus dialectos, por Tauste, Blanco e Tapia, e modernamente o bacaeri por C. von den Steinen, *Die Bakairisprachè*, Leipzig, 1893.

O gráo de cultura destas tribus em geral é igual ao dos Tupis e Aruaks; caracteristicos dos Caraybas são as rêdes de algodão e o costume de apertar com cordas de algodão os braços e as pernas, acima do cotovello e abaixo do joelho, de modo que a carne fica sahida. Encontra-se tambem com frequencia entre as tribus caraybas o costume singular do chôco (couvade).

Estão assim derramados estes tres grupos sobre o enorme territorio que acima assignalamos como a primeira zona ethnographica principal. Dominam por assim dizer exclusivamente dous grandes territorios, a Guayana e o valle do Amazonas.

1. Na Guayana, no sentido mais lato, isto é, a terra entre o Orenoco e o Amazonas, desde o rio Negro até a costa, incluindo tambem o archipelago das Antilhas, os Aruaks habitam particularmente o Norte e o Sul, os Tupis o Oriente e os Caraybas o centro.

De tribus allophylas apenas duas têm aqui importancia. Primeiramente os Warrau ou Guarauno, excellentes constructores dê canôas, residentes nos banhados do delta do Orenoco, descriptos cuidadosamente, além de Schomburgk, modernamente por Crevaux, Chaffanjon e Im Thurn: Lucien Adam lançou um esboço de sua lingua, que está inteiramente isolada (*Congresso dos Americanistas*, Stockolm, 1894). Além disso os Guahybo, povo nomade das cabeceiras do Orenoco, cuja patria provavel deve procurar-se a Oeste, nos rios Meta e Vichada: quem os observou com mais exactidão foi Stradelli.

2. O valle proprio do Amazonas, incluindo o curso inferior de seus tributarios, é dentro do territorio brasileiro quasi exclusivamente habitado por tribus aruaks e tupis, de que as primeiras occupam ou occuparam principalmente a margem esquerda e os segundos a margem direita. Entretanto, do Purús em toda sua extensão, e do Juruá no curso médio apossaram-se tribus aruaks.

São de mencionar nesta comarca as tribus não classificaveis dos Mura na embocadura do Madeira e do Porús, assim como entre este e o baixo rio Negro. Martius observou os em estado selvagem, em gráo muito inferior de civilisação; hoje estão inteiramente os serviço dos seringueiros. As communica-

ções mais recentes vêm da Princeza Thereza de Baviera, infelizmente sem dados linguisticos. Estamos, quanto á sua lingua, limitados sempre ao succinto vocabulario de Martius, pois as amostras de Teza em seus *Saggi inediti* publicados sobe o nome de Mure pertencem a lingua totalmente diversa, que provavelmente deve ser procurada na Bolivia.

3. O planalto brasileiro mostra condições ethnographicas bastante complicadas. Em sua metade occidental até o Madeira e o Paraguay é occupado inteiramente por tribus daquelles tres grupos. Assim, os Aruaks residem no planalto de Mato-Grosso nas cabeceiras do Xingú e Tapajoz, do mesmo modo que no alto Paraguay. Tupis são representados nos tres rios, quasi em toda sua extensão, como Guarany avultam em massa compacta na margem esquerda do Paraguay e projectavam-se em época mais antiga por toda a costa brasileira oriental para o Norte até o Amazonas; tribus caraybas emergem essencialmente em Mato-Grosso como Palmela, no Xingú, como Bacaeri, Nahuqua, Aruma ou Arara; avulsos e modernamente apparecem tambem no angulo norte-oriental do planalto no Tocantins.

A tribu allophyla mais interessante desta comarca são os ainda indecifraveis Trumai, nas cercanias em que confluem as cabeceiras do Xingú: com elles entraram em contacto fugaz as duas primeiras expedições allemãs de 1884 e 1887; mais tarde, em 1896, Hermann Meyer conversou os mais de perto. Sua lingua apresenta-se de todo isolada e mesmo phoneticamente destaca-se de modo golpeante das tribus aruaks vizinhas.

Gés. — Na metade oriental do planalto brasileiro domina até a serra do Mar uma grupo de povos ethnographicamente muito singulares, que, de caracter sobre modo archaico, mais que todos os outros desta região, merecem ser considerados autochtones. São as chamadas tribus *Gés*, a que pertence a massa principal dos Tapuyas, como antigamente chamavam todos os indios do Brasil oriental não pertencentes aos Tupis e assignalados por especial selvajaria e hostilidade.

Martius, que primeiro constituio este grupo, ainda os apanhou de modo por demais estreito. Seus Gés são essencialmente identicos ás hodiernas tribus dos Cayapó e Akuen em Goyaz, nas fronteiras do Pará, Maranhão e Piauhy, cujos nomes de tribus terminam em parte na syllaba *gé*, como Apinagé, Krikatagé, Amanagé. Comtudo salientou direito como distinctivo geral deste grupo o caracter phonetico das linguas, o costume de botoques ou rolos de folhas no labio inferior ou nos lobulos

auriiculares, a falta das rêdes de dormir, a ignorancia da olaria e da navegação, assim como certas peculiaridade nas armas.

Sabemos hoje que as tribus *Gés* estão ou estiveram derramados por toda a metade oriental do planalto brasileiro, desde o seu declive ao Norte, marcado pelas ultimas cachoeiras do Xingú e do Tocantins, até cêrca de 30.° S., e para o poente até o alto Xingú: não alcançaram em compensação ao valle do Amazonas.

Devem ser especialmente alistadas no grupo *gé* as hordas e tribus primitivas das mattas da ladeira oriental da serra do Mar e seus rios costeiros, desde o Pardo até o Doce, e mais para o Sul, nos territorios de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, os poviléos que habitam a Oéste desta serra, nos affluentes do Paraná e do alto Uruguay.

A elles pertencem antes de tudo os chamados Botocudos on Burum do Espirito Santo, Minas oriental e Bahia meridional, numerosos sobretudo nas bacias dos rios Doce e Mucury, ainda independentes em parte. Devem considerar-se seus antecessores provaveis os Aymorés, tão mencionados e temidos nos seculos XVI e XVII. Conhecem-se principalmente pela monographia classica do principe zu Wied, no segundo volume de sua viagem. Material moderno foi communicado por mim na *Z. f. E.* p. 1 e 49 e seg., em 1887.

Delles são mais ou menos aparentadas uma porção de nações menores, quasi todas extinctas hoje, em Minas Novas, nos altos rios Pardo e Jequitinhonha, como os Malali, Machakali, Menien, Patachó, Kotochó, observados ainda em liberdade ao começar o seculo XIX por Eschwege, Principe zu Wied e Auguste de Sait-Hilaire.

Finalmente, entram tambem aqui os chamados Bugres de Santa Catharina, de máo nome até pouco tempo pelos assaltos dados aos colonos, situados principalmente nas matas das cabeceiras do Uruguay, mas não visitados ainda por viajante algum. Da sua lingua nada se conhece; entretanto Shokleng (Xocrem), seu nome tribal, comparavel á tribu uxekrim dos Cayapós, indica connexão com os Gé.

Todas estas tribus estão em gráo infimo de cultura, inferior até á dos Bushmen e Australios e apresentam, assim até certo ponto, a camada primeira do grupo inteiro.

Um pouco superiores mostram-se entre os Gé orientaes os Camacan de Ilheos, descriptos pelo Principe zu Wied, assim como os Camé e Caingang distribuidos pelas comarcas occiden-

taes dos Estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul: destes os mais meridionaes podem considerar-se meio civilizados; os dos Pequiri, Iguassu e Ivahy, affluentes do Paraná, conservam-se quasi independentes, mas não são hostis aos brancos. Tambem a elles se applica o nome collectivo de Corôados, tão vulgarisado no paiz. Contrastando com os outros Gés orientaes praticam a agricultura e, graças as influencias estranhas, desenvolveram a ceramica e a tecelagem. De uma especie de embira fazem roupa semelhando camisa, de modelos singulares que lembram os do Perú Oriental. Em época moderna foram descriptos especialmente por Hensel (Z. f. E. 1, p. 124, 1869) e Telemacho Borba (Rev. mens da Soc. de Geo. de Lisboa no Brasil, 2, 1883): tambem Taunay e Ambrosetti forneceram contribuições recentes.

Graças ao ultimo destes investigadores ficamos conhecendo a tribu dos Ingain do Paraná nas proximidades de salto de Guairá, evidentemente identicos aos Guayaná, os Waiganna de Hans Staden, sobre os quaes até agora havia apenas escassas noticias. Parecem remotos parentes dos Camé ou ao menos fortemente influenciados por estes.

Os Guanahans visitados por Aug. de Saint Hilaire são indubitavelmente Caingang (Ambrosetti, no *Bol. Ac. de Cordoba*, 14 V. 331, e Ihering, *Rev. do Mus. Paulista* 1902).

O gráo mais elevado occupam os Gés centraes de Goyaz com os territorios comarcãos de Mato-Grosso, Pará, Maranhão, Piauhy, divididos em dois grandes grupos, os Cayapós e os Akuens.

Ao começar o seculo XVIII tribus cayapó habitavam o Sul de Goyaz, onde oppuzeram a mais violenta resistencia aos immigrantes portuguezes. Parte dos indigenas recuaram finalmente para o Sul ao Paranahyba; no principio do seculo XIX Langsdorff e Auguste de Saint-Hilaire, mais tarde tambem Kupffer, visitaram suas aldeias. Moram nas cercanias de Sant'Anna do Paranahyba, de onde ainda hoje os Cayapó fazem viagens commerciaes aos estabelecimentos proximos de S. Paulo. Os que ficaram em Goyaz foram parcialmente aldeiados em Mossámedes, onde Pohl os visitou. A maioria porém, reuniu-se aos parentes septentrionaes, na margem oriental do Araguaya. Aqui desfructam inteira independencia as tribus de Kradaho, Caraho e Uxinkrim, que vivem em lucta accesa com os Caraya assistentes á margem esquerda do rio.

Modernamente, segundo informes de Coudreau (*Voyage au Tocantins et Araguaya,* Paris, 1887) conseguiram missionarios italianos chegar a algumas de suas aldeias e chamar os moradores a trato regular com os brancos. E' de esperar não fosse sem proveito este excellente ensejo de investigar ethnographicamente genuinos povos naturaes.

Como a avançada mais occidental destes Cayapós do Norte são de mencionar os Suyá, descobertos pela primeira expedição de Carlos von den Steinen no alto Xingú, acima da cachoeira de Martius: linguisticamente muito se approximam dos Apinagés. Graças á influencia dos vizinhos, aprenderam a servir-se de rêdes de dormir e de canôas de casca. Infelizmente não se conseguiu mais depois travar relações com elles. Sabe-se apenas que uma expedição de aventureiros americanos foi por elles destroçada no anno de 1896.

Proximos parentes das tribus Cayapó a E'ste do Araguaya são os Apinagé, já aldeados em Boa-Vista, no médio Tocantins, sobre que o botanico italiano Buscaleoni trouxe as noticias mais recentes. Em compensação, pouco conhecidos são os Gaviões ou Cricatagé, já assistentes em territorio paraense, e os Acobú ou Gamella, Bucobú ou Temembú, formando provavelmente uma divisão dos Bus, e o subgrupo dos Cran, Pocamekran, Macamekran, Aponegikran, a Sueste do Maranhão, descriptos por Pohl e Castelnau. Tambem são mencionados Carahó nesta região comarcã. Enfeixam-se as tribus gé do Maranhão sob a denominação collectiva de Gamella, Timbira, ou Canella.

A segunda grande divisão dos Gés centraes fórmam as tribus dos Akuens, assignalados pela côr clara da pelle, grande estatura e feições regulares, distinguidos pelos Brasileiros em Xavantes e Xerentes: estes não são mais que Xavantes meio-civilizados, que permaneceram no médio Tocantins, séde originaria desta tribu: os Xavantes livres refluiram para a margem esquerda do Araguaya, na bacia do rio das Mortes, onde até hoje não penetrou ainda viajante algum scientifico. Paulistas, á cata de ouro ou á caça de escravos, navegaram frequentemente neste rio, haverá cento e cincoenta annos, guerreando e anniquillando os Araé alli residentes.

Devem considerar-se parentes dos Akuen os Xikriabas e Jaicó entre o Tocantins e o rio S. Francisco, assim como os Acróa no rio das Balsas. Desde a viagem de Pohl não ha informações exactas sobre todas estas tribus. Tribus gé

extinctas do sertão da Bahia são de mencionar os Massacara Ponta e Aracuja, de que Martius encontrou ainda restos.

Com grande verosimilhança devem contar-se entre os Gé os chamados Tapuyas do sertão de Pernambuco e Maranhão: durante o seculo XVII auxiliaram as emprezas Mauricio de Nassáu nas tentativas de colonização hollandeza contra os portuguezes. Quanto a seus costumes e modo de vida, estamos bem informados, graças a autores contemporaneos, particularmente Piso, Marcgraf, Barlaeus e Roulox Baro. Numerosas imagens, entre as quaes retratos em tamanho natural, conservam-se nas collecções de Kopenhagem e nas bibliothecas de Berlin e Dresda: entre seus objectos ethnographicos destaca-se a palheta com que jogavam fléchas, pois era-lhes desconhecido o arco, facto ethnologicamente interessantissimo. Os motivos que nos determinam a contar entre os Gés estes Tapuyas ou Othushukayana foram por mim expostos num artigo do *Globus* vol. 66, p. 81 e seg

Os mais antigos restos anthropologicos dos povos Gé são os conhecidos craneos descobertos por Lund nas cavernas de Lagôa-Santa em Minas Geraes, cuja synchronicidade com os restos de mammiferos extinctos alli excavados affirmou-se, mas não se provou. Sua formação de rosto é absolutamente á dos hodiernos Botucudos e Cayapó, com os quaes tambem concordam na structura da caixa craneana.

As linguas dos Gé são-nos conhecidas principalmente por vocabularios. Dados grammaticaes possuimos apenas dos dialectos botucudo, do uxikrim entre os Cayapó e dos Camé (cf particularmente Lucien Adam, *Cong. des Americ.*, de Paris, pags. 317 seg.). Entretanto, sobre esta ultima lingua o material é demasiado inverosimil, para ser possivel uma elaboração grammatical completa.

Inseridas entre as nações gé ha ainda no planalto brasileiro tribus allophylas, que em parte se acculturaram com seus vizinhos.

Kiriri — Ao Norte do S. Francisco, no territorio de Pernambuco e Piauhy, devem mencionar-se como grupo particular, vizinhos dos Pimenteiras caraybas e dos mencionados Tapuyos, os Kiriris e Sabuya, hoje extinctos, cuja lingua nos transmittiram Mamiani e Bernard de Nantes. O Kircheriamum em Roma possue objectos ethnographicos seus.

Ao sul, no baixo Parahyba, existia durante o seculo XVI a tribu selvagem dos

Goytacaz—(Waitaka), muito temidos, mas já extinctos ao começar o seculo XVII. Seus parentes ou descendentes são considerados os Corôados, Puri e Coropó, assistentes do Parahyba para o Norte até Minas e Itapemirim. Os viajantes da primeira metade do seculo XIX, Eschwege, Principe de Wied, Martius, Auguste de Saint-Hilaire descreveram-nos aprofundadamente. Cf tambem minhas observações proprias *Z. f. E.*, 18 pags. 184 e seg., 1886.

Estas tribus possuem rêdes, mas quanto aos outros costumes e modos de vida assemelham-se inteiramente aos Botocudos. O nome de Corôados tem levado á confusão frequente entre Camé e Borôro.

Carayá. — No meio dos Gé centraes encontramos em Goyaz a grande nação dos Carayá, moradores na margem direita do Araguaya. E' provavel que antigamente se estendessem mais para o sul, pois, já no seculo XVI, Léry, dá uma tribu deste nome como vizinha ao Norte dos Tupis da costa e linguisticamente differente. Suas condições ethnographicas indicam, entretanto, uma immigração de Norte ou Noroeste. Dividem-se em tres troncos principaes. São os Carayahy, no curso navegavel do Araguaya até á ponta septentrional da ilha do Bananal, ao 10° S., que negociam com os moradores, e dão-se com as tribus de Tapirapé que moram a Oeste; os bellicos os Xambioá ainda independentes na região encaixoerada para o Norte; os Yavahé dentro da grande ilha do Bananal, não vizitados nestes cento e cincoenta annos. Em 1888 eu proprio achei os Carayás quasi nas mesmas condições que Castelnau quarenta annos antes,—povo laborioso de pescadores e lavradores, altamente desenvolvido e muito superiores, quanto ao teor geral da vida, aos vizinhos civilizados. (Cf. minhas *Beitraege zur Voelkerkunde Brasiliens*, Berlin, 1891. Em compensação já em 1896 Coudreau annunciava a decadencia da tribu, o que está pedindo com urgencia confirmação.

Tambem na margem direita do baixo Xingú mencionam-se Carayá como tribu hostil aos Yuruna. São talvez identicos aos Assurini mencionados por Coudreau. Descripção mais acurada dos Carayá seria um dos desiderata mais urgentes para o futuro proximo, pois especialmente suas danças mascaradas, com vestuarios e mascaras magnificamente ornadas, indicam opulenta elaboração de idéas animisticas e de mythos tribaes.

Borôro — No centro de Mato Grosso, a divisa das aguas entre o Xingú e o Araguaya, é habitada por uma tribu de caçadores nomades e bravios, os Borôro, ja mencionados nesta região durante a primeira metade do seculo XVIII, quando os Portuguezes serviram-se do seu auxilio contra os Cayapó de Goyaz meridional. Parte destes Borôro estabeleceram-se mais tarde no alto Paraguay, os chamados Borôro de Cabaçal, onde foram visitados pela expedição de Langsdorff, e mais tarde tambem por Castelnau, Rhode, Koslowski e outros. Seus irmãos indepedentes no proprio planalto, que ainda na éra de 80 no seculo passado fizeram correrias e salteios para Oéste até as cercanias da cidade de Cuyabá e para E'ste até o territorio goyano, foram conhecidos durante dezenas de annos pelo nome collectivo de Corôados, até em 1888 a segunda expedição allemã ao Xingú provar sua identidade com os antigos Borôros genuinos. Seu centro parecia então demorar entre as cabeceiras de S. Lourenço e o Cayapó grande, nas cabeceiras do Araguaya.

A colonia Thereza Christina, no S. Lourenço, conhecida pelas descripções de C. von den Steinen, onde muitas centenas de Borôro que se sujeitaram voluntariamente, ficaram sob inspecção militar, parece ter-se dissolvido, segundo as noticias mais recentes. Muitos dos indios entraram para o serviço domestico em Cuyabá. Os Borôro, assignalados pelo notavel tamanho do corpo, são povo puramente caçador, sem agricultura, que em muitas feições lembram os Gés, como estes, sem canôas nem rêdes, mas peritos no feitio de armas e ornatos de pennas. Sua organização social parece, em compensação, achar-se muito atrazada.

4. *A baixada NW. do Orenoco até os Andes.*—Aos povilêos aruaks e caraybas do territorio do Orenoco prende-se a Oéste entre Apure, rio Meta e Vichada, uma série de tribus, que, nos informes mais antigos dos missionarios jesuitas alli chegados por cêrca de 1730, particularmente de Gumilha e Gilij, vêm frequentemente mencionados, mas bem pouco conhecidos são. Merecem ser mencionados:

os Piaroa, no Vichada e Mathaweni; os Choruja, no alto Metra e Guejar cf. *Z. f. E.*, p. 336, 1870) e os restos agora insignificantes dos Otomaco, Saliva e Jaruro.

A' lingua destes ultimos, Guilherme von Humboldt consagrou estudos aprofundados, mas parece perdido o material original de que se serviu.

Betoya — O grupo Betoya, primeiramente estabelecido por Brinton (*Studies in S.Am. native languages*, p. 62, Philadelphia, 1892) abarca grande numero de tribus da baixada colombiana oriental entre 7° N. e 3° S., alcançando desde o Sul até o Japurá e para o Oriente até o rio Negro. Tambem entre o alto Napó e o Putumayo estão ainda representados. Brinton escolheu para designar o grupo a mais septentrional de suas tribus, os Betoya, que antigamente habitavam nas abas do monte de Bogoaa, entre Apure e Meta, principalmente no Casanare. Das outras nações deste grupo os Uaupés, no grande affluente do rio Negro, são relativamente os melhor conhecidos pelas viagens do Wallace, Stradelli, Coppi e Pfaff. A elles pertencem os Uaupés propriamente ditos, os Tucanos ou Dace, os que se subdividem nos grupos duplos de Jupuá e Koretu, de um lado e nos Jauna e Kobeu do outro. Estão ao mesmo tempo em contacto intimo com tribus allophylas, como os Triana, aruaks, e os Arekuna, caraybas, no Içana, de modo que desenvolveu-se uma especie de acculturação entre estas tribus, que obscurece um pouco o quadro ethnographico.

De outros membros deste grupo cumpre mencionar os Dessana no Apaporis, os Coregaye e Tama no rio Yari, affluente do Yapurá, que foram vizitadas por Crevaux.

Os Pioye no Napó e Putumayo são provavelmente identicos aos antigos Encabellados, tão referidos em outro tempo. Os Umaua no alto Yapura, que Martius dá como inimigos dos Miranhas, foram talvez pela semelhança do nome confundidos com os Omagua do grupo tupi.

Tiradas as breves communicações de Crevaux não ha noticias recentes sobre todas estas tribus. São, porém, de esperar as de Th. Koch, que actualmente se occupa nos rios Uaupé e Içana.

As linguas do grupo Betoya são pouco conhecidas, mas Brinton deu com material moderno o esboço de um dialecto coreguaye ou pioye (*Am. ph. ass*, 7, Philadelphia, 1892).

Entre as singularidades ethnographicas das tribus Uaupés cumpre mencionar o cylindro de pedra perfurado que orna o peito do maioral, assim como as mascaradas peculiares, cujo centro forma um demonio personificado como heróe solar ou cultural. Chamam-no geralmente yurupari, designação tomada á lingua geral e falsamente identificado com o diabo pelos missionarios. Devemos a Stradelli uma exposição aprofundada do mytho e dos usos antiquados desta

festa, que, entretanto, está pedindo com urgencia novo exame. (Bul. Soc. geog. italiana, 94 p. 425 e seg. 1890).

Ha tambem communicações importantes de Colini, segundo informações do padre Coppi, na mesma revista de1884 1885.

No médio e no baixo Yapura, Martius menciona os Miranha ou Juri como tribus de filiação não clara. Os Miranha eram então um povo de corço, barbaro, attreito á anthropophagia, caracterizado exteriormente por botoques nas narinas que assim ficavam monstruosamente alargadas, e cinto particular de embira semelhando funda herniaria. Apezar da rudeza de seus costumes, não ha testemunhos desfavoraveis a seu caracter e é afamada sua pericia na arte de tecer e trançar. Desde a visita de Martius no anno de 1820 são apenas mencionados ligeiramente por outros viajantes.

Sua lingua, rica de asperos sons gutturaes, é conhecida apenas por vocabularios de dous dialectos. Por ora não se póde subordinal-a a algum grupo maior, mas ha affininidades phoneticas com a lingua dos Juri, que moravam rio abaixo e em tempo de Martius eram seus inimigos. Destes apontam-se como caracteristico a tatuagem negra da bocca e o uso dos escudos de pelle de anta. Tambem sobre elles faltam noticias frescas. Ligação das duas tribus com o grupo dos Betoya, que admitti em 1891, é sem duvida possivel, mas até agora absolutamente indemonstravel.

Nas solidões do Ecquador oriental, desde as abas dos Andes até os rios Napó e Marañon, são mencionadas numerosas tribus que, ao parecer, podem ser reunidas nos dous grupos principaes de Zaparo e Jivaro. Alguns, como os Kototo e Tautapshito, parecem parentes do Pioye, são portanto Betoya; outros, como os Amishiri e Lagartocaches, mencionados por Hervas, devem-se contar entre os Iquito.

Como os Zaparo chamam-se tambem Xebero têm sido muitas vezes confundidos com os Jivaro.

Os Zaparo, de que Brinton dá não menos de cincoenta e sete nomes de tribus, habitam em região bastante baixa entre o Napó e o Pastassa, estendem-se tambem pelo Morona até dar no rio Marañon. Foram descriptos por Osculati em 1851 e mais tarde por Simpson.

Em plena independencia e geralmente hostil vive ainda o grande grupo dos Jivaro, dividido tambem em numerosas tribus, entre o Pastassa e o Morona, de 2° até 4° S. As subdivisões mais importantes são os Murato, Antipa, Aguaruno, Ayuli, Itucali e outros.

Tambem ao Sul do Marañon Herndon indica ainda tribus Jivaro, cuja affinidade não está, porém, apurada.

Já ao expirar o seculo XVI os Hespanhóes tentaram de balde sujeital-os: comtudo ainda hoje existe uma estação em Macas no alto Pastassa, donde viajantes européos têm penetrado até elles (Cf Reiss, *Verh. d. Ges. fur Erdkunde zu Berlin*, 1880).

Sua peculariedade ethnographica mais importante são seus trophéos, cabeças de inimigos preparados com refino, que depois de retiradas as partes osseas reduzem-se pelo encolhimento ao tamanho de um punho.

De sua lingua Brinton lançou um esboço (*Studies*, p. 21), segundo materiaes recentemente publicados.

5. *Territorio do Marañon e de seus affluentes meridionaes.*

No alto Marañon, no baixo Huallaga vive ainda uma porção de tribus avulsas, de affinidade indeterminada, que em parte já nos seculos XVI e XVII estiveram sob a influencia das missões, mas nem um passo deram quanto á cultura.

A elles pertencem os Ticuna, conhecidos por suas danças mascaradas descriptas por Spix e Martius, e tambem como preparadores de fléchas envenenadas;

os Yahua, que, segundo Brinton, reuniram-se em grupos aos extinctos Pebas e Canauri ;

os Jameos e Lama, descriptos por Poeppig;

no baixo Huallaga os Cholon e Hibito, de cuja lingua tratou Brinton, segundo material inedito, em seus *Studies*, p. 30 ;

e finalmente os Lorenzos, nomeados pela primeira vez em 1880, segundo Ordinaire restos dos Amage e Carapocho, encontradas no seculo 18° por missionarios no valle de Pozuzo. Vivem ainda em pura idade de pedra nos rios Palcassu, Pichis e Chuchurras. Sobre sua lingua nada se sabe.

Pano.—O grupo dos Panó comprehende uma porção de tribus da matta peruana oriental, principalmente no Ucayale e Javary, mas tambem derramados pelo alto Juruá, o médio Madeira, assim como o Beni e o Madre de Dios. Entre elles assistem em territorio peruano Aruaks, Campa e Piro, em territorio boliviano os Tacana e seus parentes. As tribus mais essenciaes são:

no Ucayale os Conibo, entre os quaes já houve missões no seculo XVII, que pouco lograram para civilizal-os: usa-se entre elles uma especie de circumcisão barbara das raparigas;

os Cassivo, selvagens e cannibaes, no Aguaitea e Pisqui, e os Setibo e Sipibo entre o Huallaga e o Ucayale, seus parentes;

no Javary os Mayoruna, igualmente selvagens, que furam o canto da bocca e as azas do nariz para introduzir conchas e ornatos de pennas, e usam grandes lanças de arremeço, mas tambem a zarabatana.

Dos Panós que habitam o alto Juruá só modernamente chegaram-nos noticias.

No extremo de sua memoravel viagem, Chandelss chocou-se com os Naua, armados de escudos. Desde a penetração dos seringueiros por aquellas devesas ficámos conhecendo nas cabeceiras do Juruá, do Tarauaca e do Envira outros representantes deste grupo, os Caxinauá, Xanindauá, Jaminauá, de que chegaram tambem objectos ao Museu de Berlim. Tambem estas tribus usam escudos de couro de anta, comos os muitas vezes mencionados entre as tribus orientaes no tempo da conquista *(Globus*, vol. 83, pag. 335). Estes territorios estão pedindo uma investigação o mais breve possivel, pois o commercio da borracha e apéga de escravos já estão implantados nestas comarcas longiquas, depravando os indiginas e ameaçando-lhes a existencia.

Pouco sabemos sobre os Huatxipaizi no alto Purús, os Siriniri, no Madre de Dios e os Caripuna, no alto Madeira, com quem,entre outros, entrou em contacto Keller-Leuzinger.

Passam por meio civilizados os Pacaguara, no baixo Beni.

Boas descripções das tribus dos Pano e do seu habito ethnographico devemos a Luciolie Coloni *(Bull. Soc. geog. Ital.*, 1883*)*, a Ordinaire *(Rev. de Ethn.*, 1887*)*. Das linguas Panós tratou R. de la Grasserie, *Cong. des Americanistes*, de Berlim, pag. 435.

6. *Baixada boliviana e cabeceiras do Beni e Madeira.*

Tacana. As tribus do grupo Tacana, entre os rios Beni, Madeira e Acre, foram visitados por missionarios desde o seculo XVII, mas só modernamente, depois de devassados os seringaes dalli, foram sendo conhecidas, graças ao Americano Heath, ao Brasileiro coronel Labre e ao missionario boliviano Armentia. Brinton tratou linguisticamente do grupo em seus *Studies*. Além de algumas tribus extinctas, dá como principaes representantes os Araona, Cavina, Equino, Isanama, Maropa, Tacana, Sabipocoma e Pucapacuri, de que grande parte já estava convertida ao christianismo em tempo de Orbigny.

Por selvagens passam ainda os Toromona e Araona. Consta que, em vez de jangadas, usam de balsas. Labre e Armentia fallam em seus templos ou casas de meizinha, em que estão expostos idolos feitos de madeira ou pedra, assim como do seu culto dos espiritos da natureza. Informações mais exactas seriam desejadas com soffreguidão. E' possivel que se contenham aqui restos de antigo culto peruano, pois está provado que os Incas avançaram postos para esta banda.

A Bolivia oriental hospeda, além de tribus arnaks e tupis, ainda, uma série de poviléos de especie particular, de que, porém, só dois têm alguma importancia, isto é, os Yurakaré e os Chiquito.

(*Do Arch. f. Anthropologie* de Brunschweig)

II

Summario: — *Anthropogeographia.* — *Estado de cultura.* — *Conclusão.*

O que sabemos sobre a distribuição, as migrações e penetrações reciprocas dos differentes grupos de tribus, habilitanos a traçar a anthropogeographia da America do Sul, pelo menos em suas feições principaes.

Os mais antigos vestigios do homem figuram na parte meridional do continente, na região dos Pampas e na Patagonia, onde póde considerar-se demonstrada sua coexistencia com os animaes extinctos da éra diluvial. Basta mencionar as interessantes questões agitadas recentemente a proposito do Grypotherio e de suas relações com o homem (*Globus*, vol. 76, n. 19; vol. 77. pag. 61).

Além destes restos primevos, alongam-se tambem muito pelo passado os chamados Paradores da Argentina, assim como os Casqueiros ou Sambaquis do sul do Chile e do Brasil, que em suas partes mais antigas contêm conchas hoje extinctas. Das tribus que em época historica habitaram aquellas comarcas, pelo menos os Patagões e os Fueguinos trazem um caracter tão archaico que só a contragosto podemos consideral-os descendentes daquelles povos primitivos.

A mesma feição archaica perdura tambem nas tribus dos Gês do planalto brasileiro, especialmente em seus representantes infimos das matas serranas, do lado oriental para a costa. Aos craneos encontrados nas cavernas do oriente de Minas Geraes, póde-se contestar o caracter de fosseis, não a grande antiguidade; apresentam todos os caracteres anthropologicos do grupo dos Botocudos.

Quanto ás serranias andinas, já o facto de no Perú o organismo humano estar inteiramente adaptado ás condições de altitude o ter-se podido elaborar uma raça andina caracterizada nitidamente nas proporções do corpo, falla em favor da extrema antiguidade da população. Um gráo de cultura qual admiramos nos priscos monumentos do lago de Titicaca, presuppõe um periodo de desenvolvimento sobremodo longo. Caracter mais recente apresenta a cultura dos Chiboha, que desde as terras baixas do Norte alcançou o planalto do Bogotá.

Provavelmente deve-se contar na camada mais antiga da população os Aruaquis da Guayana, das costas e ilhas do

mar das Antilhas, de desenvolvimento relativamente elevado, que em tantas cousas foram os mestres dos outros. Comtudo, por ora, não se póde dizer com precisão que parte deste vasto territorio póde considerar-se sua patria primordial.

Nos planaltos e cadeias de montanha que cercam as baixadas do Orinoco e do Amazonas deparamos uma população mais una e de caracter mais archaico que nas bacias destes grandes rios, onde só mais tarde, relativamente, o homem se fixou.

Estes planaltos, assim como a zona de steppes dos Pampas e da Patagonia, que formam um mundo por si, pódem ter sido o theatro da differenciação dos povos. Do planalto brasileiro sahiram os Tupis e Caraybas; da Cordilheira oriental os Betoya e Pano partiram para o valle do Amazonas; em direcção opposta, vindos de N. W., entre elles inseriram-se os Aroaquis e juntamente com elles occuparam a baixada do Oronoco. Todas as condições destes rios gigantescos favoreceram a fragmentação ampla e a penetração reciproca dos troncos e hordas. A enrediça dos canaes naturaes, ligando um systema fluvial ao outro, tornou possivel um vai-vem em todos os sentidos, e uma culturação mutua. Este processo passou ainda por modificações particulares, graças á penetração dos brancos, diante de cujas caçadas de escravos e oppressões, sem escrupulos, novos fragmentos de tribus foram sempre subindo o rio, acolhendo-se nas partes mais remotas; ao mesmo tempo outras que se sujeitaram, reunidas em missões e malhadas, apesar de sua variedade ethnographica, até formarem uma unidade artificial, constituiram o substratum da população india actualmente civilizada.

Só as nações dos Gés não tiveram parte nesta migração para a baixada propriamente dita, mas foram-se retirando muito gradualmente rumo de Oeste para o Xingú e para o Tapajós.

Assim tambem ao Sul, os Patagões ficaram sempre limitados á sua pininsula, do mesmo modo que as tribus primitivas do Chaco boreal; os indios do Chaco meridional, porém, particularmente os Guaycurús, parece terem emigrado do territorio boliviano para Sueste. Do resto, a transformação destas tribus ou povos cavalleiros confundio muito o grupamento primitivo. Só com a introducção do cavallo avigorou-se mais o movimento para Este. Especialmente as tribus dos Pampas são formações recentes,

cujo desenvolvimento se deve sómente aos Araucanios, emigrados para Oriente, depois de anniquilada a antiga população dos Querendia.

A esta articulação anthropogeographica correspodem tambem as condições culturaes dos principaes troncos. Suas feições geraes são determinadas pela natureza physica do continente. Assim, a estructura geologica do terreno determina em vastas extensões uma notavel falta de pedra, e isto na comarca economicamente tão importante do Amazonas. Portanto, não se dá aqui uma idade de pedra em nosso sentido. Só na Patagonia ella se desenvolveu plenamente até a éra historica, ao passo que no territorio dos Andes utensilios primitivos de cobre, com ou sem accrescimo de estanho, associam-se desde éras remotas á instrumentos de pedra. De resto, machados de pedra são por toda parte relativamente raros, e onde ainda estão em uso devem na maioria ter sido importados de longe. Agora na maior parte das tribus estão já substituidos por instrumentos de ferro. Mas tambem os instrumentos menores, se não são de madeira ou taquara, fazem-se de ossos, dentes e unhas de bichos. Já por este motivo a caça e a pesca em toda a parte hombream com a agricultura, e a concepção do mundo visto através dos olhos do caçador domina toda a vida espiritual do indio, particularmente suas idéas animisticas. Nunca foi utilizado o ferro, que assoma em massas, particularmente a Este; em compensação a riqueza das boas argilas permittio que a ceramica florescesse em varias tribus.

A flora produz grande abundancia de plantas textis, algodão, embiras, etc.; ao contrario, as plantas propriamente alimentares possuem pouco valor economico, por serem, de natureza, facilmente expostas a corromper-se, difficultando assim que se accumulem as provisões.

Como se sabe, a fauna da America do Sul é caracterizada pelo pouco desenvolvimento dos mammiferos superiores; por isso a caça é relativamente pouco rendosa e, abstrahindo da região das Cordilheiras, a domesticação de animaes não se póde desenvolver. Tanto mais importante é a pesca, praticada com methodos variados e ás vezes extraordinariamente engenhosos de pegar peixe. Faltam-lhe rêdes e anzóes, provavelmente porque os dentes afiados da omnipresente piranha de antemão tornariam impossivel este methodo de apanha. A

magnificencia de côres da aviaria sul-americana provocou o grande desenvolvimento dos ornatos de pennas e influio tambem sobre a capacidade artistica dos Indios.

Quanto ás diversas zonas de cultura, as baixadas banhadas ricamente e cobertas de matas do grande rio das Amazonas, do Orinoco e dos rios costeiros de Guayana são a verdadeira patria da agricultura primitiva, que aqui revestio a fórma de agricultura de enxada, exclusivamente exercida por mulheres.

Aqui se adquiriram ou se vulgarizaram as principaes plantas cultivadas, aqui o talento inventivo do homem naturista realizou a espantosa façanha de utilizar para a alimentação humana uma planta venenosa como a mandioca, a qual mais tarde angariou grande importancia economica para outras terras tropicaes, como a Africa. Tambem especies de palmeiras e fructeiras selvagens, sendo poupadas conscientemente, adquiriram o caracter de plantas domesticadas. A população masculina ganhava a subsistencia por meio da caça e da pesca, feitas com os instrumentos primitivos, porém apropriados, que a natureza lhes offerecia.

As armas caracteristicas dos Sul-Americanos, o arco e a flécha, alcançaram entre elles o apogêo de sua perfeição, e a zarabatana aqui inventada, unida ás fléchas envenenadas, foi um inapreciavel auxiliar da existencia. O uso de armas envenenadas limitou-se a uma zona nitidamente circumscripta, isto é, ao territorio que demora a Oeste do Madeira e ao Norte do rio das Amazonas. O Perú oriental, a bacia do rio Negro e a Guayana são seus principaes districtos.

Modernamente alguns povilêos dão-nos ainda uma imagem desta vida primitiva sem duvida, mas relativamente commoda, correspondente a todas as exigencias do homem naturista. São elles principalmente os Mundurucús, os Mauhés, as nações do Uaupés, assim como as tribus maiores da Guayana, alheias ainda á influencia européa.

Em compensação, a influencia européa agio de modo anniquilador sobre os indigenas ribeirinhos do Amazonas. Das tribus sem conta que, segundo os informes de Orellana e Acuña, nos seculos 16.º e 17.º viviam em aldeias bem installadas aos dous lados do rio, tão conchegadas que, no dizer de Acuña, de uma aldeia podia ouvir-se o derribar páu em outra, nada absolutamente nada resta mais hoje. Muitos objectos raros expostos em nossas collecções, como páus de

jucá bellamente entalhados, figuras artisticas de pedras verdes, productos ceramicos technicamente perfeitos, ricamente ornamentados de estylo singular, achados em tapéras e antigos cemiterios do baixo Amazonas, em Marajó e na costa norte oriental, dão testemunho da grande actividade artistica daquellas populações extinctas.

Tambem nas costas do mar das Antilhas dominava ao tempo da conquista uma faina cultural com frequente trato maritimo, particularmente em Darien e no littoral de Cartagena e Cumana, que a muitos respeitos lembra as condições das grandes Antilhas. Pedro Martyr e Oviedo informaram compridamente a este respeito.

Infelizmente as tribus mais cultivadas de então, que teciam algodão e lavravam metaes preciosos, como por exemplo os Pacabuya, não podem mais ser identificadas com segurança. (Cff. Waitz, *Anthr, der Nature,* 3, 381).

A zona de condições favoraveis de existencía prosegue pelo planalto brasileiro a dentro, acompanhando os cursos do Tocantins e do Araguaya, do Xingú e Tapajóz, até onde grandes matas escoltam estes rios; dahi procede um cunho semelhante aos districtos amazonicos propriamente ditos, que se observa nos moradores.

Só onde começam os descampados ou as formações de laterite com sua vegetação acanhada, onde em vez das compactas matas ribeirinhas (Hylaea) assomam os estreitos matos em fórma de galerias, só ahi apparecem povos em estadio inferior, em parte apresentando o caracter genuino de nomatos caçadores. Esta situação estampa-se de modo typico no grande planalto brasileiro, em Matto Grosso e Goyaz.

Com o começo da materia mais abundante surgem no alto Xingú e no Tapajoz fórmas mais desenvolvidas de viver que em todo o essencial se emparelham á do Amazonas; ao contrario, mais para o Sul os Borôros que habitam o descampado apresentam condições de vida e costumes de todo barbaros.

Posição média occupam as nações dos Gés. Em parte alcançaram a uma cultura regular, como os Cayapós e os Akuen: mas sua inferioridade cultural patentea-se na falta de ceramica, de tecelagem e portanto de rêde de dormir, assim como de navegação. Excepção apparente constituem os Carajás que relativamente se elevaram; estes ribeirinhos que nos campos se entregam sobretudo á agricultura e á pesca, se-

gundo todas as probabilidades só recentemente emigraram do Noroeste para o territorio do Araguaya.

Menos accentuado é este contraste na Guayana, cujas savanas favorecidas pelo lado do clima e relativamente ferteis abrigam grandes tribus de consideravel desenvolvimento, que desde seculos mantêm permutas animadas com os habitantes das matas.

Muito pouco favoraveis á cultura, ao contrario, foram as condições no terreno do Chaco. Falta de agua em tempo de secca, superficies inundadas, ou banhados no tempo das chuvas, apresentaram aqui os maiores estorvos á actividade humana, impedindo por igual a colonização branca. As grandes extensões occupadas por uma planta alimentar selvagem, a algaroba, explicam a elaboração mais fraca da agricultura. Sendo necessaria a frequente mudança de pôuso, conforme as estações, a maior parte das tribus, principalmente ao Norte, contentam-se com um abrigo inteiramente primitivo, como cobertas ou esteiras pendente de arvores. As tribus meridionaes, como os Guaycurús, lograram novas condições de existencia, graças a acquisição do cavallo e a existencia de gado, principalmente do carneiro. Todas as tribus que têm ovelhas desenvolveram a tecelagem da lã, que tambem se implantou entre Araucanios e Pampas.

A vida a cavallo determinou tambem mudança no armamento.

Ao passo que a lança tornou-se a arma principal e o laço e a bola são manejados com extremada maestria, o arco, que no Chaco meridional encontramos atrophiado, desappareceu de todo entre as tribus dos Pampas e os Patagões. Só entre os Ona, que não possuem cavallos, continúa ainda em uso; as pontas de flécha, feitas de pedra, encontradas nos paradeiros prehistoricos daquellas paragens patenteiam ainda a antiga vulgarização de arco. Degeneração analoga do arco mostra-se aliás tambem entre os Guajiro, povos e pastores ao Norte.

As tribus culturalmente mais baixas tambem na America do Sul, são os povos periphericos (no sentido de Ratzel), como no extremo meridional os Fueguinos, na borda oriental os Gés inferiores, Botocudos e parentes, na embocadura do Orinoco os Warran, ao occidente os habitantes dos desertos de Atacama e outros. Mas tambem no sertão do continente acham-se hordas desta especie, retardadas pelo longo isolamento sob condições de vida desfavoraveis, ou talvez tambem

degeneradas, como os Guayakino Paraguay e os Guahibo das cabeceiras do Orinoco.

Em geral todas as tribus que, acompanhando os rios, segregaram-se nos recantos deshabitados da grande região da mata, chegando deste modo a um ponto morto por assim dizer, apresentam um caracter inferior, mesmo quando pertencem a uma familia desenvolvida a outros respeitos. Como os Aruaquis do Perús, do Juruá e do Huálluga ficam atraz dos da Guayana e até dos das Antilhas!

Já a falta de pedras e conseguintemente, de machados, basta para tornar impotente perante a Hylaea uma tribu primitiva atirada para tal região. Accresce a desvantagem das condições hygienicas devidas ás extensas inundações annuaes, á praga de insectos, etc.

Verdadeiros imperios de cultura da America do Sul floreceram só nas terras altas dos Andes. Comtudo, como já muitas vezes se tem advertido, provavelmente os Chibcha importaram sua cultura dos planos septentrionaes para o planalto do Bogotá, ao passo que se deve admittir uma elaboração autochtona para o Perú e para a Bolivia.

Como isto veio a se dar, ignoramos; mas a hypothese de Paschal dá-nos uma indicação. Segundo elle, povos caçadores affoitos que penetraram até o Puna para caçar lhamas, aqui depararam com duas plantas alimentares importantes, como a batata o a quiñoa, que lhes permittiram estabelecer-se permanentemente nas proximidades dos territorios de caça. Conseguindo estes moradores por em cerca os rebanhos de lhamas, como succedeu geralmente mais tarde, sobreveio assim a possibilidade de domesticação de um animal economicamente util que não só lhes fornecia carne, mas tambem lã para a vestimenta necessaria em clima frio, e finalmente achou tambem emprego como animal de carga. Todo o processo póde ter passado de modo analogo ao da domesticação do gado bovino no Antigo Continente, segundo a hypothese de E. Hahn.

Sobre os haveres culturaes em particular, graças ao zelo de colleccionar, despertado ha alguns decennios e graças aos objectos mais antigos guardados em nossos museus, no todo estamos bem informados. Dos grupos mais importantes de povos, que ainda poderam ser observados no seculo 19.º, conhecemos as armas e os utensilios, os typos de construcção de casa, as vestimentas ou seus succedaneos, os ornatos, as deformações artificiaes do corpo, etc., de modo que agora é relativamente raro alcançarem aos nossos museus fórmas totalmente

novas. Peças originaes de épocas mais antigas, são entretanto extremamente raras. Onde existem mais numerosas é nas collecções de Roma e Copenhagen.

Entretanto, para o estudo da distribuição geographica dos diversos objectos e da affinidade de fórmas ahi apurada, resta quasi tudo a fazer.

A' importancia ethnographica da propagação da rêde de dormir, e certos ornatos dos labios e ás tatuagens, já tivemos ensejo de nos referir. Investigações systematicas e minuciosas existem apenas para poucos objectos. Destes trabalhos especiaes, por ora possuimos apenas os estudos do Hermann Meyer sobre as fórmas de arco no Brasil (Leipzig, 1894), a descripção devida a Max Schmitd, dos páus que servem para tirar fogo (Z. f. E., 35, 1893, p. 75); a esta deve ainda seguir-se a exposição dos trabalhos de trançagem. Ha mais um conspecto das palhotas de jogar, devido a Krause (*Int Arch. for Ethn.,* XV, p. 121 e seg.) e dos arpões, devido a, Masom em seu estudo dedicado especialmente aos arpões do Eskimós, nos *Rep. of the U. S. National Museum for 1900* p. 189 - 304.

Urgentemente necessarias seriam semelhantes investigações sobre ceramica, tecelagem, cobertura e construcção de casas, fórmas de vestuario e ornato.

Ficariamos assim habilitados a elucidar o processo de acculturação entre as tribus de diversas provincias geographicas, e tambem a determinar os centros geographicos de cultura.

Conquanto qualquer tribu tenha em principio suas propriedades caracteristicas determinadas quanto ao vestuario, ao ornato, ao armamento e aos mais apparelhos de objectos culturaes, que em geral com variações maiores ou menores reapparecem em todas as tribus irmãs do mesmo grupo, entretanto esta regra só prevalece quando as tribus aparentadas occupam continuamente um territorio. Si ao contrario o grupo se expande para além, então muitos de seus grupos que demoram em comarcas alongadas entram em contacto com tribus allophylas, e na nova convizinhança fórma-se pela convivencia, pela imitação, pelo conubio e pelo commercio um typo de cultura particular, de que participam as tribus de procedencia mais variada, obliterada a peculiaridade originaria.

Destes typos locaes de cultura encontramos, por exemplo, nas cabeceiras do Xingú, onde Tupis, Caraybas, Aroaquis e Gés entraram em acculturação e estes receberam dos

vizinhos a rêde de dormir e a canôa de casca, que a principio não possuiam.

Do mesmo modo na Guayana os tres grupos primeiramente mencionados desenvolveram uma communidade ethnographicamente compensada, de modo que os Caraybas da Guayana pareciam mais semelhantes aos Aroaquis do que aos Caraybas do Xingú. No Perú oriental existe compensação reciproca entre os Pano e os Aroaquis, no Sul entre os Araucanios, Puelche e Patagões; na bacia do Uaupé entre as tribus dos Betoyas, Aroaquis (Tariana) e Caraybas (Arekuna).

Papel importante representa tambem aqui, naturalmente o commercio, mais animado entre os povos naturistas do que geralmente se admitte. A maior parte das tribus desenvolvera certas industrias especiaes mediante officios locaes dependentes da materia prima existente nas cercanias. Estes juntamente com os productos extrangeiros são permutados por outros artigos necessarios de tribu em tribu; muitos porém, sabem reservar-se zelosamente o direito de servir de intermediarios neste escambo.

Os artigos mais importantes são vasilhas de barro, cabaças, algodão, rêdes de dormir, canôas, sal, fléchas ervadas, e material para fléchas, machados de pedra e naturalmente artigos de importação européa. Isto investigaram extensamente Im Thurm para a Guayana, V. de Steinen e mais tarde Schmidt para o Xingú.

Phenomeno interessante é a degeneração de certos objectos na época historica. Assim as palhetas de jogar dardos usadas em vez de arco por certas tribus antigas das ilhas das Indias occidentaes e entre os Tapuyas do Brasil neerlandez, palhetas que parecem ter sido os precursores do arco, foi entre a maior parte das outras tribus rebaixada a arma de brinquedo, como no Xingú e no Araguaya. O proprio arco, como já o vimos, usa-se em fórma atrophiada entre os cavalleiros nomades do Chaco o já sumio-se de todo entre os Indios dos Pampas e os Patagões.

Do mesmo modo os pavezes tão mencionados antes no Oriente, agora só se encontram entre remotas tribus occidentaes, como os Jivaro e os Naua no Juruá; entre os Warran do Norte da Guayana são tambem usados nos brinquedos, para os empurrões. A couraça dos Araucanios e Patagões persiste ainda em fórma atrophiada no Chaco.

Muito insufficiente é nosso conhecimento da organização social. Das tribus infimas quasi nada sabemos. A constituição

gentilica, como o parentesco ordenado pelo lado materno, onde mais claramente apparece desenvolvida é entre as tribus dos Aroaquis do Norte assim como na região sul occidental do Amazonas.

Dos Aroaquis da Guayana conhecemos cincoenta destas parentelas, graças a Im Thurm, dos Guajiro conhecemos trinta, graças a Candelier, que são assignaladas por nomes de animaes e plantas. Dos Paumari, Jamamandi e Ipurinã, Sperr communicou recentemente uma porção de nomes de clans. Tambem apparecem desenvolvidas entre os Araucanios e as tribus do Chaco. Aqui ha tambem uma divisão em classes, e particularmente a formação de uma fidalguia guerreira, do mesmo modo que uma organização em geral mais rigida, militar, com o poder mais forte do cacique. O cacicato tinha caracter quasi despotico entre os Taino, que a muitos respeitos lembra o dos Polynesios.

Ritos de puberdade com penas corporaes por meio de flagellação ou dentadas de formiga, ou por meio de fumigações e clausura, no caso de mulheres, são muito vulgares, principalmente na região amazonica. Entre os Caraybas das ilhas e da Guayna os candidatos ao cacicato deviam antigamente sujeitar-se a taes flagellações, applicadas tambem periodicamente entre outras tribus da Guayana por occasião de festas e inhumações. E' muitissimo provavel que a todos estes processos de flagellação primitivamente estivesse sotoposto um motivo sexual; a questão está pedindo exame mais acurado.

O costume do chaco (Couvade) patenteou-se desde o principio entre todos os Caraydas; é tambem conhecido entre os Abipones e outras tribus do Chaco; apparece attenuada entre os Aroaquis e Betayo.

Tambem da situação juridica muito pouco sabemos e temos de reconstruil-a com os informes exparsos dos viajantes. Existem informes relativos ás tribus da Guayana, aos Guajiro, Carayas, Borôro, Uaupés, Guató, tribus do Chaco e Araucanios. (Do resto compare-se Posb, *Grundruege der allg. Rechtw*, pg. 199.)

O trabalho synthetico de Martius sobre a situação juridica dos indigenas do Brasil não satisfaz mais ás exigencias modernas, pois muitas vezes ignora-se a que tribus se referem os dados.

Notavelmente destituidas de desenvolvimento são as idéas religiosas das tribus sul-americanas que em geral não passaram do animismo e da crença em espiritos sob a fórma mais grosseira, isto é, receio obscuro das almas dos mortos o de certos

demonios naturaes, que se manifestam em animaes o entes fabulosos. A este respeito parecem espiritualmente muito menos aparentados com seus irmãos do Norte, animados de profundo sentimento religioso, do que com os Australianos e Papuas. Nem sempre consideram-se essencialmente distinctos os bons e os máos espiritos. A idéa de subordinação de qualquer um desta categoria sob uma potencia superior singular, é rara, e onde surge, como entre os Cariybas das ilhas, os Tupis orientaes e as tribus do Chaco, não parece extremo de influencia christã.

A respeito das particularidades desta crença em almas e espiritos, indicaremos a excellente monographia de Koch sobre o animismo dos povos naturistas sul-americanos no supplemento do *Int., Arch. f. Ethn.*, vol. 13, 1900.

O conceito de um grande espirito como ser supremo é de todo extranho a psychico do Indio no estado primitivo, e mesmo na America do Norte, é producto de desenvolvimento serodio. Esta circumstancia apresentou sempre aos missionarios uma difficuldade maxima, pois tal conceito não se podia exprimir nas linguas indigenas por um termo adequado. Na America hespanhola arranjaram-se, tomando simplesmente a palavra castelhana *Dios*, no Brasil adoptou-se a expressão *Tupan*, com que os Tupis designavam o raio, ou um demonio que o causava, ou um feiticeiro que o incarnava. Em todo caso é inteiramente arbitraria a identificação do *Tupan* com Deus. Onde encontramos este nome entre as tribus dos Indios, deve-se com segurança admittir a influencia directa ou indirecta de antigos missionarios. Por isso não foi encontrado entre as tribus conhecidas no seculo passado, e só vale como Deus dos brancos.

Em geral os phenomenos naturaes notaveis e impressionadores como o trovão, o relampago, a chuva, o arco-iris, meteoros, assim como os astros não tiveram importancia para a elaboração da crença em entes superiores. Estes elementos, tão importantes na mythologia ariana ou norte-americana, aqui só representam algum papel, quando com elles está relacionado na lenda cosmogonica, o heróe cultural ou seu descendente, que ao mundo e aos vivos deu a fórma presente e entregou-as ao homem como cousa bôa. Em geral são simples manifestações de poderosos feiticeiros, o mais poderoso dos quaes é naturalmente o heróe cultural.

Entre os povos andinos, como em geral dentro de todo o antigo mundo americano cultural, estes heróes têm visivel

ligação com o astro do dia e da noite, o primitivo casal de deuses; apparecem como seus descendentes, para afinal inteiramente identificarem-se com o sol, como Nemterequeteba ou Botshika entre os Csoleca, e Pachakamac e Viracocha entre os Peruanos. Em compensação o Kon dos Yunka, que não tem osso, parece ser personificação do vento.

Naturalmente tambem no Perú a crença do povo, apezar do culto official do sol, limitava-se ao terror supersticioso dos pristinos demonios naturaes; onde o sol e a lua assomam como divindades fóra da região andina, como nas grandes Antilhas e na costa do Norte ao tempo da conquista, deve-se admittir que agiram influencias centro-americanas.

Se um phenomeno natural, aliás o mais violento e o mais impressionante, levou ao espirito do selvagem a existencia do poder superior desconhecido, foi o vulcanismo.

Assim o poderoso Sangay, do Equador Oriental, sempre em actividade, passa para os Jevaro e Zaparo como séde de um espirito sobre poderoso. Entre os Araucanios, Pillan, o deus nacional, habita em um dos vulcões activos de seu territorio.

Com a idéa ausente ou rudimentar de Deus entre as tribus naturistas concorda a falta completa de actos de culto, sacrificios, orações; ha suplicios de cavallos entre os Araucanios e os Patagões, mas entre os primeiros póde-se com segurança attribuil-os á influencia peruana.

Idolos só foram verificados com segurança entre os Tainos e connexamente entre os Caraybas das ilhas, como os chamados *Zeme*, que representam espiritos dos antepassados, approximadamente á moda dos Malaios. Entre as tribus do Chaco (Guaicuru) usam-se tambem imitações de imagens de santos christãos como imagens de avós. Em algumas tribus do grupo Tacana corre que são expostos nos templos idolos de madeira e pedra. Cousa mais exacta a este respeito não se póde apurar dos poucos claros informes de Armentia e Labre, e tambem aqui podemos concluir em favor de influencias peruanas.

Quando os missionarios fallam em idolos antigos, parece tratar-se de mascaras e vestuarios mascarados, pendurados nas casas dos homens, chamadas templos, a que os fanaticos christãos não sabiam dar melhor destino que queimal-os. Cousa analoga de nosso tempo é o modo por que o padre Coppi, em 1885, no Uaupés, profanou as mascaras e objectos sacros na festa de Jurupary, sendo quasi victima da sua precipitação.

As danças de mascara como expressão de idéas animisticas, são muito mais vulgarizadas do que até aqui se admittio, e podem considerar-se como primordios de actos cultuaes. Depois que Spix e Martius trouxeram as primeiras communicações sobre estas festas entre os Ticunas, Wallace descreveu-as tambem entre os Uaupés e outros. Ulteriormente os viajantes allemães depararam fórmas de mascaras inteiramente novas na bacia do Xingú e no Araguaya. Em outras regiões, como na Guayana e no Purús as mascaras são substituidas por figuras de madeira, que andam carregadas na mão. Camadas de barro e capas de folhas são igualmente empregadas. Ao lado das mascaras usam-se tambem matracas, flautas e gaitas, como objectos magicos, que indicam as vozes dos espiritos.

A respeito da singular importancia destas mascaradas só podemos chegar a conclusões indirectamente. attendendo ás analogias por vezes golpeantes observadas na America do Norte, na Africa e especialmente no mundo insular papuano melanesi. Como a maior parte das mascaras representam animaes, trata se provavelmente do mesmo modo que na America do Norte, de uma conjuração representada de seres theromorphos (espiritos de animaes), graças a qual deve ser provocado um augmento de animaes ou de caçadas favoraveis. Em outros casos são representações dramaticas das tradições da tribu, realizadas por occasião de acontecimentos importantes que affectam a communidade, ritos de iniciação, construcções de casas ou aldeias, enterros e outros semelhantes.

Relações entre estas festas e ligas exclusivamente de homens são até certo ponto patentes, pois por toda a parte nota-se a tendencia a impedir que as mulheres tomem parte activa nellas, conservadas envoltas em nimbo mysterioso para o outro sexo. Isso proporciona aos homens, como iniciados, a supremacia sobre as mulheres, que sobre a pressão das crenças nos espiritos cahem suggestivamente na dependencia espiritual. Por isso é-lhes tambem vedado sob fortes penas a vista de mascaras e objectos sacros fóra do tempo das festas; por outro lado os dançadores mascarados, têm de guardar rigorosamente seu incognito e especialmente não podem cahir. Prescripções exactamente iguaes a estas encontram-se, como é sabido, nas danças de mascaras dos Americanos de NW., dos papuaes e outros povos naturistas.

Em compensação ainda não está demonstrada a existencia de sociedades secretas de chamans ou pagés sob o patro-

cinio de espiritos protectores particulares, como em Africa e ao NW., da America.

Os pagés ou curadores são os intermediarios dotados de força magica entre os homens e o mundo dos espiritos, em cujas praticas mais importantes entram as conjurações de espiritos e de infermidades, a explicação de sonhos e a feitiçaria. Esta, além do que diz respeito ao tempo atmospherico e a caça, comprehende a morte á distancia de inimigos ou de rivaes, assim como a defesa contra taes influencias, quando partem de um chaman inimigo.

As idéas presuppostas por esta feitiçaria, a chamada crença de Kenaima, foram analysadas de modo exellente por Im Thurm, *Among the Indians of Guiana*, p. 329.

Nos pormenores os usos chamanisticos não se distinguem essencialmente dos de outros povos, e excusam maiores explicações.

Entre as nações cultivadas, em que se formou uma classe sacerdotal particular, as classes superiores de sacerdotes são os portadores do culto. As classes inferiores, que tratam directamente com o povo, os chamans propriamente ditos, comquanto officialmente desprezados, sabem assegurar sua influencia sobre a multidão supersticiosa. Assim, no Perú aos Wilka ou sacerdotes de sacrificios oppõem-se os Rikuch como agures e os Wichsa como feiticeiros.

De mythos e tradições de tribus conhecemos apenas fragmentos, isto mesmo numa fórma que deixa suspeitar influencias christãs ou interpretações arbitrarias por parte dos missionarios. Peior ainda: só raramente os missionarios foram bastante despreoccupados para notar estas fabulas pagãs o *eo ipso* tresloucadas. O merecimento de haver apanhado os mythos indios até certo ponto exacta e completamente, cabe ao chefe de Huguenotes Villegaignon (1555 a 1559).

Transmitti-os Theveb em sua *Cosmographie Universelle* publicada em 1583, e, apezar de muitas obscuridades, deve considerar-se um documento sobremodo importante, pois muitas feições foram mais tarde novamente encontrados entre os Garayo, Uaupés e tribus de Guayana (segundo Carus, Stradelli, Im Thurm e outros).

Do tempo mais antigo merecem ser mencionadas ainda as lendas dos Taino (Pedro Martyr), dos Yurukaré (Orbigni). Recentemente além das lendas do Tapajóz e do Uaupés, publicado por Barbosa Rodrigues, os mythos mais importantes são os dos Caraybas centraes (Bacaeris) e dos Parecis, com-

municados por C. von den Steinen. Eu proprio colligi fragmentos entre os Caraya e Ipurinã. Das tribus Gés existe apenas material procedente dos Canigangs (Lucien Adam, *Cong. dos Am. de Paris,* 1900, p. 320 e segs.)

No fundo, estas lendas são mythos heróicos amalgamados com fabulas de animaes. Falta uma creação propriamente dita, pois consideram-se como existentes o céo, a agua, a terra e ás vezes tambem homens e animaes. Um grande magico como heróe cultural, que muitas vezes, como entre os Aroaquis do Norte e os Caraybas das ilhas, é identificado com o primeiro homem, dá fórma á terra, modifica-a ou aniquila-a por meio de fogo ou diluvio, consumma a differenciação entre animal e homem, até depois de varias tentativas frustaneas acertar com as figuras exactas. Completam a obra em geral outros heróes culturaes, imaginados irmãos germanos, gemeos ou meio irmãos, que fazem ou vão buscar o sol e a lua, exterminam monstros e dão aos homens os bens da civilização. Isto succede em geral por intervenção de animaes, que nesta occasião adquirem os seus caracteristicos e qualidades particulares. Os irmãos têm que arrostar todos os perigos e provações, entram em luta um com o outro, até que afinal, subindo ao céo, são transportados entre as estrellas ou desapparecem de modo mysterioso.

Os mais conhecidos destes casos de irmãos são, entre os Tupis orientaes, Tamenduaro e Arikuté; entre os Garays, Abangni e Zagueguayu; entre os Yurukaé, Tiri e Caru; entre os Bacaeris, Keri e Kame(portanto correspondendo inversamente ás designações aroaquis para *Kamu* sol, e *Kiri* lua, como prova extensamente C. von den Steinen, *Naturvoelker Zentral-Brasiliens,* p. 372). Já os nomes estão monstrando aqui, influencia reciproca, mas tambem na America do Norte e na America Central (entre os Maya) todo o circulo de mytho apresenta analogias tão golpeantes, que difficilmente poder-se-ha negar a connexão. Menos distincto apparece-nos o mytho entre os povos dos Andes, onde apenas a lenda de Pachakamac apresentaria consonancia.

Os elementos mais importantes da formação do mytho são aliás os animaes, pois o postulado da unidade de essencia entre o homem e o animal, domina de todo a concepção do mundo destes povos naturistas. Animaes transformam-se correntemente em homens, e inversamente. Passam como sendo dotados de forças magicas, pois a elles deve o homem seus haveres mais importantes, as plantas cultivadas, os instru-

mentos e particularmente o fogo. Os proprietarios heróes cultivadores apparecem muitas vezes em fórma de bichos e é muito commum derivar as tribus de antepassados animaes.

Na tradição especial da tribu os avôs do povo habitam no céo ou debaixo da terra, donde por um buraco chegam á superficie ou descem do céo por meio de um cipó. A abertura é fechada, ficando uma pessoa presa nella, de modo que parte do povo não pode acompanhar. Estrellas e constellações são os antepassados que habitam no céo. Tambem estas feições podem ser acompanhadas atravéz de todo o continente norte Americano e indicam uma permuta de lenda desde tempos immemoriaes, do mesmo modo que as numerosas fabulas animaes, de que parte recebeu tambem influencia européa.

Possuimos algumas dellas, especialmente dos caboclos da região amazonica, graças a Barbosa Rodrigues e Couto de Magalhães, da Guyana, segundo Brett e Im Thurm, dos Araucainos, segundo Lenz, e finalmente as originalissimas lendas dos Bacaeris, segundo V. den Steinen.

—

As perspectivas de desenvolvimento prospero da investigação ethnologica pormenorisada da America do Sul, que depois de longa pausa pareciam-se offerecer, graças aos descobrimentos dos ultimos vinte annos, peioraram muito ao expirar o seculo, em consequencia do crescente devassamento economico do continente.

Em particular a procura, enormemente accrescida, de borracha que na bacia do Amazonas e no planalto de Matto Grosso, vai chamando cada vez mais para a esphera do commercio novas comarcas até agora intactas, sujeita os indigenas á civilização, nem sempre representada por seus melhores elementos. Nas regiões mais alongadas, particularmente a Éste do Perú e na Bolivia, desenvolveram-se situações que lembram os peiores tempos da conquista e hoje em dia só acham parelha no chamado Estado livre do Congo. Rapto de homens, caçada de escravos, represalias sanguinolentas com assassinatos e ferimentos mortaes, estão na ordem do dia de ambos os lados e enfermidades importadas consummam finalmente a obra de aniquilação dos indigenas.

Nestas condições devemos contentar-nos de, pelo menos, poder pesquizar ao menos parte das linguas e os haveres sociaes das tribus desconhecidas ainda. Material não falta, se

ponderarmos, por exemplo, que, em grande parte, é ainda incognito o terreno que se estende entre os grandes tributarios do Amazona, e que as vertentes orientaes dos Andes sustentam ainda numerosos povos primitivos, geralmente hostis.

Este, porém, não é o ponto principal, e deve ceder o passo á investigação nos pontos a ella favoraveis que, possuem muito maior importancia. Em geral andamos ja regularmente informados quanto ás mais importantes condições culturaes e glotticas. Em nossos museus reunio-se uma abundancia de material que está á espera de aproveitamento. Mas só é possivel fazel-o de modo scientifico, se de cada grupo principal pelo menos uma tribu fôr tão exactamente conhecida quando á lingua, costumes, sociologia e ergologia como algumas das tribus norte-americanas, para poder servir de typo á sua familia.

Disto, porém, estamos infinitamente afastados na America do Sul, comquanto são seja tão difficil a tarefa em muitos casos, dada a simplicidade das situações e a facilidade de apprender as linguas.

Para completar nossos conhecimentos linguisticos, elaborar grammaticas, apanhar textos e tradições populares não se precisa de internar por brenhas inhospitas á cata de tribus selvagens de difficil trato: nas estações de missionarios, nas colonias de indios, mesmo servindo-se de individuos avulsos a serviços dos brancos, como tantos existe especialmente no Amazonas, podem ser alcançados ainda os dados mais importantes, comtanto que o observador disponha de tempo. O que de melhor sabemos, muitas vezes devemos a taes indios meio civilizados, depois de vencida sua desconfiança inicial. O que por este modo se pode alcançar mostraram alhures as investigações tão estraordinariamente ricas de resultados, feitas por Haddon entre os ilhéos do estreito de Torres. De nossas viagens de investigação lembraremos como excellentes informantes o bacaeri Antonio e o caraya Pedro Manco.

Para investigação de idéas religiosas, festa e instituições sociologicas é naturalmente imprescendivel residencia mais aturada no meio de uma das tribus. Aqui seria facil de obter excellente material para observação entre tribus estabelecidas em condições favoraveis, como os Carayá e os Cayapó do Araguaya e algumas tribus do Alto Xingú, particularmente os Camayura.

A pesquiza archeologica methodica das antigas terras civilizadas dos Andes, comquanto devagar, vão proseguindo

continuamente, pois por ella se interessam, tanto Européus como Norte Americanos. Aqui a demora importa em perigo, se os Governos interessados não puderem impedir a destruição maligna dos monumentos ou a excavação illegal dos campos funerarios, por incompetentes.

Comquanto nem um Estado sul-americano possa jamais ficar em condições de estabelecer um centro scientifico para todos os trabalhos relativos aos indigenas e á sua historia, comparavel ao Bureau of Ethnology de Washinhton, devemos, entretanto, reconhecer agradecidos que em alguns paizes os institutos scientificos ligados aos museus locaes, já vão se entregando a labores ethnologicos e archeologicos. (1) Nelles entram principalmente os do Rio, S. Paulo, Pará, La Plata, Cordoba, Santiago, Caracas e Georgetown. Tambem aqui estão a serviço extrangeiro investigadores allemães em primeiro lugar e podemos esperar que, mesmo diante da concurrencia americana ainda por muito tempo a Allemanha guardará o papel de guia neste interessante dominio da americanistica. (2)

Notas do Dr. Jaguaribe:

(1) O sabio Dr. Von Ihering, fundou, a sua custa e de amigos um campo destas demonstrações, no Alto da Serra de Santos.

Aqui cumpre-nos declarar que esse eminente director do Museu Paulista, defendeo-se brilhantemente no Instituto Historico de S. Paulo das accuzações com que a malidicencia e a inveja, tentaram attribuir a elle a phrase: para os indios — *Bala* — Fizemos a defeza escripta desse distincto amigo; mas o Dr.Coelho Lisbôa illustrado presidente da S. Protectora dos Indios, até agora não a publicou.

(2) Encerro este estudo com a magistral traducção feita pelo meu particular amigo de infancia João Capistrano de Abreu, sabio geographo e historiador brasileiro, que deste modo concorre para realçar a geographia e historia dos indigenas no Brasil, porque nosso fim foi dar aos competentes a elucidação das theses que quizemos vulgarisar. Outros farão melhor trabalho, depois dessa iniciativa.

Observações e Erratas:

Os autores são os peiores revisores porque lêem as palavras como as escreveram e não como vêm escriptas.

Pedimos desculpas pelas trocas de artigo *o* e *a* e devem ser feitas as seguintes corrigendas:

PAG.	Linha	EM VEZ DE:	LEIA-SE:
103	1	apossado e seguindo	apossado e seguido
103	9	era um	em um
103	29	das Cam	de Cam
104	24	occasionada	occasionado
105	22	navios subditos	navios e subditos
105	5	Solo do Brasil	solo do Brasil
139	2	deram força	dera força
140	18	1850	1580
164	8	perseguidos	perseguidas
164	9	chamada	intitulada
164	19	se dar com o refem	se dar em refem
164	22	captaram a benevolencia do chefe. Podendo	captaram a benevolencia do chefe, podendo

91-B2394

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00024 2418